

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

WILLIAM HANKE

ESPAÇO, INTERSECCIONALIDADES E VIVÊNCIA COTIDIANA GAY NA CIDADE
DE PONTA GROSSA, PARANÁ

PONTA GROSSA
2016

WILLIAM HANKE

ESPAÇO, INTERSECCIONALIDADES E VIVÊNCIA COTIDIANA GAY NA CIDADE
DE PONTA GROSSA, PARANÁ

Dissertação de Mestrado apresentada para a
obtenção do título de mestre, no Programa de
Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em
Gestão do Território, da Universidade Estadual de
Ponta Grossa (UEPG).

Orientador: Prof^o. Dr. Marcio Jose Ornat
Coorientadora: Prof^a. Dr^a Maria Rodó-de-Zárete

PONTA GROSSA
2016

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Hanke, William

H241 Espaço, interseccionalidades e vivência cotidiana gay na cidade de Ponta Grossa, Paraná/ William Hanke. Ponta Grossa, 2016. 227f.

Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Jose Ornat.

Coorientadora: Profª Drª Maria Rodó-de-Zárete.

1.Espaço. 2.Geografia. 3.Homens Gays. 4.Interseccionalidade. I.Ornat, Marcio Jose. II. Rodó-de-Zárete, Maria. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em Gestão do Território. IV. T.

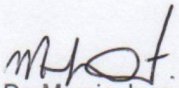
CDD: 306.766.2

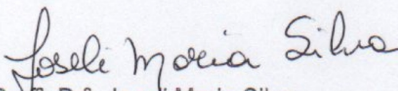
TERMO DE APROVAÇÃO

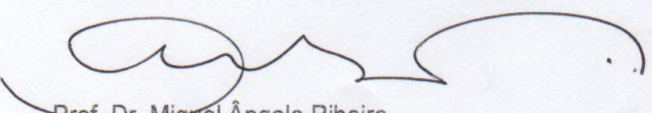
William Hanke

“ESPAÇO, INTERSECCIONALIDADES E VIVÊNCIA COTIDIANA GAY NA CIDADE DE PONTA GROSSA, PARANÁ”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: 
Prof. Dr. Marcio Jose Ornat
UEPG


Prof.ª Dr.ª Joseli Maria Silva
UEPG


Prof. Dr. Miguel Ângelo Ribeiro
UERJ

Ponta Grossa, 29 de março de 2016

Dedico este trabalho a todas aquelas pessoas homossexuais que vêm sofrendo ao longo de suas vidas pela falta de conhecimento, do diálogo e da informação sobre suas formas de viver e se comportar – em especial, dedico aos entrevistados desta dissertação por terem cedido suas histórias, muitas vezes desmemoriadas, fruto de violências, angústias e opressões que gostariam de esquecer de suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que tenho conquistado e que ainda conquistarei.

À minha mãe e ao meu irmão, por sempre estarem presentes em minha vida, sem vocês isso não seria possível.

Também agradeço de modo especial ao Thiago, por sempre apoiar e incentivar esse caminho que tenho trilhado no conhecimento científico.

Aos meus avós maternos, por sempre sentirem orgulho de ter um neto professor, o qual busca o respeito para todos independentemente de credos, raças/etnias, sexualidades, classes de renda, religiosidades e outros tantos organizadores sociais que promovem, muitas vezes, o ódio entre as pessoas.

Aos professores Marcio Jose Ornat, Maria Rodó-de-Zárate, Joseli Maria Silva e Miguel Ângelo Ribeiro, pelos profissionais que são. Pelas lutas enfrentadas e que ainda enfrentam na ciência geográfica e no conhecimento científico como um todo, vocês são meu estímulo.

À Juliana Przybysz, por ter sido uma 'irmã mais velha' desde o meu primeiro ano de graduação, guiando-me e instigando para que eu continuasse meus estudos.

Aos meus queridos amigos que sempre estiveram ao meu lado, desde os que me incentivaram a ingressar no ensino superior até aqueles que ao longo desses anos conquistei e fui conquistado.

A todos que diretamente e indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa, o meu muito obrigado!.

RESUMO

Essa pesquisa evidencia como os espaços podem compor a vivência cotidiana de homens gays na cidade de Ponta Grossa - Paraná, entre situações de opressão ao alívio. Para a realização dessa pesquisa, foram entrevistados oito sujeitos que se autoidentificam enquanto homens gays, apresentando idade entre 19 a 33 anos. Para isso, utilizamos tanto o conceito de espaço quanto o de interseccionalidade, relacionando-os a partir das vivências cotidianas das pessoas que aqui foram analisadas. Além disso, a sistematização dos dados que são apresentados foi feita a partir de entrevistas semiestruturadas, as quais foram lançadas em um banco de dados do suíte de aplicativos livre para escritório BrOffice. A pesquisa apontou que espaços como a casa dos pais e a escola têm sido ou foram espaços em suas vivências de opressão. Isso está no fato de que as relações que as constituem têm se fundamentado por identidades hegemonicamente construídas. Esta trajetória de pesquisa também evidenciou que os espaços públicos que compõem suas vivências passam a ser de neutralidade, de acordo com comportamentos que são coniventes às suas normatividades. Já a espacialidade igreja foi representada pela maioria dos entrevistados enquanto um espaço de intersecção controversa, isso porque as constituições de suas relações são contraditórias, ou seja, ao mesmo tempo de opressão e alívio. Por fim, os espaços de alívio foram representados pela casa própria, casa dos amigos e a balada LGBT. Os resultados apontaram que os espaços de alívio têm relação com aquilo que é construído pelos próprios sujeitos e suas relações de afetividade. Os resultados da análise coletiva das vivências espaciais destes homens gays evidenciaram que mesmo as pessoas tendo vivências espaciais diferentes, ao compartilharem de determinadas identidades passam a se conectar através de um processo de solidariedade por terem também vivenciado relações de opressão ou de privilégio em suas vidas. Assim, entendemos que todos os espaços que compõem a vivência dos homens gays aqui analisados são espaços que têm em suas constituições relações de poder, fruto de hegemonias identitárias, resultado de diversos mecanismos de poder, dentre eles o de gênero.

Palavras-Chave: Espaço. Geografia. Homens Gays. Interseccionalidade.

ABSTRACT

This research of thought brings how the spaces can make the daily living of gay men in the city of Ponta Grossa – Paraná, between oppression situations to relief. To achievement this research, were interviewees eight people who self-identify as gay men, with ages between 19 to 33 years. For this, we use both the concept of space and intersectionality, relating them based on the daily life of people which are being discussed here. Moreover, the systematization of the dates that are presented was done from the semistructured interviews, which has been posted in a database of the free application suite for desktop, BrOffice. The research showed that spaces such as the home of the parents and the school have been or was spaces in their oppression of existences. It is the fact that the relationships that constitute them have been substantiated by hegemonic identities constructed. This trajectory of research also showed that public spaces that make their experiences to become of neutrality, according to the behaviors that are colluding to their normativities. Already spatiality church was represented by the majority of interviewees while a space of controversial intersection, this because the constitutions of their relations are contradictory, that is, at the same time oppression and relief. Finally, the relief areas were represented by the own home, house of a friends and the LGBT party scene. The results show that the relief spaces have relation with that what is built by the people themselves and their relations of affectivity. The results of this collective analysis showed that even people have different spatial experiences by sharing them certain identities they start to connect through of a process of solidarity for had also experienced relations of oppression or privilege in their lives. Thus, we understand that all the spaces that make up the daily living of gay men analyzed here, are spaces that have in their constitutions power relations, the result of identity hegemony, result of several power mechanisms, including the gender.

Keywords: Space. Geography. Gay Men. Intersectionality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	- Lógica temporal das publicações da área de Geografia sobre sexualidade no Brasil.....	31
QUADRO 1	- Quadro de Vivência Espacial Cotidiana.....	96
QUADRO 2	- Significações Referentes aos Espaços e as Identidades.....	97
RELIEF MAPS 1	- Carlos.....	99
RELIFE MAPS 2	- Edson.....	102
RELIEF MAPS 3	- Jorge.....	106
RELIEF MAPS 4	- Junior.....	108
RELIEF MAPS 5	- Marcelo.....	110
RELIEF MAPS 6	- Pedro.....	112
RELIEF MAPS 7	- Rick.....	113
RELIEF MAPS 8	- Thor.....	115
FIGURA 2	- Rede Semântica a partir da Análise de Conteúdo e das Evocações.....	129
RELIEF MAPS COLETIVO 1	- A Casa dos Pais.....	141
RELIEF MAPS COLETIVO 2	- A Casa dos Amigos.....	146
RELIEF MAPS COLETIVO 3	- A Casa Própria.....	148
RELIEF MAPS COLETIVO 4	- Escola.....	153
RELIEF MAPS COLETIVO 5	- Universidade.....	163
RELIEF MAPS COLETIVO 6	- Espaços Públicos.....	171
RELIEF MAPS COLETIVO 7	- Balada LGBT.....	180
RELIEF MAPS COLETIVO 8	- O Trabalho.....	186
RELIEF MAPS COLETIVO 9	- A Igreja.....	195

LISTA DE SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais
CAPES	Coordenação de Capacitação de Pessoa de Nível Superior
FIPE	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
GETE	Grupo de Estudos Territoriais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		10
CAPÍTULO I	- Geografias das sexualidades, vivência gay e regulação.	21
1.1	- Espaços e as geografias das sexualidades.....	21
1.2	- Ininteligibilidade social e gênero enquanto mecanismo.....	54
CAPÍTULO II	- Identidades interseccionais e o cotidiano dos sujeitos investigados.....	67
2.1	- Interseccionalidades e vivências espaciais.....	67
2.2	- 'Mapeando' as Experiências Espaciais de Homens Gays: das situações de opressão às de alívio.....	90
CAPÍTULO III	- Espacialidades e significações na vivência gay.....	119
3.1	- Vivendo, percebendo e concebendo relações entre espaço e regulação.....	119
3.2	- Espacialidades Cotidianas e suas Significações.....	134
3.2.1	- A Casa.....	134
3.2.2	- Espaços Educacionais.....	149
3.2.3	- Espaços Públicos.....	168
3.2.3.1	- A balada LGBT.....	179
3.2.4	- O Trabalho.....	183
3.2.5	- A Igreja.....	192
CONCLUSÃO		203
REFERÊNCIAS		207
ANEXO A	- <i>Relief Maps</i>.....	223
APÊNDICE A	- Roteiro de entrevistas.....	225

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem por escopo compreender como os espaços compõem a vivência cotidiana de homens *gays* na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Enquanto fios condutores da elaboração de análise, estabelecemos como subquestões compreender 'Quais são os elementos que constituem as identidades dos homens *gays* na cidade de Ponta Grossa, Paraná?'; 'Como as relações sociais vividas por homens *gays* instituem experiências espaciais da opressão ao alívio na cidade de Ponta Grossa, Paraná?' e 'Como os significados elaborados pelos *gays* sobre suas experiências espaciais na cidade de Ponta Grossa, Paraná, estruturam-se em termos de centro e margem de intensidades discursivas?'.

As respostas para esses questionamentos estão diluídas entre os três capítulos dessa dissertação. Contudo, antes de falarmos sobre o desenvolvimento da pesquisa, argumentamos sobre o porquê utilizamos 'homens *gays*', ao invés de apenas *gays*, nessa dissertação. Primeiramente, porque existem muitas pessoas que se identificam com a palavra *gay*. Já adição da palavra 'homem' se deve ao fato de que as pessoas que cederam suas histórias de vida para a construção desta dissertação correspondem à identidade de gênero masculina e suas orientações sexuais são homossexuais. Outra questão a ser argumentada no início dessa dissertação é a compreensão dos sujeitos entrevistados sobre o que é ser *gay*. Para eles, a identificação enquanto *gay* corresponde, principalmente, gostar ou sentir atração física pelo mesmo sexo. Assim, orientação sexual e identidade de gênero são formas identitárias distintas. Segundo a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT, 2010), a orientação sexual e a identidade de gênero são coisas diferentes e íntima de cada pessoa. Assim, referem-se à orientação sexual e a identidade de gênero como:

uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas. Basicamente, há três orientações sexuais preponderantes: pelo mesmo sexo/gênero (homossexualidade), pelo sexo/gênero oposto (heterossexualidade) ou pelos dois sexos/gêneros (bissexualidade). (ABGLT, 2010, p.10).

uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso

peçoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meio médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. Identidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independentemente de sexo biológico. Trata-se da convicção íntima de uma pessoa de ser do gênero masculino (homem) ou do gênero feminino (mulher). (ABGLT, 2010, p.16).

Posto isto, esta dissertação também se relaciona a uma outra pesquisa realizada no ano de 2013 (HANKE, 2013), que buscava compreender a relação entre o espaço escolar e o preconceito homofóbico na cidade de Ponta Grossa, Paraná, a partir de questionários aplicados a 1.956 alunos e alunas de instituições públicas de ensino médio; como também, o resultado de 18 entrevistas realizadas com pedagogas das respectivas instituições de ensino. Essa pesquisa foi realizada no ano de 2013 através do Grupo de Estudos Territoriais – GETE – da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Departamento de Geociências e que resultou no trabalho de minha monografia.

A referente pesquisa apontou em seus resultados que o espaço escolar tem um papel de grande importância na formação humana, dentre eles, os das próprias sexualidades. Ainda, constatou a existência de práticas preconceituosas nas seis instituições de ensino estudadas e que esse preconceito era mais evidente sobre a homossexualidade masculina, assim como também as respostas mais preconceituosas eram, em sua maioria, concordadas pelos meninos. Isso revelou uma existência hegemônica masculina no espaço escolar. Ao compreendermos que a vivência escolar está presente em grande parte da vida dos seres humanos, e que esta compõe os mesmos como pessoas na construção de suas identidades, entendemos que esse momento também fez ou faz parte de nosso cotidiano.

Da mesma forma, outras pesquisas como a da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE, 2009) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2014) têm evidenciado que o preconceito homofóbico tem se estabelecido em escala nacional, sendo o preconceito que mais distancia as pessoas socialmente. Como podemos constatar:

A distância em relação a pessoas homossexuais foi a que apresentou o maior valor para o índice percentual de distância social, com 72%, seguido da distância em relação a pessoas portadoras de deficiência mental

(70,9%), ciganos (70,4%), portadores de deficiência física (61,8%), índios (61,6%), moradores da periferia e/ou de favelas (61,4%), pessoas pobres (60,8%), moradores e/ou trabalhadores de áreas rurais (56,4%) e negros (55%). Mais preocupante é o fato que o preconceito e a discriminação muitas vezes resultam em situações em que pessoas são humilhadas, agredidas ou acusadas injustamente simplesmente pelo fato de fazerem parte de algum grupo social específico. Nota-se que estas práticas discriminatórias no ambiente escolar têm como principais vítimas os alunos, especialmente negros, pobres e homossexuais, com médias de 19%, 18% e 17% respectivamente para o índice percentual de conhecimento de situações de bullying nas escolas entre os diversos públicos pesquisados. (FIPE, 2009. p. 7).

Os resultados produzidos pela pesquisa realizada pelo IPEA (2014) apontaram que mais da metade das pessoas entrevistadas não concordam com a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Ainda, a pesquisa mostra que o mais alto índice de intolerância está na demonstração da homoafetividade em público, em que mais de 59% dos respondentes concordam, total ou parcialmente, que “incomoda ver dois homens ou duas mulheres se beijando na boca em público” (IPEA, 2014, p. 8). Assim, ao pensarmos na proposta de como o espaço compõe a vivência cotidiana dos *gays*, estamos pensando não somente como as relações constituem esses espaços, mas também como evidenciar os sentimentos daqueles que sofrem diretamente essas ações.

Nesse sentido, pretendemos dar um passo adiante através desta dissertação, problematizando espaços além do escolar, pois entendemos que os homens *gays* vivenciam outras possibilidades espaciais como a casa, a universidade, a igreja e o trabalho. Também iremos analisar outros elementos identitários além da sexualidade, como a classe de renda, religiosidade e a idade. Esses elementos podem constituir as múltiplas identidades *gays*, como também evidenciar que ao longo dos espaços e tempos alguns desses elementos identitários acabam se tornando hegemônicos, de acordo com as diferenciações que foram feitas entre os seres humanos. Essas diferenças, por sua vez, subsidiaram relações de poder entre as pessoas, compondo os espaços que vivenciamos rotineiramente. Essas relações não se restringem ao espaço escolar e nem apenas a homossexualidade, mas sim fazem parte de outros espaços de nossos cotidianos e de outros elementos identitários.

Sendo assim, compreendemos que a partir das vivências espaciais e das experiências de oito sujeitos que se autoidentificam enquanto homens *gays* há uma

possibilidade de pensar como os espaços compõem o cotidiano em uma graduação, entre situações e sentimentos de opressão ao alívio em suas vidas. Esses sujeitos, ao experienciarem rotineiramente determinados espaços, como também diversos elementos identitários, apontam para a existência de um mundo estruturado a partir de hegemonias que produzem opressão, mas que também podem produzir alívios.

Além das motivações da realização da presente pesquisa, juntamente com os resultados produzidos, também estão relacionadas as minhas próprias angústias, por também ter vivenciado vários espaços e que, assim como na vida das pessoas entrevistadas nessa dissertação, produziram e produzem situações e consequentemente sentimentos de mal estar e de exclusão. Essas situações me aproximaram ainda mais da pesquisa, com a proposta de evidenciar como os espaços compõem a vivência de homens *gays*.

Lembro-me que durante minha infância e adolescência passei por vários constrangimentos vividos com colegas, professores e demais funcionários na espacialidade escolar. Quando estava brincando no pátio da escola, acabei pisando no pé de uma professora. Imediatamente pedi desculpas, o que não produziu resultados positivos, pois a professora fez com que eu limpasse seus sapatos com as minhas próprias mãos. Esse episódio não se refere a uma ação homofóbica, mas sim por outro elemento identitário que fez parte da minha identidade: a idade jovem.

A professora enquanto 'adulta', utilizou desse elemento identitário de privilégio naquele espaço para me obrigar a limpar seus pés em frente aos meus colegas. Tal situação fez com que eu perdesse o desejo de retornar à escola. Da mesma forma, sempre me senti diferente da maioria dos colegas e isso também era notado por eles, principalmente pelos meninos quando eu não queria jogar futebol. Porém, com o tempo fui moldado a me comportar como eles e a ser como eles. Isso me trouxe, por um tempo na vida, certo conforto, pois passei a não ser mais alvo de ações opressivas daquelas relações sociais que ali eram estabelecidas.

Recordo-me também das vezes que fui humilhado e rejeitado por grande parte de um lado da minha família, nesse caso o lado do meu pai. Mesmo criança eu não sabia o porquê de ser tratado diferentemente de meu irmão. O que eu sabia é que era diferente e que esse motivo só foi se tornando claro quando fui percebendo como a casa de meus pais e a casa de meus familiares era organizada segundo

relações de preconceito. A partir disso, realizei uma autonegação da minha sexualidade durante grande parte da minha vida, inclusive na universidade, mesmo quando era instigado por colegas sobre meus relacionamentos, sentia-me obrigado a mentir ou criar histórias imaginárias para evitar possíveis constrangimentos que já havia sentido ou presenciado.

Mesmo que minha escrita tenha sido em terceira pessoa nesta dissertação, gostaria de deixar claro que grande parte das histórias que foram compartilhadas pelos homens *gays* aqui analisados, vi-me em frente ao espelho, onde sofri como eles e por eles. Ao relatarem sobre suas vivências e como os espaços compõem suas vidas cotidianas, voltei no tempo e nos espaços da minha própria vida e assim pude perceber que mesmo não tendo um contado direto, por exemplo, uma amizade, compartilhamos de angústias, opressões, traumas e experiências de alívio a partir de um elemento que compõe nossas identidades, que é a homossexualidade.

Essa forma de pesquisa tem sido apontada na antropologia como 'etnografia extrema'. A etnografia extrema não se limita apenas a trabalhos com temas étnicos, mas também quando o sujeito é ao mesmo tempo pesquisador e pesquisado¹, por exemplo, quando uma feminista escreve sobre o feminismo ou quando um (a) LGBT escreve sobre sexualidades. Norma Mejia (2006a) e (2006b) também tem apontado essa relação em seu trabalhos assim como a perspectiva da etnografia extrema. A autora constrói discussões, na quais o objeto e o sujeito se mesclam e o pesquisador (a) passa a fazer parte do grupo observado. Ainda, em uma entrevista com Raquel Osborne (2009), Norma Mejia, destaca que cada pessoa transexual é única, 'como un plato que es único'. Porém, essas mesmas pessoas únicas possuem semelhanças 'cujos ingredientes también se encuentran en otros platos' (OSBORNE, 2009, p. 134). Contudo, o campo dessa pesquisa evidenciou que isso não se limita apenas a uma espacialidade e nem é exclusivamente a um elemento identitário, mas que isso vai além, tanto nas espacialidades vivenciadas pelas pessoas quanto nos elementos que podem constituir as identidades dos homens *gays*.

A partir dessa reflexão, reafirmamos que os resultados dessa dissertação têm apontado que mesmo que as pessoas sejam 'platôs únicos', estas passam a

1

Ver Mejia (2006b).

estar conectadas a partir de identidades que são semelhantes, ou seja, os ingredientes que também podem estar em outras pessoas, como o gênero, a sexualidade, a racialidade, a religiosidade, a classe de renda e tantos outros 'ingredientes' que possam compor múltiplos platôs, ou seja, uma grande diversidade existencial de identidades.

Portanto, através das vivências espaciais e de suas histórias, os homens *gays* trazem para si experiências que irão conduzir a problematização desta dissertação. Isso tem relação naquilo que constitui suas memórias, pois estas experiências não são apenas aquilo que são vividas hoje, mas sim aquelas que foram vividas através de suas histórias. Segundo Pollak (1992), todos aqueles que já trabalharam com entrevistas da história de vida e que não seguem uma ordem cronológica, percebem que no decorrer dos relatos os sujeitos voltam aos mesmos acontecimentos, e, são nessas voltas que detectam determinados períodos da vida ou de certos fatos.

Assim, como visto nas discussões de Pollak (1992), durante as entrevistas os sujeitos que aqui foram analisados resgataram em suas memórias fatos que aconteceram em suas vidas, bem como evidenciaram como os espaços vêm compondo suas vivências rotineiras a partir de suas relações sociais, explicando como essas relações ocasionaram ou ocasionam situações da opressão ao alívio. Dessa forma, a pesquisa se faz relevante tanto na ciência geográfica quanto para a sociedade, uma vez que homossexuais são constituintes de uma mesma sociedade. Porém, como aponta Silva (2009), ainda pouco problematizados na ciência geográfica.

Portanto, para que pudéssemos trabalhar com as representações espaciais das vivências dos homens *gays*, tivemos que utilizar algumas etapas metodológicas. A primeira etapa foi constituída pela utilização de um roteiro de entrevista, também constituído por questões socioeconômicas. Esta etapa foi realizada entre os anos de 2014 e 2015. Esse roteiro² ainda era composto por perguntas de autoidentificação e sobre as vivências e experiências espaciais. Os oito entrevistados são de classe de renda média (baixa e intermediária), tendo nós por referencial a classificação do

² Todas as informações contidas no roteiro de entrevista podem ser observadas em detalhe no apêndice A dessa dissertação.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³. Para o IBGE, a classificação de classe está relacionada à quantidade de salários mínimos que uma família recebe mensalmente. A classe média baixa são pessoas que têm uma renda mensal contida entre o intervalo de um a três salários mínimos. Já os de classe média intermediária têm um rendimento contido acima de três a cinco salários mínimos.

No tocante a racialidade, 87.5% consideram-se brancos e 12.5% negros. Já no que se refere à cidade de nascimento, 100% dos entrevistados dizem ter nascido na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Outra questão levantada e que consideramos de grande relevância refere-se as suas práticas religiosas. Entendemos que as compreensões teológicas, que estruturam doutrinas religiosas, são feitas pelo entendimento do corpo, bem como os comportamentos sociais dos sujeitos. Assim, como aponta Silva e Gil (2009), essa prática, além de social, é espacial e corresponde a outras relações com outros espaços.

Portanto, a espacialidade igreja e as práticas religiosas dos entrevistados auxiliam-nos na compreensão de suas outras vivências espaciais. Sendo assim, quando questionados sobre suas religiões, encontramos os seguintes resultados: 12.5% consideram-se Mórmon, 37.5% identificam-se enquanto Evangélicos, 37.5% são Católicos, e, ainda, 12.5% são Ateus. Além disso, os entrevistados foram questionados sobre sua participação religiosa. Dessa pergunta, 50% dizem ser pouco participantes de sua religião, 25% dizem ser muito participantes e os outros 25% nada participantes.

Em relação ao acesso a informações, 100% dos entrevistados dizem utilizar e acessar a internet como meio informacional. O rádio e a televisão ficaram na sequência com 75% e 62.5% das respostas. Sobre a pergunta 'mora com (...)?', os entrevistados evidenciaram nos resultados que 62.5% residem com os pais, e, ainda, 12.5% moram sozinhos e 25% com o companheiro. Nessa mesma pergunta questionava-se quantos residentes existiam em suas casas. Do total de 100%, incluindo eles próprios, 25% responderam morar com quatro a seis pessoas na mesma casa, outros 25% com três pessoas, outros 25% correspondem a duas pessoas e 12.5% têm entre sete e dez pessoas residindo na mesma moradia. Por fim, 12.5% a uma pessoa, esta última sendo um homem *gay* que mora sozinho.

³ Segundo o IBGE, censo 2010, existiria na classe média três eixos, a média alta, a intermediária e a média baixa.

Além disso, o questionário era composto com perguntas 'possui filhos?' e se fosse sim, 'quantos?'. Dessa pergunta, 100% dos entrevistados dizem não ter filhos, contudo, a maioria mostrou interesse em ter, seja biologicamente ou pela adoção. Outro dado levantado a partir dessa primeira parte do questionário é a profissão que esses homens *gays* exercem. Sobre essa, obtivemos 37.5% dizendo ser estudantes, 12.5% sendo vendedor de móveis, 25% micro empresários na área do comércio da cidade, 12.5% como educador social e 12.5% como promotor de vendas.

Assim como a classe de renda, fora realizado outro recorte para esse agrupamento que é a idade. A faixa etária que foi estabelecida era de 18 a 40 anos de idade. Sobre esse dado, o mais novo entrevistado tinha 19 anos e o mais velho estava com 33 anos de idade. Os recortes foram necessários devido ao meu acesso a esse público alvo, o que nos permitiu ter melhor compreensão e aprofundamento na pesquisa. Portanto, a minha posicionalidade perante essa pesquisa foi de fundamental importância, pois como ser humano e pesquisador não conseguiria abarcar o todo, nem toda a complexidade que é analisar as mais diversas realidades das pessoas.

Sendo assim, nossa pesquisa é baseada nesses sujeitos, com suas identidades e suas experiências, as quais podem ser diferentes de acordo com outras pessoas, outras identidades e consequentemente outras experiências. Já pensar o posicionamento nessa pesquisa é entender aquilo que Rose (1997) discute. Para a autora, a reflexibilidade, o situar-se e a própria posicionalidade entre o pesquisador e o pesquisado é essencial em uma pesquisa, evitando uma falsa neutralidade e uma universalidade do conhecimento científico, ressaltando o quão é difícil se posicionar em uma pesquisa, pois "situar, é um objetivo crucial para todas as Geografias Críticas" (ROSE, 1997, p. 306).

Assim, um dos grandes desafios dessa pesquisa foi exatamente o recorte e a posicionalidade ao agrupamento investigado, ao passo que trabalhamos com o conceito de interseccionalidade (CRENSHAW, 1991; KOBAYAH e PEAKE, 1994; RUDDICK, 1996; PLATERO, 2012; SILVA e SILVA, 2014; RODÓ-DE-ZÁRATE 2013a). Este é utilizado como compreensão das múltiplas conexões entre as identidades das pessoas. Contudo, optou-se nessa dissertação por uma compreensão interseccional a partir do agrupamento dos sujeitos.

Esse agrupamento é resultado de dois principais recortes. Primeiro, pessoas com idade entre 18 a 40 anos e que se identificam enquanto homens *gays*, e, em segundo, classe de renda média. Os recortes foram estabelecidos ao passo que o acesso a essas pessoas tornou-se viável no campo exploratório. Já a utilização da palavra agrupamento é usada pelo fato de que não trabalhamos com 'grupo', pois trabalhar com grupo pressupõe que estas pessoas se relacionem entre si, o que não é o nosso caso, pois como aponta Castel (1998) no início de seu livro, grupos podem ser compreendidos como a família, vizinhança ou até mesmo um trabalho que seja estável e que isso pode ser variado a partir de uma densidade de redes de proteção próxima. Nesse sentido, trabalhamos com o agrupamento de oito homens *gays* que foram aleatoriamente encontrados durante a pesquisa, através da utilização da metodologia *Snowball* (BALDIN e MUNHOZ, 2011) e o método de Saturação (SÁ, 1998).

A metodologia *Snowball* na tradução ao português refere-se à 'bola de neve' e tem por objetivo descobrir pessoas a partir de um primeiro contado com um sujeito, esse, por sua vez, indica outra pessoa de sua rede de sociabilidade que passa a recomendar outras pessoas e assim sucessivamente, criando uma rede de contatos. Já o método de saturação corresponde à quantidade da amostra das entrevistas que devemos considerar para a pesquisa. A suficiência do número de entrevistas depende da saturação das respostas que você pretende responder, ou seja, quando se tem um montante onde as respostas começam a se repetir, pode-se considerá-las que aquele número de entrevistas foi suficiente.

Sabendo quem são os entrevistados e quais foram os recortes necessários para essa pesquisa, evidenciamos agora o segundo momento metodológico. O primeiro momento foi com a abertura do campo das entrevistas em profundidade e posteriormente a realização da análise de conteúdo dos discursos, seguindo as orientações de Bardin (1977). As falas das entrevistas foram lançadas em um banco de dados no sistema *BrOffice*, que proporciona a maximização da análise de conteúdo do discurso das entrevistas, assim como auxilia na construção de uma rede semântica sobre as vivências e experiências dos homens *gays* pelos espaços e por suas diferentes identidades, conforme demonstração no capítulo III (figura 2).

O segundo momento metodológico corresponde à construção dos *Relief*

Maps individuais, segundo a proposta de Rodó-de-Zárate (2013a). Conforme a autora, o *Relief Maps* é uma ferramenta metodológica sólida para estudar as Geografias de Interseccionalidades, a qual mostra a relação em três dimensões: estruturas de poder (parte social), vivência e experiência (parte psicológica) e os espaços (parte geográfica). Essa ferramenta metodológica, além de acompanhada por uma entrevista também é apresentada por duas tabelas e o mapa *Relief Maps*, em que o sujeito passa a contar e a representar suas experiências a partir de uma perspectiva interseccional⁴. A utilização das duas metodologias está no fato de que uma completa a outra, ou seja, enquanto o *Relief Maps* é uma ferramenta que analisa de maneira individual os sujeitos e suas experiências interseccionais 'no hoje' através dos espaços, a análise de conteúdo tende a sanar os problemas da temporalidade encontrados durante nossa pesquisa, pois a dissertação evidencia a história de vida dos sujeitos e também analisa de forma coletivo os mesmos. Sendo assim, utilizamos a análise de conteúdo como forma de complemento ao *Relief Maps*, sobretudo, no que se refere a temporalidade, ou seja, a relação tempo e espaço que os sujeitos relatam em seus discursos e ainda no auxílio para a compreensão do conjunto das oito entrevistas de uma forma coletiva.

Portanto, essa dissertação tem como eixos teóricos tanto as questões relacionadas ao espaço na vivência cotidiana dos *gays* quanto às múltiplas identidades que podem compor um mesmo sujeito através da interseccionalidade. Organizamos essa dissertação em três capítulos, sendo que o primeiro corresponde a dois momentos. No primeiro momento, iniciamos uma reflexão de como a ciência geográfica trabalhou as discussões sobre sexualidade e *queer*, tanto no âmbito internacional quanto no nacional em uma lógica temporal, evidenciando como o espaço fora pensado a partir desse subcampo da ciência geográfica, justificando a relação do tema com a ciência que estudamos.

Na sequência, a segunda seção do primeiro capítulo tem como principal objetivo refletir como o gênero passa a ser compreendido não apenas como uma categoria identitária e analítica, mas também passando a ser entendido como um mecanismo que produz inteligibilidades e ininteligibilidades sociais. Este mecanismo alimenta não só as relações de superioridade de homens sobre mulheres, como

⁴ Ver página p. 62.

também estando assentado em uma heterossexualidade compulsória, que é difundida nas relações sociais e em diferentes espacialidades e temporalidades.

O segundo capítulo está estruturado inicialmente com as discussões sobre dois conceitos: o de identidade e o de interseccionalidade. Esses conceitos estão interligados à medida que as discussões que se fazem sobre a interseccionalidade dialogam com as que foram realizadas sobre identidade. Posteriormente, na segunda seção deste capítulo analisamos os mapas representados individualmente por cada um dos homens *gays* investigados nessa pesquisa. Nesse capítulo trazemos os primeiros resultados seguindo a metodologia dos *Relief Maps*, abordando elementos que podem constituir as identidades dos homens *gays*. Além disso, evidencia as experiências individuais de cada sujeito a partir de seus mapas individuais.

Por fim, no terceiro capítulo problematizamos os resultados da análise de conteúdo das entrevistas dos sujeitos e os espaços de seus cotidianos através de uma rede semântica fruto da análise de conteúdo, pensando como os significados dos sujeitos sobre suas experiências estruturam em termos de centro e margem nas intensidades discursivas. Ainda no terceiro capítulo, evidenciamos como uma nova proposta de pensar os *Relief Maps*, os *Mapas coletivos*. Ao nos apropriarmos dos mapas individuais e da metodologia de Rodó-de-Zárate (2013a), pensamos uma nova forma de analisar experiências intersseccionais dos sujeitos, compreendendo os mapas não a partir de suas experiências individuais, mas das espacialidades vivenciadas pelos sujeitos.

A forma que esses mapas foram construídos está, principalmente, através de uma análise do conjunto das entrevistas e dos mapas produzidos individualmente por cada sujeito. Os mapas coletivos foram agrupados a partir da concentração das representatividades espaciais em seus mapas individuais, ou seja, os espaços mais evidenciados pelos sujeitos que foram: espaços educacionais, espaços públicos, a casa, o trabalho e a igreja, o que nos proporcionou a pensá-los coletivamente.

CAPÍTULO I

GEOGRAFIAS DAS SEXUALIDADES, VIVÊNCIA GAY E REGULAÇÃO

O presente capítulo constrói uma discussão sobre as chamadas Geografias das Sexualidades e *Queer*, tanto segundo sua discussão no âmbito anglófono quanto brasileiro, observando nessas discussões o que foi produzido e quem são os principais autores deste subcampo da ciência geográfica. Ainda, analisa como o espaço fora pensado por esses autores e como a proposta dessa dissertação pode contribuir para os avanços nas Geografias das Sexualidades.

Para tanto, estruturamos este capítulo em duas seções. A primeira corresponde às discussões que foram realizadas sobre a categoria espaço nas Geografias das Sexualidades, subdividindo-as entre as produções anglófonas e brasileiras. Já o segundo momento aborda a construção do funcionamento do mecanismo de gênero, este que produz ininteligibilidades sociais regulando os próprios comportamentos dos seres humanos.

1.1 Espaços e as Geografias das Sexualidades

Inicialmente, ao problematizarmos a Geografia anglófona e sua relação com a sexualidade, tratamos nesta discussão o livro '*Mapping Desire Geographies of Sexualities*', no qual David Bell e Gill Valentine (1995) constroem uma importante análise geográfica sobre o pensamento das sexualidades por meio de proposições entre diversos autores. Segundo Bell e Valentine (1995), por volta das décadas de 60 e 70 do Século XX, tanto mulheres quanto homossexuais reivindicavam direitos civis, sobretudo, através da participação dos movimentos sociais.

As tensões populares que nasceram destas reivindicações fizeram com que as relações sociais mudassem, assim, como a política e a própria análise geográfica. Entretanto, os autores chamam nossa atenção para a década de 1980, argumentando que por mais que os geógrafos tivessem certa sensibilidade e emergência em trabalhar com as temáticas de classe, gênero, etnia e a própria sexualidade, ainda assim a sexualidade foi apartada dessas discussões.

Ao resgatarmos as discussões de Phillips (2007), no texto 'Literaturas de viagem e cartografias da sexualidade – A *'Sotadic Zone'* de Richard Burton, posicionamos novamente nossa ótica para o fato da existência de geógrafos trabalhando com a sexualidade desde 1885. Para Phillips (2007), as concepções que os europeus tinham sobre a sexualidade no século XVIII sofreram grandes mudanças, estas resultantes de diversos encadeamentos, tanto materiais quanto discursivos. Segundo o autor, essas tensões e alterações incluíram sistemas hegemônicos como a medicina, a religião e o direito. Além disso, ocorreram mudanças nos discursos entre arte e a pornografia, a antropologia e a própria literatura de viagem.

Assim, Phillips (2007) propõe-se a pensar como os autores da literatura de viagem colaboraram para a produção de cartografias, principalmente a partir das representações das sexualidades, produzindo-as e questionando-as em diferentes localizações no mundo. Para o autor, poucos autores da literatura de viagem expressavam interesse em temas sobre sexo como 'Sir Francis Richard Burton', pois "a nenhum coube um papel tão importante de cartografar e discutir as sexualidades" (PHILLIPS, 2007, p. 71), referindo-se a Burton.

Segundo o autor, Richard Burton foi um geógrafo da Royal Geographical Society (RGS) e em um dos seus trabalhos produziu e analisou práticas pederastas e sexuais do século XVIII em vários continentes, construindo um mapeamento dessas relações e definindo-as como *Sotadic Zone*. Essas práticas eram geográficas e climáticas e não raciais como se pensava na época. A base para a construção da *Sotadic Zone* de Burton está, sobretudo, na tradução dos contos *Plain and Literal Translation of the Arabian Nights Entertainments or The Book of a Thousand Nights and a Night*⁵ (PHILLIPS, 2007, p. 74-75).

Ainda, o autor discute que Burton tentou inserir a sexualidade em lugares e discussões onde ainda não tinha sido debatida. Porém, isso produziu muita contestação na própria academia, tornando Burton uma '*persona non grata*', que na origem do latim significa uma pessoa não bem-vinda. Isso pode ter colaborado para os silêncios sobre as discussões de sexualidades na Geografia como um todo. Silva (2009) no texto *Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica*

⁵ O que na tradução livre significa "A tradução simples e literal das noites árabes ou O Livro das Mil e uma Noites".

feminista à geografia eurocêntrica analisa o desenvolvimento de uma lógica epistemológica e 'monotopista' da produção geográfica moderna. Esta foi compreendida como neutra, objetiva e universal.

Segundo Silva (2009), as ausências de certas abordagens e sujeitos na ciência geográfica começam a ser tensionadas na década de 1970, principalmente no que se referem às mulheres. Uma década depois, essas opressões ganham novas vertentes através de outras categorias sociais, como a raça e a própria sexualidade. Outro fato remete-se a um modelo de conhecimento eurocêntrico, que, por sua vez, é compreendido como uma lógica universalizante de conhecimento originário da Europa. Este modelo é difundido e dito como certo e coerente, criando assim hierarquias que promovem dualidades entre o certo e errado, o homem e a mulher, os heterossexuais e os homossexuais.

Além de uma relação de poder que se estabelece a partir dessas dissensões, desenvolve-se um perfil hegemônico na ciência geográfica. Nesse momento, cabe salientar que, segundo Foucault (1988, p. 50), o homossexual enquanto uma categoria tem seu nascimento com o livro de Carl Westphal (1870), 'As sensações sexuais contrárias'. Para o autor, antes disso não existia aquilo que se denomina homossexual substantivado. Contudo, após 1870, o sujeito homossexual não era alguém que havia feito algo, mas sim era algo.

Portanto, todo aquele que não se identifique como homem, branco, heterossexual, classe média, ocidental e cristão é invisibilizado nesse conhecimento. Por motivos como esses, Bell e Valentine (1995) argumentam que os primeiros trabalhos geográficos relacionados à homossexualidade surgiram através das vivências de *gays* e *lésbicas*, os quais mostravam diferenças entre seus estilos de vida e que isso teria uma relação direta com o grau das expressões de suas sexualidades. Então, é só a partir do final da década de 70 que se volta a pensar a sexualidade em uma perspectiva de análise social urbana, como visto em Ettorre (1978), no texto *Women, Urban Social Movements and the Lesbian Ghetto*, a qual faz uma reflexão sobre as representações políticas das mulheres no urbano e da libertação das mesmas a partir do movimento "*La Femme*", e, ainda, uma abordagem específica aos guetos *lésbicos*.

Também em Levine (1979), no trabalho chamado *Gay Ghetto. Journal of*

Homosexuality em que se discute sobre a existência de bairros com uma grande quantidade de homens e mulheres homossexuais, que foram intitulados 'Guetos'. Os guetos *gays* seriam uma forma de segregação urbana das pessoas, através da sexualidade em diferentes bairros. Então, Levine (1979) discute que tanto os *gays* quanto as lésbicas se concentravam em determinados bairros para se relacionar ou ainda como pontos de encontros nos quais seus comportamentos homossexuais eram, de certa forma, aceitos. O autor afirma que os guetos passam a ser compreendidos também como uma construção sociológica das cidades.

Entretanto, essas discussões não são problematizadas por geógrafos, mas sim por sociólogos urbanos. Apesar disso, o que é interessante para esse momento da discussão é evidenciar o surgimento de novas perspectivas de análise do urbano e sua relação através das sexualidades. Enquanto que a Geografia volta seu olhar para as sexualidades quase que um século depois da *Sotadic Zone* de Richard Burton, sobretudo, na década de 1980, contribuindo com os trabalhos de Ettore (1978) e Levine (1979), a geógrafa Weightman (1980) constrói reflexões sobre os bares *gays* e como eles se tornaram lugares de encontro dessas comunidades. Esses bares eram localizados estrategicamente nos bairros em cidades dos Estados Unidos onde havia uma grande concentração dessas populações ou, ainda, próximas a elas. Além disso, a autora argumenta que os bares *gays* eram excelentes lugares de acesso a essas comunidades.

Para a autora, os bares *gays* agregaram certas características das relações homossexuais, como estilos das paredes e o próprio sigilo. Essa separação de lugares através das sexualidades fazia com que as comunidades *gays* sobrevivessem e sentissem o prazer em existir. Indo além, Weightman (1981) propõe então uma Geografia orientada para a comunidade gay, ou seja, a autora já estava evidenciando as análises geográficas que poderiam ser realizadas a partir das sexualidades.

Seguindo nessa perspectiva das vivências urbanas de diferentes grupos sociais e também analisadas por geógrafos, outro trabalho interessante nesse mesmo período e que vem a discutir sobre tais conexões é o de Castells e Murphy (1982), os quais fazem uma importante relação com o espaço urbano, identidade gay e política. Segundo os autores, a cidade de *San Francisco* tornou-se uma

importante referência urbana nessa perspectiva, pois havia uma quantidade considerável da população que se identificavam como *gays*, *lésbicas*, *bissexuais* ou *transgenders*⁶. Os autores argumentam que *San Francisco* seria a única cidade capaz de pleitear órgãos suficientemente organizados e capazes de ter uma política forte sobre essas mudanças sociais e culturais, sendo então uma importante cidade para se analisar tanto as relações urbanas quanto as mudanças culturais que estavam ocorrendo naquela época.

Um ano depois, Castells (1983), no livro *The city and the Grassroots*, evidencia em suas discussões as perturbações causadas pelos movimentos sociais nos Estados Unidos entre as décadas de 60 e 70 do Século XX. Essas perturbações tinham como máximas o consumo coletivo e a defesa de uma identidade cultural, mas também territorial, como é o caso das comunidades *gays*. Para o autor, a sexualidade e os estilos de vida passam a tensionar o urbano que era – e diríamos que ainda é – centrado na lógica da família heterossexual.

A vista disso, Castells (1983) discute que essas expressões abertas sobre assuntos como a sexualidade e a homossexualidade coincidiram para rebeliões ideológicas causando grandes desconfortos nas áreas conservadoras de San Francisco. O objetivo era de forçar a sociedade a rever as normas sobre a sexualidade e da cultura individual, na qual a homossexualidade não tinha que ser apenas tolerada, mas aceita como um comportamento normal e legítimo. Segundo o autor, os indivíduos e as instituições estavam profundamente com medo e perturbadas com esses tensionamentos. Por outro lado, os *gays* mostravam um importante elemento de autodefinição incentivados pelos próprios movimentos *gays*.

Os movimentos sociais também são tratados por Knopp (1987) no texto *Social Theory Movements and Public Policy: recent accomplishments of the gay and lesbian movements in Minneapolis, Minnesota*. O qual evidencia que estes movimentos sociais foram importantes para a construção de políticas públicas, mas também em relação à efetivação das mesmas. Segundo o autor, por meio desses movimentos sociais houve uma forma de proliferação de enfrentamentos sociais e que estes não estavam mais sendo baseados nas lutas de classes, mas sim através

⁶ *Transgenders* é uma palavra de origem inglesa que tem por objetivo fazer uma definição daquelas pessoas que têm uma identidade diferente daquela que foi designada ao seu nascimento a partir do sexo biológico.

do gênero e da sexualidade.

Nesse sentido, o autor refere-se aos movimentos de *gays* e lésbicas como instigadores para se pensar diferentes análises políticas e não apenas segundo perspectivas econômicas. Contudo, o autor ressalta que esses movimentos sociais da época não faziam tais vinculações com a classe. Bell (1991), problematizando a geografia de *gays* e lésbicas, como um outro insignificante, afirma que houve intensificação de uma série de investigações realizadas por geógrafos na década de 1980, sendo caracterizados segundo três principais eixos de temas relacionados a minorias, como a criminalidade, as relações étnicas e as de grupos de baixa renda. Já os estudos relacionados aos homossexuais mantiveram-se pouco evidenciados.

Desta forma, Bell (1991) propõe-se a construir uma reflexão não apenas sobre as Geografias da homossexualidade, como também a manifestação espacial das vidas de *gays* e lésbicas, não como sendo uma homogeneidade de grupos sociais, ou seja, analisá-los apenas pela sexualidade, mas através de articulações entre diferentes 'critérios', como a etnia e a classe. Para o autor, deve-se reconhecer uma múltipla Geografia de Gays e que isso é visto em estudos nos Estados Unidos e representados, sobretudo, nas obras de Knopp no final da década de 1980, em seus trabalhos sobre homens *gays*, brancos e de classe média.

É em uma perspectiva de pensar a classe, o gênero, a sexualidade e outras categorias identitárias que Knopp (1992) afirma que todas estão envolvidas umas com as outras e ainda, compreendidas como poder. Então, o autor vai discutir que as estruturas espaciais são constitutivas das relações de classe, mas também de gênero e sexualidade. Para o autor, por meio de uma análise feita sobre os trabalhos realizados pelas feministas, lésbicas e *gays*, bem como sobre a teoria social radical e a Geografia histórica do capitalismo, pode-se observar tais conexões.

Sendo assim, o autor cita a Grã-Bretanha e os Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX como exemplos práticos de uma organização territorial e de um desenvolvimento hegemônico entre as sexualidades nas divisões espaciais, estas baseadas na classe, no gênero ou, ainda, na raça. Com isso, argumenta que as lutas passam a ser também sobre a sexualidade, assim como suas representações e organizações espaciais, passando a ser um elemento de fundamental importância para a própria construção espacial. Tanto o espaço

representacional quanto o físico tornam-se fundamental para o desenvolvimento do próprio capitalismo.

A discussão realizada por Valentine (1993), sobre a percepção lésbica e suas experiências nos espaços cotidianos, propõe a existência de um espaço (hetero)sexualizado, elaborado segundo a configuração de que a heterossexualidade é a sexualidade dominante do ocidente. A percepção das lésbicas reconhece que estão muitas vezes fora desta configuração. Portanto, a autora argumenta que lugares como o trabalho são espaços predominantemente construídos por relações heterossexuais e que essas discriminam e produzem violência sobre pessoas homossexuais.

Os espaços cotidianos dificultam ações de *gays* e lésbicas, bem como suas expressões sexuais, alimentando uma supremacia espacial da sexualidade heterossexual. Através desses argumentos, podemos então compreender que as lésbicas e *gays* representam o espaço 'trabalho' como um espaço heterossexual, e, ainda, que argumentam sobre um sentimento de não pertencimento a ele. Podemos então, compreender que este espaço compõe a vivência cotidiana desses sujeitos, à medida que esse espaço se torna um espaço heterossexual, acabando por ser uma forma de opressão para todas as outras possíveis sexualidades dissidentes.

É nesse sentido que nossa proposta percorre para pensar como os espaços compõem a vivência de *gays*, sendo de opressões ao alívio. Perante essas ações de elaboração de hierarquias nas estruturas espaciais e sociais sobre a sexualidade, Bell (1994), em *In bed with the State: Political Geography and Sexual Politics*, trata sobre as reconfigurações da Geografia política, devendo essa incluir uma política sexual, vista e notada pelas novas políticas contemporâneas dos movimentos sociais, das políticas *queer* e cidadania sexual. É sobre essas representações de *gays* e lésbicas que Murray (1996) escreve o livro chamado *America Gay*, questionando o surgimento dessas vidas sociais e o desenvolvimento de comunidades *gays* e lésbicas em prol de uma resistência, mas também de uma mobilização para a criação de uma identidade em grupo.

O autor argumenta que isso pode ser considerado uma homossexualidade moderna, na qual há um enorme volume de comportamentos homossexuais, bem como suas próprias identificações e significados. O desenvolvimento das

comunidades *gays* e lésbicas, claramente assumidas homossexuais, constrói a própria sexualidade, a partir de um trabalho unido e das vivências entre eles, que auxiliam na construção de políticas mais específicas.

Essas tensões entre governo e movimentos sociais criam embates políticos e epistemológicos que vão refletir na própria ciência geográfica. Assim, Binnie (1997) faz uma crítica para a então Geografia da época, referindo-se como ela tem sido analisada. Segundo o autor, as diferentes discussões teóricas que envolvem essa disciplina têm causado dissidências sexuais, que ele denomina como '*sexual dissidence*'.

Para Binnie (1997), enquanto o positivismo é identificado como um dos responsáveis pela rejeição das discussões sobre *gays* e lésbicas na ciência geográfica, a Nova Geografia Cultural e a Geografia Feminista passam a consentir e analisar essas discussões. Contudo, o autor afirma que mesmo oportunizando essas reflexões, a Nova Geografia Cultural e a Geografia Feminista são cabíveis em produzir heterossexismos. Ainda, o autor enquanto um geógrafo inglês aponta para a existência de outras reflexões que surgem na Geografia, estas estão relacionadas às epistemologias *Queer*, surgidas nos Estados Unidos.

Para Louro (2009), a palavra '*Queer*' pode ter traduzida, *a priori*, como estranho ou esquisito. Esta era e é uma palavra usada, sobretudo, nos Estados Unidos, para se referir a pessoas que não são heterossexuais, como forma de inibir esses sujeitos, através de ações preconceituosas. Salientamos que na língua portuguesa esta palavra pode ser entendida a partir da utilização de adjetivos como 'viado', 'bicha' ou 'sapatão'. Entretanto, a autora argumenta que alguns ativistas 'vestiram a camisa *Queer*', como uma forma de enfrentamento e posicionamentos que, paradoxalmente, não se podem fixar. Ou seja, a autora argumenta que a epistemologia *Queer* é muito mais do que feita por posições de sujeitos ou de uma identidade. Essa palavra vai indicar um movimento e não um conjunto de acomodações a um modo de ser e viver.

Assim, a epistemologia *Queer*, na visão dos geógrafos americanos Knopp e Brown (2003), cria perspectivas críticas sobre o espaço e a espacialidade. Para os autores, os contextos dos estudos *Queer* vão difundir-se para beneficiar não só as culturas *Queer*'s, mas também as identidades e a política. Sendo assim, os autores

fazem uma reflexão desde as abordagens tradicionais feitas pela Geografia até as difusões com a temática *Queer*. Eles propõem uma análise cronológica das reflexões sobre o espaço, iniciando desde seus princípios estruturalistas existentes até as espacialidades cheias de complexibilidades, heteronormatividades e resistências. Ou seja, as espacialidades complexas tem haver com as constantes transformações e variedades de relações sociais que compõe os espaços, proposta de Massey (2008). Enquanto que, as heteronormatividade tem relação naquilo que Butler (1999) argumenta como sendo práticas regulatórias que, por sua vez, são práticas normativas resultantes de uma linearidade entre gênero, sexo e desejo. Essa linearidade regula as práticas sociais e os sujeitos, tornando-os 'gendrados'. Por fim, de resistência, pois pessoas que não se encaixam nesses processos normativos começam a questioná-los e subvertendo esse processo de normatizações dos comportamentos e das relações sociais aos seres humanos.

Portanto, Knopp (2004) vai reafirmar a importância da teoria *Queer* para o pensamento da Geografia contemporânea, e que esta questiona os binarismos existentes na própria ciência, como o sujeito e objeto, teoria e prática. Segundo o autor, a teoria *Queer* é uma forma de expansão e renovação da própria ontologia da Geografia, e que, segundo o autor, auxilia nas outras teorias geográficas e suas compreensões e análises a partir das próprias identidades *Queer*, como ontologias do lugar ou ainda, nas imaginações espaciais. Assim, Knoop (2007a) fala da importância da teoria *Queer* na Geografia e em específico, na Geografia Feminista.

Em outro texto chamado *From Lesbian and Gay to Queer Geographies: Pasts, Prospects and Possibilities*", Knopp (2007b) compreende as variações existentes das Geografias *gays* e *lésbicas* e a teoria *Queer*. Para o autor, a teoria *Queer* não se desenvolveu de uma forma independente. Na realidade, ela é parte de outras tantas teorias e metodologias fornecidas a partir de trabalhos de gênero e das sexualidades nas suas múltiplas escalas espaciais. Isto é, a Geografia *Queer* é também resultado de análises pós-modernas e pós-estruturalistas, vindas das próprias teorias feministas. Isso fez com que houvesse grandes possibilidades atuais de análises na ciência geográfica sobre LGBT's⁷.

Para, Browne, Lim e Brown (2007), essas perspectivas pós-estruturalistas e

⁷ LGBT é uma sigla utilizada para abreviar as palavras Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

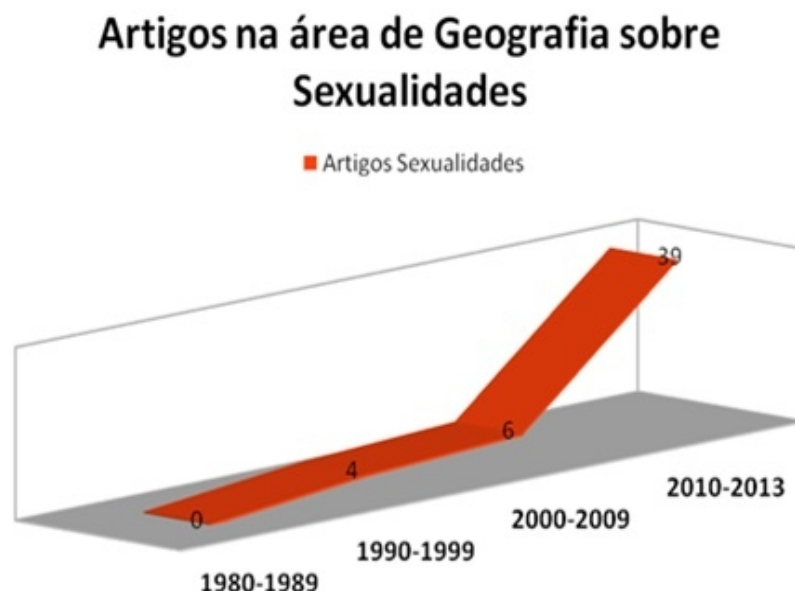
das teorias *Queer* não refutam de modo algum outras formas de se pensar a Geografia e as Sexualidades, deixando claro que mesmo que pareça um *continuum*, isso não significa a existência de posições hierárquicas entre teorias. Dessa forma, os autores acreditam em um pluralismo teórico saudável. Este reconhecimento tem sido realizado já há algum tempo nas discussões epistemológicas das ciências sociais, como visto em Morin (1982), em que o conhecimento não é mera acumulação de verdades, mas sim fruto de complexos e instáveis paradigmas; e em Gomes (1996) compreendendo a Geografia enquanto ciência viva, dinâmica, aberta e plural.

Se de um lado a trajetória do pensamento da Geografia das Sexualidades e *Queer* anglófona vive um momento de efervescência no pós década 1990, no que se refere à Geografia brasileira temos uma outra disposição. Nossa análise sobre a trajetória deste subcampo da ciência geográfica no Brasil parte de uma pesquisa realizada pelo GETE da Universidade Estadual de Ponta Grossa e desenvolvida por Cesar e Pinto (2015). Nessa análise, os autores visavam compreender a produção intelectual da Geografia brasileira sobre as temáticas de gênero e sexualidades, segundo os periódicos *on-line* de cunho geográfico.

Por meio do Sistema Qualis Capes, os autores levantaram 13.990 artigos. Esses artigos foram classificados por estratos do A1 a B5, segundo o próprio sistema de classificação da CAPES⁸. Essa pesquisa teve como recorte temporal os anos de 1974 a 2013. Segundo os autores, do total de artigos analisados, 1,2% tratavam das discussões de Gênero e menos de 1%, ou seja, 0,3% abordaram a relação entre Geografia e Sexualidades. Ao observarmos na figura 1 abaixo, evidenciamos a lógica temporal e o aumento de publicações no decorrer dos anos.

⁸ Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior.

FIGURA 1 - Lógica temporal das publicações da área de Geografia sobre sexualidade no Brasil



Fonte: Cesar e Pinto (2015)

Ainda, essa pesquisa apontou para um conjunto de ausências de publicações na década de 80, mostrando que os primeiros artigos científicos sobre as conexões entre sexualidades e a ciência geográfica foram publicados na metade da década de 1990. Segundo Silva (2015), é nesse mesmo período que há uma 'redemocratização' na sociedade brasileira, permitindo maior expressão dos movimentos populares, inclusive LGBT's no Brasil. Isso facilitou, de certa forma, a inclusão de debates sobre as sexualidades na academia.

No entanto, não quer dizer que hoje o campo da Geografia das Sexualidades seja consolidado ou respeitado enquanto uma possibilidade geográfica no país. Visto que do total de 13.990 artigos analisados, 0,3% abordam essa temática, tornando-se um dos motivos e estímulo para a nossa proposta de dissertação. Silva (2015), ao argumentar sobre a então ciência geográfica da época (1990 a 2000), mostra que esses artigos sobre sexualidades eram e ainda são publicados em periódicos de menor prestígio acadêmico, segundo o próprio sistema CAPES, e que estes estariam concentrados em revistas recentemente formadas,

como é o caso da Revista Latino Americana de Geografia e Gênero⁹.

Ao observarmos o gráfico exposto, podemos também fazer uma análise histórica das publicações brasileiras, em que o primeiro trabalho encontrado foi o de Matos e Ribeiro (1995) com o título 'Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro'. Nele, os autores fazem uma análise sobre o núcleo central da cidade do Rio de Janeiro, composto por diversas atividades comerciais, de serviços, transporte e de gestão pública e privada. Para os autores, o centro carioca é composto por múltiplos usos, no qual coexistem diferentes territórios, dentre eles o da prostituição, onde há um processo de contração e expansão territorial.

Do mesmo modo, no que se refere ao restante das publicações da década de 90, estas correspondem ao mesmo autor, Miguel Ângelo Ribeiro (1996, 1997 e 1998). Este autor prosseguiu com essas temáticas, produzindo importantes contribuições para a Geografia brasileira, tornando-se um prógono no que se refere às conexões entre Geografia e sexualidades no país. Ribeiro faz discussões em seus trabalhos tanto sobre as territorialidades produzidas quanto as dinâmicas do turismo sexual na cidade do Rio de Janeiro.

Já no início dos anos 2000, temos algumas mudanças significativas no conhecimento geográfico brasileiro, especialmente em sua epistemologia e referenciais teóricos. Silva (2015) ressalta que os anos 2000 foram nitidamente definidos como os anos de avanços, principalmente nos programas de pós-graduação e que isso possibilitou que novos pesquisadores e novos temas como os das sexualidades tivessem maior visibilidade. Para Silva (2015), além dessa ampliação dos programas de pós-graduação, houve também um aumento dos periódicos ou revistas *on-lines*. Atualmente, do total de revistas geográficas, 80% desenvolveram-se após o início dos anos 2000.

Já as referências internacionais expostas nos textos analisados por ela correspondiam, inicialmente, a obras já traduzidas para o português, como é o caso de Soja (1993) e Raffestin (1993). Ressalta ainda, que o primeiro texto a evidenciar referenciais que não fossem traduzidos para o português é de Solla (2002).

⁹ A Revista Latino Americana foi criada no ano de 2010 e atualmente é a revista que contém o maior número de artigos relacionados à Geografia, Gênero e Sexualidades. Segundo Silva (2015), a revista concentra 62,85% do total de artigos sobre as sexualidades na geografia brasileira, todos publicados após seu lançamento, em 2010.

Entretanto, este autor não é brasileiro, tampouco sua publicação foi exposta de uma forma proposital em uma revista no país, mas sim foi fruto do acaso e do resultado de redes de contato entre o autor e uma editora que acabou realizando a republicação do artigo.

Posto isso, ao retornarmos ao levantamento e constataremos as produções referentes aos anos 2000, temos no início desta década o texto de Solla (2002). Neste texto que tem por título *Espacios Disidentes en los Procesos de Ordenación Territorial*, o autor argumenta sobre a existência de uma produção de diferentes espaços de exclusão, com maior intensidade nas áreas urbanas, isso referente a dois principais grupos: posseiros e *gays*. Acrescenta-se a esse mesmo período histórico das Geografias das Sexualidades brasileiras as discussões de Nabozny (2007). Geógrafo e brasileiro, este autor explora as relações contraditórias existentes entre o Estado e prostitutas, sobre suas distinções feitas entre crianças, adolescentes e adultos, confrontando-os naquilo que o Estado define e as práticas espaciais cotidianas das profissionais do sexo a respeito da concepção de infância.

Também Cassaro e Ferreto (2007) fazem uma relação sobre a sexualidade e o uso de métodos contraceptivos, a partir da percepção masculina. Neste trabalho, as autoras analisam respostas a partir de 96 acadêmicos da Unioeste, do sexo masculino, entre 18 e 51 anos de idade, da cidade de Francisco Beltrão, no ano de 2006, sobre o uso de preservativos, e como foram suas iniciações sexuais. Já no que se refere aos anos de 2008 a 2009, temos os textos de Ornat (2008; 2009) e Silva (2008).

Ornat (2008), tratando sobre a relação entre território e prostituição travesti, evidencia a relação entre o espaço geográfico como um produto das inter-relações, constituindo espacialidades distintas e consequentemente seus territórios. Em 2009, Ornat discute a relação entre territórios e redes geográficas segundo a prostituição travesti no Brasil Meridional, propondo a existência tanto de territórios paradoxais quanto da construção de redes geográficas que nascem dos deslocamentos das travestis. Estes são objetivados pela busca de melhores ganhos na prostituição. Essas conexões se dão através de diferentes relações sociais, compostas por centralidades e marginalidades. Em outra perspectiva, Silva (2008) faz uma análise de como as travestis representam seus espaços, principalmente o escolar,

evidenciando que este é interditado à vivência deste específico grupo. Segundo a autora, o espaço escolar é compreendido como um espaço de exclusão e de interdição da educação, e, isso é evidenciado segundo as próprias experiências das travestis sobre a escola.

Podemos observar no gráfico anterior um aumento expressivo de publicações a partir do ano de 2010. Além da criação de novas revistas e programas de pós-graduação, outro fato que pode ter contribuído para este crescimento foi a ação cooperante entre pesquisadores das sexualidades e gênero no país, como aponta Silva (2015). Segundo essa autora, houve outras transformações nesse período, entre o final dos anos 2000 e início do ano de 2010, isso porque há uma inserção de novas perspectivas, principalmente as anglófonas nas discussões brasileiras em que geógrafos e geógrafas nacionais incluíram em suas discussões referenciais anglo-saxões como Judith Butler, Gilian Rose, Gill Valentine e Jon Binnie. Ainda, Silva (2015) evidencia que a existência de inserção de perspectivas e referenciais anglófonos em textos produzidos por brasileiros estão presentes no final dos anos 2000, destacando seu próprio texto em 2008, citado anteriormente, e mais dois textos dos geógrafos Nabozny (2007) e Ornat (2008, 2009), também já mencionados.

Seguindo a lógica temporal, temos os anos de 2010 a 2013. Primeiramente focamos nossa discussão sobre os artigos escritos em 2010. Nesse ano foram identificados 13 artigos que estão distribuídos em diferentes revistas *on-line*. Destes trabalhos, cerca de 47% problematizam o conceito de Território, territorialidades e microterritorialização, por diferentes análises e sujeitos, bem como diferentes autores: Costa (2010), Ornat (2010), Silva (2010a), Coelho (2010) e Barreto (2010). Para Silva (2015) o conceito de território destaca-se no histórico das análises das Geografias das Sexualidades do Brasil e foi abundantemente utilizado e sustentado nas perspectivas francesas, mas também brasileiras como de Marcelo Lopes de Souza (1997). Também, foram encontradas outras perspectivas conceituais nesse mesmo ano. Essas se referem aos estudos sobre o espaço urbano e suas representações a partir das sexualidades, correspondendo a 23% das publicações. Destes trabalhos, ressaltamos os artigos de Furlong (2010), Costa (2010) e Veira (2010).

Nesse mesmo ano temos a relação entre sexualidades e o espaço escolar com 15% do total das publicações de 2010. Estas perspectivas são evidenciadas nos artigos de Proença (2010) e Teixeira (2010). Segundo Silva (2015), o conceito de espaço urbano em torno dos estudos das sexualidades deve-se também a um histórico proveniente de influências marxistas na ciência geográfica brasileira e que isso foi alterando-se à medida que houve a disseminação da Geografia Cultural no país. Esta passou a compreender o espaço urbano também por vivências identitárias. Por fim, os textos de Silva (2010b) *Geografias Feministas, Sexualidades e Corporalidades: Desafios às Práticas Investigativas da Ciência Geográfica* e de Santos (2010) *Desejos, Conflitos e Preconceitos na Constituição de uma Travesti no Mundo da Prostituição* são exemplos de reflexão realizados no ano de 2010.

Silva (2015), ao construir as redes de influências teóricas na Geografia das sexualidades brasileiras, destaca a produção científica em 2010 em que houve uma ampliação tanto nacionalmente quanto internacional dos trabalhos brasileiros, apontando ainda que a maior representatividade de citações de autores estrangeiros está sobre os nomes de Judith Butler, Michel Foucault e Stuart Hall. Já no contorno brasileiro, chama-se a atenção para os nomes de Marcelo Lopes de Souza, Milton Santos, Rogério Haesbaert e Roberto Lobato Corrêa. Contudo, a autora evidencia que os nomes mais representados referentes a estudos específicos sobre sexualidades são Joseli Maria Silva, Miguel Ângelo Ribeiro, Luiz Mott e Benhur Pinós da Costa.

Ao retornarmos para o ano de 2011, identificamos sete artigos publicados. Destes, 42% realizando discussões sobre sexualidades e o espaço urbano, fato visto, sobretudo, em Souza (2011), Ribeiro e Oliveira (2011) e Soliva (2011). Percebe-se um aumento significativo de 19% de artigos problematizando o espaço urbano quando comparados ao ano anterior. Os outros 42% dos artigos deste mesmo ano continuaram problematizando o conceito de território, nas relações com as sexualidades, rituais culturais, e, ainda, relações homocomerciais (PASSAMANI, 2011 e PUCINNELLI, 2011). Identifica-se que no ano referido, o conceito de território ainda está presente em grande parte das publicações. Os 6% restantes correspondem ao texto de Reis (2011), o qual se propõe a compreender as representações culturais sobre as práticas homoconjugais, a partir de um seriado

americano transmitido pela mídia.

Já no ano de 2012, há um marco histórico entre os conceitos trabalhados pelas Geografias das Sexualidades brasileiras. Enquanto o território tem sido constantemente trabalhado desde 1995, tornando-se o amparo das Geografias das Sexualidades brasileiras, o conceito de espaço, por outro lado, veio sendo gradativamente abordado nessa ciência. Entretanto, em 2012, ao analisarmos os nove artigos identificados no levantamento, evidencia-se uma inversão de predominância conceitual, onde 67% dos trabalhos abordam o conceito de espaço e espacialidade. Trabalhos como os de Caetano e Costa (2012), em que se discute o reconhecimento sociocultural de demandas sociais através do espaço escolar e no combate a preconceitos, principalmente aos modos de comportamento de pessoas orientadas sexualmente para o mesmo sexo.

Além disso, Maia (2012a) analisa os recados deixados em portas de banheiros públicos de seis edificações da Universidade Federal da Bahia, e ainda, Maia e Dutra (2012) realizam reflexões sobre o movimento LGBT e os outros espaços da cidade de Juiz de fora - MG, que se vestem das cores da bandeira LGBT, mesmo sendo regidos pela heteronormatividade. Também no mesmo ano, Ornat (2012), Silva e Ornat (2012) analisam os espaços interditos, a partir das experiências das travestis. Este fenômeno se relaciona a processos espaciais de exclusão e de acolhida, ora sendo contraditórios ora sendo integrados.

Conjuntamente, os autores ainda expõem discussões referentes às experiências espaciais de travestis, através do movimento interseccional entre gênero, raça, sexualidade e classe na mobilidade transnacional, principalmente entre Brasil e Espanha. Ao passo que Rodriguez e Guimarães (2012) tratam da transexualidade e as transformações do corpo na integração e repercussão com a cidade de Santiago, no Chile. Os outros 33% das publicações deste ano correspondem às microterritorializações homoeróticas e homoafetivas e às territorialidades das paradas LGBT, vistos particularmente em Costa (2012a) e (2012b) e Maia (2012b).

Prosseguindo nessa análise das publicações geográficas brasileiras no período temporal, que vai desde 1990 a 2013, temos novamente o número de nove artigos publicados em 2013. Destes, manteve-se o mesmo percentual do ano de

2012, cerca de 67% trabalham com o conceito de espaço em diferentes análises, como espaços públicos e privados, espaços de homossocialização da cidade do México, processos de gentrificação em bairros, homonormatividade dentro das relações homossexuais, e ainda, os espaços de morte. Esses artigos são observados, sobretudo, nas discussões de Arcos (2013), Boivin (2013 a) e (2013 b), Brown (2013) e Cabral, Silva e Ornat (2013). Temos também 23% das publicações correspondendo a análises feitas a respeito de programas televisivos e suas representações sobre a hierarquização dos corpos, sexualidade e homoafetividades (MENEZES, 2013; NAME, 2013). Por fim, 10% estão representados no trabalho de Wright (2013) e sua reflexão sobre as relações afetivas e sexuais com diferentes estudantes universitários da América Central, Cuba e América do Sul.

Como podemos evidenciar, diferentemente da Geografia brasileira, a Geografia Anglófona já estava discutindo sexualidades no início da década de 80. Isso revela distinções entre as Geografias das Sexualidades. Mesmo que Browne, Lim e Brown (2007) no livro chamado '*Geographie of Sexualities - theory, practices and politics*' façam uma importante introdução sobre as discussões de sexualidades na Geografia, esta se refere à produção científica anglófona e não brasileira, ao afirmarem que essas discussões sobre Sexualidades na Geografia vêm desenvolvendo-se desde os anos de 1980.

Para Browne, Lim e Brown (2007) há um crescimento das discussões sobre sexualidades na própria Geografia a partir dessa década, mas também fora dela, como na Sociologia e na Antropologia. Porém, isso não aconteceu igualmente na Geografia brasileira. Quando observamos a pesquisa realizada por Cesar e Pinto (2015) e o desenvolvimento da Geografia das Sexualidades no Brasil, constatamos que esse crescimento só vai ocorrer efetivamente após os anos 2000. Esta crítica de uma Geografia anglófona e de visão única relaciona-se com a argumentação de Whitehand (2005). Este autor argumenta que a Geografia anglófona possui estrabismos e que ela tem dado importância para as publicações e literaturas principalmente da língua inglesa e pouca relevância para as outras Geografias não anglófonas.

Segundo o autor, as revistas consideradas internacionais coexistem a partir de um universo estrito de fala inglesa, acarretando em um conjunto de limitações

para a Geografia Humana em geral. Whitehand (2005) relata que os trabalhos realizados por outras línguas e não publicadas em inglês ficam fora desse mundo anglófono, ao passo que os próprios geógrafos anglófonos são praticamente 'monolíngues'. O resultado disso são trabalhos desconhecidos entre as Geografias, criando distanciamentos ainda maiores dentro da ciência geográfica, como pudemos constatar entre a Geografia anglófona e a brasileira. Essas angústias, distanciamentos e diálogos entre as Geografias são também observadas tanto por García-Ramon (2011) quanto por Silva (2011).

García-Ramon (2011), ao relatar sobre outras Geografias feministas, questiona a hegemonia anglo-americana e um conhecimento visto e reconhecido apenas por uma língua, a inglesa. Para a autora, faz tempo que ela tem essas preocupações com certa hegemonia, desde quando foi para Berkeley em 1970 fazer um mestrado em Geografia. Argumenta que as dificuldades encontradas estão desde um conhecimento tido como base na ciência geográfica anglo-americana, como sua vivência em diálogos em espanhol, catalão e castelhano. Estes se encontram em um poder assimétrico, estando clara a hegemonia da língua inglesa em níveis internacionais. Contudo, a autora explica que nos últimos anos passou a ser um tema 'passado de moda', visto que as modas passam muito depressa na Geografia anglo-saxônica.

Por outra direção, Silva (2011) argumenta que as dificuldades na ciência geográfica brasileira, no que se refere às investigações sobre sexualidade, estão tanto em âmbito nacional quanto internacional. Segundo a autora, nacionalmente os muros que são construídos têm como base o preconceito na própria academia, em torno dos temas relacionados às sexualidades. Além disso, as discussões que envolvem temas como as sexualidades são recentemente debatidas no país e na Geografia brasileira. Já no que tange aos obstáculos internacionais, umas das barreiras levantadas pela autora é a língua, seja no acesso as pesquisas produzidas fora do país ou ainda, na realização de um diálogo realmente internacional, que é inexistente.

Sendo que nossa questão central é compreender como o espaço compõe a vivência de homens *gays* na cidade de Ponta Grossa, Paraná e analisar o que foi discutido sobre o espaço segundo a Geografia das Sexualidades/*Queer*, anglófona e

brasileira, evidencia-se que os primeiros trabalhos encontrados na década de 80 foram influenciados por uma perspectiva estruturalista, na qual o espaço era observado e diferenciado a partir das sexualidades, ou seja, as relações sociais eram compreendidas como se ocorressem sobre o espaço (ETTORRE, 1978; LEVINE, 1979, CASTELLS, 1982 e 1983). Esse arranjo de produção científica analisou as vivências de *gays* e lésbicas, evidenciando a existência de uma segregação urbana, mas também a formação de guetos em cidades capazes de pleitear tais mudanças culturais, sociais e políticas.

Já nos textos de Knopp (1987), além dessa separação urbana, o autor demonstra que os movimentos de *gays* e lésbicas (década de 70 e 80) começam a lutar por políticas públicas, pois suas vivências espaciais acabavam sendo restritas. Indo além, o autor vai argumentar que as novas perspectivas políticas de enfrentamento sociais foram encorajadas por esses movimentos, que não estavam preocupados em uma divisão espacial econômica, mas sim do próprio gênero e das sexualidades. Ou seja, os espaços urbanos não são mais compostos apenas por uma separação classista, mas também pelo gênero e pelas sexualidades. Como visto no Brasil, isso vai ocorrer por volta dos anos 90. Essas argumentações corroboram com nossa compreensão à medida que os espaços urbanos da cidade de Ponta Grossa compõem as vivências cotidianas dos *gays*, não os compreendendo apenas por suas classes, mas também por suas sexualidades.

Além disso, Bell (1991) argumentando sobre as manifestações espaciais que *gays* e lésbicas realizam, o autor diz que estas não podem ser compreendidas apenas por suas sexualidades, mas sim como um dos critérios para se analisar a pluralidade de uma Geografia Gay. Esse argumento fez com que olhássemos o nosso fenômeno através de uma perspectiva interseccional, que iremos aprofundar no segundo capítulo desta dissertação. Enquanto que Knopp (1992), ao refletir sobre as conexões entre várias categorias identitárias discute que estas também podem ser entendidas como relações de poder, isso faz com que entendamos que essas relações de poder podem instituir espaços compostos por graduações de sensações de opressão ao alívio na vivência espacial dos *gays*.

Portanto, as vivências e experiências desses sujeitos são frutos do elo entre categorias identitárias e as relações socioespaciais. Ao analisarmos as relações de

poder, tratamos das discussões de Foucault (1993), este argumenta que para entender uma realidade da sociedade deve-se compreender suas relações de poder. Afinal, a sociedade e suas estruturas perpassam por complexas e abundantes relações de poder, ora sendo concentradas através de um mecanismo e em outra penetrando no corpo social e em suas práticas cotidianas. É através das práticas sociais e rotineiras que esses sujeitos constroem situações que variam da opressão ao alívio, tornando-se isso relativo à medida que cada sujeito utiliza de suas identidades como forma de estratégias em suas vivências e experiências sociais. Essas identidades que compõem os sujeitos *gays* não se restringem apenas por suas sexualidades, mas também por sua idade, classe, religiosidade e tantos outros organizadores sociais, que se pretende analisar nesta dissertação.

Assim, as discussões de Knopp (1992) auxiliam-nos a compreender as formas de como as estruturas espaciais são compostas por relações de poder e organizadas através delas. Ao pensarmos que todas essas categorias identitárias como o gênero, a classe, a raça e a sexualidade podem compor um mesmo indivíduo e seus espaços, compreendemos que estes sujeitos são compostos por múltiplas e variadas categorias identitárias e, não somente por uma delas. Vale ressaltar que cabe ao indivíduo identificar-se ou não com elas em um processo mútuo de interesses e estratégias, que se estabelece a partir das relações sociais vividas por esses sujeitos. Ao compreendê-las como fluídas e variáveis, entendemos que podem instituir-se como relações de poder a partir de identidades que se tornaram hegemônicas. Sendo assim, entendemos que os homens *gays* experienciam situações que variam da opressão ao alívio, a partir do momento que assumem uma identidade que não corresponda à predominância social, como já evidenciado por Rodó-de-Zárate (2013a).

Do mesmo modo, retomamos os textos discutidos sobre os guetos *gays* e lésbicos e compreendemos que eles não são apenas espaços de uma segregação urbana, mas também se configuram como espaços de alívio, pois o próprio Levine (1978) aponta que os guetos são espaços onde comportamentos homoafetivos são aceitáveis. De certa forma, os sujeitos que os vivenciavam acabavam concentrando-se nesses espaços 'guetos' por se sentirem bem. Entretanto, podemos ainda analisá-los de forma oposta e paradoxalmente, segundo Rose (1993), ao alívio. Ou

seja, os guetos também podem apresentar-se como espaços de opressão, isso porque, se considerarmos as relações sociais heteronormativas que se estabelecem no espaço urbano, estas promovem constrangimentos e ações que inibem os comportamentos e expressões homossexuais.

Contudo, não consideramos o conceito de gueto a melhor ferramenta de explicação do agrupamento espacial de grupos homossexuais, devido ao fato de que, como visto por Wacquant (2004), o conceito de gueto é um instrumento bifacetado de cercamento e de controle etnoracial. Desta forma, o conceito é pouco explicativo para o nosso fenômeno aqui analisado, visto que é das relações de opressão que grupos *queer*, ou comumente nominados no Brasil de LGBT's, elaboram estratégias de sobrevivência, pois como evidenciado em nossos resultados do levantamento de campo, *gays* criam estratégias de sobrevivência social, como assumir ou não assumir a sexualidade ou ainda com a construção de espaços de alívio como boates *gays*, espaços de pegação e de homoerotismos, casa própria e casa dos amigos.

Seguindo essa linha de raciocínio, resgatamos as discussões de Weightman (1980), a qual fala sobre os bares *gays*. Esses espaços também podem ser lidos em nossa compreensão como espaços de alívio para os *gays*, pois segundo as próprias argumentações da autora, os bares *gays* são importantes espaços para esses sujeitos, recebendo um significado de pertencimento ou ainda como espaços de sobrevivência dessas comunidades. Contudo, não podemos compreender a vivência espacial desses sujeitos apenas em espaços específicos de suas práticas sexuais, pois diariamente esses sujeitos experienciam outros espaços como a casa e a universidade. Ou seja, o espaço urbano da cidade de Ponta Grossa é caleidoscópio, onde esta caleidoscopia é produzida pelas interações sociais e pela interação de suas relações sociais. Entretanto, o espaço urbano pode ser organizado segundo a prática sexual dominante - a heterossexual. Assim, a casa familiar ou a casa dos pais desses sujeitos podem ser um exemplo dessa forma de organização, causando grandes desconfortos a esses sujeitos.

Castells (1982, 1983), ao discutir sobre os movimentos sociais e que estes se chocam não só com as diferenças estruturais da cidade de *San Francisco*, como também com as ideologias do espaço urbano, nos remete a pensar sobre os

diferentes espaços da cidade de Ponta Grossa, bem como as variações entre opressões ao alívio em ambos os lados, ora da sociedade tradicional menosprezando gays através de diversos espaços que compõem o urbano da cidade ora no que se refere aos próprios gays tensionando o mesmo urbano e suas relações sociais através de simples e pequenas atitudes, como a vestimenta, comportamentos corporais e homoafetividades. Ao colidirem com espaços urbanos centrados numa lógica conservadora e heteronormativa, algumas atitudes fazem com que esses sujeitos sofram ações, muitas vezes de preconceito e violência.

Todavia, ao retomarmos as discussões da Geografia brasileira e as contribuições teóricas e geográficas sobre essas temáticas, temos quatro principais nomes que se destacam nas produções e que são referenciados por estudos específicos na área das sexualidades, Benhur Pinós da Costa, Joseli Maria Silva, Marcio Jose Ornat e Miguel Ângelo Ribeiro (SILVA, 2015). Como anteriormente visto, essas discussões sobre temáticas que envolvem as sexualidades iniciam-se na metade da década de 1990 no país, em que a utilização de conceitos geográficos como o território tornou-se fundamental nessas análises.

No texto de Matos e Ribeiro (1995) há uma reflexão sobre o espaço urbano do Rio de Janeiro, este sendo composto por uma variedade de territórios, dentre eles o da prostituição. Nesse trabalho, os autores estavam preocupados em compreender a dinâmica e as disputas territoriais da prostituição. Ou seja, ainda que se problematize o espaço urbano e seus territórios, a Geografia das Sexualidades tinha reminiscência marxista dada a sua longa trajetória no país e que foi estendida também pela Geografia das sexualidades brasileira até final da década de 1990 e início dos anos 2000, como aponta Silva (2015). Nesse mesmo ano, a categoria analítica território está presente em grande parte dos artigos publicados nos periódicos brasileiros e o espaço ainda é pouco problematizado nesse subcampo da ciência.

Para Silva (2015), tanto a utilização do conceito território quanto a atividade de prostituição restituem uma hegemonia na Geografia das Sexualidades no país. Isso fez com que as análises geográficas das sexualidades, preliminarmente, fossem feitas sobre um prisma entre território, sexualidades e prostituição, e, ainda por três grandes grupos, travestis, gays e mulheres. O geógrafo que trabalha com

maior ênfase, quando se trata do grupo de *gays*, tem sido Benhur Pinós da Costa. Este tem desenvolvido importantes contribuições sobre esse grupo em específico e para a Geografia, desde 2010. Com temas relacionados ao homoerotismo no espaço urbano de várias cidades, Benhur Pinós da Costa cria o conceito de microterritorialização. Este conceito é baseado na significação da interação entre o homoerotismo e a interação de diferentes sujeitos em um jogo de consensos e interesse no espaço urbano (COSTA, 2010).

Assim, quando analisamos somente o conceito de espaço e as referências utilizadas pelos autores brasileiros nesses artigos, podemos constatar que este conceito apresenta-se numa perspectiva estruturalista até a metade dos anos 2000. Contudo, o surgimento de perspectivas pós-estruturalistas sobre este próprio conceito começam a ser expostas no final desse mesmo ano e início do ano de 2010. Para Massey (2008), o estruturalismo era a forma de imaginar o espaço enquanto algo fechado e estático onde as relações sociais ocorriam sobre ele. Então, o espaço era compreendido como uma mega estrutura das representações da própria vida e da própria política sem que houvesse uma relação com o tempo. Segundo a autora, é como se compreendêssemos um mundo parado que aguardasse uma análise. Contrária a isso, Massey (2008) discute sobre o espaço e a relação com o pós-estruturalismo. Nessa perspectiva, o espaço não entendido mais enquanto morto e fixo, mas vivo e em constante construção por meio de múltiplas relações. Nesse sentido, a autora argumenta que o espaço está incessantemente irregular, onde as relações ocorreriam através dele e mesmo que às vezes ele possa parecer inerte, nada mais é do que momentos transitórios dos arranjos sociais.

As contribuições de Doreen Massey (2008), assim como o acesso as novas perspectivas pós-estruturalistas, podem ter contribuído para o aumento da abordagem do conceito de espaço no ano de 2011, que passa de 23% no ano de 2010 para 42% em 2011. É em 2012 e 2013 que o conceito de espaço passa a ter maior visibilidade nos artigos sobre Geografia e sexualidades, chegando a (67%) nos dois anos. Pode-se dizer que a partir de 2012 o conceito de espaço vem sendo crescentemente discutido na Geografia das Sexualidades, dado a inserção de novas perspectivas sobre este conceito, como a pós-estruturalista.

É a partir dessa perspectiva que utilizamos o conceito de espaço nessa dissertação, diferenciando-se daquilo já discutido, pois nossa proposta é de compreender como diferentes espaços compõem o cotidiano dos homens *gays*. Essa proposta se torna dessemelhantemente do que já foi produzido, porque além de trabalhar com um grupo pouco abordado nas discussões sobre sexualidades no Brasil como os homens *gays*, retomamos perspectivas anglo-saxônicas não discutidas em trabalhos sobre os homens *gays*, como no que se refere à interseccionalidade. Indo além, nossa proposta dissertativa é de evidenciar espaços que ainda foram pouco explorados nesse subcampo da ciência geográfica e desse grupo específico como a casa, a igreja, a universidade e o trabalho e não espaços de suas práticas sexuais ou espaços que envolvam a relação com a atividade da prostituição.

Isso se deve ao fato de que entendemos que o sujeito *gay* vivencia diferentes espaços, que ultrapassam os da atividade da prostituição, assim como o da 'pegação' ou quaisquer aqueles que sejam vinculados a atos sexuais. Não estamos aqui criticando o que fora produzido na Geografia das Sexualidades no país. Pelo contrário, queremos apenas evidenciar outros caminhos possíveis de se pensar a relação geográfica com as sexualidades, contribuindo na ampliação de discussões para este subcampo da Geografia.

Portanto, no que se refere à perspectiva pós-estruturalista, esta é evidenciada no final da década 90 e início dos anos 2000 na Geografia anglófona, principalmente nas obras de Rose (1993), McDowell (1999) e Massey (2008). A Nova Geografia Cultural e também a Geografia Feminista passam a questionar a existência de uma mega estrutura que define as vidas dos seres humanos, bem como sua compreensão de espaço sendo estruturas estáticas e sem movimento. Assim, Massey (2008) discute que o estruturalismo acabou solidificando o espaço e partindo-o em diferentes estruturas, como se não houvesse transformações espaciais.

Da mesma maneira, com a inserção dos contextos das teorias *Queer* nas abordagens da Geografia e no próprio conceito de espaço, suas discussões passam a se expandir. Então, os espaços estruturais passam a ser compreendidos como espaços cheios de complexidade (KNOPP e BROWN, 2003). Portanto, Massey

(2008) numa perspectiva pós-estruturalista vai argumentar que antes o espaço era visualizado enquanto algo fixo, atemporal e morto. Oposta a esses pensamentos, a autora chama a atenção para o fato de que o espaço é constituído por 'inter-relações', 'esfera da multiplicidade' e 'sempre em construção'. Ainda, a autora argumenta que o espaço sendo o 'produto dessas inter-relações' e a 'esfera da possibilidade de existência da multiplicidade', sendo jamais algo acabado ou fechado, mas sim aberto e em construção, evidencia o movimento pelo espaço, bem como sua temporalidade.

Pensar como os espaços compõem as vivências cotidianas de homens *gays* é compreendê-los não enquanto meros receptáculos, mas como produtores e reprodutores dessas situações de opressão ao alívio. Portanto, a concepção de espaço não pode ser apenas entendida como uma sustentação dessas relações, mas sim parte delas. Essas relações e sentimentos constitutivos dos espaços dependem também de contextos espaço/temporais em que o sujeito vivencia e experiencia. Então, Massey (2008) expõe que o espaço pode ser imaginado como uma 'simultaneidade de histórias-até-agora'. Como visto em campo, os sujeitos, ao contar suas histórias, relatam as simultaneidades de histórias que são construídas e reconstruídas sobre a homossexualidade. A casa, a igreja, a balada são exemplos de espaços que cotidianamente esses sujeitos vivenciam. Ao vivenciá-los, essas pessoas criam e recriam sobre si mesmas as experiências vivenciadas, devido ao fato dos discursos estarem sempre em constante movimento.

Isso torna visível a existência das histórias desses homens *gays*, bem como suas experiências positivas ou negativas na vivência espacial, sejam elas por meio dos discursos que foram e são elaborados em relação às homossexualidades, como as vivências significadas pelos próprios *gays*. Assim como em relação às mulheres, os homens *gays* por muito tempo foram postos à margem das discussões na Geografia e na própria ciência, como aponta Silva (2009). Entretanto, esses sujeitos vivenciam, formam e constituem os espaços bem como sua temporalidade durante toda sua vida, como todos os outros seres humanos. Contudo, os homossexuais por serem grupos marginalizados, pouco foram e são problematizados na Geografia brasileira, como já evidenciado anteriormente.

Valentine (1993) vai discutir que 'ser *gay*' foge das regras da

heteronormatividade relacionada às estruturas familiares e à norma binária homem-mulher. Segundo a autora, estas normas são resultado de configurações temporais e espaciais. Portanto, a sexualidade não é vista apenas por atos sexuais, mas também por relações de poder. À vista disso, algumas relações sociais concebem que ser 'normal' é ser heterossexual, e negam-se a compreender todas as outras formas de sexualidades que não seguem os 'padrões' sociais e espaciais.

São essas padronizações que vão negar, marginalizar e agredir as mais diversas atitudes preconceituosas, indo de uma 'simples brincadeira' até agressões físicas e morte. São essas produções e reproduções de desconfortos que são problematizadas neste trabalho, pensando como esses homens *gays* sobrevivem em meio a espaços que podem produzir sentimentos carregados de desconfortos e preconceitos. Para Louro (2008), em 'Um corpo estranho', dependendo das marcas que carregamos no corpo, podemos ser incluídos ou excluídos de determinados espaços, sendo aceitos, tolerados ou rejeitados.

Por exemplo, o sujeito *gay* 'no armário' pode ser tolerado e até mesmo aceito nos espaços em que ele vivencia, como ocorre, por exemplo, em alguns espaços públicos. O mesmo sujeito *gay* 'fora do armário' pode passar por constrangimentos de olhares perversos, sorrisos de canto de boca e conversas paralelas. Isto promove ao indivíduo sentimentos de angústia, situações desconfortáveis e constrangedoras nos mesmos espaços. Isso faz com que o sujeito que sofre essas ações crie certos limites em suas vivências espaciais, mas também corporais, ou seja, evitando determinados espaços, por não se sentir confortável naquele local ou ainda evitando a transparência de sua sexualidade, tendo relação com as questões sobre a identidade de gênero, orientação sexual e a homonormatividade.

Como vimos no começo da introdução, os homens *gays* que aqui foram analisados correspondem à identidade de gênero masculino, isso faz com que muitos deles exercitem práticas homonormativas, como ofender, julgar e até mesmo discriminar outras pessoas LGBT's por não corresponderem aos padrões que são também estabelecidos nas práticas homossexuais.

Duggan (2002, p. 179) é a responsável por iniciar esse debate sobre "a nova homonormatividade", como a política sexual do neoliberalismo. Assim, a

homonormatividade pode ser entendida como:

uma política que não contesta os pressupostos heteronormativos dominantes nem instituições, mas os sustenta e apoia enquanto promete a possibilidade de um eleitorado *gay* desmobilizado e privatizado, uma cultura *gay* despolitizada, ancorada em domesticidade e consumo (Duggan, 2002, p. 179 *apud* Brown 2013, p. 127).

Assim, a homonormatividade passa a ter práticas muito próximas as da heteronormatividade, por utilizar principalmente de alguns de seus elementos. Enquanto a heteronormatividade é uma ação de regulação em que a heterossexualidade passa a ser o ponto central que as pessoas devem corresponder, a homonormatividade é o termo usado para a prática exercitada pelas próprias pessoas LGBT. Essas, muitas vezes, concordam com elementos da heteronormatividade. Segundo Brown (2013), ao contrário de uma localização marginal, em que as pessoas LGBT vinham sendo deslocadas com um valor muito pequeno a oferecer para a sociedade, passa a reorganizar-se pelo desenvolvimento de políticas e práticas homonormativas. Essas práticas têm contribuído para fins lucrativos, expansão econômica e a redução da provisão estatal, isso se referindo à classe de renda das pessoas que também passa a ser um elemento da homonormatividade.

Além disso, as práticas da homonormatividade referem-se também em 'aceitar' certos padrões criados pela própria heteronormatividade, como a bipolaridade entre masculino e feminino. Nesse sentido, se você nasce com pênis deve corresponder a comportamentos masculinizados, mesmo que sua orientação sexual seja a homossexual você não deve fugir daquilo que foi 'destinado' a você. Da mesma forma, se você nasce com uma vagina deve corresponder aqueles comportamentos marcados e fixados ao feminino. Portanto, além de reproduzir perfis de comportamentos entre identidades de gênero a pessoas LGBT, a prática da homonormatividade, muitas vezes, reproduz os papéis do masculino e do feminino sobre essas pessoas.

Outro texto que tem apontado alguns desses elementos é de Murray (2011). O autor faz uma discussão sobre as relações de casais homossexuais e a domesticação dos papéis dessas pessoas. Segundo Murray (2011), a domesticidade *gay* deve ser entendida tanto em termos de normativamente

femininos e masculinos quanto no que é desejável. Assim, a domesticidade *gay* reflete uma feminização dos homens homossexuais enquanto que outros utilizam da masculinização para associar gostos domésticos e estilo de uma domesticidade *playboy*.

Portanto, pensar especificamente a sexualidade é compreender aquilo que Louro (2008) discute: socialmente e culturalmente essas formas de pensar sobre sexo e sexualidade são constantemente inseridas em nosso cotidiano. A autora relata que essas marcas são criações sociais 'humanas' e não é algo acabado ou estabilizado, mas sim cabíveis de transformação, como se pode observar a seguir:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas. Insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo (LOURO, 2008, p. 18).

Ou seja, quando colocamos uma roupa azul em um menino e rosa em uma menina, estamos contribuindo para essa reprodução de sociedade. De forma geral, segundo as discussões sobre a homonormatividade, as pessoas *gays* passam por diferentes constrangimentos de acordo com seus comportamentos, estes são limitados em apenas dois polos de normalidade, o masculino e o feminino. Assim, não é difícil achar *gays* masculinizados promovendo críticas e práticas homonormativas contra aqueles que eles denominam enquanto 'bichas afetadas' ou como 'bichas que dão pinta'. Ainda, quando apoiamos a violência física e verbal sobre os mais diversos sujeitos *gays* existentes mais alimentamos a heteronormatividade.

Segundo Valentine (1993), a heterossexualidade é a prática social dominante na cultura ocidental moderna, e se colocam enquanto invisíveis até que suas fronteiras sejam transgredidas. Isso faz com que muitos desses *gays* possuam vivências espaciais 'dentro do armário', ou seja, são aqueles que não assumem sua sexualidade publicamente, seja por medo ou ainda na busca de um sentimento de 'conforto', mesmo que este seja por um pequeno momento ou em determinado espaço, como o trabalho, a casa dos pais, etc.

Essas discussões também podem ser vistas no texto 'A epistemologia do armário' de Sedgwick (2007), a qual argumenta que 'o armário' marcou e ainda marca a vida de muitos homens *gays* e lésbicas sobre as revelações dessas pessoas, seja do privado ao público. Segundo a autora, o armário daria forma às questões como valores ditados por heterossexuais e a própria epistemologia que são englobadas e discutidas na totalidade da sociedade contemporânea ocidental. Para Sedgwick (2007, p.26), o armário é "a estrutura definidora da opressão do *gay* no século XX". Assim, quando nos referirmos ao corpo *gay* estando no armário, pensamos que ele intrinsecamente desenvolve em seu corpo uma barreira para que essas opressões exteriores não o causem certos incômodos.

Evidencia-se que assumir a sexualidade seja uma transgressão de fronteiras do próprio corpo, mas também se relaciona a uma estratégia de vivência espacial, pois assumir a sexualidade pode acontecer nas mais variadas possibilidades existenciais das pessoas, pode ser enquanto criança, adolescente, adulto ou até mesmo nunca acontecer. Assim, partimos do pressuposto de que o espaço é performático, compreendendo ele também como relacional e que esta relação não se dá entre sujeitos pré-existentes, mas sim constituído também por discursos, fantasias e corporeidades (ROSE, 1999).

As relações que os *gays* têm ao vivenciar espaços constituídos por discursos, fantasias e corporeidades vão fazer com que haja uma produção de limites comportamentais nos *gays* que advêm de discursos construídos socialmente. Esses discursos, por sua vez, vão compor e formar os diferentes espaços de seu cotidiano. Portanto, pensar o corpo do indivíduo homossexual em um espaço onde o 'normal' é um corpo heterossexual, é observar discursos para com aquele outro corpo dito 'estranho'. São, grosso modo, discursos taxativos, discriminatórios, preconceituosos e de rejeição para aquele ser humano que não corresponde à hegemonia espacial que foi estabelecida.

Rose (1999) argumenta que o espaço performático estabelece ligações entre triunfos e derrotas, difusões e coesões dando condição para que essas relações aconteçam através daquilo que é discursivo, fantasiado e corporificado. Para Butler (2008), essas discussões entre corpos de heterossexuais e homossexuais vão produzir limites de existências, criando o certo e o errado, a

normalidade e anormalidade a partir de um '*outsider*' abjeto. São essas relações de poder que vão dar condições para a formação de espaços da opressão ao alívio na vivência espacial dos *gays*.

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas 'invisíveis', 'inabitáveis' da vida social que, todavia, estão densamente povoadas por aqueles que não gozam do estatuto de objeto, mas cuja vida sob o signo do 'inabitável' é necessário para circunscrever o domínio dos sujeitos. Esta zona de inabitabilidade constituirá o limite que define o terreno do sujeito (BUTLER, 2008, p. 19-20).

A partir dessas reflexões, reiteramos as discussões de Rose (1993), a qual propõe pensar o espaço paradoxal, em que o sujeito é visto enquanto vivendo uma multiplicidade de experiência e diferentes identidades, mas também posicionamentos nas relações sociais e consequentemente pelos espaços. Trabalhando especificamente com o feminismo, Rose (1993) aponta que a mediação da feminilidade por outras identidades sociais deve ser central para o feminismo e que isso pode ser melhor entendido a partir das diferenças que existem dentro das mulheres. Para a autora, o sujeito feminino passa a ser o local da diferença, abraçando-as para se desviar do masculino. Isso porque tanto as diferenças dentro do sujeito do feminismo quanto das possibilidades de sua autorrepresentação têm sido articuladas através de imagens espaciais.

Sua constituição por meio de diversas identidades é relacionada, na maioria das vezes, como uma 'política de localização', o que provoca o entendimento de que qualquer pessoa pode ser localizada dentro de matrizes materiais e discursivas de poder, de resistência e de subjetividade. Além disso, os detalhes complexos das relações de poder nas localizações também descrevem os locais e as diferenças de alguns sujeitos. Isso tem uma relação direta com as identidades que o indivíduo assume.

Então, Rose (1993) argumenta que o espaço é multidimensional, em um movimento contingente, mas também paradoxal, onde o espaço cartografado em um mapa exclusivamente bidimensional entre centro e margem, *insider* e *outsider* são ocupados simultaneamente. Portanto, a autora ressalta que as identidades são processos de desterritorialização e reterritorialização, confronto e aceitação, dispersão e fragmentação, como parte da construção de uma nova ordem mundial

que revela mais amplamente onde estamos, tornando cada *outsider* um prolongamento delas.

Assim, a relação entre distância e proximidade nem sempre estaria relacionada propriamente a 'distância métrica' e aponta que "essas noções de espaço, localização, lugar, posição, mapeamento e paisagem implicam radicalmente geometrias heterogêneas. Eles são vividos, experienciado e sentidos" (ROSE, 1993, p. 3). Ao relatar sobre sua experiência no espaço urbano e a relação opressiva pelo fato de ser mulher, a autora argumenta que a noite, sentimentos como o medo e o estrangulamento do seu direito em estar ali fazem com que o espaço passe a ser quase que um inimigo para ela, pois as vivências espaciais são experienciadas simultaneamente por várias identidades sociais, em que o espaço social não pode ser imaginado apenas pelo gênero.

Diríamos ainda nesse momento, que o espaço não por ser imaginado só pelo percebido e concebido, como aponta Soja (1999) mas também passa ser imaginado a partir do que é vivido e por múltiplas identidades. Essas reflexões surgiram a partir de diferentes configurações resultados de lutas e de resistências dos movimentos sociais. Assim, a compreensão do espaço social não passa a ser apenas vista em termos de um território sobre o gênero, mas de distintas identidades sociais que se articulam por uma plurilocalidade e pela multiplicidade de dimensões em que o sujeito depende também da geografia paradoxal, na qual as posições são imaginadas não apenas como localizadas por múltiplos espaços sociais, mas também em ambos os polos de cada dimensão, articulando a tensão em um sentido a eles.

Para Rose (1993), a ocupação simultânea de centro e margem pode criticar a autoridade do masculinismo no espaço e o espaço paradoxal proporciona tanto o reconhecimento das diferentes mulheres como a continuidade da luta por mudanças com as mulheres. Isso é evidenciado principalmente pelas feministas pós-estruturalistas, em que o sujeito posicionado, o feminismo radical essencialista e o separatismo físico são vistos como momentos de passagem e de grande relevância para o próprio feminismo, mas assim como uma política passou a não ser mais defensável. A alegação de que apenas a separação dos espaços das mulheres permite a recuperação da essência de uma identidade feminina é condenada como

um mero reflexo da importância das fronteiras para a subjetividade hegemônica e a causa de uma grande exclusão.

Portanto, sua reflexão evidencia que as mulheres não precisam necessariamente ser vítimas, mas que os espaços são especiais, parciais e muitas vezes estratégicos de forma que sua compreensão seja emancipatória e não limitada apenas na matriz *insider* e *outsider*. Assim, a relação centro e margem é constantemente variável, não somente de acordo com as relações sociais que organizam os espaços, mas também através dos movimentos das identidades.

Por exemplo, as relações de uma balada 'heterossexual' podem proporcionar uma marginalização de um sujeito *gay* e sua identidade homossexual. Entretanto, o mesmo sujeito *gay*, na mesma balada, pode estabelecer relações de margem com um outro *gay* que possua renda mais baixa ou ainda, sobre um mais velho que ele. Do mesmo modo, um sujeito *gay* pode usar de sua homossexualidade em uma balada LGBT como forma estratégica de centralidade nas relações sociais desse espaço.

Então, a relação centro e margem passa a ser relativa e instável, em que o sujeito utiliza de interesses e privilégios, movimentando estrategicamente suas identidades. Contudo, não queremos aqui generalizar que toda balada 'heterossexual' vai marginalizar e regular as práticas dos sujeitos *gays*, do mesmo modo que não estamos generalizando que todo homem *gay* utiliza de sua sexualidade apenas como uma estratégia de interesse ou ainda de sua renda para oprimir outros homens *gays*. Queremos apenas evidenciar que em um mesmo espaço pode haver diferentes configurações de relações de centro e margem e não apenas por um viés dualista entre as matrizes heterossexuais e homossexuais, *insider* e *outsider*.

Nesse sentido, Rose (1993) discute que os sujeitos não ficam posicionados apenas à margem, mas podem deslocar-se de acordo com diferentes contextos socioespaciais. De acordo com Soja (1999), esse movimento de deslocamento é resultado daquilo que é vivido, percebido e concebido pelo sujeito em diferentes espaços de sua vivência cotidiana e o espaço passa a ser de crucial importância para compreendermos o mundo e como somos orientados através dele, onde o

sujeito acaba utilizando de performances inter-relacionais. Porém, iremos aprofundar especificamente essas discussões no terceiro capítulo.

Assim, o espaço passa a ser uma colisão entre os discursos, fantasias e corporeidades, tornando altamente complexo e possivelmente contraditório (ROSE, 1999). Mesmo sabendo que Rose (1993, 1999) e Soja (1999) tem perspectivas diferentes, salientamos suas contribuições para a compreensão do fenômeno aqui estudado, pois como aponta Rose (1999), o espaço é um articulador, dando forma para as conquistas, derrotas, alianças, revoltas e investimentos entre aquilo que é discursivo, fantasiado e corporificado, sobretudo, aquilo que é vivido, experienciado e sentido. Portanto, as vivências desses sujeitos que aqui foram analisados envolvem tanto as reflexões de Soja (1999) quanto de Rose (1993 e 1999), pois ao evidenciarmos a complexidade da vivência espacial desses sujeitos, encontramos todos esses elementos difundidos em suas falas e em suas representações espaciais.

Mesmo compreendendo que Rose (pós-estruturalista) e Soja (estruturalista) tenham perspectivas diferentes em relação aos fenômenos, entendemos a partir das discussões de Feyerabend (1977), no livro *Contra o Método*, a ideia de que tudo vale. Contudo, o 'tudo vale' refere-se a reflexões muito mais complexas do que uma visão de que 'qualquer coisa vale'. Segundo o autor, ao fazermos uma pesquisa, quem demandaria a teoria seria a empiria e não ao contrário, em que a compreensão de uma ciência única ou um método monolítico são concepções ingênuas do ser humano e de sua circunstância social. Para o autor, esse 'tudo vale' é um princípio para ser defendido e desenvolvido em todos os estágios do desenvolvimento humano, no qual a teoria deve adequar-se aos fenômenos e aos seus resultados. Do mesmo modo, quando Browne, Lim e Brown propõe um pluralismo teórico saudável ou quando Morin (1982) argumenta sobre o conhecimento a partir de complexos e instáveis paradigmas e ainda Gomes (1996) quando discute que a ciência geográfica é uma ciência viva, aberta e plural.

Dessa maneira, analisamos também a relação entre o espaço e as sexualidades, segundo a proposição de Massey (2008), e observarmos que esses grupos de pessoas como os *gays* desenvolvem modos de incorporação pelo espaço e suas visões sociais de mundo, contribuindo para uma produção de estratégias de

gestão aos desafios que possam surgir pelos espaços, como os exemplos já citados dos guetos e dos bares *gays*. Quando o *gay* não assume ou quando assume sua sexualidade, ele está criando estratégias em relação a sua vivência espacial. Então, não assumir a sexualidade, como no espaço 'casa dos pais' ou assumir a sua sexualidade como no trabalho, pode ser uma estratégia que esses sujeitos desenvolvem para inibir tais ações ou ainda para posicionar-se, seja para tensionar a própria heteronormatividade ou pelo simples fato de mostrar sua existência. Essas discussões têm relação com aquilo que o sujeito assume enquanto sua identidade, discussões as quais abordaremos com maior profundidade no segundo capítulo dessa dissertação.

Pensar a homossexualidade é compreender como esses homens *gays* assumem sua identidade, seja ela individual ou mesmo socioespacial. Mas para que possamos compreender as identidades temos, primeiramente, que compreender o funcionamento de um mecanismo que vai desencadear toda uma organização de complexibilidades de entendimento corporal, social e espacial. Assim, o gênero passa a ser peça chave na compreensão das sexualidades, sobretudo, naquelas que se tornaram hegemônicas, passando a serem vistas como 'coerentes', 'normais' e que 'devem' ser seguidas. De posse desta argumentação, temos por objetivo na última seção deste capítulo entender o funcionamento desse mecanismo e sua função na produção e reprodução de práticas discursivas heteronormativas em diferentes espaços que compõem a vivência espacial cotidiana *gay*. Assim, o objetivo da última seção é de analisar como o funcionamento do gênero, este enquanto mecanismo, pode produzir ininteligibilidades sociais.

1.2 Ininteligibilidade Social e Gênero enquanto Mecanismo

Inicialmente, para compreendermos a relação das ininteligibilidades sociais e o gênero enquanto um mecanismo, evidenciamos as reflexões que Scott (1995) faz sobre o gênero. Este, além de ser entendido como uma categoria identitária, passou a ser também interpretado como uma ferramenta analítica na compreensão de relações sociais. Segundo a autora, o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais que foi baseado, inicialmente, nas diferenças entre os sexos. Indo

além dessa diferenciação, a autora argumenta que essa categoria implica em mais quatro elementos que devem ser pensados. Primeiro, os símbolos que culturalmente estão disponíveis e que evocam representações múltiplas. Segundo, os conceitos normativos que tentam limitar as diferentes possibilidades. Terceiro, a desconstrução de uma fixidez e da permanência dessa categoria analítica. E por último, o gênero também como uma identidade subjetiva.

Para Scott (1995), o gênero ainda vai apresentar-se como uma relação de poder, o qual não é apenas compreendido como uma categoria identitária, mas também como uma categoria útil de análise. Assim, temos por objetivo nesse subcapítulo analisar como o gênero passa a ser entendido também enquanto um mecanismo, e, a partir disso compreender como ocorrem as construções de ininteligibilidades sociais, como as relacionadas aos homens gays. Então, Scott (1995) chama nossa atenção já no início de seu livro para o uso gramatical do gênero, argumentando que mesmo este sendo 'explícito', ainda possuiria 'possibilidades inexploráveis'. Explícitas, segundo ela, por se tratar do uso formal que designa o masculino e o feminino; e cheia de possibilidades, uma vez que há uma variedade de idiomas indo-europeus que utilizam uma terceira categoria como 'o sexo indefinido ou neutro'.

Assim, o gênero é um elemento que constitui as relações sociais e que foi caracterizado, primeiramente, segundo distinções sexuais entre homens e mulheres (SCOTT, 1995). À medida que a autora afirma que o gênero passa a ser um indicativo das construções sociais, relata que há um crescimento também referente a estudos sobre sexo e sexualidades. Pois, os estudos inicialmente sobre gênero passaram a evidenciar maneiras de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos entre mulheres e homens, o que para a autora é a primeira forma de significarmos as relações de poder, tendo em vista que em seu histórico observamos ações de controle, marginalização e de invisibilização do 'outro', neste caso, das mulheres. Porém, Scott (1995) relata que mesmo que essa identificação do gênero pareça fixa e coerente é, na verdade, instável em que as identidades são 'subjetivas'.

Então, Scott (1995) discute que o gênero passa a ser compreendido como uma categoria de análise e também uma categoria produtiva nos contextos das análises históricas, e, poderíamos dizer aqui, geográficas. Para a autora, a palavra

'gênero' vem de um indicativo à rejeição ao determinismo biológico, bem como o uso dos termos de 'sexo' e 'distinções sexuais'. Portanto, a autora relata que se passa a utilizar da categoria gênero ao invés do uso da 'categoria mulher'. Butler (2003) também faz uma crítica interna ao feminismo, argumentando que a 'categoria mulher' presume uma única identidade feminina e uma estabilidade de visibilidade. Essa substituição é justificada, ao passo que a categoria gênero foge do determinismo biológico e passa a ser compreendida como uma construção social, tendo maior abrangência aos seres humanos (SILVA, 2009).

Ainda, Scott (1995) relata que o gênero ao longo do tempo foi utilizado meramente para fazer diferenciações entre pessoas a partir de suas formas sexuais. Para a autora, são recentes as análises sobre o gênero e que este passa a ser analisado pelas feministas, ao questionarem as organizações e relações que se estabelecem a partir do sexo. Pensar essa categoria e sua relação com a Geografia é compreender que historicamente ela começa a ser problematizada através dos movimentos sociais e nas Geografias Feministas. Durante sua trajetória acadêmica, esse subcampo da ciência geográfica vai ser caracterizado por três principais ondas de seu pensamento. A primeira onda corresponde ao final do século XIX e início do século XX, sobretudo, através do movimento social de mulheres. O movimento feminista fez com que mulheres fossem às ruas e invadissem os espaços urbanos na busca de igualdades e direitos civis, como também reivindicar novas formas de problematizar os grupos sociais marginalizados, dentro de um conhecimento científico hegemônico (SILVA, 2009).

Silva (2009), ao discutir sobre as ondas do feminismo, argumenta que por volta das décadas de 1960 e 1970, período caracterizado como a segunda onda, foi onde os principais objetivos dos movimentos feministas ocorreram efetivamente. Ou seja, enquanto a primeira onda do feminismo está preocupada em reivindicar os direitos civis igualitários entre homens e mulheres, a segunda onda busca construir igualdade entre homens e mulheres no âmbito acadêmico. Para a autora, isso acabou desafiando até então as filosofias, conceitos e metodologias que sustentavam e ainda sustentam uma hegemonia masculina dentro da Geografia. Através disso, a autora argumenta que se passa a questionar a existência de outras perspectivas em estudos geográficos relacionados às mulheres, mas também de

outras categorias identitárias como as sexualidades, as raças e as classes.

Assim, a terceira onda do feminismo é caracterizada por intensas modificações formadas no paradigma da incerteza, estas forjadas em um conhecimento científico parcial e provisório, sobretudo, na década de 1980. Além disso, evidencia-se que a categoria mulher passa a ser diferenciada do caráter biológico, ou seja, a diferenciação entre machos e fêmeas, como também se distancia da compreensão a partir de órgãos genitais. Isso revela que, por mais que tivessem boas intenções, os movimentos feministas de 60, 70 e 80 possuíam certas clivagens ou aberturas em suas discussões. Essas brechas foram causadas por um feminismo de visão única, que começa a ser preenchido ao longo de muitas críticas, vindo das diferentes mulheres existentes, como aponta Silva (2009):

As críticas das mulheres negras e das mulheres do Terceiro Mundo contribuíram para os debates epistemológicos que transformaram os modos de produzir conhecimento, por parte das feministas, as quais passaram a conceber a ciência como uma metanarrativa de um saber pretensamente neutro e universal, também em termos de raça e sexualidade (SILVA, 2009, p. 39).

Para Silva (2009), outras categorias como classe, raça e a própria sexualidade são de fundamental importância para essa compreensão das diferentes realidades que estavam surgindo. Então, essas categorias passam a tensionar o sistema dualista de se pensar o gênero, que por um tempo foi restrito apenas entre homens e mulheres e ainda com características de cor branca, heterossexual e de classe média. Para a autora, nós não somos aquilo que escolhemos, pelo contrário, somos aquilo que querem que sejamos e nossas escolhas acabam sendo constrangidas por um conjunto de normas e sanções pelas quais nós estamos cotidianamente perpassando.

Sobre isto, Scott (1995) vai falar de uma interpretação do gênero limitada. Não só quando pensamos os assuntos sobre gênero sendo apenas relacionados às mulheres, como também suas relações sociais estão exclusivamente nas esferas de experiências domésticas. Ainda, a autora argumenta que é através da linguagem que se desenvolve a identidade de gênero, tendo uma relação desde o nascimento da criança, mas também de sua diferenciação sexual e de sua própria identidade. Por meio de imposições de regras específicas ao seu gênero, diferenciamos essas pessoas entre femininas e masculinas, criando assim, ficções de masculinidades e

feminilidades nos seres humanos. Então, Butler (2003) argumenta que o gênero passa a ser um dos mecanismos que regula as práticas humanas. Para a autora, a compreensão que se tem a partir do gênero como um mecanismo, está, sobretudo, na ficção regulatória através da naturalização entre masculinidades e feminilidades. Resultado disso é a produção de identidades inteligíveis e ininteligíveis.

É através do funcionamento das práticas discursivas que o mecanismo de gênero continua regulando os corpos humanos. Com isso, acabamos reproduzindo um padrão a ser seguido, este por sua vez é considerado como correto, natural, legal e de ordem divina. Quando reproduzimos que a mulher é o 'sexo frágil' e detém a passividade, e que o homem é o sexo 'forte' e ativo nas relações sociais, estamos tanto alimentando a hierarquização do homem sobre a mulher quanto reforçando a bipolarização de um mundo onde só existiriam homens e mulheres heterossexuais, invisibilizando todos aqueles que são divergentes a esse mecanismo, como é o caso dos homens gays.

Ao pensarmos sobre as características masculinas, estas são construídas propositalmente superiores as das mulheres, ao passo que se desenvolve um mundo bipolar de compreensões identitárias. Criamos então, identidades fixas e padrões de comportamentos entre homens e mulheres, que são alimentados por práticas sociais incentivadas pelo funcionamento do mecanismo de gênero. Para Butler (2003, p. 38), a partir de uma "linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual" sustentamos as ficções de masculinidades e feminilidades em que a identidade de gênero passa a ser uma ordem normativa, criando pessoas coerentes e incoerentes.

Tais distinções são compreendidas, inicialmente, a partir dessas características que foram e são dadas pelas disparidades entre homens e mulheres. Produzimos então a bipolaridade, mas também sustentamos as características superiores e inferiores, certas e erradas entre homens e mulheres 'heterossexuais' para com os 'outros'. Assim, fortificamos cada vez mais uma heterossexualidade compulsória, a qual desenvolve padrões de comportamentos que culturalmente são construídos e reproduzidos em nossos cotidianos e por meio de diversos discursos como o biológico, o médico e o jurídico, e, ainda, diríamos o teológico monoteísta, a julgar pelo crescimento de práticas fundamentalistas cristãs, islâmicas e judaicas e

sua compreensão de um mundo bipolar (homem e mulher).

Segundo Butler (2004), esses discursos acabam desfazendo a própria pessoa, destruindo suas capacidades de ter uma vida sustentável, pois o gênero por si só não seria capaz de tal ação. Porém, seu funcionamento estaria ligado tanto através da normatização quanto na relação com um outro. Para que haja o funcionamento desse mecanismo deve-se ter a imbricação entre a linearidade (sexo, gênero, desejo e prática sexual), bem como a ação constante dos discursos normativos e as práticas sociais regulatórias, reforçando-o e alimentando-o em um processo duradouro de repetição.

Este processo não ocorre no vazio, mas sim através dos espaços que comumente vivenciamos. Isso faz com que nosso olhar geográfico se posicione no seu funcionamento, haja vista que os sujeitos eleitos dessa dissertação são diretamente ou indiretamente 'alvo' desse dispositivo. Com isso, pudemos construir uma representação para compreender a disposição dos elementos que instituem o funcionamento do mecanismo de gênero. Este se opera também a partir de relações de poder, criando ininteligibilidades sociais e corpos abjetos a partir de normatizações. Segundo Butler (2004), a norma se diferencia de lei e também de regras, operando-se dentro das práticas sociais em um processo intrínseco de normatização. Assim, o gênero passa a ser compreendido enquanto um mecanismo por naturalizar as noções de masculino e feminino, entretanto, o mesmo gênero pode ser capaz de desconstruí-las e desnaturalizá-las.

Segundo Butler (2004), as normas sociais que constituem nossa existência influenciam nossos desejos, que não se originam em nossa individualidade. Essa se torna uma questão complexa à medida que a nossa própria individualidade depende fundamentalmente das normas sociais que permitem que sejamos reconhecidos como humanos. Isso possibilita as diferenças entre o humano e o 'menos humano'. Assim, a autora argumenta que o humano concebe-se de forma diferente, dependendo de sua raça e a visibilidade dessa raça, de seu sexo e a verificação perceptiva dele. A partir da compreensão de um mundo bipolar e a existência de identidades de gênero inteligíveis e ininteligíveis, elaboramos pessoas menos humanas, que são todas aquelas que não seguem a norma binária entre homens e mulheres e nem a linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, como *gays*, *lésbicas*, *traves-*

tis, transexuais e assim por diante.

Portanto, as ininteligibilidades sociais são resultado de discursos que foram e são construídos através desse mundo binário como forma de inibir todo aquele que não siga as normas que foram estabelecidas socialmente. Os homens *gays* são como tantas outras pessoas 'ininteligíveis', por não seguirem tais padronizações, passando a ser vítimas de ações preconceituosas, discriminatórias e de marginalizações através dos diversos discursos, inclusive acadêmicos. O funcionamento do gênero enquanto um mecanismo e os discursos construídos a partir dele têm, por sua vez, nomeado o outro como errado, desviante, patológico e pecaminoso. Esses discursos se materializam em ação de violência, como é o caso do preconceito homofóbico.

Para Fernandes (2012), o conceito de 'homofobia' surge por volta de 1960, através do senso comum norte americano e pelos próprios sujeitos discriminados. Segundo o autor, é no campo da psicologia que nasce uma preocupação em teorizar uma personalidade homofóbica. Entretanto, mesmo sem êxito, o autor argumenta que alguns elementos que foram levantados nessas reflexões estão muito presentes nesse comportamento, como o medo, o ódio e a antipatia. A homofobia é entendida em nossa discussão enquanto um elemento que é inserido em nossas relações sociais, sendo um dos efeitos desse mecanismo e que tem por objetivo hostilizar todos aqueles que se identifiquem enquanto homossexuais. Ainda, a homofobia é vista como uma forma de regular e inibir essas identidades subversivas, impossibilitando que sejam reconhecidas e/ou valorizadas (BORRILLO, 2010).

Se não houvesse a existência de compreensão de mundo a partir da bipolaridade, nem a construção de um mecanismo com seus discursos regulatórios, *gays* e todos aqueles que são marginalizados seriam compreendidos apenas como seres humanos e igualmente respeitados, pelo menos no que se refere ao gênero e às sexualidades.

Para Scott (1995), o princípio da masculinidade é baseado na opressão do feminino e as potencialidades da bissexualidade dos sujeitos acabam sendo reprimidas por essas oposições. Indo além, poderíamos dizer que o princípio de uma heterossexualidade compulsória está baseado na regulação de outras práticas sexuais, como a homossexualidade. Assim, a autora propõe a rejeição do caráter fixo e per-

manente da oposição binária, como também uma desconstrução autêntica dos termos da diferenciação sexual. Para Butler (2003), o gênero transcende essas bipolaridades da relação entre homens e mulheres, pois estas não contemplam todas as formas existentes dos seres humanos. Contudo, a autora não refuta a importância de tais análises sobre homens e mulheres, mas evidencia que há uma pluralidade que constitui o gênero e a existência de ambiguidades para esse mundo bipolar.

Essas ambiguidades são todos aqueles que não seguem a norma heteronormativa, como é o caso de *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, etc. Em uma perspectiva desconstrucionista sobre o gênero, Butler (2003) ressalta que ele pode servir como ferramenta da desnaturalização dessas mesmas masculinidades e feminilidades, tornando-as identidades de gênero instáveis, fluídas e em permanente transformação. Analisar o mecanismo de gênero é entendê-lo muito além de uma categoria analítica dualista, assim como a identidade *gay* não se refere apenas a gênero, muito menos sobre dualismos entre homem e mulher, heterossexuais e homossexuais.

Como observamos anteriormente, as sexualidades também passam a ser peça fundamental na compreensão desse mecanismo, sendo uma das possibilidades de se analisar as identidades plurais existentes, bem como as relações sociais e consequentemente espaciais que se estabelecem a partir delas. Se pensarmos apenas nessa categoria, ainda assim haveria múltiplas possibilidades, visto as quantidades de ambiguidades existentes nos seres humanos. Porém, nossa intenção para essa seção é realizar discussões sobre o gênero para então compreendê-lo enquanto um mecanismo que regula as práticas humanas, como as pessoas que aqui foram analisadas. São estes que vão ditar normas, regulações e coerências com o propósito de uma universalidade e da fixação sobre as sexualidades e os comportamentos das pessoas.

Foucault (1988) argumenta que a sexualidade vem sendo censurada e reprimida há cerca de dois séculos. Contudo, é através das características de uma sociedade moderna que o sexo é provocado a se manifestar desde o século XVI, com mais intensidade no século XVII, por diferentes instituições e saberes. Para Butler (2008), o sexo faz parte de práticas reguladoras construindo corpos que ele mesmo produziria e isso se daria através de um 'poder produtivo', ou seja, aquele que de-

marca, diferencia, circunscreve o corpo que controla. Portanto, o sexo se torna um ideal regulatório assim como o gênero, ideais estes que são materializados segundo práticas discursivas.

Esse mecanismo faz com que as práticas sociais reafirmem e reforcem a construção das identidades de gênero inteligíveis e dualistas, tornando os seres humanos sempre convergentes à norma binária. Essa fixação de padrões nas relações humanas separam todos aqueles que não se encaixam a essas configurações produzidas. Ou seja, esses sujeitos 'divergentes' são deslocados em diferentes posições espaciais, como centro e margem, visto nas discussões de Rose (1999) e ainda, reorganizados nas relações sociais através da hierarquização e de relações de poder uns sobre os outros. Com isso, criamos as identidades de gênero 'coerentes' e 'incoerentes' e reforçando o certo e o errado.

Seu funcionamento fortalece uma heterossexualidade hegemônica que nomeia o 'outro' como desviante destes termos, resultando em uma construção de sujeitos voltados às normas e valores estabelecidos como 'padrão', mantidos como regra e alimentados por diferentes espaços, como a casa, o trabalho, a igreja e a universidade. Neste sentido, Rich (2010) argumenta que a heterossexualidade compulsória é a forma de 'apagar' as outras sexualidades de vários contextos e que isso é visto até hoje. A heterossexualidade passa a ser vista como uma instituição poderosa, de modo a arrastar todos aqueles sujeitos não lineares para a margem das relações sociais, invisibilizando-os.

Essa invisibilização é discutida por Butler (2008) quando fala da classificação dos corpos a partir de objetos e abjetos e ilustrada na figura 2. Para a autora, há uma necessidade dessa classificação, pois para considerar o errado, o pecaminoso, o incoerente e o abjeto, deve existir o 'certo', o 'divino', o 'coerente' e o 'objeto'. Portanto, para existir e valorizar o heterossexual deve-se classificar e menosprezar o homossexual. Esta relação não se coloca como mera oposição, mas de acordo com as relações de poder que se estabelecem entre os indivíduos e em diferentes espaços.

De acordo com os contextos sociais e espaciais que vivenciamos, a inexistência do 'outro' é a forma de inferiorizá-lo nessas relações, bem como promover a hierarquização entre os sujeitos. Para Foucault (1988), esse controle

dos corpos e como somos controlados têm muita relação com o Estado, o Biopoder e as Biopolíticas, que são práticas sociais introduzidas justamente para manusear essa ação sob os seres humanos. Contudo, esse controle não seria de cima para baixo, pensando no 'Estado' como uma mega estrutura, mas de baixo para cima. Ou seja, o Estado por si só não é capaz de pleitear tais ações, mas é uma ferramenta que determinadas relações sociais se apropriam para que tais relações de poder aconteçam.

O Estado é uma das formas pelas quais esse poder de controle funciona. Outras formas de poder e de controle do indivíduo estão nas discussões foucaultianas sobre o biopoder e as biopolíticas. Foucault (1988) vai discutir que o biopoder é a forma pela qual a atividade do Estado ou atividade política promove uma ação sobre a vida (biológica) dos indivíduos, entre intervenções e controles sobre uma única vida ou de populações inteiras, e as biopolíticas teriam como papel principal a disciplinaridade dos indivíduos, por meio de diversas instituições ou agentes.

As biopolíticas e consequentemente o biopoder são constituídas e constituintes dos próprios seres humanos. Para que isso ocorra, os seres humanos devem tornar-se indivíduos. Segundo Foucault (1988), ser um indivíduo pressupõe ser reconhecido pelo Estado e poderíamos dizer aqui pelos mecanismos (biopoder, gênero). Esses grandes mecanismos de poder vão promover ações nas quais haverá uma espécie de 'licença' para agressões, invisibilidades e mortes dos corpos entendidos como 'abjetos'. Quando Foucault (1988) argumenta que os seres humanos não nasceram indivíduos, mas são controlados a ser, isto quer dizer que esses indivíduos perpassam por certas construções sociais, culturais e fundamentalmente políticas. São essas políticas e os discursos (médico, jurídico, biológico e teológico monoteísta) que vão dar condições ao funcionamento desses mecanismos, caracterizando e configurando os seres humanos.

Assim, identificamos tais ações em simples legalidades como em um documento, o reconhecimento de um casamento civil e vários outros 'direitos' que vão ser atribuídos para aqueles que são reconhecidos como 'corpos objetos', estes são aqueles que existem e que 'devem existir' (BUTLER, 2008). Em contrapartida, aqueles seres humanos 'abjetos' vindos paralelamente de uma matriz construída

culturalmente de uma identidade de gênero ininteligível, como os *gays*, são compreendidos como aqueles que suas identidades 'não podem existir'.

Para Butler (2008), esses seres humanos não são nem considerados o 'outro', porque o outro pressupõe ser nomeado. Indo além, a autora argumenta que esses sujeitos não são nem nomeados, não correspondem e nem fazem sentido para esse mecanismo cultural que é o gênero. Então, tampouco são pensados ou compreendidos, são assim ininteligibilidades sociais. Então, para que sejamos 'considerados' inteligíveis devemos ser submetidos a controles e adestramentos em nossos comportamentos desde o nosso nascimento, visto também sobre as normas de gênero. Além disso, uma das estratégias para que as identidades de gênero se tornem possibilidades existenciais está relacionada ao respeito a homonormatividade e a heteronormatividade.

Assim, a elaboração de um mecanismo de gênero enquanto uma relação de poder tem princípios que extrapolam a própria conexão com o gênero, pois o objetivo de hierarquização entre seres humanos e as relações de poder atingem outros critérios como a heterossexualidade compulsória, a racialidade branca e a classe social burguês. Então, Foucault (1993) argumenta que o poder por si só não funcionaria ou não existiria, mas é através das relações de poder e de ações entre 'indivíduos sobre indivíduos' que ele articula-se, não sendo estas compreendidas como formas estáticas ou imóveis. Sabe-se que nas relações de poder há uma predominância de determinados grupos sobre outros. Portanto, alguns espaços da vivência *gay* acabam sendo hegemonicamente construídos a partir de supremacias de dominações entre classes, gêneros, raças e das próprias sexualidades. Estas ao se instalarem nas práticas sociais e consequentemente pelos espaços causam grandes desconfortos a todas as pessoas que aqui denominamos como ininteligibilidades sociais, e isso se dá em diversas instâncias, como na própria Geografia.

Como aponta Silva (2009), a Geografia produzida por nós geógrafos é engendrada por relações de poder, assim como o conhecimento científico. A autora argumenta que a Geografia não só reproduz como cria essas relações, produzindo ausências e silêncios de determinados sujeitos nos discursos científicos geográficos. O não reconhecimento desses sujeitos passa a ser visto em diferentes espaços

cotidianos e de convívio social, como a universidade, a igreja, o *shopping* e até mesmo a casa dos pais.

De acordo com as identidades que assumimos, espaços como esses podem se tornar de opressão ou até interditos, à medida que negam, marginalizam e não reconhecem esses sujeitos. Para Silva (2013), o espaço interdito é definido enquanto resultado de práticas regulatórias desempenhadas por aqueles que se avaliam dentro da ordem, deliberando quem deve ou não ser excluído, estando em todos os lugares e naturalmente aceito por aqueles que o constituem. O espaço interdito só é perceptível quando existe a possibilidade de corromper suas normas, demarcando seus limites espaciais. Ao vivenciar diferentes espaços de seu cotidiano e por não corresponder a normas e discursos, os *gays* passam a ser oprimidos pelas relações sociais que os constituem. Em contrapartida, os *gays*, por sua vez, tentam tencioná-los através de seus corpos, seus comportamentos, suas linguagens e tantas outras formas que possam caracterizar 'identidades *gays*'. Ao fazerem isso, esses sujeitos vivenciam espaços de opressão e alívio, tensionando as estruturas de identidades fixas, coerentes e inteligíveis.

Portanto, o segundo capítulo irá abordar o conceito de identidade e como esse conceito auxiliou para uma nova perspectiva que é a interseccionalidade. Esse nos auxilia na compreensão em trabalhar com diferentes categorias identitárias, ao mesmo tempo em que observamos que as identidades *gays* não são constituídas apenas por suas homossexualidades. Logo, para analisar seus espaços de opressão e alívio, temos que compreender e ir além de um único critério de análise, que são as suas orientações sexuais.

Como podemos observar, as categorias identitárias como o gênero não são fixas, mas fluídas e em constante movimento. Assim, a partir das experiências do cotidiano desses homens *gays*, podemos compreender como seus espaços compõem suas vidas entre situações de opressão e alívio. No que se refere à interseccionalidade. Além da base conceitual, iremos trabalhar a partir de uma ferramenta metodológica que é o *Relief Maps*, criado por Maria Rodó-de-Zárate (2013).

O *Relief Maps* pode auxiliar na compreensão da complexidade de se trabalhar com a perspectiva da interseccionalidade, proporcionando-nos a

observação desses movimentos das categorias identitárias, através dos espaços que os sujeitos vivenciam, bem como no auxílio de suas análises. Sendo assim, o *Relief Maps* passa a ser uma ferramenta metodológica na compreensão interseccional da vivência espacial de *gays* e ainda, uma nova possibilidade de discussão para os subcampos da Geografia brasileira e anglófona.

CAPÍTULO II

IDENTIDADES INTERSECCIONAIS E O COTIDIANO DOS SUJEITOS INVESTIGADOS

Este capítulo tem por objetivo fazer uma discussão sobre os conceitos de identidade e de interseccionalidade, evidenciando como eles podem contribuir para a análise das experiências espaciais cotidianas de homens *gays* na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Além das discussões teóricas sobre esses conceitos, que estão na primeira seção desse capítulo, apresentamos os primeiros resultados da pesquisa com os *Relief Maps* individuais dos oito sujeitos. Esse momento de discussão está presente na segunda seção deste capítulo, onde se evidencia as experiências dos homens *gays*, assim como os mapas que foram construídos por eles.

A partir desses primeiros resultados e de constatarmos semelhanças sobre as experiências desses sujeitos, foram surgindo questionamentos ao longo do processo construtivo dos *Relief Maps* individuais, tais como de que forma poderíamos fazer uma análise simultânea dos oito entrevistados. Tal questionamento fez com que nós começássemos a pensar sobre os mapas coletivos e de experiências compartilhadas por uma ou mais identidades. Contudo, cabe ressaltar que essa discussão bem como a apresentação de seus resultados será realizada no último capítulo dessa dissertação.

2.1 Interseccionalidades e Vivências Espaciais

Para compreendermos como a interseccionalidade permeia a vida cotidiana e as vivências espaciais dos homens *gays* nessa pesquisa, temos que inicialmente rever um outro conceito, o de identidade, pois entendemos que as discussões que são realizadas sobre a interseccionalidade também se relacionam com as das identidades. Assim, iniciamos este subcapítulo com reflexões sobre o conceito de identidade e como esse conceito nos auxilia na compreensão das interseccionalidades e em nossa questão central, de como os espaços compõem a vivência cotidiana de homens *gays* na cidade de Ponta Grossa, Paraná.

Ao compreendermos o conceito de identidade, este é inicialmente entendido a partir das diferenciações e significações que fazemos entre nós mesmos. Castells (1999, p. 22) argumenta que "a identidade por ser entendida como a construção de significados com base em atributos culturais ou ainda, conjuntos de atributos inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras formas de significado"¹⁰. Esse indivíduo pode ter múltiplas identidades, estas que são o resultado de contradições e tensionamentos tanto da sua autorrepresentatividade quanto de sua ação social. Isso porque se deve distinguir a identidade dos papéis, e, entendemos nesse momento que os papéis se relacionam através da ação social e o que se espera sobre determinadas identidades. Assim, enquanto a autorrepresentatividade estaria ligada a nossa identidade, a ação social estaria conectada aos papéis que praticamos em sociedade.

Segundo Castells (1999), os papéis são como normas institucionalizadas e organizadas pela sociedade que são negociadas mediante as institucionalizações e as organizações, isso também estabelece uma relação naquilo que Mayol (1996) argumenta sobre a ideia de conveniência, ou seja, como as pessoas devem se comportar e qual o benefício retirado do respeito às normas. Já as identidades estariam relacionadas à constituição dos significados por meio de um processo de individualização, mesmo que a formação da identidade possa ser construída também por instituições dominantes, isso só ocorre ao passo que há uma internalização dos seus significados, como também das diferenças.

Assim, as identidades passam a constituir mais significados do que os papéis, pois enquanto as identidades organizam os significados, os papéis delegariam suas funções (CASTELLS, 1999). Também Sánchez (2006) argumenta sobre a desarticulação do processo de identidades que foram incididas por principais características de algumas categorias básicas e ainda, aponta para uma análise crítica sobre essa formação. Segundo a autora, a luta da formação identitária está contra as formas de dominação (materiais e ideológicas), onde seria indispensável uma política de agência. Esta é entendida como aquela que promove ações políticas dentro dos vários domínios da sociedade.

Ainda, Sánchez (2006) aponta que uma das principais preocupações é a

¹⁰ Para Castells (1999, p. 23), "significado é a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator".

exploração dos papéis de uma identidade; estar no poder, jogar com gerações de agências, espaços críticos de resistência, contestar formações hegemônicas, definindo a realidade. No entanto, a autora discute que isso também pode implicar outros aspectos, como a busca de sinais comuns nas identidades 'diferentes'. Nesse sentido, pode servir para unir indivíduos ou coletivos tanto por interesses comuns, a fim de produzir alianças, quanto de solidariedade para lutas sociais.

Segundo a autora, a identidade passa a ser entendida enquanto um processo moldado por forças políticas, econômicas e culturais. Essas forças, embora, muitas vezes, em segundo plano ou omitidas, passam a ter o trabalho de posicionar determinadas classes estruturais (toma-se nesse momento que classe não se refere apenas a classe social ou de renda). Isso vai além, pois como aponta a autora, o próprio posicionamento também pode ser dito como aquele que é uma localização. Esta localização, por sua vez, também não é entendida como um ponto fixo de demarcação, mas como posição social e de identidades distintas.

Assim, o próprio "posicionamento é localização dentro de um conjunto de estruturas econômicas, políticas e culturais" (SÁNCHEZ, 2006, p. 35). Então, a classe não pode ser o único posicionamento, mas sim pode situar-se também dentro do gênero, interconectando e inter-relacionando-se com outras estruturas como raciais/étnicas, sexuais e demais identidades sociais, bem como, possibilita ao sujeito uma rede de relações sociais que ligam várias outras estruturas. Portanto, isso tem haver com a ideia da diferenciação entre o nós e os outros.

Moita Lopes (2002) argumenta que a presença do outro, aquele que esteja engajado através do discurso oral ou escrito, molda o que dizemos e o que o 'outro' significa para nós. Nesse sentido, os processos discursivos acabam construindo certas identidades que passam a ter voz na sociedade, ainda assim essas são cabíveis de transformações no tempo e em espaços diferentes. Dessa forma, a escolha de múltiplas identidades não depende apenas de nossas escolhas ou nossas vontades particulares, mas é fruto também de práticas discursivas impregnadas de poder através dos outros. Embora possamos resistir a elas, as identidades são construídas no discurso, onde não estaria necessariamente no indivíduo, mas emergem da interação dos indivíduos e de suas práticas discursivas particulares, estas que estão posicionadas (MOITA LOPES, 2002).

Sobre essa ótica, Sánchez (2006) faz uma reflexão a respeito da importância da diferenciação dos termos identificação e identidade. Diferentemente do posicionamento que é extradiscursivo e que embora seja discursivamente mediado, a identificação passa a ser "um processo relacional e discursivo que sempre está ligado a um grupo ou coletivo contido dentro de um espaço social" (SÁNCHEZ, 2006, p. 40). Para a autora, esse espaço é um produto de localização espacial, onde o processo de distribuição social é que proporciona à condição para uma identificação em agrupamentos distintos. Então, o processo de identificação seria relacional e não individual, ou seja, esse processo sempre designa aos indivíduos parte de um todo em que o processo de posicionamento socioespacial passa a ser estrutural, oportunizando a origem dos discursos de identificação.

Dessa forma, o próprio processo de identificação passa a pressupor relações de sensibilidade entre posicionamentos socioespaciais, isso quer dizer que necessariamente você não precisa ter certa identidade para ser a favor de uma causa ou identificar-se com ela. Segundo Sánchez (2006), identificação não se refere apenas a uma denominação de tipos de grupo, mas também organiza as identificações que são simultâneas entre determinados espaços sociais, onde seus atores podem ocasionar a não identificação ou a 'desidentificação'. Por isso, a identificação passa a ser parcial e de fluxo, mas "isso não quer dizer que algumas identificações são mais, se não dominantes, que outras" (SÁNCHEZ, 2006, p. 40).

Nesse sentido, as argumentações de Tilio (2009) sobre a diferenciação entre a identidade social e a identidade cultural também passam a ser relevantes. Segundo o autor, os conceitos de cultura de identidade são tanto interacionais quanto socioconstrucionistas e plurais. Isso porque, em alguns momentos, parecem se confundir, uma vez que as mesmas categorias que definem a cultura também têm definido as identidades (classe social, idade, raça, profissão, gênero, sexualidade, origem, etc.).

Porém, o autor argumenta que fazer parte de uma cultura particular não significa que você a tenha automaticamente, pois certos traços culturais fazem parte de uma identidade, mas nem toda identidade tem todos os aspectos de uma cultura, no seu sentido totalizante. Assim, enquanto a identidade social passa a identificar um grupo, a identidade cultural passa a ser um componente que compõe essa

identidade social. Portanto, Tilio (2009, p. 116) afirma que "Diferentes identidades culturais de diferentes culturas são absorvidas por um indivíduo e tornam-se partes de suas identidades sociais".

As reflexões iniciais dos autores são importantes na medida em que resgatamos as significações que foram e são feitas culturalmente sobre determinadas identidades como a dos homens *gays*. Essa identidade, mesmo entendia atualmente como multifacetada, vem sendo oprimida desde quando há uma significação como uma identidade desviante ou anormal. Foucault (1988), ao discutir as repressões sexuais que se estabeleceram sobre a sexualidade na sociedade ocidental, argumenta que estas tiveram início desde o século XVII. Segundo o autor, o homossexual passa a ser enquanto categoria identitária a partir de 1870 pelo artigo de Carl Westphal com o título 'Sensações sexuais contrárias', pois anterior a essa data, não existia aquilo que se denomina enquanto homossexual substantivado. Contudo, após 1870, o sujeito homossexual não era alguém que havia feito algo, mas sim era algo. Como podemos constatar nas discussões do autor:

Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos. A sodomia — a dos antigos direitos civil ou canônico — era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular. É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada — o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as "sensações sexuais contrárias" pode servir de data natalícia — menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1988, p. 42-43).

Corroborando com as discussões de Foucault, Louro (2009) aponta que é no final do século XIX que se inicia a formulação de uma definição para a sexualidade, entre 1860 e 1870, quando esta passa a ser indagada, sobretudo, a partir de

questionamentos realizados por homens vitorianos¹¹, estes que criavam e criam verdades. Ao revermos a história e analisarmos quem ditava as 'verdades', entendemos que não é de se estranhar o porquê das significações serem feitas sobre uma sexualidade 'desviante' e que fossem consideradas negativas, pois tudo que era diferente era estranho e anormal.

Para a autora, é nesse contexto do final do século XIX que surge a homossexualidade e o sujeito homossexual, ressaltando que não é que não existiam pessoas homossexuais ou relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo, mas que essas relações não eram compreendidas ou nomeadas como homossexualidade. Elas eram significadas como outra coisa, como por exemplo, o pecado. Isso contribui para aquilo que Foucault (1988) já havia apontado enquanto um marco da diferenciação sobre um sujeito homossexual, este relacionado às discussões de Carl Westphal (1870).

Entretanto, é a partir da definição de um sujeito homossexual que suas significações passaram a ter outro sentido, este vai indicar uma outra forma de significar as pessoas, um novo perfil de ser humano ou ainda, uma nova identidade. "Portanto, estabeleciam-se hierarquias que marcavam os diferentes tipos de sujeitos e também marcavam tipos de práticas sexuais" (LOURO, 2009, p. 30).

Para Woodward (2000, p.9) "a identidade é marcada pela diferença". Ao apontarmos a 'diferença', ofuscamos quaisquer semelhanças entre os sujeitos, havendo uma negação do outro e os significados que atribuímos para aqueles que não sejam vistos e compreendidos como 'iguais', tornam-se preconceitos e pré-julgamentos. Para a autora, as identidades são, então, compreendidas como uma constituição de marcações feita sobre as diferenças entre as pessoas e, em sua maioria, sustentada pela exclusão. Culturalmente essa diferença vai estabelecer fronteiras que são resultado das distinções entre as pessoas. Esse processo é fundamental para compreender as identidades. À medida que trazemos suas reflexões, compreendemos que para existir uma identidade da 'heterossexualidade', deve existir uma outra que signifique 'diferente', nesse caso, a homossexualidade, estabelecendo outra relação de marcação que é a simbólica.

Nesse sentido, Woodward (2000) afirma que uma marcação simbólica

¹¹ Segundo Louro (2009, p.30), "Lembrando, pois, os falantes autorizados daquela época foram homens vitorianos (médicos, pensadores, moralistas)".

refere-se às associações entre a identidade das pessoas e o que elas usam. Assim, quando simbolizamos que meninos devem usar calças e meninas devem usar vestidos, criamos marcações identitárias que são cotidianamente inseridas em nossas identidades e isso nos faz recordar sobre o mecanismo gênero. Portanto, mesmo que haja discussões sobre a desconstrução do gênero, ainda usamos de diferenças biológicas para construirmos nossas delimitações grupais, diferenciando-as e significando-as como as identidades de meninos e identidades de meninas. Logo, fazemos marcações e damos significados para aquelas identidades de tal forma que, aquele que teria a 'identidade menino' jamais poderia usar vestidos, pois meninos não 'devem' usar essa roupa que foi construída para meninas. Para Woodward (2000), algumas diferenças têm maior importância em determinados momentos e lugares, por exemplo, uma nacionalidade periférica e outra central, ainda um casal heterossexual e um casal homossexual.

Ao marcamos as diferenças, estamos criando relações de poder que não são entendidas como inconscientes, pelo contrário, têm em seus objetivos a exclusão daqueles que não se enquadram em tais marcações e significações. Silva (2000) vai argumentar que as identidades e suas diferenças não são tão castas assim, mas pelas quais as relações de poder se estabelecem entre várias diferenciações, dentre elas destaca-se a própria linguagem. Portanto, identidades determinantes são construídas também de variações linguísticas que são, muitas vezes, impostas e tidas como superiores.

A exemplo disso, temos a existência de um mundo anglófono separando as Geografias, como visto no primeiro capítulo dessa dissertação. Segundo Silva (2000), as anormalidades insurgentes de uma determinada identidade estariam relacionadas a uma marcação negativa. Estas podem ser compreendidas a partir de outras formas de sexualidades que não sejam heterossexuais. Ao questionarem certas identidades que se tornaram hegemônicas, a partir de marcações, significações e diferenças, elementos como a miscigenação e as próprias identidades *gays*, tensionam uma lógica de normalização, introduzindo justamente uma pluralidade.

Além de a identidade ser marcada pela diferença e pela simbologia, Woodward (2000) argumenta que ela é marcada também pelo social e pelo seu

caráter histórico. Como em um constante processo, a identidade é interferida por várias práticas discursivas que constituem um mesmo indivíduo. Este se torna fragmentado por diferentes identidades. Assim, criam-se embates internos no indivíduo que devem ser constantemente negociáveis, transformando sua própria relação social. Para a autora, o surgimento de uma 'crise de identidade' nasce justamente através do processo de globalização, ao impactar-se com as culturas e identidades locais.

Esse processo sugere a adequação de identidades preexistentes, de forma a centralizar e naturalizar certos comportamentos nos seres humanos. Para Hall (2011) há três possíveis consequências da ação da globalização nas identidades. Primeiro, as identidades nacionais estão se fragmentando, resultado do crescimento dessa homogeneização na cultura pós-moderna ocidental. Segundo, tanto as identidades nacionais quanto as locais acabam criando resistência à globalização e em terceiro, as identidades nacionais estão em ruínas e há o surgimento de outras identidades.

Hall (2000) argumenta que essas identidades pré-estabelecidas coagem sobre os indivíduos. Mesmo que inconscientemente, assumir posições ou identidades pode ter relação a partir da cultura que a determina, como também as instituições e as ideologias empregadas em nossos cotidianos. Para o autor, a identidade é apoiada por fantasias, ilusões e por aquilo que nos falta. Contudo, no que se refere a uma disciplinaridade dos seres humanos, estas estão baseadas nas obras foucaultianas¹². Hall (2000) discute que podem ter outra relação além da subordinação, questionando-se quais razões levam os indivíduos a se sujeitarem às disciplinaridades. Para o autor, essas relações que se estabelecem acerca de uma identidade determinante têm haver com que a exclui e quem é excluído, haja vista que as identidades de um sujeito homossexual foram ao longo dos anos excluídas e quem as excluiu foram majoritariamente homens brancos, heterossexuais e de classe média.

Assim, Hall (2011) argumenta que enquanto na modernidade¹³ o sujeito é compreendido como unificado, a 'crise de identidade' passa a ser vista como um

¹² Segundo Foucault (1988), as disciplinas são técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição dos corpos e o controle das populações.

¹³ Segundo Foucault (1988), a modernidade é um processo de individuação e de totalização na qual, há uma fabricação do indivíduo para o indivíduo, ou seja, ele se torna indivíduo e não nasce um.

processo mais amplo de mudanças, abalando significativamente as estruturas e os processos centrais de uma sociedade moderna. Isso faz com que haja uma alteração das bases que davam aos indivíduos certas estabilidades no mundo social, havendo uma descentralização dessa identidade moderna. Castro-Gómez (2005) também argumenta que a modernidade é um maquinário no qual gera alteridades fundamentadas na razão e no humanismo.

Contudo, exclui de seu imaginário a multiplicidade de vidas reais. Existe então uma mudança estrutural nas sociedades modernas, sobretudo, no final do século XX. Tais mudanças fragmentaram as classes, os gêneros, as sexualidades, as etnias, as raças e as nacionalidades, estas anteriormente vistas e compreendidas como enraizadas nos indivíduos, passam a alterar-se. As próprias identidades e a ideia de que somos integrados passa a ser transformada. Segundo Hall (2011), esse desfazer de nós mesmos é chamado de 'deslocamento' ou 'descentração' do indivíduo, em um processo duplo de 'deslocamentos' entre o seu lugar social e de si mesmo, subsidiando uma crise de identidade.

Hall (2011) vai discutir que há três concepções desenvolvidas sobre a identidade e que são caracterizadas, pelo menos, por três sujeitos: o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo é aquele sujeito que tem uma identidade individualista, o qual possuiria certa centralidade unificada e que sua capacidade de razão e de absorção de mundo estaria enraizada no seu interior. O sujeito sociológico é caracterizado como uma identidade interacionista, resultado da complexidade do mundo moderno¹⁴ e que possui um núcleo interior que corresponderia ao resultado de suas várias vivências. Entretanto, este sujeito não seria totalmente autônomo no seu pensar e na sua própria identidade, mas envolvido com o 'outro' através de suas vivências sociais e culturais, entre o 'eu' e a sociedade. Estas relações acabam se enraizando e sendo parte de nós.

Pensar os sujeitos homens *gays* e suas vivências espaciais cotidianas é analisar também que muitos destes não assumem suas identidades *gays*. Ao analisar as entrevistas, constatamos que assumir 'uma identidade *gay*' tem muito

¹⁴ Para Hall (2011, p.15), "as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Está é a principal distinção entre as sociedades tradicionais e as modernas".

haver, primeiramente, com a própria aceitação e tornar pública essa identidade, pois muitos *gays* até se aceitam enquanto *gays*, mas não tornam pública essa identidade. Entendemos que essas preocupações se dão a partir das relações sociais cotidianas que são vivenciadas por esses sujeitos, como também por relações de poder que se estabelecem sobre as identidades *gays*.

Ao construirmos diferenças entre identidades '*gays*' e identidades '*não gays*', criamos relações de poder entre elas. Portanto, quando os *gays* não assumem suas identidades, isso pode ter relação com as opressões que eles experimentaram através de suas relações sociais. Assim, criamos a metáfora que aquele sujeito vive '*dentro do armário*'.

A relação '*estar no armário ou sair dele*', vai muito além de assumir ou não assumir identidades *gays* ou ainda, a própria homossexualidade. As vivências e experiências que o sujeito *gay* carrega ao longo de sua vida são muito variáveis, assim como suas identidades. Dentre essas variações, podemos analisar espaços que foram e são de opressões e/ou de alívio em suas vivências. Contudo, no que se refere a '*identidade gay*', esta não pode ser vista apenas por um viés ou por uma única categoria identitária, como a sexualidade. Esta categoria, como tantas outras, são possibilidades que compõem a pluralidade de uma constituição identitária *gay*.

Assim, as identidades *gays* não são vistas como únicas e fixas, mas em constante transformação nas mais diversas possibilidades de vivências cotidianas *gays* e nas significações que fazemos sobre ela. As significações são feitas tanto por pessoas heterossexuais quanto pelas pessoas *queer*. Isso nos remete a outras discussões que são feitas sobre as identidades *queers*, essas são entendidas como aquelas que permeiam tanto identidades masculinas quanto femininas, sendo constantemente maleáveis.

Segundo Chidiac e Oltramari (2004), sujeitos como as *drags queens* têm manifestado o jogo das identidades *queers*, utilizando-se de ambos os gêneros que se inter-relacionam mutuamente. Para os autores, a identidade *queer* passa a ser um fenômeno mutável, performático e dialético, em que as formas caricatas de uma personagem *drag* podem expressar um '*novo feminino*'. Então, identidades *queers* podem ser formas de "*explícita alternância de identidades*, apropriando-se de características femininas e masculinas, realizando um dinamismo a configuração de

identidades de gênero de uma forma *queer*" (CHIDIAC e OLTRAMARI, 2004, p. 475).

Ao demarcamos e nomearmos pessoas a partir de um sublinhado entre as diferenças heterossexuais e homossexuais, ainda assim construímos múltiplas identidades, haja vista que nas identidades *gays* existem uma pluralidade muito extensa, a partir de vários vieses de categorias identitárias, significações e marcações. Dentre elas, destacamos algumas como os ursos, os *barbies*, os *hipsters*, os enrustidos, os *poc poc*, as finas, as *fashionistas*, os ativistas, entre outras¹⁵.

Contudo, essas identidades também não são compreendidas como exclusivas e imobilizadas, mas sim dialogam e se mesclam, construindo outras categorias e identidades múltiplas. Portanto, Hall (2011) ao discutir a morte do sujeito moderno, argumenta que isso se relaciona ao fato de que as formas de uma construção identitária hegemônica estão sendo esmiuçadas, deslocando o sujeito para uma identidade pós-moderna. O sujeito pós-moderno seria aquele pela qual a identidade não irá mais seguir uma linearidade unificada. A partir disto, sua identidade começa a se tornar fragmentada, não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes, contraditórias e não resolvidas.

Para o autor, isso é resultado de mudanças estruturais e institucionais, pois o próprio processo de identificação de nossas identidades culturais é cambiante e problemático. É nesses processos que o sujeito pós-moderno passar a desenvolver-se, o qual não possuiria uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas móvel e transformada continuamente a partir das formas culturais que nos rodeiam. Dessa maneira, o autor discute que as formas das identidades são construções sociais e históricas, nas quais os sujeitos assumem distintas identidades e em diferentes momentos. Indo além, diríamos que essas construções identitárias também funcionam através de diferentes espaços que são vivenciados cotidianamente pelas pessoas, em um jogo contínuo de interesses e estratégias. As identidades passam a ser instrumentos essenciais de mobilidade e transformação.

Hall (2011) afirma que essas transformações sobre uma identidade unificada estão relacionadas a alterações e modificações nascidas de uma modernidade

¹⁵ Para ver outros tipos ver em: <http://doisperdidosnanoi.blogspot.com.br/2010/12/25-tipos-de-gays.html> <acessado 10 de setembro de 2015>.

tardia, ou ainda pelo processo de globalização colidindo com as identidades culturais. Ou seja, as diferenciações começam a diminuir, ao passo que a globalização acaba sendo inserida em nossos cotidianos. Para Hall (2011), o que caracteriza essa diferenciação entre uma sociedade moderna e tradicional é justamente essas frequentes mudanças decorrentes das identidades que geram intermitências, alterando características íntimas e cotidianas das pessoas.

Assim, as identidades passam a ser elaboradas a partir do cotidiano das pessoas e não compreendidas como algo dado ou pré-existente. A modernidade descentraliza e move a sociedade além de si mesma, caracterizando-a sobre uma fragmentação, divisão e oposições sociais que fornecem diferentes identidades aos sujeitos. Portanto, as sociedades se diversificam por meio de processos de articulação e desarticulação, possibilitando novas identidades e consequentemente sujeitos. Esse momento humano tem sido marcado por transformações tanto institucionais quanto sociais, como aponta Giddens (2002).

Segundo o autor, a modernidade é uma ordem pós-tradicional em que se pergunta 'como devo viver?' e isso passa a ser uma tentativa de resposta através de decisões cotidianas, como se comportar, o que vestir, o que comer, e muitas outras questões no desdobrar temporal e diríamos espacial de uma autoidentidade. Ainda, Giddens (2002) discute que:

modernidade pode ser entendida como equivalente ao 'mundo industrializado' desde que, se reconhece que o industrialismo não seja a única dimensão institucional. Ele se refere às relações sociais implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção. Como tal, é um dos eixos institucionais da modernidade. Uma segunda dimensão é o capitalismo, sistema de produção de mercadorias que envolvem tanto mercados competitivos de produtos quanto a mercantilização da força de trabalho (GIDDENS, 2002, p. 21).

Posto isto, retomamos as discussões de Hall (2011) quando argumenta que a identidade não é mais única ou singular, mas tornou-se pluralizada internamente e externamente no sujeito. Assim, a função passa a ser também política, uma vez que a identidade se altera de acordo como os sujeitos são interpretados. Para o autor, os movimentos sociais são exemplos de rupturas identitárias, desconstruindo as identidades singulares. Dessa maneira, a identidade passa a ser também politizada. Lé Bossé (2004) vai afirmar que a Geografia Cultural participou dos interesses

contemporâneos sobre as questões de identidade e fenômenos identitários.

Para o autor, há pertinência de se trabalhar com a identidade e com sua riqueza conceitual, possibilitando uma diversidade temática tanto na área das ciências humanas, quanto na Geografia Cultural. Essas possibilidades acontecem na medida em que há um aprofundamento das reflexões sobre o lugar e o espaço, observando como “as pessoas recebem e percebem, constroem e reivindicam as identidades cristalizadas através de suas representações, interpretações dos lugares e das relações espaciais” (LÉ BOSSÉ, 2004, p. 158).

Tanto o cotidiano quanto a identidade *gay* auxiliam-nos na compreensão de espaços de opressão ao alívio, à medida que a vivência dos homens *gays* é recebida, percebida e construída segundo suas experiências espaciais, podendo ser variáveis conforme as relações espaciais são representadas e interpretadas sobre as diferentes sexualidades. Para Lé Bossé (2004), a identidade tem sido bastante debatida entre estudiosos da modernidade e pós-modernidade, desde a década de 1980 no mundo anglófono, nas quais 'políticas de identidade' são estratégias complexas e paradoxais, ao passo que as identidades sociais são carregadas de valor e poder socioculturais, tornando-se focos de resistência, principalmente no que se referem aos direitos identitários das 'minorias', como as étnicas, socioeconômicas e sexuais. Assim, a identidade é definida pelo autor como:

um conteúdo compreendido em termos de caracteres referenciais, percebidos a partir de perspectivas diferentes, e que podem incluir igualmente aspectos da ordem física ou psíquica, material ou intelectual. Assim, a identidade se exprime e se comuna de maneira interna e externa, através de práticas simbólicas e discursivas (LÉ BOSSÉ, 2004, p. 162).

Assim, o autor discute que se por um lado existe a multiplicação de indicadores de identidade com uma tendência em destacar um núcleo individualizado, por outro, propõe-se a oportunizar a presença de múltiplas identidades, mesmo que estas estejam 'gravitando entorno' dessas tendências à mudança. Portanto, o formato identitário expõe uma condição entre o 'ser' e o 'vir-a-ser' em um jogo temporal, e diríamos ainda espacial, entre passado e futuro, propensas a mudar, ocultar-se ou ainda ajustar-se. Assim, a identidade é uma construção social e que está longe de ser algo estatizado ou em 'permanência', pois como visto em sua reflexão, as identidades "estão constantemente engajadas em

relações de poder, ora sendo de trocas ou de confrontos, disputáveis ou disputadas, variando-se no tempo e no espaço" (LÉ BOSSÉ, 2004, p. 63).

A constituição de uma identidade ou de várias identidades *gays* está, sobretudo, relacionada com os espaços cotidianos, instituições, organizações e significados da vivência desses sujeitos. Portanto, há uma articulação entre as várias categorias identitárias como gênero, sexualidade, racialidade, classe social, religiosidade, idade, entre outras, e a sua construção identitária é justamente sustentada pelo seu cotidiano. Essa articulação é variável à medida que há uma interação e uma relação tempo/espaço desse sujeito com suas vivências cotidianas, pois é através de suas vivências culturais, espaciais e sociais que surgirão meios para a construção de uma ou várias identidades, as quais cabem ao sujeito identificar-se ou não.

Portanto, essas categorias identitárias que a constitui passam a ter relevância não apenas como constituintes das identidades, mas como formas de analisar as relações sociais que se estabelecem diante delas. Scott (1995) vai argumentar que essas organizações bem como as relações sociais acabam construindo estruturas de opressão. Ao analisar duas categorias gênero e raça, ela evidencia como essas categorias identitárias podem ser também entendidas como analíticas, elaborando mecanismos de opressão. É no final da década de 1980 que alguns autores passam a questionar não só as identidades que foram e são unificadas, como também as relações de poder que se estabeleceram a partir de determinadas categorias identitárias e as próprias identidades.

Essas discussões são inicialmente vistas na academia através do feminismo e das relações que se estabeleceram sobre o patriarcado¹⁶. Para Brah (2006), a dinâmica de poder que se estabelece entre homens e mulheres são observadas como de opressão em relação à mulher. Estas relações são tão claras que outras determinantes como a raça e classe são ofuscadas nas análises ou até mesmo excluídas. Assim, a autora argumenta que o feminismo 'socialista' teve uma importante e poderosa crítica sobre as perspectivas materialistas no próprio

¹⁶ Segundo Silva (2009, p.33), "O patriarcado é compreendido pelas geógrafas feministas como um sistema de relações hierarquizadas no qual os seres humanos detêm poderes desiguais, com a supremacia da autoridade masculina sobre a feminina em diversos aspectos da vida social, abrangendo desde os sistemas econômicos, sistemas jurídicos - institucionais até os regimes cotidianos do exercício da sexualidade".

feminismo, o qual estabeleceu outra relação além do gênero, que foi a classe.

Segundo a autora, isso desencadeou outras consequências de uma divisão sexual em que se privilegiou a heterossexualidade, pois se pensava especificamente o gênero na igualdade econômica, política e social. Ainda, Brah (2006) argumenta que é importante lembrar que as perspectivas feministas ocidentais deram pouca importância para a racialização do gênero, assim como a classe e a sexualidade, ao passo que o mesmo feminismo focalizou em suas análises a sexualização do gênero, da classe e a da própria sexualidade, não evidenciando outras possibilidades identitárias, como a homossexualidade.

Para Brah (2006), ainda que a compreensão de racismo seja entendida a partir da relação entre pessoas negras e brancas, tanto um quanto o outro experimentam seu gênero, sua classe e sua sexualidade através da raça, ou seja, não experienciamos nossa identidade separadamente por categorias identitárias, mas sim na articulação dessas categorias que constitui nossas identidades. Essas reflexões passam a ser discutidas e questionadas pelo próprio Feminismo e pelas ciências sociais no final da década 80, quando alguns autores vão falar da importância de uma nova perspectiva que é a 'interseccionalidade'. Esta foi desenvolvida enquanto uma ferramenta de compreensão entre as diferentes possibilidades de conexões espaço/temporais de identidades e as categorias identitárias que possam constituir o sujeito.

Contudo, é no início da década de 90 que a palavra e o conceito de Interseccionalidade passam a ser introduzidos no campo do conhecimento científico. Chama-se a atenção para uma das consideradas precursoras desse conceito, Crenshaw (1991), a qual buscou compreender a relação entre raça e gênero em mulheres negras, revelando assim uma crítica aos estudos Feministas da época, sustentada por uma produção feminista branca, heterossexual e de classe média, que tinha por objetivo reivindicar seus direitos em relação ao sexismo. Nessa análise, priorizou-se a categoria identitária mulher, esquecendo as demais, como as racialidades, as classes sociais e as sexualidades.

Outros trabalhos começaram a questionar essa posição de que todas as mulheres encontravam-se nos mesmos níveis de opressão. Peake e Kobayashi (2002) evidenciam que, com a entrada no novo milênio, aos geógrafos existe uma

importante abertura para se trabalhar e refletir na Geografia uma cultura acadêmica antirracista. Ao defenderem uma reforma na ciência, os autores apontam não apenas para uma extensão das limitadas 'agendas' da Geografia, como a inclusão de discussões sobre o racismo e o gênero. Propõem-se então, uma agenda não limitada que compreendesse vários vieses do racismo, relacionando-o com outros elementos, como a pobreza, política e legislações. Isso deve ter uma relação desde o incentivo de bolsas para práticas ativistas como a descentralização de uma produção acadêmica na instituição, com práticas nas ruas e em meio social, com objetivo de mudanças sociais e teóricas da própria ciência.

Assim como as mulheres, a própria homossexualidade se comporta enquanto heterogênea e não como uma homogeneidade de grupo e identidade, pois se temos mulheres diferentes temos também homens gays diferentes. Portanto, a interseccionalidade é vista e compreendida como um entrecruzamento de categorias identitárias, mas que também são analíticas, a partir das relações sociais que se estabelecem entre elas, como de opressões, de discriminação e de dominação. Há, então, uma inter-relação entre elas.

Segundo Valentine (2007), a interseccionalidade é analisada na forma como o indivíduo fica em uma encruzilhada por feixes identitários. Essa ferramenta conceitual consegue capturar essas diferenças entre categorias, as quais não se encontram nos espaços entre a identidade, mas sim através dela. Para Silva e Silva (2014), por mais que a metáfora da intersecção permita-nos imaginar uma variação entre os eixos identitários, estes possuem distinções específicas, ou seja, uma opressão sobre a raça não pode ser equiparada com uma outra opressão de outra categoria identitária. Entretanto, há possibilidades de que essas categorias se cruzem, se encontrem e criem intersecções complexas e simultâneas.

Segundo as autoras, a perspectiva identitária buscou superar os binarismos que impossibilitaram análises complexas e plurais. Para Silva e Silva (2014, p.18), “é nesta perspectiva que a interseccionalidade pode ser articulada à imaginação geográfica. Se a experiência das pessoas é concreta, ela é também espacial”. Os sujeitos vivenciam simultaneamente todas essas categorias existentes que são mediadas pelo espaço e tempo, em um processo contínuo de fazer e desfazer identidades.

Mesmo que para Valentine (2007) este conceito tenha recebido pouca atenção dos geógrafos, alguns trabalhos se colocam na vanguarda deste subcampo, como de Kobayashi e Peake (1994). Esses autores argumentam que a relação que se estabeleceu sobre a raça e o gênero na Geografia foi por um tempo evidenciada a partir de um mundo onde as diferenças de raça e gênero foram naturalizadas. Ao fazerem uma crítica sobre essa naturalização, evidenciam que há paralelos a partir de suas construções sociais e que estas foram conceituadas independentemente uma da outra.

Outra questão levantada pelos autores é que a raça e o gênero (construções sociais) são caracterizados a partir de categorias biológicas, mesmo que as distinções entre ambas sejam também construídas socialmente. Assim, estas discussões chamam a nossa atenção para o fato de que essas construções são políticas, racistas, sexistas e se comportam como modos de pensamento que constroem o corpo para fins ideológicos.

Ao desenvolver estratégias políticas criam-se noções dominantes. Então, tanto a raça quanto o gênero passam a ser usados como identidades sociais para manter relações de dominação. Portanto, Kobayashi e Peake (1994) vão argumentar que devemos usar de práticas que busquem a não naturalização, impondo a desordem aos discursos que se tornaram dominantes, como também questionar os códigos disciplinares sobre os indivíduos.

Assim, as conexões entre categorias identitárias se tornaram de fundamental importância para a compreensão de tais dominações sociais. Outro trabalho que evidencia tais relações é de Ruddick (1996) ao tratar sobre a construção de diferentes espaços públicos a partir de raça, gênero e classe, como formas de sistemas de bloqueio. A autora relata formas de relações de poder que se estabelecem na cidade de Toronto, fazendo uma crítica sobre uma mídia manipuladora que tem por objetivo construir um medo a mulheres, pessoas não brancas e imigrantes. A autora apropria-se do conceito de interseccionalidade, conectando as diferentes identidades e inter-relacionando-as em diferentes espaços e situações.

Para Ruddick (1996), há uma diferenciação entre espaços públicos e lugares. Os espaços públicos são aqueles como uma espécie de cantinho da

democracia participativa, ou seja, são espaços que permitem potencialmente encontros ou expansões da própria esfera pública, diferentemente do que acontece com os lugares. Nestes, as pessoas se identificam com algo ou com um determinado grupo, como também diferentes formas de vida, e, poderíamos dizer identidades. Para a autora, tanto o espaço quanto o lugar são construções de diversas dimensões e relações, dentre elas a de raça, de sexualidades, de gênero, de classe, do privado, do público e do urbano. Contudo, destaca que os lugares acabam sendo racializados, sexualizados, classificados e etnicizados por mecanismo de opressão.

Valentine (2007) discute que as tentativas iniciais de pensar as interconexões entre as categorias identitárias eram de calcular as opressões que as envolviam, através de metáforas geométricas e matemáticas como adição, multiplicação, localização e posição. Silva e Silva (2014) apontam que a compreensão desse conceito não pode ser entendida apenas por uma soma entre diferentes eixos de opressão que foram considerados, mas sim um emaranhado de inter-relações a partir das experiências vividas.

Então, Valentine (2007) discute que essa analogia pressupunha que as formas de opressão eram meramente adicionadas umas com as outras, o que para a autora é uma maneira perigosa de pensar, visto por uma compreensão essencialista, ante o modo de como as adições desenvolvem-se umas com as outras. Para a autora, o que se vem pensando é que algumas experiências de uma determinada categoria identitária pode alterar o significado de outra.

A exemplo disso, durante o campo de pesquisa, quando questionados sobre suas experiências em relação ao gênero, percebeu-se que sua compreensão foi alterada, pois os *gays* relacionavam o gênero através das experiências de suas orientações sexuais. Ou seja, para os *gays* entrevistados o gênero 'homem' era compreendido a partir da heterossexualidade e as características normativas da masculinidade. Isso pode ser identificado, pois ao representarem em seus primeiros *Relief Maps* alguns dos *gays* apontaram a categoria identitária gênero como causadora de desconfortos. Para esses que apontaram o gênero enquanto uma identidade opressiva, era porque a relação de sua homossexualidade alterava o significado da sua identidade de gênero, com argumentos expressados tais como 'se

sentindo menos 'homem'.

Assim, Valentine (2007) vai discutir que as teorizações feitas sobre a interseccionalidade foram, primeiramente, de reconhecer a fluidez dos cruzamentos entre as categorias identitárias, estas que são sempre experienciadas. Em segundo, foi o reconhecimento de que forma as pessoas estão cotidianamente envolvidas na construção de suas próprias vidas, superando os determinismos de se pensar identidade, estas que eram e são classificadas a partir de identidades fixas. E ainda, evidencia a pouca importância dada ao espaço como parte da constituição do próprio sujeito.

Esta última é um dos motivos pelos quais a nossa questão central foi construída, priorizando o espaço enquanto um elemento de constituição do próprio sujeito e suas vivências através de diferentes eixos identitários. Silva e Silva (2014) argumentam sobre a relação das subjetividades multidimensionais que superaram as perspectivas fixas, unitárias e sem movimento sobre a identidade. As autoras analisam o princípio dualista binário que impossibilita uma análise da diversidade e da própria complexidade. Portanto, as simples oposições entre homem/mulheres, brancos/negros, heterossexuais/homossexuais obscurecem um vasto campo de possibilidades de conexões entre os mais diversos eixos identitários.

Essa compreensão de um mundo feito por binarismos é inserida cotidianamente em nossas vivências e em nossas experiências espaciais. Esta inserção mostra-se, sobretudo, pelos discursos médicos, jurídicos, biológicos e teológico-monoteístas que estão rotinamente produzidos e reproduzidos nas escolas, trabalhos, universidades, nas casas e nas igrejas.

Ao pensarmos especificamente sobre a vivência espacial cotidiana dos homens *gays*, compreendemos que o cotidiano também é construído assim como suas identidades, mas que também sustenta identidades binárias e hegemônicas nas relações sociais. Certeau, Giard e Mayol (1996) elaboram discussões referentes ao cotidiano no livro *A Invenção do Cotidiano 2. Morar, Cozinhar*. Já no início do livro, Mayol (1996) faz uma definição do cotidiano:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta outra condição, com

esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não deve esquecer este "mundo memória", segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres (...) (MAYOL, 1996, p. 31)

Ao expor reflexões sobre o bairro e as formas ou condutas de morar na cidade, o autor argumenta que isso é resultado de práticas culturais que se estabelecem na cidade e no próprio espaço 'bairro'. Ao relacionarmos com as vivências cotidianas dos *gays*, observamos que as práticas culturais que se estabelecem em seu cotidiano são formas e condutas impostas por identidades dominantes que ditam como estes sujeitos 'devem seguir'. Essas formas e condutas ditadas por identidades dominantes, ao se fixarem nas relações sociais, passam a se tornar normas que regulam as práticas das pessoas.

Ao compreendê-las a partir de uma heteronormatividade, estas normas desenvolvem-se em diferentes espaços do cotidiano dos homens *gays*, tendo por máxima oprimir suas práticas sexuais, espaciais e comportamentais. Segundo Butler (1999), heteronormatividade são práticas regulatórias que, por sua vez, são práticas normativas resultantes de uma linearidade entre gênero, sexo e desejo. Essa linearidade regula as práticas sociais e os sujeitos, tornando-os 'gendrados'.

Essa linearidade se estabelece a partir de sua produção e reprodução em diferentes espaços e sociedades. Isso faz com que alguns homens *gays* incorporem tais ações de opressão, restringindo-se em determinados espaços ou comportamentos em uma busca paradoxal por respeito. Com certeza já ouvimos muitas pessoas falarem frases como essa: 'Há! Eu não tenho preconceito, desde que não fiquem se beijando ou mostrando que são *gays*', inclusive pessoas LGBT concordando com tal discurso. Isso reforça as práticas anteriormente discutidas sobre homonormatividades. Este é um dos exemplos de práticas discursivas que tendem a reforçar não só a linearidade, como também a heteronormatividade nos comportamentos dos seres humanos, pois mesmo que se respeite a existência do *gay*, reconhece a heterossexualidade enquanto um referencial de conduta.

Mayol (1996) propõe-se a pensar duas questões a respeito do cotidiano, a primeira corresponde aos comportamentos cujos sistemas se tornam visíveis no

espaço social e a segunda, quais são os benefícios que se esperam obter pela maneira de 'se portar' no espaço. Essa análise é interessante na medida em que Mayol (1996) aborda as regulações que existem no espaço 'bairro'. Em nossa análise, essas regulações ficam claras sobre os homens *gays*, ao definirem espaços de opressão e alívio. Esses limites são, muitas vezes, impostos através das relações sociais e práticas discursivas que se estabelecem tanto no espaço privado quanto em espaços públicos da vivência cotidiana *gay*, e assim, extrapolando a espacialidade problematizada pelo autor.

Mayol (1996) evidencia um outro conceito que é a 'conveniência', que existe a partir dessas regulações no espaço urbano. Para o autor, conveniência são níveis de comportamentos pelos quais os sujeitos tendem a um compromisso da vida coletiva, a fim de obter 'benefícios simbólicos'. Dessa maneira, o indivíduo passa a ser 'conivente' por meio de um contrato social, 'obrigando-se' a respeitar para que seja possível uma vida cotidiana (MAYOL, 1996). Tanto o bairro quanto o cotidiano constitui uma parcela conhecida do espaço urbano, na qual positivamente ou negativamente o usuário se sente reconhecido.

Isso corresponde à grande parte, pelo uso que fazemos quase que cotidianamente desse espaço, seja pensando o bairro ou a cidade. Em nosso caso, percebemos que essa regulação também está presente sob as práticas sexuais, sobretudo, nos comportamentos que os *gays* 'devem seguir' para serem 'um pouco mais respeitados'. Um exemplo que poderíamos evidenciar é a regulação que um casal *gay* tem em demonstrar afetividade pelos espaços públicos da cidade e de seu cotidiano, como em um shopping, um restaurante ou uma universidade.

Essas vivências são compreendidas e representadas de formas diferentes entre pessoas *gays* e pessoas heterossexuais, visto que o cotidiano torna-se uma condição de reprodução de determinadas práticas sociais e de formas identitárias. Para Spink (2007), as diferenças entre o cotidiano e no cotidiano surgem ao passo que, posicionamentos construcionistas sobre o conhecimento deixam de lado a universalização e focam nos conhecimentos locais. Segundo a autora, isso seria também resultado de intensas pesquisas sobre esses espaços fluidos, os quais vivenciamos cotidianamente.

Essa fluidez pode ser compreendida através dos movimentos que os

discursos realizam, como também em seus espaços diários e suas identidades. Portanto, Spink (2013) vai argumentar sobre a relação entre o discurso e o cotidiano. Para a autora, estes discursos são institucionalizados com uma pretensão de se estabilizar no tempo, como é o caso das práticas da heteronormatividade. Contudo, a autora afirma que os contextos históricos podem mudar radicalmente esses discursos.

Nesse sentido, lembremo-nos dos movimentos sociais de 60 e 70, tanto das mulheres quanto dos negros e dos *gays*, alterando significativamente os discursos que ali eram fixados. A autora exemplifica essas mudanças e as transformações a partir das mudanças do discurso médico referente à homossexualidade ao longo dos anos. Assim, Spink (2013) define as práticas discursivas como:

Podemos definir, assim, práticas discursivas como linguagem em ação, ou seja, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. As práticas discursivas têm como elementos constitutivos: a dinâmica, ou seja, os enunciados orientados por vozes; as formas, que são os *speech genres* (Discurso, linguagem social); e os conteúdos, que são os repertórios interpretativos (SPINK, 2013, p. 26).

A análise aqui apresentada vai ao encontro das argumentações de Spink (2013), quando discorre sobre as práticas discursivas, pois a análise realizada nessa pesquisa também é referente aos discursos que oito *gays* nos disponibilizaram. Então, pensar este cotidiano é entender aquilo que é vivido diariamente por eles. Todavia, o que é vivido cotidianamente é também feito por significações daquilo que vivemos no passado, rearticulado pela memória.

Para Pollak (1992), embora inicialmente trabalhar com a memória e a identidade social remeta a analisar individualmente cada sujeito, isso vem sendo contestado e discutido desde as décadas 20 e 30, ao se debater que a memória deve ser compreendida também como um "fenômeno construído e coletivamente é submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes" (POLLAK, 1992, p. 202). Para o autor, tanto a memória individual quanto a memória coletiva possui existências de zonas relativamente imutáveis ou invariantes que foram causadas em uma história de vida individual ou que foram construídas coletivamente.

Então, uma ação, uma situação ou qualquer algo do gênero foi tão

importante na história da pessoa, e entendamos que essa 'importância' como sendo positivamente ou negativamente, é que impossibilitou certas mudanças em suas memórias. Ao percebemos, nas entrevistas, que os *gays* sempre voltavam a falar de um espaço específico de opressão: a 'escola', essas reflexões sobre a memória corroboram para nossa compreensão, pois esse espaço foi tão significativo ou teve tanta importância em sua vivência que é sempre resgatado em sua memória e representado como um espaço de opressão de suas vivências.

Segundo Pollak (1992), ainda que as mudanças sejam constantes e os fatos possam se modificar, bem como suas funções entre os interlocutores e o movimento da fala, é como se houvesse elementos irredutíveis a essas mudanças, congelando-as nas pessoas e fazendo parte delas e de suas identidades. Entendemos que as próprias identidades *gays* são interseccionais e que estas são elaboradas e compreendidas na relação com o funcionamento do mecanismo de gênero, mas também por outros organizadores sociais como a classe, a idade e a religiosidade, sendo significativamente construídos uns superiores aos outros, instituindo assim relações de poder.

Platero (2012) vai refletir sobre as possíveis conexões das sexualidades e interseccionalidade. Segundo o autor, a sexualidade se coloca também enquanto uma ferramenta de conceitualização da própria interseccionalidade, o seu emaranhado de identidades e formas de estar em múltiplos mundos. Assim, a sexualidade não é um aspecto privado ou de consequências individuais que elegemos livremente. Ela passa a ser uma possibilidade de valores e de ações dominantes como as biopolíticas.

Ao estabelecer redes, precisamente de funções de privilégios e de opressão frente as estratégias de enfrentamento das dificuldades vividas por pessoas LGBT's, Platero (2012) argumenta que o conhecimento e o impacto interseccional passa a ser essencial. Para tanto, o autor trabalha com diferentes organizadores sociais como o gênero, a raça, a sexualidade e a classe e de que maneira as relações de poder produzem essas diferenças a partir delas.

A partir dessas reflexões, temos por objetivo evidenciar as experiências espaciais de oito sujeitos que se autoidentificam enquanto homens *gays*, estes podendo construir significados de opressão ao alívio, de acordo com as relações

sociais e suas categorias identitárias, que se propusemos a analisar nessa dissertação, as quais são a classe, a sexualidade, a idade e a religiosidade.

Através das experiências espaciais desses sujeitos pode-se identificar a categoria identitária que tem maior expressividade em suas vivências, assim como evidenciar diferentes composições de espaços que foram e são de opressão ao alívio em suas vidas. Assim, a próxima seção evidencia os *Relief Maps* individuais de cada sujeito aqui entrevistado, evidenciando suas experiências pessoais em diferentes espaços de seus cotidianos.

2.2 'Mapeando' as Experiências Espaciais de Homens Gays: das situações de opressão às de alívio

Antes de iniciar a análise dos resultados obtidos nessa pesquisa, realizamos inicialmente uma discussão sobre a ferramenta metodológica *Relief Maps*, a qual foi utilizada nessa dissertação. Iniciamos nossa reflexão a partir das discussões de Maria Rodó-de-Zárate (2013a, 2013b). Esta foi a precursora na elaboração dessa ferramenta metodológica. Em um de seus textos *Relief Maps: Developing Geographies of Interseccionality* (2013a), a autora traz uma importante introdução para quem quer trabalhar com a ferramenta '*Relief Maps*' em uma perspectiva interseccional.

Rodó-de-Zárate (2013a) argumenta sobre a importância de se trabalhar com a interseccionalidade e o seu papel para com o feminismo, permitindo uma teorização sobre múltiplas e interseccionais opressões. Para a autora, o conceito de interseccionalidade auxilia-nos na compreensão complexa em se trabalhar com as diferentes dinâmicas entre as relações sociais e as estruturas de poder. Por sua complexidade e pela necessidade de metodologias que dessem conta de analisar especificamente resultados de forma interseccional, Maria Rodó-de-Zárate (2013a) propõe-se a construir um instrumento no qual pudesse ter uma possibilidade de análise entre diferentes identidades e as relações de poder sobre um mesmo indivíduo, tudo isto de forma visual. Cria-se e denomina-se, então, o *Relief Maps*¹⁷.

¹⁷ Na tradução livre a palavra *Relief Maps* tem duplo sentido, ora sendo Mapas de Alívio e em outro Mapas de Relevo. Isso porque a construção desses Mapas está vinculada tanto na produção de alívios quanto de opressões criando formas de relevo (colinas e vales) em suas representações.

Estas representações passam a ser uma nova forma de analisar os resultados tão complexos e que, segundo a autora, passa a ser uma ferramenta sólida para estudar as geografias das interseccionalidades. A construção desses mapas tem por objetivo três dimensões: a representação de estruturas de poder, que se refere às relações sociais, às experiências dos sujeitos vinculadas a sua disposição psicológica e ainda aos espaços de sua vivência, este último em uma perspectiva geográfica.

Rodó-de-Zárate (2013a) aponta que ao evidenciar exemplos em seu texto, mostra como é possível analisar categorias em que existem privilégios e opressões sem que estas sejam compreendidas através de uma rigidez. Assim, ao construir seus mapas, os sujeitos demonstram como as estruturas de poder variam de acordo com determinados espaços de suas vivências cotidianas. Portanto, os *Relief Maps* visam potencializar as análises que possam ser feitas sobre as imbricações entre relações de poder e espaços que comumente são vivenciados pelas pessoas, diminuindo suas limitações, ao passo que tensionam categorias identitárias hegemônicas que são materializadas como formas de opressão.

Como podemos observar nas discussões anteriores, entre os anos de 1970 e 1980 as discussões que envolviam o gênero estavam sendo tensionadas por outras categorias identitárias como a raça, a classe e a própria sexualidade, isso se referindo ao contexto americano. Do mesmo modo, Rodó-de-Zárate (2013a) discute que feministas dessa época começam a problematizar opressões que extrapolavam o gênero, inserindo outras relações de poder como formas de opressões mútuas, tanto no âmbito anglófono quanto no europeu. Para a autora, a complexidade que envolve o conceito de interseccionalidade está, sobretudo, nas ambiguidades, imprecisões e incompletudes nas quais não existiria uma única e exclusiva direção metodológica.

Contudo, Rodó-de-Zárate (2013a) se questiona sobre até que ponto novas formas metodológicas podem ser criadas para minimizar tais riscos e limites em se trabalhar com a interseccionalidade, destacando a importante diferença entre a interseccionalidade política e a interseccionalidade estrutural. Segundo a autora, a interseccionalidade política está na compreensão da experiência vivida através de implicações que se referem à análise da produção de espaço e poder. Já a

estrutural, estaria conectada com a perspectiva de sua instigadora, Kimberlé Crenshaw (1991), a qual é baseada na experiência vivida situando o lugar e o espaço como ferramenta fundamental para a análise.

Tanto Rodó-de-Zárate (2013a) quanto nós partimos dessa perspectiva de análise interseccional, onde o espaço é peça fundamental na compreensão do fenômeno analisado nessa dissertação. Além disso, McCall (2005) evidencia a complexibilidade em se trabalhar com múltiplas categorias e propõe três caminhos metodológicos para analisar as categorias identitárias: *anticategorical complexity*; *intercategorical complexity*; *intracategorical complexity*. A *anticategorical*, segundo a autora, é a desconstrução das categorias analíticas, afirmando que as mesmas são fluídas, complexas e forjadas a partir de múltiplas determinações. Já a *Intercategorical* seria a dosagem que se faz referente às categorias que se quer capturar para analisar. Finalmente, a *intracategorical* seria uma possibilidade intermediária em um contínuo entre o primeiro e o segundo caminho.

Em nosso caso, trabalharemos com a *intercategorical*, analisando as seguintes categorias identitárias: Sexualidade, Religiosidade, Idade e Classe dos *gays*. Isso porque, ao fazermos o levantamento de campo exploratório, evidencia-se que essas categorias eram mais salientadas pelos sujeitos, não desmerecendo ou inferiorizando quaisquer outras categorias identitárias, pois entendemos que todas têm sua importância nas reflexões e nas discussões, sobretudo, de interseccionalidade.

Rodó-de-Zárate (2013a) trabalhou com cinco estruturas de poder, argumentando que a maioria das identidades são afetadas por experiências no espaço público. Contudo, a nacionalidade e a língua em seu trabalho não tiveram um fator determinante nessas experiências entre os espaços. Isso também aconteceu em nossa pesquisa, ao tentarmos analisar a categoria identitária gênero. A resposta do campo evidenciou que esta identidade teve pouca expressão em suas vivências *gays*, pois muitos desses sujeitos entendiam sua relação com o gênero apenas enquanto formas de masculinidades. Assim, essa identidade teve pouca expressividade nos *Relief Maps*, pois os sujeitos não a entendiam enquanto um privilégio.

Então, Rodó-de-Zárate (2013a) discute que cabe ao contexto específico e ao

tema fornecer ou adicionar mais estruturas que tragam informações relevantes. Se isso não acontecer, devemos analisar outras categorias que possam contribuir. Além disso, constatamos que a inserção de mais de cinco categorias identitárias nos *Relief Maps* acaba prejudicando a análise dos resultados do levantamento, pelo fato de 'poluir' a representação, dificultando a sua análise. Por tais motivos, optamos em trabalhar com as quatro categorias identitárias nesse trabalho.

Estabelecido isso, passaremos a discutir sobre o desenvolvimento da construção dos *Relief Maps* a partir das argumentações de sua criadora, para posteriormente evidenciarmos os *Relief Maps* construídos pelos oito *gays* aqui analisados. Para Rodó-de-Zárate (2013a) o desenvolvimento do *Relief Maps* foi elaborado com o objetivo de abordar uma pesquisa empírica do conceito de interseccionalidade. Sua elaboração é baseada nesse ponto de vista e o espaço passa a ser vital para analisar as relações de poder, isto é, como e quando as opressões são sofridas e/ou transgredidas.

Esse conceito geográfico passa a ser peça chave para evidenciar também relações de privilégios nas vivências espaciais desses sujeitos. Para a autora, o *Relief Maps* é simultaneamente uma proposta metodológica e uma conceitualização do conceito de interseccionalidade, sendo uma representação visual que mostra diferentes experiências que as pessoas têm de acordo com diferentes estruturas de poder. A autora argumenta ainda, que é preciso ter um olhar aguçado sobre a análise, com o propósito de tornar os dados sobre interseccionalidade compreensíveis e salienta que a utilização do *Relief Maps* exige o acompanhamento de uma entrevista ou narrativa para complementá-los e fazê-los compreensíveis, havendo uma coerência do que foi dito, representado e analisado.

O primeiro processo que a autora explica é deixar o entrevistado à vontade com perguntas abertas sobre suas experiências espaciais cotidianas, perguntas como: Onde gosta de ir? Quais são seus itinerários? Por que gosta ou não desse local? Em seguida, realiza perguntas mais específicas sobre as experiências de cada local, já mencionados pelo entrevistado, relacionando-os com as diferentes categorias identitárias. Essas duas etapas resultam em duas tabelas diferentes, uma refere-se às principais vivências espaciais cotidianas da pessoa e outra às significações que são dadas a esses locais a partir de relações de poder e de

diferentes identidades das pessoas. Segundo Rodó-de-Zárate (2013a), o *Relief Maps* contribui na construção teórica da interseccionalidade uma vez que aplicamos essa ferramenta aos sujeitos, os mesmos preenchem gráficos e tabelas classificando os espaços (locais) entre opressão, controverso, neutro e de alívio.

Analisando o que McCall (2005) argumenta enquanto caminho metodológico em conjunto com aquilo que Rodó-de-Zárate (2013a) propõe, fez-se necessário, ainda, a utilização da metodologia de análise de conteúdo segundo Bardin (1977), essa última abordaremos com profundidade no terceiro capítulo dessa dissertação. É por meio dessas propostas metodológicas que nossa reflexão caminha entre a interseccionalidade e os espaços que compõem a vivência de homens *gays* na cidade de Ponta Grossa, Paraná.

A pesquisa aqui apresentada é baseada nos resultados obtidos na realização de oito entrevistas em profundidade com esses sujeitos. Essas entrevistas foram realizadas através de um roteiro¹⁸ semiestruturado, o qual era composto tanto por questões socioeconômicas quanto perguntas referentes às experiências e vivências espaciais, história de vida, práticas sexuais, situações de conforto e desconforto, homoafetividades e autoidentificação. As entrevistas, como anteriormente citadas, são necessárias para esta compreensão, uma vez que, para entender as vivências espaciais dos sujeitos envolvidos, as mesmas estariam interligadas diretamente com a sua temporalidade, relação tempo e espaço, auxiliando-nos em possíveis brechas que possam aparecer.

Portanto, utilizar o *Relief Maps* é compreender como essas categorias identitárias se comportam através dos espaços. Porém, os mapas não respondem tudo e nem devem por si só explicar o todo, como é o caso da temporalidade. Essa é entendida enquanto a relação tempo e espaço da vivência do sujeito. Isso pode ser observado quando um dos sujeitos sentiu dificuldade em expressar em seu *Relief Maps* o tempo. Assim, percebemos que o acompanhamento de uma entrevista em conjunto com a aplicação do *Relief Maps* é, além de uma forma de compreender a temporalidade, de fundamental importância para sua análise como a própria Rodó-de-Zárate (2013a) argumenta. Então, a entrevista passa a ser entendida enquanto uma estratégia metodológica para compreender tanto a relação da vivência espacial

¹⁸ Todas as informações contidas no roteiro de entrevista podem ser observadas em detalhe no apêndice A, dessa dissertação.

quanto temporal do sujeito, ampliando e aprofundando ainda mais a análise da complexidade de suas realidades.

Tendo esses argumentos explicativos do uso das entrevistas, voltamos no preenchimento de duas tabelas. Estas também foram adaptadas daquilo que Rodó-de-Zárate (2013a) propõe. A primeira tabela corresponde ao preenchimento dos espaços (locais) que mais frequenta ou frequentou a pessoa, como pode ser observado no Quadro 1. Já a segunda, é o momento em que o sujeito vai classificar esses locais entre opressão, controverso, neutro ou de alívio, como mostra o Quadro 2. Por fim, o sujeito faz a construção do *Relief Maps* a partir de suas experiências e representações, tanto pela forma escrita nas tabelas quanto discursivas pela entrevista. No entanto, para esse momento de discussão não serão abordados os caminhos discursivos das entrevistas, mas sim os resultados dos *Relief Maps* individualmente e a sua construção a partir dos sujeitos entrevistados.

No quadro 2, os indivíduos preenchem os principais espaços (locais) de suas vivências cotidianas, apresentando suas experiências nesses locais segundo sua sexualidade, classe, idade e religiosidade, com palavras ou frases curtas que significam situações de conforto ou desconforto e o porquê. A substituição da palavra 'locais' para 'espaços' se dá pelo fenômeno proposto nessa pesquisa, assim como da minha formação teórica e profissional geográfica. Além disso, a palavra 'local' foi utilizada como um uso de linguagem comum aos sujeitos entrevistados, não subestimando suas formas intelectuais de compreensão ou de entendimento da palavra espaço, mas como uma tática de proporcionar um melhor entendimento do que foi proposto a eles.

A partir disso, vamos para o preenchimento do 'quadro 2' e analisamos as experiências desses sujeitos anteriormente escritas e faladas no quadro 1. Feito isso, analisamos as experiências em que o sujeito vai classificar os espaços (locais) entre mal-estar ou opressão, controversos, neutros e de bem estar. A classificação de espaços de opressão ou (mal estar) é a partir de uma ou mais categorias identitárias que causam desconfortos em determinados espaços de suas vivências através das relações sociais. Já os controversos seriam ao mesmo tempo compostos por relações de poder opressivas e de alívio frente às diferentes categorias identitárias do sujeito. Os espaços neutros são aqueles que teriam certa

'neutralidade' ou que as relações sociais que constituem esses espaços não proporcionam situações de opressão, controversas ou de alívio no tocante às categorias identitárias. Por fim, os espaços de alívio estariam conectados a situações de bem estar, onde esses sujeitos se sentiriam totalmente ou em grande parte confortáveis, tanto pelas relações sociais quanto por suas identidades.

QUADRO 1 - Quadro de Vivência Espacial Cotidiana

LOCAL	SEXUALIDADE	CLASSE	IDADE	RELIGIÃO
Universidade	Muito desconfortável, se sente oprimido por colegas.	Desconfortável, queria ter mais dinheiro.	Confortável, estava novo na comunidade.	Não possui religião, não tem problema.
Escola	Muito ruim, muitos piados e ameaças, desconfortável.	Desconfortável, bolista.	Não tinha problema.	Desconfortável, era um colégio católico.
Escola de Música	Desconfortável, nós é osumido, porém nós tem problema.	Tranquilo em relação a isso.	Tranquilo em relação a isso.	Tranquilo em relação a isso.
Casa dos Pais	Desconfortável, brigas e opressão.	Desconfortável por ser dependente.	Desconfortável por ser dependente, mas não tem problema.	Não tem problema.
Espacos Públicos	Não assumido, porém sem problemas.	Sem problemas.	Sem problemas.	Sem problemas.

Fonte: Entrevista realizada com Pedro no dia 03 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná.
Organizador: Hanke (2016).

QUADRO 2 - Significações Referentes aos Espaços e as Identidades

LOCAIS DE MAL-ESTAR	LOCAIS CONTROVERSOS	LOCAIS DE NEUTRALIDADE	LOCAIS DE BEM ESTAR
Escola			
Casa dos Pais			
	Universidade		
		Espacos Públicos	
			Escola de música.

Fonte: Entrevista realizada com Pedro no dia 03 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná.
Organizador: Hanke (2016)

Depois que os sujeitos preenchem as duas tabelas com as informações necessárias, a construção do *Relief Maps*¹⁹ fica mais clara e de melhor compreensão para quem está construindo. Sua elaboração se inicia a partir da localização de pontos nos mapas relacionando suas identidades, espaços vivenciados e os sentimentos atribuídos a partir deles. Para Rodó-de-Zárate (2013a), a localização dos pontos corresponde a intensidades de significação que o sujeito atribui em cada categoria identitária em relação com o espaço.

Os pontos localizados mais acima estariam relacionados a sentimentos e experiências mais desconfortáveis, enquanto que os pontos localizados mais abaixo estariam associados a experiências mais confortáveis. Assim como as linhas correspondem ao movimento ou a mobilidade das categorias identitárias, produzindo as formas de relevo que determinam a classificação dos espaços entre opressão em colinas e alívio em vales.

Os *Relief Maps* são as representações variadas de acordo com as vivências

¹⁹ O modelo do *Relief Maps* pode ser observado no Anexo A.

socioespaciais das pessoas, mostrando as relações de poder experienciadas por esses sujeitos a partir de suas identidades. As identidades foram significadas por diferentes cores, porém as mesmas cores foram aplicadas em todos os *Relief Maps*. A cor verde corresponde à sexualidade, a vermelha à classe de renda, a azul para a idade e a cor roxa à religiosidade.

Além disso, percebeu-se que a construção do *Relief Maps* faz com que os sujeitos tenham reflexões entre tempo/espço de suas vidas, possibilitando diferentes percepções relacionadas às suas vivências espaciais. Cabe enfatizar nesse momento que cada *Relief Maps* é único, pois as experiências e as relações de cada pessoa são muito singulares. Por isso, o *Relief Maps* é por excelência uma ferramenta de análise interseccional individual e não para grupos e/ou coletivos.

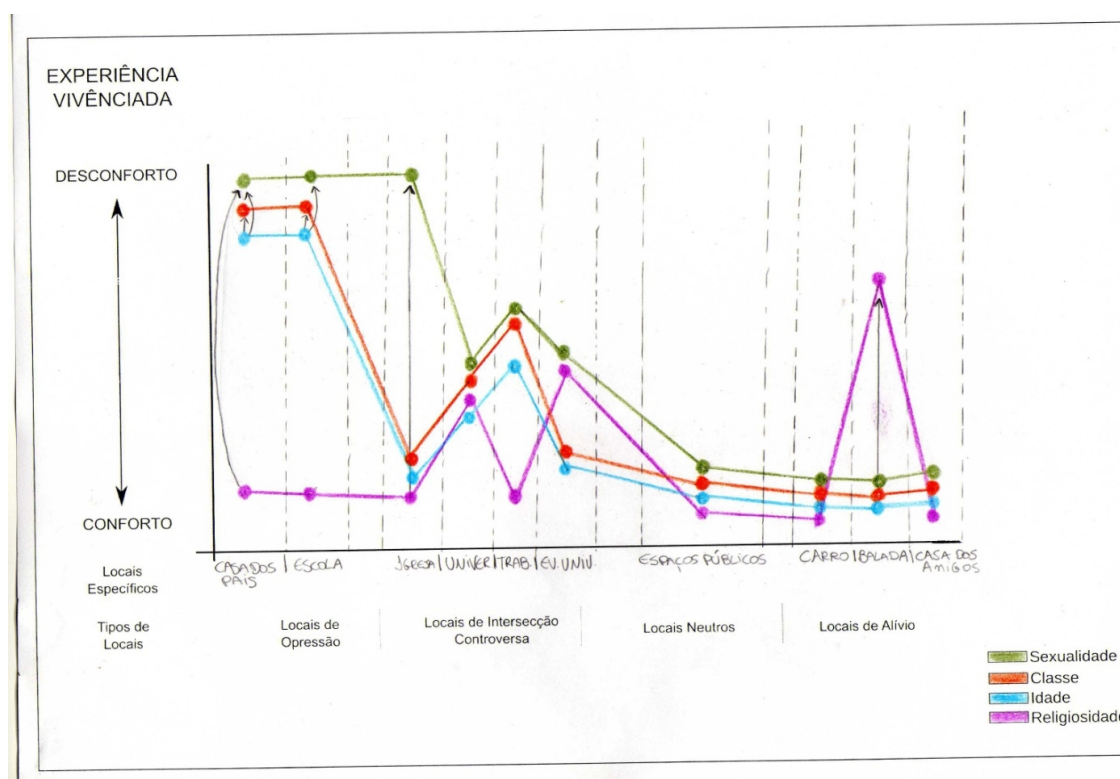
Ao mostrarmos como ocorre o processo metodológico na construção dos *Relief Maps*, evidenciamos nesse momento os primeiros resultados obtidos nesse trabalho de modo a analisar individualmente cada um dos oito *Relief Maps*. O primeiro *Relief Maps* corresponde à representação de Carlos²⁰, em que podemos observar na sequência a construção de seu mapa bem como suas experiências interseccionais.

Carlos é um homem *gay* assumido, 24 anos, cursando o segundo curso superior, sendo este de medicina, é evangélico (muito participante), branco, de classe média, solteiro e que mora com os pais. Segundo Carlos, a casa dos pais e a escola foram e são espaços de opressão, não apenas por sua sexualidade (cor verde), como também por outras categorias identitárias como a classe (cor vermelha) e idade (cor azul).

Para Carlos, a classe é de opressão, ao passo que ele não trabalha, pois é estudante e dependente financeiro da renda dos pais. Por depender da renda dos pais Carlos se sente extremamente pressionado em conseguir um emprego e uma renda própria. Tais opressões fazem com que muitos *gays* tenham, em seus objetivos, a emancipação da casa dos pais, procurando o quanto antes uma autonomia financeira.

²⁰ Carlos e todos os demais nomes utilizados nos *Relief Maps* correspondem a nomes fictícios que foram utilizados como forma de proteção aos sujeitos entrevistados.

RELIEF MAPS 1 - Carlos



Fonte: Entrevista realizada com Carlos no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa – PR.

Cabe salientar que nesse trabalho o agrupamento de oito gays são, na maioria, de classe média e média baixa. No entanto, se trabalhássemos com homens gays pobres as representações poderiam ser completamente diferentes, pois como aponta Marsiaj (2003) a classe social afeta as relações sociais dessas pessoas e o uso comunitário dos espaços. Para o autor, a classe social pode afetar ainda as possibilidades de relações homoafetivas e de redes homosociais, ressaltando que isso não significa que homens gays de classe mais baixa de renda não tenham condições de encontrar ou conhecer pessoas da mesma orientação sexual. No entanto, a classe social interfere significativamente em suas vidas.

Para os setores populares no Brasil, a função econômica da família retém uma grande importância. A renda de classes mais baixas é irregular e pequena, tornando muito difícil a independência econômica de um indivíduo de sua família. A sobrevivência econômica, tanto para o indivíduo quanto para a família como um todo, depende da permanência dos filhos no âmbito familiar até que eles se casem (e em vários casos após o casamento, devido à falta de moradia). A proximidade e controle da família fazem com que a exploração de atrações e relacionamentos homossexuais se torne muito difícil. Gays e lésbicas de classe alta, por outro lado, podem dar-se ao luxo de

manter um apartamento para tais encontros, ou têm meios para pagar um quarto de motel para tais fins (MARSIAJ, 2003, p.139-140).

Sobre a religiosidade (cor roxa), Carlos argumenta que ela acaba intensificando a opressão sobre sua homossexualidade na casa dos seus pais, pois seus pais também são evangélicos e têm uma vida religiosa ativa. Não queremos aqui fazer afirmações de que toda religião evangélica prega a opressão em relação às homossexualidades.

Porém, na experiência de Carlos, os discursos que são pregados referentes à sua homossexualidade são de pecado, de estar errado e de não ser aceitável. Mesmo que algumas interpretações da bíblia sejam mais 'comedidas'. A bíblia é homofóbica e o ódio está soletrado em Levítico e confirmado em Romanos e Coríntios, mas é a existência de perspectivas cristãs fundamentalistas que tem fomentado ainda mais ódio a essas pessoas.

Para Silva e Gil (2009), as práticas religiosas, nesse caso a prática discursiva, podem construir formas de compreensão sobre o corpo e os comportamentos sociais das pessoas. Assim, se temos práticas discursivas religiosas nas igrejas promovendo a exclusão e a recriminação sobre a homossexualidade, estas acabam sendo reproduzidas no âmbito familiar. Como visto, a religiosidade faz parte de nossa constituição de ser humano e de nossas identidades. No entanto, por fazer parte do que somos, não se separa a religiosidade em diferentes espaços que vivenciamos. Dessa maneira, a religiosidade constitui tanto as identidades quanto as relações sociais dos espaços.

Além da religiosidade intensificar a opressão perante outra categoria identitária (sexualidade), temos também a idade intensificando a opressão tanto na sexualidade quanto na classe. A idade de Carlos intensifica a sua sexualidade, pois quanto mais velho, maior é a opressão e o sentimento de não pertencimento a casa de seus pais. Do mesmo modo, a idade também intensifica a opressão sobre a classe. Quanto mais velho Carlos fica, maior é a cobrança de seus pais para que tenha uma renda própria. Já no que refere à escola, Carlos relata ter sido um espaço de total desconforto, pois a pouca idade na escola também causava desconfortos referente ao respeito, tanto em relação aos profissionais que constituíam a escola quanto aos alunos mais velhos que o provocavam e o agrediam por ser 'mais fraco e

menor'. A classe passava a ser desconfortável na escola, pois Carlos também não tinha uma renda própria, por ser estudante de ensino fundamental e médio e não trabalhar, Carlos dependia totalmente dos pais. A sexualidade na escola é interessante, pois Carlos argumenta que sabia que era diferente dos outros meninos. No entanto, não sabia e nem se identificava enquanto *gay*. Mesmo assim, sempre foi alvo de piadas e preconceitos por parte de colegas, sendo um espaço que ele mesmo denomina como traumatizante.

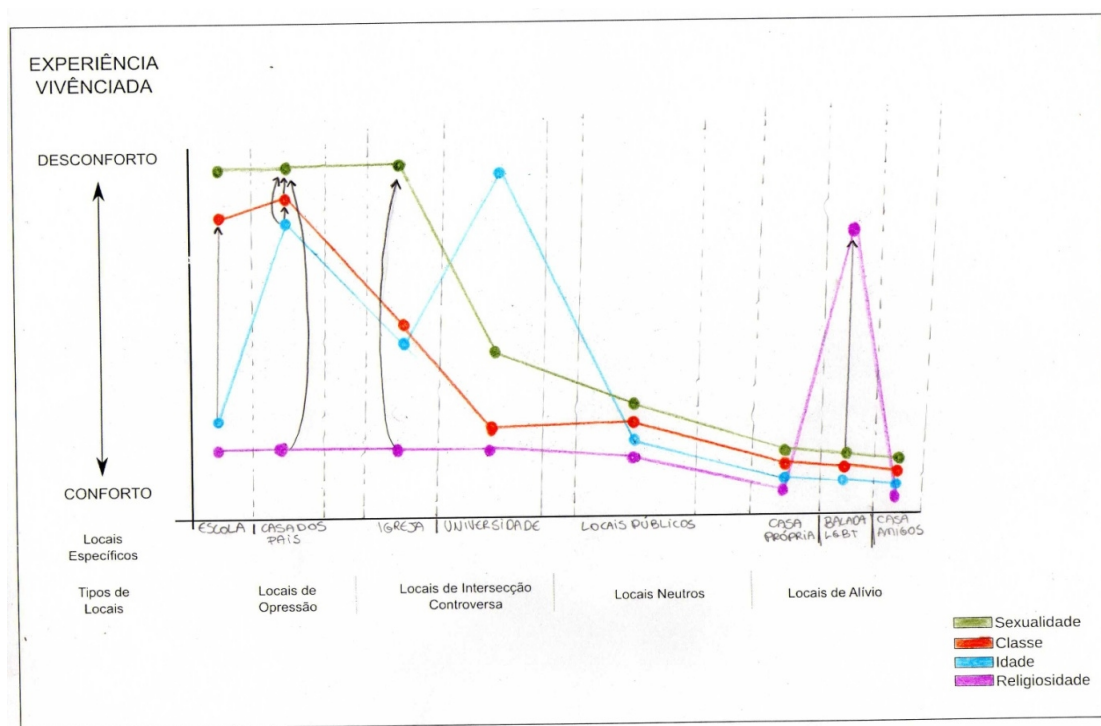
Percebe-se no *Relief Maps* de Carlos que a linha da sexualidade (verde) quase sempre está acima de todas as outras categorias identitárias, sendo a identidade mais oprimida. Já entre os espaços controversos de Carlos, como a universidade, os eventos universitários, a igreja e o trabalho. Destacamos este último, pois esse espaço passa a ser compreendido como controverso porque a sexualidade de Carlos é extramente oprimida pelo pai, isso porque Carlos trabalha de forma informal em um empreendimento da família, onde as mesmas relações sociais na casa são reestabelecidas no trabalho. Entretanto, o mesmo espaço causa conforto referente à classe, ao passo que tem uma renda própria para seus interesses pessoais.

Os espaços que também chamaram nossa atenção foram os de alívio de Carlos, em específico o espaço 'carro' nos instigou, pois esse pode ser entendido ao mesmo tempo como privado e público. Para Carlos, o 'espaço' carro foi a primeira oportunidade de liberdade dele e é através dele que ele pode levar e ir, quem e onde ele quiser. Pois é um local de sigilo e comum de sua vivência. Outro espaço de alívio, apontado por Carlos, é a balada LGBT. Segundo o entrevistado, é um lugar que causa poucos desconfortos, exceto, quando ele a relaciona com sua religiosidade. Para Carlos, sua religiosidade, nesse espaço, causa desconforto, por pregar ser um espaço errado e de perversão. Entretanto, Carlos ressalta que pouco pensa em sua religiosidade nesse espaço e para não se sentir mal, acaba esquecendo-se dela por algumas horas.

Já no segundo *Relief Maps*, temos Edson, que é negro, de classe média baixa, tem 28 anos de idade, mora sozinho, é mórmon e tem pouca participação religiosa. Na escola, Edson argumenta ter tido desconfortos por se sentir diferente dos demais colegas, mas que não compreendia o porquê. Já a sua idade é

diferentemente compreendida da de Carlos. Para Edson a idade sempre foi uma identidade tranquila e ele não se lembra de ter tido alguma situação opressiva em relação a isso. Contudo, sabe-se que as relações que se estabelecem no espaço escolar, têm muito haver com a idade, pois o mais velho pressupõe uma relação de poder diante do mais novo. Muitas vezes essa relação é justificada como ter 'respeito' para com o outro, como na relação professor (a) e aluno (a), ainda teríamos outras como alunos de idades diferentes e assim por diante.

RELIFE MAPS 2 – Edson



Fonte: Entrevista realizada com Edson no dia 21 de agosto de 2014, Ponta Grossa – PR.

A classe aparece em seu *Relief Maps* também como opressão, isso porque Edson argumenta que por ter nascido em uma família muito grande e ser de classe média, não tinha condições financeiras como outros colegas, pois era bolsista de um colégio particular da cidade. A quantidade de pessoas de uma família permite fazermos associações com a categoria identitária classe. E, como aponta Rodó-de-Zárate (2013b), questões como a situação da família, o bairro onde vivem,

atividades desempenhadas em seu trabalho, podem ser combinações destas variáveis e, por conseguinte, diferentes cruzamentos e experiências

Tanto a igreja quanto a universidade, para Edson, são espaços controversos. Referente à igreja vivenciada por Edson, temos os mesmos motivos de Carlos, onde as práticas discursivas que são feitas acerca da homossexualidade são de retenção e condenação. Mesmo que os dois tenham religiões diferentes e vivenciem espaços diferentes, as práticas heteronormativas que constituem esses espaços são semelhantes e opressivas. No caso de Edson, chegou a ser excomungado da igreja quando assumiu ser *gay*, distanciando-se ainda mais dessa vivência espacial que era rotineira. Ao variar as alternativas de outros espaços da vivência *gay*, percebemos que as mudanças também ocorrem nas relações sociais e nas identidades, pois como comenta Edson, é na universidade que a idade passa a ser mais expressiva e opressiva, comparando-se as outras categorias identitárias. A categoria idade nesse espaço é muito interessante, pois ela pode ser ao mesmo tempo de alívio e de opressão, dependendo do contexto em que a pessoa esteja.

Por exemplo, para Edson sua idade foi de opressão por ter entrado na universidade 'mais velho', com 25 anos de idade. Edson foi alvo de alguns colegas universitários 'mais novos', com perguntas e afirmativas de cunho opressivo como: "Nossa, é a sua primeira universidade ainda? Por que você entrou tão tarde? Você já é velhinho, né!". Essas formas discursivas estabelecem uma relação de poder entre as idades, em que, nesse caso, o mais novo promove constrangimentos ao mais velho. Para aqueles que praticam, essas formas discursivas pode ser apenas uma 'brincadeira' ou curiosidade, mas para aquele que os recebem são extremamente opressivas, podendo levar até a desistência do curso.

Fonseca (2012) tem argumentado sobre os efeitos da piada como ações que podem legitimar preconceitos. Para o autor, a piada passa a ser um discurso que é informal, que fomenta preconceitos, estereótipos e discriminações etnorraciais, mas poderíamos dizer aqui também sexuais. Assim, entendemos que uma simples brincadeira como uma piada pode não apenas alimentar as relações de poder, como também materializá-las e naturalizá-las em formas de 'brincadeiras'. Segundo Fonseca (2012), as piadas surgem e ganham vida em um universo engendrado pela produção cultural e histórica local, mas também surgem e ganham contextos

específicos geograficamente e historicamente.

Assim, para os colegas de Edson, que eram mais novos, e 'seus contextos', a idade 'mais nova' passa a ser um privilégio na instituição frente à relação entre colegas da sala de aula, enquanto que, a pouca idade em outra situação, como a de professores 'relativamente novos' na universidade, – e entendamos que quando nos referimos à palavra 'novos' estamos nos referindo, em um duplo sentido, tanto à idade quanto à inserção na universidade – também podem perpassar por relações de poder. Professores 'mais velhos' podem colocá-los à margem das relações em um departamento, como em cargos de pouca responsabilidade, salas com menores áreas e assim por diante. Assim, algumas relações de poder se estabelecem de maneira tão naturalizada que podem passar despercebidas em nosso cotidiano, como se fossemos disciplinados a elas. Transgredi-las acarretaria em diversas sanções e situações de desconforto.

Percebe-se que no *Relief Maps* de Edson que a casa própria e a casa dos amigos são espaços de alívio. No tocante a casa dos amigos, Edson comenta que o sentimento que ele tem sobre esse espaço específico e dele 'se sentir ele mesmo', sem precisar mentir ou esconder sua sexualidade, religiosidade, classe ou idade. Dessa forma, Edson concentra todas as categorias identitárias na zona de conforto. Já quando representa suas experiências na sua própria casa, ele expressa-se dizendo que a sua casa própria é o melhor espaço de sua vivência que define o sentimento de alívio, pois é lá que ele se sente totalmente livre.

Em um livro chamado *No place like home: relationships and family life among lesbian and gay men*, Carrington (1999) faz reflexões sobre a vivência familiar das casas próprias de gays e lésbicas, dizendo que não há nenhum lugar como a casa, referindo-se a casa própria deles. No livro, o autor problematiza desde os problemas enfrentados por um reconhecimento familiar, legal e cultural dessas pessoas, até como o espaço 'casa familiar' passa a ser compreendido em uma lógica predominantemente heterossexual, centralizada na masculinidade, no poder econômico e na política.

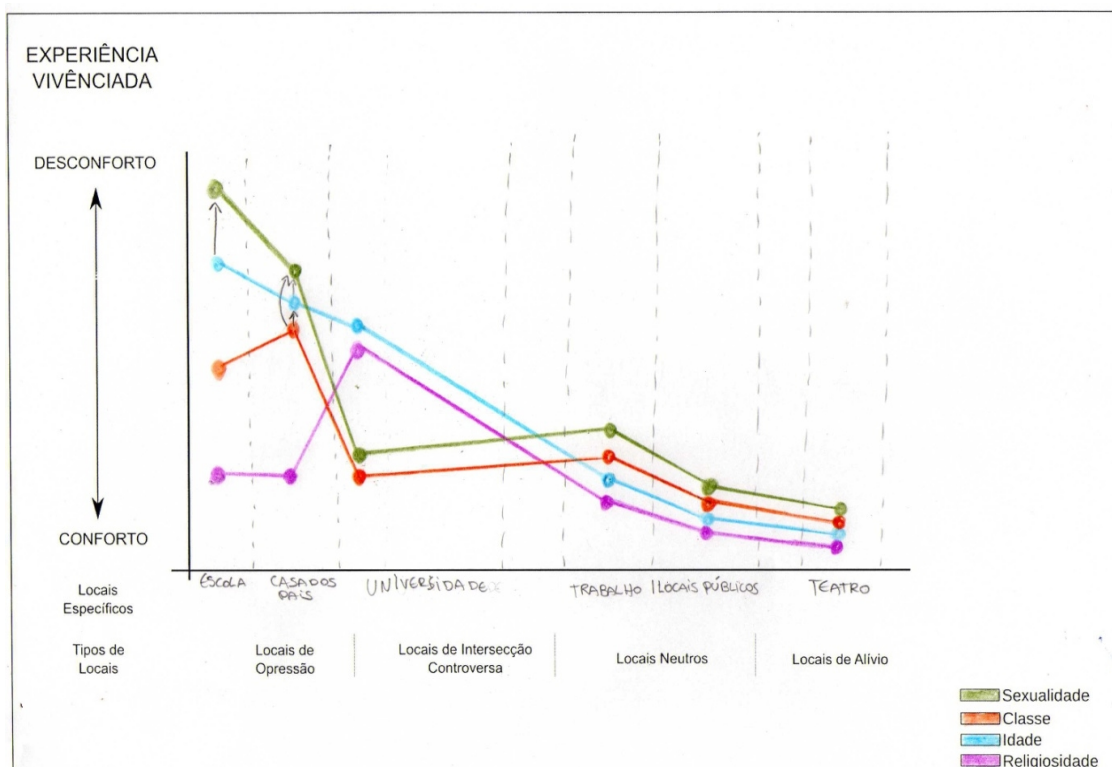
Para Carrington (1999), a homofobia e o heterossexismo são fatores que invisibilizam essas outras formas de família. Essas diferentes formas de relações de poder que constitui um espaço denominado casa, faz com que a constituição de

casa, para Edson, subdivida-se em três tipos: a casa própria, a casa dos pais e a casa dos amigos, como podemos observar na sequência. Como visto nas discussões de Carrington (1999), a casa familiar é entendida pelo sujeito enquanto casa dos pais, essa passa a ser rígida e organizada a partir de práticas heteronormativas, tais motivos fizeram com que Edson se mudasse. No *Relief Maps* de número três, temos Jorge que é assumidamente *gay*, branco, católico (nada participante), educador social e tem 30 anos de idade.

Jorge relata que, mesmo na escola não sendo assumido, sofria muito preconceito e que isso lhe causava grandes desconfortos, não só pelo próprio preconceito que sofria, quanto também por suas posições de se negar a concordar com discursos de preconceito sobre outros *gays*. Sabendo que os espaços escolares na cidade de Ponta Grossa são constituídos por relações heteronormativas e práticas homofóbicas, como aponta Ornat, Santos e Hanke (2014), não é de se estranhar que todos os *Relief Maps* representem a escola enquanto um espaço de opressão acerca das sexualidades não heterossexuais.

Já na casa dos pais, mesmo sofrendo certo desconforto por parte dos irmãos, ele relata ser assumido. Por morar com os pais, a classe social e a idade acabam trazendo-lhe para o sentimento de desconforto, motivos que ele expressa serem pessoais, pois mesmo seus pais sabendo de sua homossexualidade, a presença dele na casa é agradável. Apesar disso, comenta que por já ter 30 anos de idade ele gostaria de ter um espaço só para ele. Sobre a classe e sua relação com a casa dos pais, ele argumenta que essa categoria identitária incomodava principalmente quando ele não trabalhava e que queria comprar objetos e não podia, relato muito próximo dos outros *Relief Maps*.

RELIEF MAPS 3 – Jorge



Fonte: Entrevista realizada com Jorge no dia 02 de setembro de 2014, Ponta Grossa - PR.

Do mesmo modo, a categoria idade, na universidade, estabelece uma conexão com a fala e a construção do *Relief Maps* de Edson. Pelo mesmo motivo, Jorge relata que sentiu certa opressão por ter ingressado um pouco mais velho do que seus colegas universitários, causando certo desconforto diante de uma turma majoritariamente mais nova. Outra categoria que se destaca no mesmo espaço é a religiosidade, pois as angústias ante essa identidade é que o discurso que envolvia a religiosidade era exclusivo a uma única ideologia religiosa.

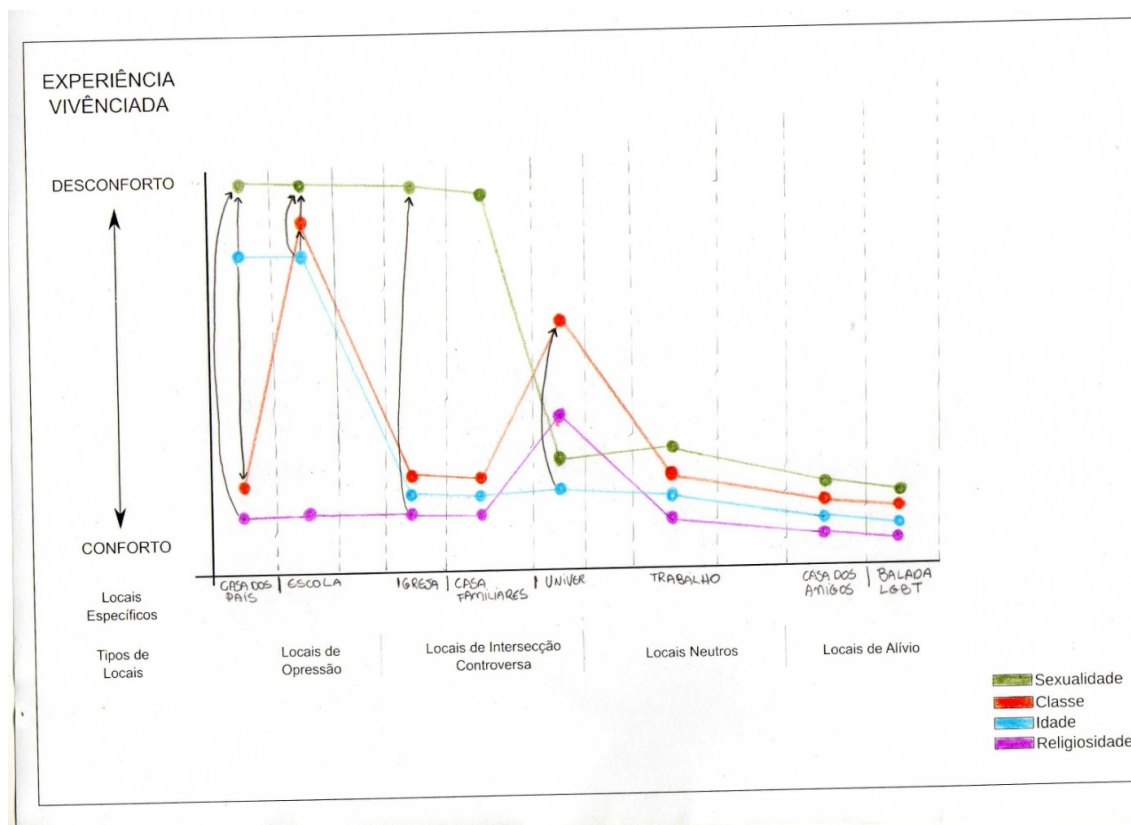
Para Jorge, os embates entre diferentes religiões eram pouco discutidas, o que para ele causava certos desconfortos, mesmo ele seguindo uma religião tida como predominante, a qual passou a ser hegemônica nos discursos da universidade. Sobre sua sexualidade na universidade, Jorge relata ser algo bem tranquilo, teve apenas uma exceção: uma professora que era preconceituosa em todos os aspectos, mas de modo geral ele era respeitado. Ele explica que namorava um rapaz do mesmo curso e eles faziam várias coisas juntos, como tomar café e

viajar juntos. Outro motivo que faz com que a sua sexualidade seja respeitada é o fato de ter feito um curso onde havia diálogos relacionados à diversidade social e ainda aponta que, pelo fato do curso, por ter maior incidência de pessoas orientadas para o mesmo sexo, isso passa a ser mais entendível pelos colegas.

Sobre os espaços neutros e de alívio do *Relief Maps* de Jorge, destaca-se o trabalho, por ser um espaço onde sua homossexualidade não é assumidamente declarada para todos os colegas, mas aqueles que sabem tratam-no muito bem, sem qualquer discriminação, sendo um espaço de neutralidade nas suas identidades. O teatro passa a ser um espaço de total conforto e de liberdade corporal e espiritual. Ainda diz que por ter muitas pessoas homossexuais, isso faz com que ele se sinta muito bem, reafirmando o que anteriormente discutimos, em que o espaço é constituído por múltiplas relações, formando o próprio espaço (MASSEY, 2008).

Ao questioná-lo sobre a idade no teatro, ele argumenta não sentir nenhum tipo de opressão, pelo contrário, ser mais velho é ter uma experiência adquirida e, por isso, a idade nesse espaço passa a ser de privilégio. As flechas feitas a lápis nos *Relief Maps* são formas de evidenciar as conexões que as categorias identitárias têm umas com as outras, ora podendo intensificar ora reduzir situações de opressão. Como é o caso de Junior, 21 anos de idade, branco, protestante pouco participativo e trabalha como promotor de vendas. Em seu *Relief Maps* essas conexões são visíveis, sobretudo, na casa dos pais.

RELIEF MAPS 4 – Junior



Fonte: Entrevista realizada com Junior no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa - PR.

Para 'Junior', a categoria idade intensifica a opressão em relação a sua sexualidade, pois se considera muito novo para assumir sua homossexualidade nesse espaço. De modo oposto, a mesma categoria identitária idade faz com que as opressões em vista de não ter uma renda (classe) diminuam, aproximando-se da zona de conforto ou de privilégio. Portanto, a idade passa a ser uma categoria muito interessante na vivência espacial *gay* referente à casa dos pais e outros espaços, pois a pouca idade pode trazer privilégios e menos cobranças nas vivências e categorias identitárias, até mesmo referente as suas sexualidades.

No entanto, poucos trabalhos têm desenvolvido essa categoria identitária como aponta Hopkins e Pain (2007). Os autores argumentam que há certas disparidades entre as abordagens de categorias sociais, pois os trabalhos sobre as geografias da idade ainda são desproporcionais às cronologias sociais indo do mais novo até o mais velho e que dificilmente são conectados diretamente com outras categorias. Contudo, ressaltam que mudanças estão acontecendo e que há

frequentes interesses de estudos sobre crianças e jovens, mas ainda limitada a pessoas muito velhas.

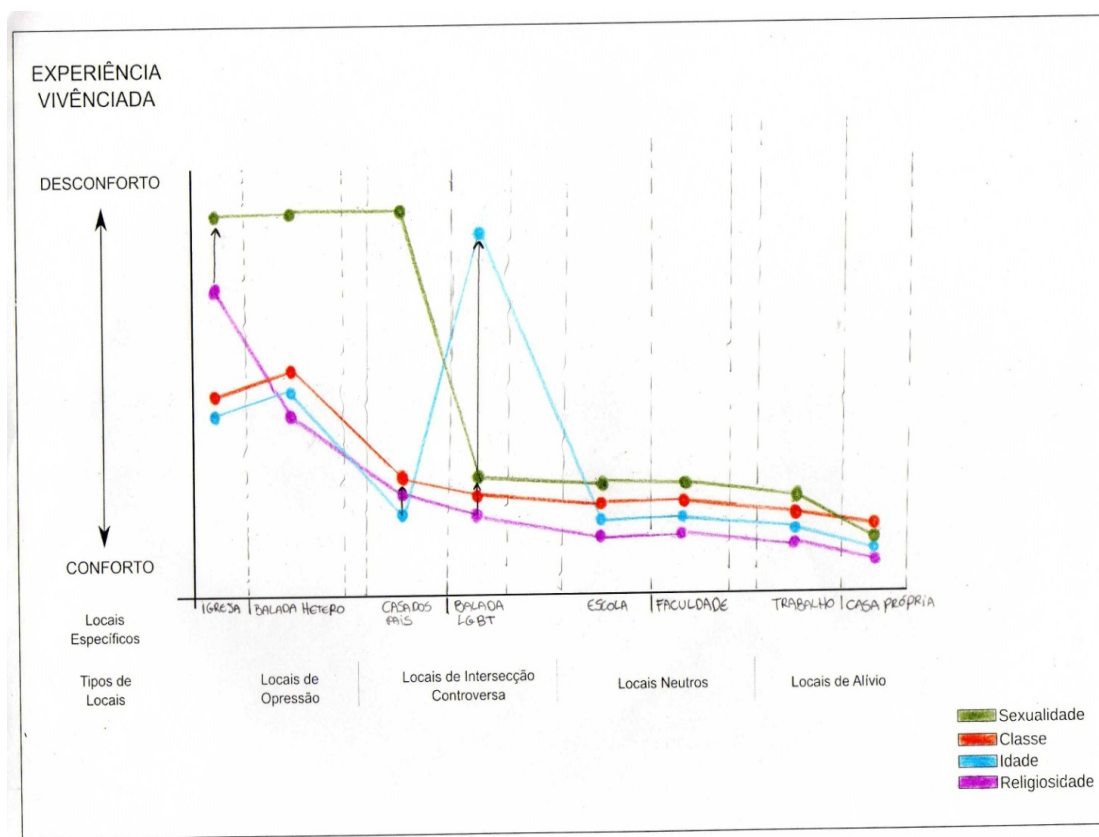
Para os autores, o problema não é que os geógrafos têm ignorado a fluidez da idade, mas que os primeiros geógrafos dessa área têm assentado seu olhar em grupos etários fixados e que essa base conceitual tem se estendido nos últimos quinze anos. A atenção sobre a vida de pessoas mais velhas tem sido muito pequena. Segundo os autores, a literatura sobre a 'velhice' é minúscula, e algumas literaturas da gerontologia têm sido um mantra para os geógrafos.

A idade pode ser compreendida enquanto um conceito que serve para referenciar a realidade do estudo de vidas. Contudo, as experiências e significados que damos a idade são resultado de processos históricos e culturais, diferenciando-se entre infância, juventude e diríamos ainda, da velhice, por contextos sociais, culturais, políticos e espaciais.

Em diário de campo, evidenciamos que quanto maior a idade, maior é a opressão para ter emprego e uma autonomia. Isso se refere à classe de renda, não enquanto um conceito da sociologia, mas também a outras categorias como a sexualidade (ter uma namorada), a qual indica uma opressão em assumir ou não a sexualidade na vivência *gay*. Diferentemente de Jorge e Edson, a categoria identitária idade para Junior, na universidade, não foi opressiva, isso porque ele entrou com uma idade relativamente jovem (18 anos).

Em contrapartida a mesma categoria se relaciona com outra (a classe) no mesmo espaço, intensificando-a enquanto um desconforto. Por ser jovem, Junior não ter emprego e nem uma renda própria, isso mostra como as categorias identitárias relacionam-se diferentemente em determinados contextos sociais e espaciais dos sujeitos. A relação de opressão e alívio a respeito da categoria idade não é estrita apenas na universidade ou na casa dos pais. Como aponta o *Relief Maps 5* de Marcelo, a idade passa também a ser opressiva na balada LGBT, isso porque quanto mais velho o *gay* é em uma balada, maior é a opressão daqueles que a constituí.

RELIEF MAPS 5 – Marcelo



Fonte: Entrevista realizada com Marcelo no dia 24 de maio de 2015, Ponta Grossa - PR.

Como vimos nos estudos da década de 1980 sobre boates, esses espaços têm certas características das relações homossexuais. Assim, como Rodó-de-Zárate (2013b) aponta que o espaço urbano é organizado a partir de uma lógica entre hegemonias de gênero, raça, sexualidade, compreendemos que as baladas LGBT's também podem ser organizadas e direcionadas a partir da idade e para um 'público alvo', isto é, pessoas relativamente 'jovens'.

Como aponta Mota (2012), as práticas sexuais de gays velhos revelam um circuito *gay* caracterizado pela valorização da vida jovem e pelo individualismo. Para o autor, diante do estigma de ser *gay* e velho, pode-se examinar diferentes vivências relacionais e estilos de vida dessas pessoas, como também nas discussões de Paiva (2009). Segundo esse autor há uma abjeção em relação ao corpo velho na homossexualidade, juntamente com um silêncio a respeito dessas experiências, o

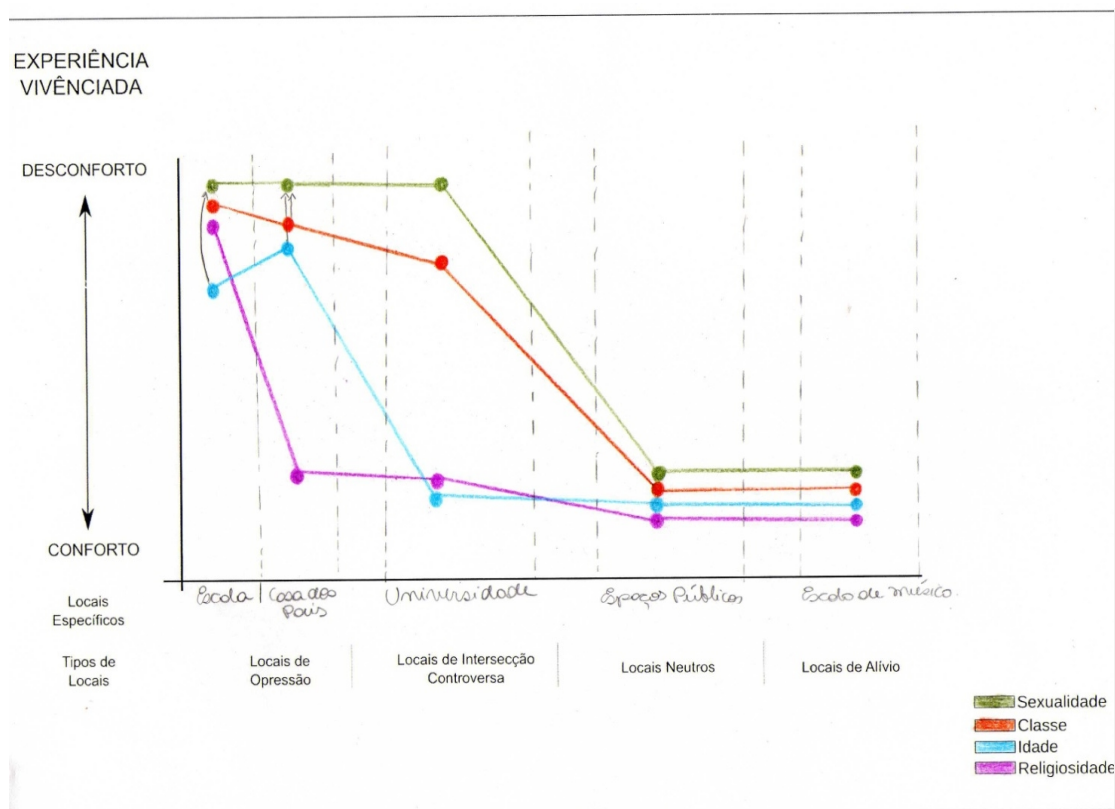
que evidencia uma posição marginal dos homossexuais velhos, tanto na epistemologia quanto nas discussões que envolvem sexualidades contemporâneas.

Tais relações de poder são exemplificadas no *Relief Maps* de número 5 do sujeito Marcelo, pois mesmo tendo apenas 27 anos de idade, ele argumenta que se sente velho na balada, isso porque as pessoas que as vivenciam têm entre 18 e 22 anos de idade, corroborando naquilo que Paiva (2009) e Mota (2012) argumentam sobre uma homossexualidade centralizada na juventude. Já sobre as outras categorias identitárias, nesse espaço em específico, ele argumenta serem indiferentes e comenta que a sua sexualidade é confortável, pois corresponde às práticas sociais desse espaço. A balada LGBT passa a ser percebida por ele como um espaço totalmente livre no exercício de práticas homoafetivas com seu parceiro, como beijá-lo e dançar junto dele. Sua sexualidade passa a ser entendida na balada LGBT enquanto um privilégio entre as relações sociais que a constitui.

Marcelo fala sobre a 'balada heterossexual', a qual também vivência. A balada heterossexual assemelha-se com a balada LGBT no sentido que se dá para a categoria identitária idade. No entanto, esse espaço é percebido e concebido por Marcelo, referente à sua sexualidade, como totalmente de opressão, mesmo quando está acompanhado de sua mãe ou ainda de seu companheiro. Marcelo relata que o sentimento de ir nessa balada, que é constituída predominantemente por pessoas heterossexuais, é de limitação de comportamentos e práticas homoafetivas, principalmente quando sua vivência é com seu companheiro. Sua sexualidade é totalmente privada, segundo ele. Mesmo as outras categorias identitárias sendo indiferente para Marcelo, no espaço 'balada', ainda assim, ele a classifica como opressiva.

Diferentemente de Marcelo, Pedro (*Relief Maps* 6) é um *gay* que não gosta de baladas, vivenciando pouco esse espaço. Pedro é um jovem de 19 anos, branco, estudante e ateu. Por não ter religiosidade seu *Relief Maps* se diferencia dos demais, pois evidencia que as práticas religiosas podem ser totalmente convertidas em desconforto quando não se é submisso a ela. De início, Pedro relata sua experiência na escola, um colégio particular e religioso, no qual fala ter tido muitos problemas por ser adepto ao ateísmo.

RELIEF MAPS 6 – Pedro



Fonte: Entrevista realizada com Pedro no dia 3 de setembro de 2014, Ponta Grossa - PR.

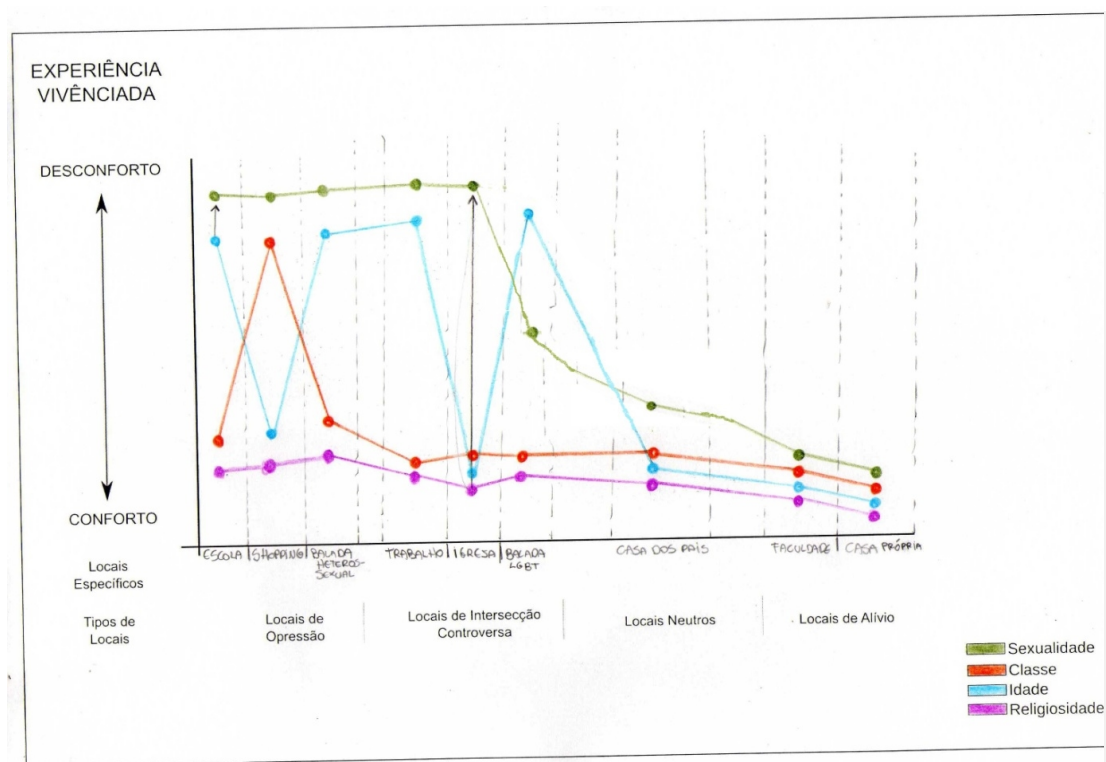
A religiosidade nesse caso passa a ser uma relação de poder para Pedro, à medida que é obrigado a fazer orações e a conviver com crenças de doutrinas impostas. Seu distanciamento a uma religião também está fortemente ligado a sua homossexualidade, pois ao presenciar constantes afirmações e julgamentos preconceituosos sobre diferentes sexualidades, inclusive a sua, Pedro relata ter tido muitos problemas psicológicos na escola e em outros espaços.

Sobre sua sexualidade desviante da heterossexualidade, Pedro relata ter experienciado muito preconceito na escola, como também vimos na maioria dos *Relief Maps* dos outros homens *gays*. Isso se repete na universidade e na casa dos pais, onde sua sexualidade é bloqueada por relações de poder nesses espaços. Na casa dos pais, essas relações se estabelecem através de brigas e discussões e de frequentes cobranças. Já na universidade, as ações opressivas são através de preconceitos e olhares perversos de recriminação.

Do mesmo modo, a idade e a classe estão intimamente relacionadas ao desconforto na casa dos pais e na escola. Por ser uma pessoa relativamente nova sem autonomia financeira, Pedro relata sofrer opressões nesses espaços (casa dos pais e escola), por ter essas identidades não correspondentes a primazia de suas relações. Diferente desses espaços, os espaços públicos e a escola de música para Pedro passam a ser concebidos enquanto espaços de alívio e de neutralidade, por serem espaços onde ele encontra múltiplas pessoas, culturas e identidades, passando a gozar de um privilégio de ser mais um, sem que haja distinções a partir de sua sexualidade, idade, classe ou ausência de religiosidade.

No *Relief Maps* de número 7, temos o sujeito denominado Rick, com 26 anos de idade, católico (pouco participante), pequeno empresário na área de comércio da cidade e de classe média.

RELIEF MAPS 7 – Rick



Fonte: Entrevista realizada com Rick no dia 6 de maio de 2015, Ponta Grossa – PR.

Rick compartilha das experiências de muitos dos sujeitos aqui analisados. Inicialmente, ele diferencia em seu mapa a Balada LGBT e a Balada entendida enquanto heterossexual. Enquanto a balada heterossexual está localizada enquanto opressora, a balada LGBT é apresentada como controversa.

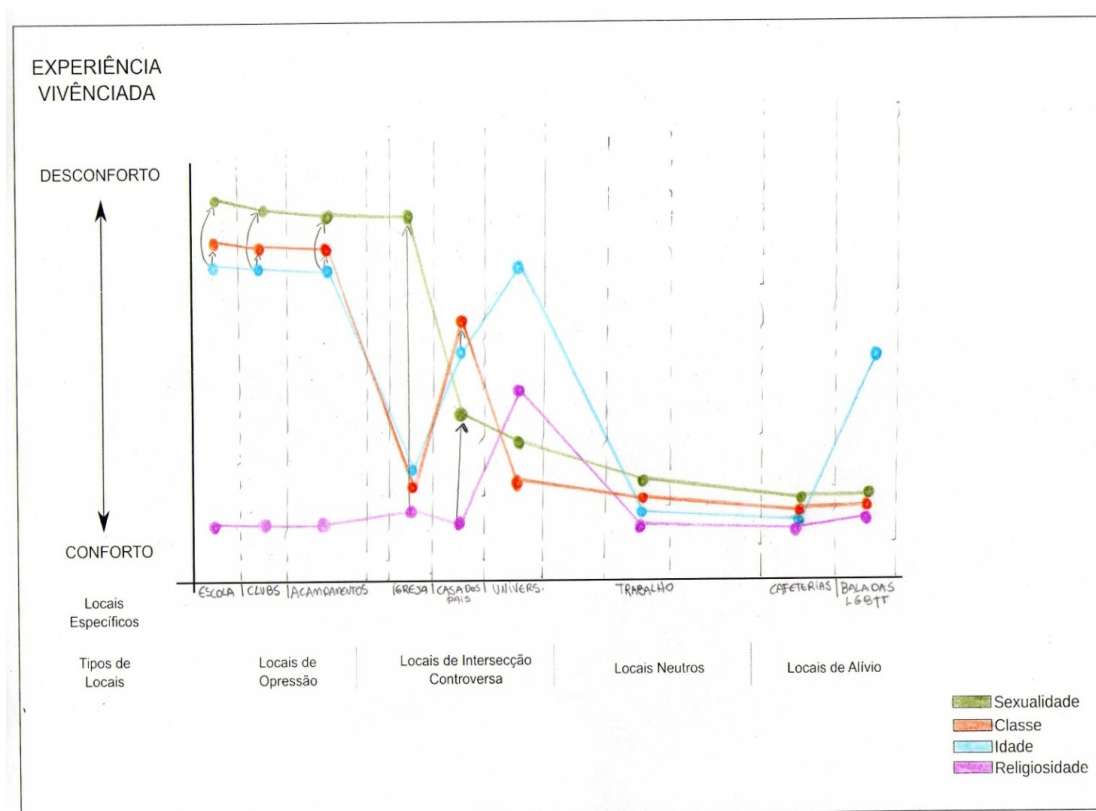
Isso porque, mesmo as duas causando desconforto referente à idade, uma delas traz conforto referente à sua sexualidade, no caso a balada LGBT, corroborando naquilo que Rodó-de-Zárate (2013b) argumenta sobre os resultados dos *Relief Maps*. Estes fornecem imagens das diferentes experiências vividas que as pessoas têm em lugares diferentes, variando de acordo com as diferentes relações de poder. Sobre os espaços de opressão de Rick, ainda temos a escola e o *shopping*. Esses dois espaços são opressivos no que se refere à sexualidade e diferenciam-se por oprimir outras categorias identitárias. No caso da escola, a idade é apresentada junto com a sexualidade enquanto categorias identitárias de opressão. No entanto, quando o sujeito vai representar o *shopping* há uma inversão em que a classe passa a ser mais oprimida e a idade mais confortável.

Rick revela que na igreja sua religiosidade, e as práticas a partir dela, faz com que sua sexualidade seja oprimida nesse espaço, como podemos observar em seu mapa. Isso resulta diretamente na frequência desse espaço, que passou a não ser tão cotidiana. Assim como Edson, a casa própria é a definição de alívio para esses sujeitos. Rick ainda relata que mesmo tendo uma maior opressão sobre a classe de renda na sua casa própria, ainda assim é de total conforto poder ter essa privacidade com seu companheiro, a qual ele não tinha na casa dos pais. Percebe-se que a categoria sexualidade sempre tem maior expressividade em relação à opressão no *Relief Maps* de Rick e nos demais, o que nos faz pensar que a vivência espacial desses sujeitos é organizada principalmente por espaços fundamentados em uma lógica heteronormativa e que as outras categorias podem também ser de opressão ou, ainda, como meios de intensificar ou reduzir o efeito das relações de poder que se estabelecem frente às categorias identitárias, sobretudo, a sexualidade.

O último mapa é o de número 8 e foi construído por Thor. Thor é um gay assumido, tem 33 anos de idade, trabalha como vendedor, é evangélico (muito participante) e mora com os pais. Assim como quase em todos os mapas que aqui

foram apresentados, a escola foi um espaço de opressão para Thor em grande parte das categorias que se propusemos a analisar. Sobre sua sexualidade, ele comenta que sempre sofreu preconceito desde muito cedo, mesmo que não se identificasse enquanto *gay*.

RELIEF MAPS 8 – Thor



Fonte: Entrevista realizada com Thor no dia 20 de julho de 2014, Ponta Grossa - PR.

Thor comenta que sabia que era diferente, entretanto, pensava que era por outros aspectos físicos, como a cor de seus cabelos pretos em um espaço onde havia predominantemente pessoas de cabelos loiros. Da mesma forma, Thor pensava que por ter vindo de uma família de classe média baixa, sofria opressão dos colegas filhos de fazendeiros que tinham uma renda alta. Isso vai se estender a outras esferas espaciais como os *Clubs* e os *Acampamentos*, mesmo esses dois espaços sendo espaços constituídos principalmente por pessoas da igreja que ele

vivência. Os *Clubs* e os Acampamentos eram direcionados aos jovens da comunidade religiosa.

Por ser de uma classe de renda mais baixa, ser mais novo e demonstrar uma sexualidade diferente da heterossexual, Thor acaba sendo oprimido por várias relações de poder por não corresponder com as identidades hegemônicas que ali foram estabelecidas. A igreja, mesmo constituída pelos mesmos jovens dos *Clubs* e Acampamentos, passa a ser um espaço de contraversão, pois a igreja é constituída por pessoas mais velhas que respeitam a classe e a idade de Thor o que faz ele se sentir bem. Entretanto, os mesmos discursos sobre a homossexualidade que os outros *gays* relataram sobre as outras igrejas também são denunciados por Thor e representados em seu mapa.

Thor argumenta que, por mais que algumas pessoas saibam de sua homossexualidade na igreja, ele não assume uma identidade *gay* nela. Para ele, isso passa a ser uma estratégia que ele utiliza para poder vivenciá-la. Mesmo assim, ele coloca a sua sexualidade como sendo opressiva nesse espaço que é intensificada pela religiosidade. O *Relief Maps* de Thor colabora com nossas discussões sobre a idade, à medida que ele vivencia experiências muito próximas a de Edson, Rick e Marcelo, pois como apontado por eles e reiterado por Thor, a idade passa a ser desconfortável e opressiva, sobretudo, na universidade, na balada LGBT e na casa dos pais. Como vimos, a constituição das relações sociais que se estabelecem na universidade exigem cada vez mais pessoas jovens. Do mesmo modo, uma das relações de poder que constitui a casa dos pais é a idade. Esses sujeitos são cobrados em ter emprego e renda, como também ter emancipação desse espaço por outros motivos como a homossexualidade que colabora com essa opressão. Ainda, a balada LGBT, que mesmo sendo classificada pela maioria como um espaço de alívio, é também constituída por relações de poder.

Sobre essa ótica, a relação que foi evidenciada está relacionada, principalmente, referente à idade. Entretanto, poderíamos pensar em outros aspectos que pode constituir esse espaço, como classe, por exemplo, se analisássemos homens *gays* pobres e o seu acesso a esses espaços. Poderíamos encontrar espaços interditos a essas identidades marginais, que muitas vezes são limitadas pela falta de dinheiro. Cabe salientar nesse momento, que não é que essas

peessoas não tenham condições de vivenciar espaços como as baladas, mas que, na maioria dos casos, seu acesso e a frequência nesses espaços pode ser relativamente interdita de acordo com as relações sociais que os constituem, bem como valores de entradas e de produtos de consumo com preços elevados para suas realidades.

Outro fato está na relação de como esses sujeitos se identificam e identificam outras pessoas gays. Para eles, isso está relacionado a vários fatores, como o jeito de se vestir, falar, andar, olhar, 'trejeitos femininos', comportamentos extremos de masculinidade, entre tantos exemplos. Contudo, para eles a definição mais genérica sobre o gay é um homem que se relaciona com outro homem, onde os comportamentos e performaces corporais dependeria de cada um. Porém, eles afirmam que dependendo do comportamento e da performace corporal pode sofrer mais ou menos opressão, pois isso está relacionado diretamente como são lidos e interpretados pelas relações sociais dos espaços. Alguns dos entrevistados demonstram preocupações em aparentar gay, sobretudo em espaços públicos. Já outros não se preocupam na transparência de sua sexualidade o que demonstrou nos resultados maior vulnerabilidade para situações de opressão e de desconforto.

Ao exercitarmos as construções dos *Relief Maps* a partir da proposta de Rodó-de-Zárate (2013a) e analisar seus resultados, surgiu a ideia de pensar outras formas de compreender essa ferramenta metodológica. Mesmo que os *Relief Maps* tenham sido construídos como uma ferramenta metodológica individual, assim como os resultados das experiências e vivências pessoais de cada sujeito, após os desfechos dos mapas, que aqui foram analisados, evidenciamos que mesmo que suas experiências e vivências tenham sido exclusivas aos sujeitos, algumas passaram a ser mais expressivas, bem como apresentaram um comportamento semelhante entre os homens gays investigados quando comparados uns com os outros. Contudo, os oito gays não se caracterizam enquanto um grupo, pois foram aleatoriamente entrevistados por meio de redes de sociabilidade.

Ainda assim, as experiências que foram contadas e representadas na pesquisa nos revelou que alguns espaços, mesmo sendo localizados diferentemente uns dos outros, apresentam relações de poder semelhantes perante determinadas identidades. Isto nos fez pensar se poderíamos trabalhar com '*Relief Maps* coletivos'.

Tal proposta nos instigou a dar um passo a frente, no desenvolvimento dessa ferramenta metodológica interseccional, e assim construir uma nova proposta que colaborasse com aquela que Rodó-de-Zárate (2013a) desenvolveu. Portanto, a construção dos mapas coletivos se deu a partir do que foi desenvolvido individualmente por cada sujeito entrevistado e analisado nessa dissertação. Tal processo parte não das experiências individuais de cada sujeito, mas sim das experiências compartilhadas de suas vivências espaciais. Contudo, tivemos algumas limitações, principalmente no que se refere ao movimento temporal, pois trabalhamos com história de vida dos sujeitos e não só da vida atual deles. Como uma forma de resumo de suas vidas, os sujeitos resgataram de suas memórias experiências em determinados espaços entre o passado e o presente que foram marcantes em suas vidas sem que fossem interrompidos. Nossa preocupação foi exatamente como tentar sanar esse aspecto temporal que acabou não sendo representado nos mapas coletivos. Em uma tentativa de sanar o aspecto temporal, utilizamos um outra metodologia, análise de discurso, para tentar localizar através trechos discursos o momento temporal da experiência do sujeito. Esses trechos são acompanhados juntamente com os mapas coletivos.

Assim, com o objetivo de ampliar as possibilidades de análises geográficas e interseccionais sobre gays no Brasil, o terceiro capítulo irá abordar como os espaços passam a ser vivenciados, percebidos e concebidos a partir das relações sociais, estas por sua vez, regulam formas, comportamentos e identidades segundo as visões e suas organizações sociais de mundo.

Dessa forma, nossa proposta para o terceiro e último capítulo é evidenciar como os significados elaborados pelos homens *gays* acerca de suas experiências espaciais, na cidade de Ponta Grossa-PR, estruturam-se em termos de centro e margem na intensidade discursiva a partir das entrevistas, como também da representação dos mapas coletivos que foram construídos por experiências identificadas enquanto compartilhadas por diferentes espaços, compondo a vivência cotidiana desses homens *gays*.

CAPÍTULO III

ESPACIALIDADES E SIGNIFICAÇÕES NA VIVÊNCIA GAY

Este capítulo realiza uma discussão segundo as concepções, percepções e vivências espaciais de homens *gays*. Segundo as respostas de campo, estas dinâmicas indicam a regulação de suas práticas sociais, de acordo com relações de poder que se estabelecem a partir de identidades hegemônicas construídas através dos espaços. Para tanto, subdividimos esse capítulo em dois momentos. O primeiro momento refere-se às reflexões de como o espaço pode ser pensado enquanto uma construção social, constituído por relações de poder que regulam e disciplinam as práticas humanas a partir do que é vivido, percebido e concebido pelos sujeitos.

Além disso, analisamos o resultado discursivo de 10 horas e 55 minutos de entrevistas feitas em profundidade com oito homens que se autoidentificam enquanto *gays*. Por fim, evidenciamos uma nova proposta de pensar os *Relief Maps* enquanto mapas de análise coletiva de experiências compartilhadas por pessoas que tenham identidades em comum, como a homossexualidade, pois como tratamos na segunda seção do capítulo II, as construção dos *Relief Maps* e a própria metodologia são elaborados a partir de experiências individuais dos sujeitos.

Entretanto, mesmo as experiências e vivências espaciais sendo distintas entre os sujeitos dessa pesquisa, alguns espaços de sua vivência foram mais expressivos. Ao analisarmos essas expressividades, identificamos que suas experiências eram compartilhadas semelhantemente por uma ou mais categorias identitárias. Portanto, a última seção deste capítulo evidencia uma nova proposta de se pensar os *Relief Maps* de uma forma não individual, mas a partir de um coletivo de experiências compartilhadas pelos homens *gays*.

3.1 Vivendo, Percebendo e Concebendo relações entre Espaço e Regulação

A proposta desse capítulo se baseia na construção de uma análise espacial segundo diferentes relações sociais, as quais podem promover situações que variam da opressão ao alívio na vivência espacial e cotidiana de homens *gays*. Partindo da proposta de Corrêa (1993), o qual argumenta que o espaço urbano é fragmentado e

articulado por relações materiais e imateriais, produzindo e reproduzindo o que é a sociedade, compreendemos que as relações imateriais podem ser lidas como aquelas que não são vistas, mas sentidas através dos espaços e, portanto, sendo um fato social que constrange ações de indivíduos e de grupos sociais de acordo com suas diferentes realidades. Souza (1997) também discute sobre as relações das subjetividades e intersubjetivas no espaço social. Para o autor, o espaço é material, porém esta materialidade é lida pela intersubjetividade de seus indivíduos. O espaço social é, primeiramente, compreendido por sua dimensão material e objetiva, um produto da transformação do espaço natural através do trabalho social, mas também palco de relações sociais construídas e moldadas pelos humanos.

Isso quer dizer que o espaço social não se limita apenas no material e no objetivo e que, segundo o autor, não se torna espaço em uma entidade definida e de forma precisa, pois sua objetividade está na leitura intersubjetiva, onde a materialidade é dotada de significações específicas para cada indivíduo (subjetividade), mas também se relaciona com a partilha de outros tantos indivíduos, as inter(subjetividades). Associadas a essas discussões, os debates de Lefebvre (2000) e a teoria da produção do espaço têm mostrado que o espaço não pode ser mais compreendido como passivo, vazio ou um produto final.

Para o autor, o espaço é compreendido enquanto um conjunto de relações que intervêm na produção, organização e na partição de redes de produtos, trabalhos, transportes de matérias e energias. Portanto, sua ação é produtiva e de produção, não podendo ser isolada ou mantida de forma estática. Indo além, Lefebvre (2000) relata que o espaço produzido se decifra e se lê, implicando em um processo de significados. Mesmo que não exista uma leitura sobre códigos e linguagens, talvez símbolos particulares tenham se estabelecido ao longo da história, provocando efeitos diversos de modo que 'sujeitos' interessados a eles e membros da sociedade provoquem ao mesmo tempo e espaço a sua capacidade de compreensão.

A partir dessas primeiras reflexões, nos esforçamos para pensar que os espaços produzidos na vivência gay são, em sua maioria, organizados e compreendidos a partir de determinados arranjos de relações sociais, que através do tempo e espaço consolidaram determinadas práticas sociais através de seus

códigos, linguagens e símbolos, que não deixam de ser formas subjetivas e intersubjetivas vindas de indivíduos deliberadamente interessados em vantagens e benefícios sobre aquelas pessoas que não são condizentes ao modelo que foi estabelecido por elas. Entendendo nessa análise que esses 'indivíduos' são compreendidos como aqueles que Foucault (1988) denomina enquanto vitorianos e ainda, de forma oposta aqueles 'outros sujeitos', estes lidos enquanto 'abjetos', segundo as discussões de Butler (2008). Esses sujeitos abjetos são todos aqueles que fogem das regras e das disciplinaridades criadas sobre uma ou mais identidades hegemônicas como formas de impossibilitar a existência de outras identidades que não foram padronizadas, como é o caso dos homens *gays*.

Esses sujeitos 'abjetos' vivem, percebem e concebem as relações através do espaço por uma ótica que é divergente dos demais seres humanos simétricos. Isso porque, quando não subvertemos tais conjuntos normativos, passamos a fazer parte deles, reproduzindo e reforçando sem que sejamos condenados por isso. Visto por exemplo sobre o mecanismo de gênero e a linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, diferentemente do que acontece com aqueles que tentam corrompê-los, vivendo, percebendo e concebendo essas relações que, em sua maioria, passam a ser de opressão.

Nesse sentido, evidenciamos as discussões de Soja (1999), o qual argumenta que o espaço geográfico é percebido, concebido e vivido pelos sujeitos, pois o próprio ser humano é constituído por uma tríade entre historicidade, socialidade e espacialidade. Cabe salientar nesse momento de discussão, que sempre utilizamos o vivido antes do percebido e do concebido, isso porque entendemos que, para o espaço ser percebido e concebido, primeiro, ele deve ser vivido. Por tal motivo que o título dessa seção é vivendo, percebendo e concebendo as relações entre espaço e regulação.

Ao propor pensar o espaço a partir dessa tríade, Soja (1999) instiga-nos a várias possibilidades de compreendê-lo, não havendo uma única maneira de pensá-lo, pois como ele mesmo afirma, diferentes momentos acrescentam potenciais e novas perspectivas que prolongam as imaginações geográficas. Dessa forma, nossa proposta para a primeira seção do terceiro capítulo é, além de ampliar as discussões

e imaginações geográficas, também fazer uma discussão a partir das reflexões de Soja (1999) sobre o '*Thirdspace*', que na tradução simples significa 'Terceiro espaço'.

Para esse autor, a Geografia sempre se preocupou com duas formas de se analisar o espaço, primeiro o espaço percebido que ele chama de primeiro espaço, ou seja, '*Firstspace*' e em segundo, o espaço concebido que ele denomina como '*Secondspace*'. *Firstspace* é definido como aquele que é experienciado diretamente por fenômenos empiricamente mensuráveis e mapeáveis. Para Soja (1999), essa forma de pensar materializou a espacialidade, onde as Geografias humanas passaram a ser apresentadas meramente como resultados ou produtos de forças que não estariam propriamente nelas, mas seriam apenas derivações da socialidade e da historicidade. O que para muitos, principalmente aqueles que veem a Geografia como uma ciência formal, é o único objetivo formal em que o espaço vale a pena de ser estudado.

Contrário ao *firstspace*, Soja (1999) argumenta que o espaço 'concebido' é mais subjetivo e mais imaginado do que o espaço percebido. Assim, o '*Secondspace*' está mais preocupado com as imagens, as representações da espacialidade e os processos do pensamento, do que compreender um espaço totalmente fixo e materialmente perceptível. O espaço concebido concentra-se e explora mais o cognitivo, o conceitual e os mundos simbólicos. Portanto, o segundo espaço passa a ser mais idealista do que materialista e embora se tenha a existência da epistemologia no primeiro espaço, é no *secondspace* que ela recebe uma maior atenção.

Não contente com apenas as duas formas de se pensar o espaço geográfico, Soja (1999) propõe a existência de um terceiro espaço, este denominado pelo autor enquanto '*Thirdspace*'. Soja (1999) explica-o como uma via de compreender e agir para mudar a espacialidade da vida humana, assim como um modo distinto de percepção espacial. Para o autor, o terceiro espaço, 'o espaço vivido', é simultaneamente um modo de olhar, interpretar, de dar condições às mudanças espaciais. Entretanto, isso não quer dizer que ele seja melhor do que o *firstspace* ou o *secondspace*. Segundo o autor, o terceiro espaço passa a ser uma forma mais rica e abrangente sobre as imaginações da socialidade e historicidade,

mas também do encontro de estratégias para promover ações políticas coletivas contra formas de opressão humana.

Assim como as discussões sobre o terceiro espaço, a dialética proposta pelo autor entre historicidade, socialidade e espacialidade auxilia-nos na compreensão do nosso fenômeno e a problematizar como os significados elaborados pelos *gays* sobre suas experiências espaciais se estruturam em termos de centro e margem nas suas relações sociais, esta, segundo a perspectiva de Rose (1993) discutidas no primeiro capítulo. Cabe ressaltar que esses autores têm perspectivas diferentes, no entanto, não quer dizer que suas contribuições, mesmo separadamente, não possam contribuir para a análise do nosso fenômeno. Pois, resgatamos as reflexões de Rose (1993) pelo fato que a relação de centro e margem na vivência espacial dos *gays* também apresentam diferentes posições cabíveis de transformações, sem que essas sejam fixas.

Já a utilização o conceito de *Thirdspace* passa a ser fundamental nesse pensamento, pois os significados que são elaborados pelos homens *gays* dessa dissertação se dão a partir do que é vivido, percebido e concebido por essas pessoas e ainda, instituindo relações que ora são centro e ora margem. Soja (1999) relata que os estudos contemporâneos sobre o espaço têm seu desenvolvimento mais enérgico no final do século XX, onde estudiosos passam a interpretar o espaço e a espacialidade dos seres humanos da mesma forma que a história vem elucidar o tempo. Ou seja, nesse momento a história passa a compreender o tempo enquanto historicidade das vidas humanas, bem como as relações sociais e a sociedade. Para o autor, poucos negariam a compreensão do mundo em que sua maneira mais simples de entendê-la é a simultaneidade da história e da sociedade.

Sobre essa ótica, Soja (1999) argumenta que as ciências humanas amplamente difundidas esforçaram-se em seus estudos na produção de um conhecimento prático e informativo, onde seu propósito era de ter um conhecimento útil e beneficiário, mas também emancipatório e com efeito cumulativo, o que acabou ofuscando as imaginações criativas e críticas que foram emergindo da compreensão entre essa prática e a teoria. Assim, uma nova perspectiva crítica surge em torno da imaginação, explicitamente espacial, sobre os estudos da história

e da sociedade com novas formas de pensamento, tornando suas ligações indissociáveis e transformando significativamente a ontologia.

Essa argumentação passa a ser relevante à medida que corrobora em nossa compreensão de como o ser humano passa a se organizar em sociedade a partir de determinadas práticas sociais e o papel que 'deve' desempenhar nela, visto nas discussões de Castells (1999) e Sánchez (2006) no segundo capítulo. Porém, algumas práticas, bem como papéis desempenhados por estrabismos sociais – entendendo os estrabismos sociais enquanto formas únicas de visão de mundo, sociedade e seres humanos – começam a ser questionados e tensionados pelos movimentos sociais e de pessoas que se opunham a esse processo de uniformização social e pessoal, principalmente nas décadas de 1960, 1970 e 1980 nos Estados Unidos e na Europa, e no Brasil entre 1980 e 1990.

Para Soja (1999), nos últimos séculos a ontologia se assentou sobre características temporais e sociais da existência humana, pelo menos no que pode ser descrito como as relações existenciais entre a historicidade e a socialidade do ser no mundo, com algumas tentativas por parte de filósofos críticos em dar uma expansão no sentido dinâmico, tornando a espacialidade importante. Contudo, a espacialidade continuou sendo subordinada ao dialeto dominante entre historicidade e socialidade por mais algum tempo, pois como aponta o autor, atualmente a espacialidade é inerente e passa a abranger a terceira parte da tríade ontológica que é: historicidade, socialidade e espacialidade.

Portanto, as reflexões geográficas passam a ser de fundamental importância na complexidade entre o social, o histórico e o espacial da vida dos homens *gays*. Ao passo que ao nos apropriarmos delas, evidenciamos que os espaços que compõem suas vivências são, primeiramente, vivenciados, percebidos e concebidos, sobretudo, a partir das relações sociais e seus organizadores como o gênero, a raça e etnia, a classe, a sexualidade, a idade e a religiosidade, e conseqüentemente, significadas pela sua experiência social, histórica e espacial. Para Soja (1999), estudar a historicidade de um determinado evento, pessoa, lugar ou grupo social não é intrinsecamente mais perspicaz do que estudar a sua socialidade ou espacialidade. Segundo o autor, esses três elementos possuem interação e devem ser estudados de forma conjunta, como uma grande fonte de conhecimento.

Então, Soja (1999) argumenta que se conseguirmos fazer tal relação entre essa dialética de análise dos fenômenos, conseguiremos compreender o 'ser-no-mundo'. Dessa forma, nos aproximamos ainda mais da complexidade de se trabalhar tanto com a interseccionalidade, quanto com os *Relief Maps* e a rede semântica das entrevistas dos homens *gays*. Compreendendo a partir das reflexões da dialética que a interseccionalidade estaria para a socialidade, assim como os mapas coletivos para a espacialidade e a rede semântica para a historicidade, mesmo que estes três termos – interseccionalidade, mapas coletivos e rede semântica – também estejam de certa forma para os outros elementos.

De qualquer maneira, compreendemos que as afirmações iniciais deste parágrafo fazem-se pertinentes na medida da resposta obtida pelo processo de pesquisa. A interseccionalidade está para a socialidade, uma vez que evidencia diferentes relações sociais segundo determinadas identidades. Do mesmo modo, evidenciamos, a partir de experiências dos *gays*, suas espacialidades de opressão ao alívio e ainda, a partir das entrevistas observamos a historicidade desses sujeitos, completando a tríade de nossa análise.

Para o autor, pode-se concentrar mais profundamente em um dos elementos da dialética desde que não atrapalhe significativamente os demais. Assim, por termos a perspectiva geográfica nesse trabalho, nos atentamos principalmente na relação espacial desses sujeitos, entretanto, evidenciando suas historicidades, assim como suas socialidades. A partir das entrevistas, que totalizaram 10 horas e 55 minutos de duração, pudemos construir uma rede semântica dos sujeitos com 195 evocações.

Essa rede evidenciou que as falas dos sujeitos estão relacionadas principalmente às experiências de suas sexualidades com cerca de 75% do total das falas. A idade corresponde ao total de 12% das evocações, a classe 8% e a religiosidade 5%, do total de 100% das evocações. Para que fosse possível compreender a construção dos *Relief Maps* individuais, foi necessária a aplicação de um roteiro de entrevista com perguntas referentes às vivências e experiências espaciais cotidianas dos *gays*.

A realização da entrevista auxiliou a própria estruturação dos mapas, sendo parte metodológica dos *Relief Maps*. Complementando as questões que envolvem

as entrevistas nessa pesquisa, estas foram realizadas por mais duas táticas metodológicas, a *Snowball* e a de Saturação. A tática *snowball*, que na tradução ao português significa 'Bola de Neve', foi produzida segundo Bardin e Munhoz (2011), e que tem por objetivo a construção de redes a partir do pesquisador e um primeiro sujeito participante da pesquisa. A partir da indicação desse sujeito, o pesquisador conhece outros entrevistados e assim sucessivamente. A outra tática metodológica foi a de saturação para que tivéssemos o recorte da quantidade das entrevistas a serem realizadas. Essa metodologia foi desenvolvida por Sá (1998) e que significa dizer que quando se tem uma repetição das respostas, dados e resultados dos entrevistados, aquela quantidade pode ser considerada suficiente.

Posto isso, realizamos a análise de conteúdo do discurso das entrevistas segundo as instruções de Bardin (1977). Para a autora, a Análise de Conteúdo tem seu surgimento no início do século XX nos Estados Unidos, principalmente através do jornalismo, no entanto, o primeiro nome que de fato ilustra o início da análise de conteúdo é Harold Lasswell, este fez análises de imprensa e propagandas desde 1915. Para a autora, o nascimento da análise de conteúdo provém da mesma exigência da linguística. Contudo, as duas ignoram-se mutuamente, continuando a se desenvolverem ainda por um tempo em caminhos diferentes, apesar de suas proximidades com o objeto. A análise de conteúdo é um "conjunto de instrumentos metodológicos que cada vez mais se aplicam nos discursos (conteúdo e continentes)" (BARDIN, 1977, p. 9).

Segundo Caregnato e Mutti (2006), a Análise de Conteúdo pode ser tanto quantitativa quanto qualitativa. Estas possuiriam diferentes abordagens, a quantitativa está relacionada à frequência das características que se repetem no conteúdo do discurso. Já na qualitativa, considera a ausência ou presença de uma dada característica de conteúdo ou conjunto de características em um determinado fragmento de mensagem (em nosso caso, trabalharemos com a quantitativa). Para os autores, grande parte dos estudiosos refere-se à análise de conteúdo como uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir interferências. Além disso, foi feito a sistematização das falas que foram transcritas e lançadas em um banco de dados do *BrOffice*. O banco de dados é uma ferramenta que potencializa as falas e as entrevistas, bem como o tempo de

análise, tornando mais coerente possível, assim como nos auxilia a transformar dados qualitativos em quantitativos.

A construção do banco de dados se deu pelo preenchimento de três caminhos discursivos que são: espacialidade discursiva, categoria identitária e categoria discursiva. Fazendo essa triangulação, estamos também, em nossa ótica, produzindo aquilo que Soja (1999) propõe a pensar sobre a tríade historicidade, socialidade e espacialidade, pois a partir da construção da rede semântica da análise de conteúdo das evocações, percebemos que aquilo que pensamos enquanto caminhos discursivos, nada mais é do que pensar uma tríade espacial na vivência dos *gays*. Assim, como nossas metodologias tendem a evidenciar aquilo que é vivido, percebido e concebido pelos *gays*, é através de seus discursos que encontramos uma das formas de analisar essa triangulação.

Portanto, historicidade, socialidade e espacialidade corresponderiam às espacialidades discursivas (espacialidade), categorias identitárias (socialidade) e categoria discursiva (historicidade) na rede semântica. Assim, as espacialidades discursivas são todas aquelas que os sujeitos, durante a entrevista, relataram ter vivido, percebido e concebido. Já as categorias identitárias, se relacionariam com aquilo que é socialmente construído (sociabilidade), ou seja, quando os sujeitos através de suas identidades percebem ações positivas ou negativas a partir das relações de poder que se estabelecem diferentemente em cada sujeito e em espacialidades diversas. Então, as identidades como sexualidade, religiosidade, classe ou idade, passam a corresponder aquilo que é vivido, percebido e concebido pelas pessoas.

Ainda, teríamos aquilo que corresponde as suas historicidades. Nesse sentido, as categorias discursivas de opressão, neutra, controversa e alívio passam a representar uma possibilidade daquilo que é vivido, percebido e concebido pelos sujeitos através de seus espaços cotidianos. Dessa forma, temos uma possibilidade de pensar sobre uma tríade a partir das experiências dos sujeitos *gays*.

Assim, além de termos uma tríade sobre espacialidade, historicidade e sociabilidade, temos também aquele é que vivido, percebido e concebido pelos sujeitos dessa pesquisa. Isso pode representar apenas um imaginário geográfico,

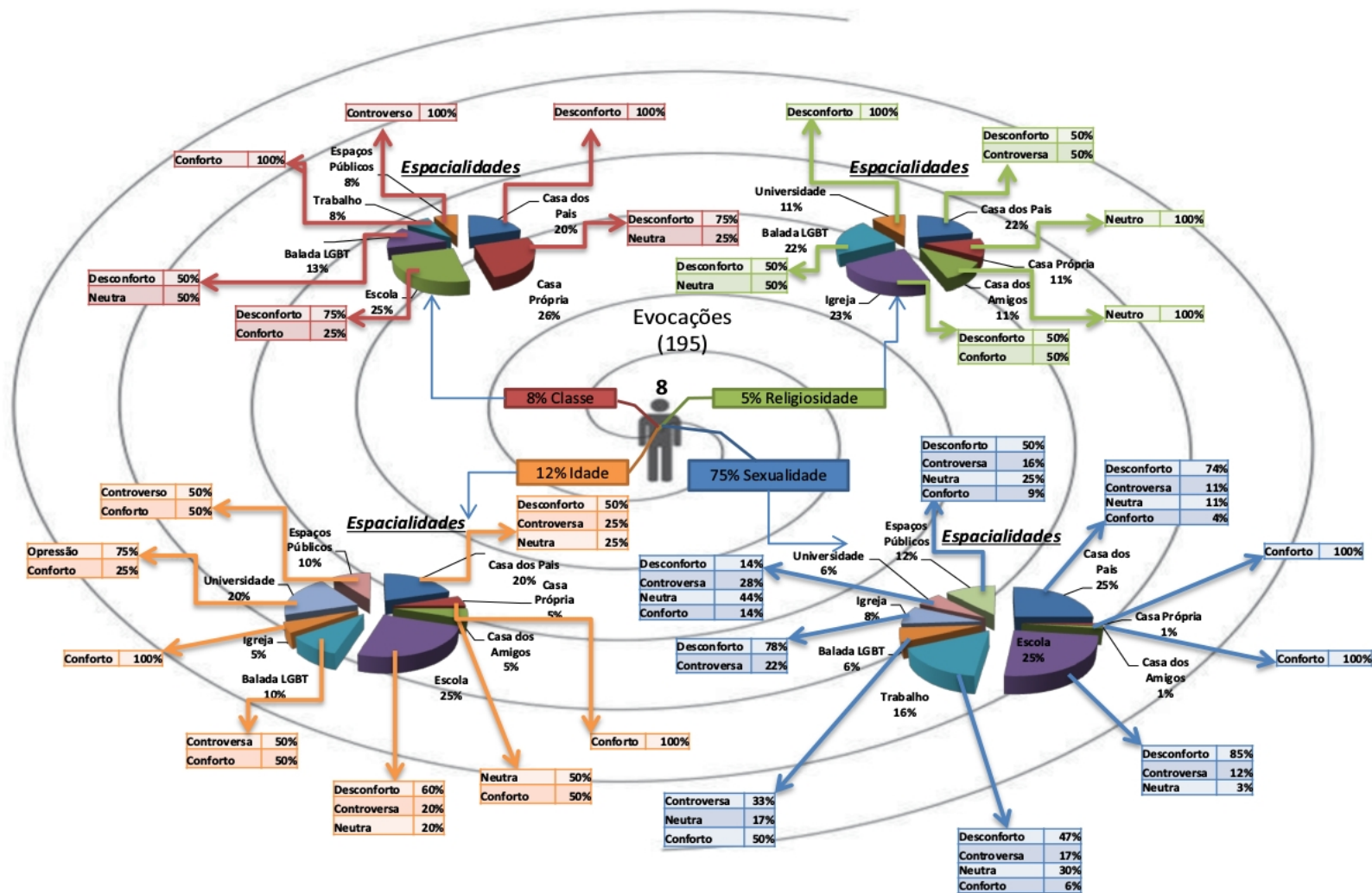
mas ainda assim pode ser visto como uma possibilidade de compreender as relações sociais através dos espaços vivenciados por homens *gays*.

Portanto, a rede semântica apresentada abaixo é além de um resultado discursivo de uma análise de conteúdo, um caminho de se pensar sobre as possibilidades de fazer uma análise da espacialidade, da historicidade e também da sociabilidade das pessoas. Essas podem produzir diferentes redes de acordo com o que é vivido, percebido e concebido por elas. Na sequência, evidenciamos a rede semântica produzida a partir da análise do conteúdo do discurso das pessoas entrevistadas para a construção desta dissertação.

Essa rede é composta por espacialidades discursivas, categorias identitárias e categorias discursivas. Assim, antes de evidenciarmos a rede semântica e seus resultados, temos que, primeiramente, fazer um ressaltado para que fique mais clara a compreensão dos seus resultados, sobretudo, entre identidade e categoria identitária, pois assim como analisamos as identidades (sexualidade, idade, classe de renda e religiosidade) também aplicamos essas palavras para definir as categorias identitárias de análise de conteúdo do discurso.

Sendo assim, para que fosse possível fazer a diferenciação entre identidade e categoria identitária de análise de discurso, em nosso texto, utilizaremos 'aspas simples' para fazer uma diferenciação de quando estivermos falando de identidade do sujeito e de categoria discursiva identitária. Isso evita que haja uma sobreposição de palavras e de seus significados. Assim, toda vez que uma 'palavra' for utilizada com 'aspas simples' estamos nos referindo a categorias discursivas da análise de conteúdo e não propriamente da identidade do sujeito.

FIGURA 2 - Rede Semântica a partir da Análise de Conteúdo das Evocações



Temos, inicialmente na rede semântica, a categoria discursiva 'sexualidade' na relação com as espacialidades discursivas, onde os discursos dos *gays* evidenciam que a escola e a casa dos pais juntas somam a metade do total dos discursos. Na sequência das espacialidades mais expressivas nos discursos da 'sexualidade', temos o trabalho com 16% e os espaços públicos com 12%. Já em relação à escola e a 'sexualidade', temos 85% dos discursos falando ser um espaço de desconforto, 12% de intersecção controversa e apenas 3% dos discursos relatam certa neutralidade na escola sobre a 'sexualidade'. Porém, não encontramos discursos referentes a alguma situação ou sentimento de alívio sobre a categoria discursiva 'sexualidade' na escola. Já os discursos relacionados à casa dos pais, apresentam-se, assim como na escola, com 50% de desconforto e apenas 9% apresentaram ter uma relação de alívio nessa espacialidade, isso se dá pelo fato de alguns dos entrevistados não terem assumido a homossexualidade nessa espacialidade.

Ainda, a 'sexualidade' também passa a ser expressiva no trabalho. Do total dos discursos, quase metade foi de desconforto, chegando a 47% dos discursos relacionados à 'sexualidade' com a espacialidade trabalho. Os outros 30% como uma relação de neutralidade e 17% relatam que muitas vezes a homossexualidade no trabalho pode ser uma situação controversa, assumindo-a ou não nessa espacialidade e apenas 6% dizem ser uma relação de conforto em que colegas e chefes sabem de sua homossexualidade. Sobre os espaços públicos, metade dos discursos (50%) refere-se à categoria discursiva 'sexualidade' como desconforto e 25% como uma situação de neutralidade. Ainda, 16% como uma situação de intersecção controversa e apenas 9% como uma relação de alívio.

A identidade idade tem mostrado, nesse trabalho, aspectos muito importantes na vivência espacial dos *gays*, sendo a segunda categoria identitária discursiva mais referenciada nos discursos dos entrevistados. Sobre a 'idade', 60% dos discursos frente à espacialidade escola foram de desconforto e ainda, 40% divididos igualmente entre controversa e neutra. Também, a categoria 'idade' mostra uma relação muito próxima entre os sujeitos com a 'sexualidade', pois na casa dos pais 50% dos discursos evidenciam que essa identidade é oprimida nessa espacialidade e os outros 50% estão divididos entre 25% controversa e 25% neutra.

Além dessa identidade e os discursos que foram feitos sobre a categoria 'idade' ter chamado nossa atenção, uma espacialidade tem se destacado mostrando múltiplas relações sobre essa identidade que é a universidade. Nessa espacialidade, os *gays* relatam com 75% de seus discursos que a 'idade' tem sido uma identidade constituída por relações de poder e de opressão e apenas 25% de conforto. Tanto a balada LGBT quanto os espaços públicos em relação à 'idade' apresentam 50% de conforto e os outros 50% de desconforto. Isso porque, o campo tem evidenciado que quanto mais velho se é no espaço público mais conforto se tem, mas essa relação se torna controversa diante de outra espacialidade, no caso a balada LGBT. Nessa espacialidade específica, quanto mais velho maior é o desconforto.

Já a categoria identitária 'classe', nos discursos referentes à casa dos pais, teve 100% dos discursos como sendo uma identidade de desconforto. A única espacialidade que apresenta 100% de conforto sobre essa identidade é o trabalho, as demais espacialidades são apresentadas como controversas e não confortáveis, onde a espacialidade escola é representada discursivamente com 25% de conforto frente à 'classe' e isso tem uma relação direta com a idade, pois quanto mais novos, menor é a cobrança de ter um emprego ou uma renda própria. Enquanto que, 75% dos discursos sobre a 'classe' foram de desconforto, isso têm relação ao desejo dos sujeitos sempre serem independentes.

A última categoria identitária analisada na rede semântica é a 'religiosidade', sabendo que a maioria dos entrevistados possui religião, essa identidade teve pouca representatividade e expressividade em seus discursos, cerca de 5% do total de 195 evocações. Isso se dá pelo fato de que grande parte dos entrevistados argumenta ter se distanciado das religiões por conta própria ou até mesmo por terem sido expulsos de espaços religiosos por serem *gays*. O fato do distanciamento e dos poucos relatos sobre a religiosidade em outros espaços, além da igreja, pode ter outras relações, como os discursos que são realizados em outros espaços a partir de determinadas identidades religiosas das pessoas; alguns discursos religiosos se materializam em ações de ódio ou repulsa sobre a homossexualidade, o que pode ter causado ainda mais esse afastamento.

A única espacialidade evidenciada em seus discursos que possui certo sentimento de conforto em vista de terem uma identidade religiosa é a própria igreja.

As outras espacialidades como a universidade, a balada LGBT e a casa dos pais têm evidenciado essa identidade como desconfortável ou neutra. A relação do desconforto apresentada em seus discursos refere-se aos discursos religiosos nessas espacialidades que acabam causando desconforto nesses sujeitos, principalmente quando esses discursos acabam demonizando-os ou julgando suas homossexualidades como pecado.

Portanto, percebemos que as relações de poder que se estabelecem frente às diferentes identidades para esses sujeitos têm tido certa 'conveniência' pelos espaços que eles têm vivenciado. A partir da rede semântica pudemos compreender que as experiências dos oito *gays* passaram a conectá-los, mesmo estes não tendo uma relação direta. De forma compartilhada, suas experiências mostraram que as relações de poder que constituem as diferentes espacialidades de seus cotidianos podem ligá-los. Assim, temos como asserção para a última seção deste capítulo analisar e evidenciar a proposta de pensar os *Relief Maps* de uma forma coletiva. A partir das experiências compartilhadas desses sujeitos e as espacialidades que aparecem mais expressivamente em seus discursos e mapas individuais, dando um passo além da proposta de Rodó-de-Zárate (2013a).

Os mapas coletivos podem ser uma nova forma de pensar os *Relief Maps* a partir de agrupamentos ou de grupos de pessoas que se pretende analisar. Além de serem muito claros na sua disposição ilustrativa, os mapas coletivos mostram as diferentes experiências de opressão de acordo com os espaços vivenciados. Da mesma forma, evidenciam que as mesmas relações de poder têm constituído diferentes espaços, mas com ações muito parecidas, como é o caso da heteronormatividade e ações de homofobia. Outro fato interessante é que os mapas coletivos mostram também que os espaços de alívio para os *gays* são aqueles que eles mesmos desenvolvem, como a casa própria.

Dessa forma, entendemos que essas representações coletivas evidenciam além de situações de opressão, controversas de neutralidade e de alívio compartilhadas, resultados de grandes mecanismos de poder, os quais estão em todas as esferas espaciais conectando as pessoas a partir de suas relações de poder. A construção dos mapas coletivos se deu também pelo fato de identificarmos situações muito parecidas nas experiências individuais de cada sujeito. Ao

colocarmos os *Relief Maps*, um ao lado do outro, tivemos a pretensão de criar mapas a partir do que era comum entre eles.

Assim, recortamos individualmente cada representação de seus *Relief Maps* individuais e colamos a partir das mesmas espacialidades. Por exemplo, todos os sujeitos representaram a espacialidade escola, em grande parte dos mapas. A escola foi considerada uma espacialidade e opressão. Dessa forma, organizamos os mapas coletivos a partir das espacialidades, não descartando que cada um vivenciou uma escola diferente, mas compreendendo que mesmo sendo pessoas distintas e que não componham um grupo, grande parte deles sentem mal-estar nesse local que é concreto, o que indica que a situação de opressão se coloca para o grupo, ou melhor, a opressão é causada por compartilharem das mesmas identidades.

Portanto, a construção dos mapas coletivos também seguiu a ordem entre opressão, controverso, neutro e de alívio, como também das disposições dos pontos mais próximas da zona de desconforto e conforto. Outro fato interessante é termos continuado usando as linhas, mesmo sendo relações de pessoas distintas e totalmente diferentes do que significa para os *Relief Maps* individuais. As linhas nos mapas coletivos têm o significado de empatia ou solidariedade entre os sujeitos, evidenciando que mesmo as pessoas tendo caminhos diferentes, elas não estão desconectadas umas das outras em determinadas relações sociais e espaciais.

A última seção desse capítulo traz como as espacialidades compõem a vivência dos *gays* a partir de proposta de pensar os mapas coletivos, mas também os discursos diretos dos sujeitos sobre suas experiências nessas espacialidades de seus cotidianos. Inicialmente, discutiremos a espacialidade casa, esta foi compreendida em três diferentes espacialidades e diferenciada a partir das relações sociais que a constituí. Ainda, trazemos também os espaços educacionais que estão subdivididos entre a escola e a universidade, estes não só produzem como reproduzem situações de opressão sobre a sexualidade e outras identidades dos sujeitos.

Já os outros espaços como cafés, *shoppings*, parques e praças das vivências dos *gays* foram organizados a partir de espaços públicos, pois os próprios *gays* representaram englobando-os em seus *Relief Maps* como espaços públicos de

suas vivências. Sobre esses espaços, identificamos que a significação da neutralidade passa a compor os espaços públicos de suas vivências, uma vez que você passa a corresponder com as normas de 'civildade' em que ele é organizado. Por fim, evidenciamos dois espaços distintos, mas que têm grande relevância na vivência espacial dos sujeitos aqui entrevistados, o trabalho e a igreja.

O trabalho tem sido um espaço do cotidiano da vida de pessoas não heterossexuais que tem ganhado mais atenção dos pesquisadores, assim como as igrejas. Essas duas espacialidades foram distintamente representadas pelos sujeitos dessa pesquisa, enquanto o trabalho compõe suas vidas espaciais como um espaço neutro, a espacialidade igreja é predominantemente controversa, ou seja, é ao mesmo tempo de alívio de opressão, pois mesmo os *gays* sofrendo com os discursos que são feitos sobre suas sexualidades, eles ainda demonstram que querem estar lá.

3.2 Espacialidades Cotidianas e suas Significações

3.2.1 A Casa

Nessa primeira subseção iremos discutir sobre as diferentes representações da espacialidade 'casa' a partir das vivências de oito homens *gays*. A casa foi representada nos primeiros *Relief Maps* individuais, inicialmente, como a 'casa dos pais'. Sobre essa representação tivemos 100% dos entrevistados representando a casa dos pais. Entretanto, ao longo do processo investigativo e da construção de novos mapas, sua compreensão começou a ser difundida por mais duas e diferentes representações, a casa dos amigos e a casa própria. Como vimos anteriormente, a proposta metodológica do *Relief Maps* é uma análise individual de cada sujeito. A partir deles, percebemos que alguns mapas apresentavam os três tipos de casa, outros dois tipos e ainda uma representação.

O fato que chamou nossa atenção e que nos fez pensar os mapas de uma forma coletiva não foi apenas a repetição das mesmas espacialidades nos *Relief Maps* individuais, mas porque mesmo, a casa dos pais, a casa dos amigos ou a casa própria eram espacialidades distintas de suas vivências individuais, em que

esses sujeitos não têm uma relação direta uns com os outros. Suas expressividades e comportamentos apareceram de maneira semelhante, de modo que nos fez pensar em experiências compartilhadas desses sujeitos. Assim, para compreendemos os *Relief Maps* coletivos, não partimos do sujeito em si, mas das especialidades e experiências compartilhadas e evidenciadas em seus mapas individuais.

Dessa forma, compreendemos como as espacialidades cotidianas são organizadas pelas relações de poder e significadas pelos sujeitos de uma forma coletiva. Esse modo coletivo de analisar os mapas pode contribuir no entendimento sobre algumas identidades que são mais expressivas em suas vivências espaciais, assim como uma maior intensidade de relações de poder frente às identidades dos sujeitos em outras escalas. Portanto, iniciamos nossa discussão a partir da espacialidade 'casa'. Essa espacialidade pode ter múltiplos significados, a partir das relações que a constitui.

Dentro dessas variações, trabalharemos a partir da proposta de Rodó-de-Zárate (2013a), que podem ser de opressão, controversas, neutra ou ainda de alívio. Lembramos que espacialidade de opressão é aquela onde o sujeito possui mais relações opressivas do que de alívio ou de neutralidade frente suas identidades. Já as espacialidades controversas são aqueles que são ao mesmo tempo de opressão e de alívio, de acordo com as relações sociais e as identidades que os sujeitos assumem para si. Os espaços neutros estariam relacionados àqueles que através de suas relações não trazem significações aos sujeitos, nem de desconforto e nem de conforto. Por fim, os espaços de alívio são aqueles onde o indivíduo tende a ter mais relações de conforto do que de desconforto, em sua maioria, são espaços construídos pelos sujeitos ou que possuem grande semelhança com suas conveniências.

Murray (2008), ao fazer reflexões sobre a materialidade doméstica gay e lésbica, evidencia as experiências, os significados e usos dos ambientes domésticos, a partir de identidades fraturas. Para o autor, as práticas domésticas materializadas são um dos principais meios de conciliar identidades fraturadas ou fragmentadas no mundo ocidental contemporâneo. Essas práticas, tanto em relação aos papéis de gênero, quanto em relação à sexualidade, são constantemente

inseridas em nossos cotidianos, desde nossa infância. Entretanto, é através de espacialidades como a casa que sua materialização discursiva e normativa é efetivada, seja pelos papéis de gênero, que são reproduzidos e distribuídos nessa espacialidade, ou ainda na produção de uma heterossexualidade, como um referencial a ser seguido, tendo sempre o exemplo da própria relação heterossexual dos pais.

Nas discussões de Butler (1999) sobre a heteronormatividade, ela argumenta sobre essas práticas, inclusive as discursivas, que passam a regular as formas de entendimento do ser humano segundo uma linearidade entre o sexo, gênero, desejo e prática sexual, moldando nossas práticas a partir da matriz heterossexual. Essa, por sua vez, passa a ser uma norma, disciplinando nossos corpos, principalmente sobre o gênero e a sexualidade. Entretanto, essas práticas discursivas não acontecem no vazio, mas sim pelos espaços que cotidianamente estamos vivenciando, como a casa.

Portanto, essa espacialidade, em específico, passa a ser uma das possibilidades de problematizar a vivência espacial cotidiana dos homens *gays*, mas também de outras pessoas, evidenciando as relações de poder e as práticas normativas que a compõem, seja na relação entre os pais, pais e filhos, filhos entre filhos ou ainda, qualquer outra organização que se considere enquanto uma espacialidade 'familiar'. Murray (2008) discute que é por volta da década de 1990 que tem havido uma maior atenção das geografias da sexualidade sobre experiências em espaços cotidianos de *gays* e lésbicas, tais como a rua, o trabalho e o lazer.

Ao fazer uma crítica sobre o papel da materialidade na vida doméstica de *gays* e lésbicas e o gerenciamento dessas identidades sobre suas experiências, significados e usos desses espaços domésticos, Murray (2008) argumenta que a identidade é fraturada não apenas por facetas da sexualidade, mas também por conexões familiares, herança cultural e crenças espirituais. Portanto, a utilização da religiosidade passa a ter importância para também compreender as estruturas de poder que sustentam a espacialidade casa, propondo justamente incluir outras formas de analisar as identidades além de uma única categoria identitária, como a sexualidade.

Tanto a interseccionalidade quanto os *Relief Maps* auxiliam-nos em uma compreensão que explora as vivências espaciais dos homens *gays* além de suas sexualidades em espacialidades específicas de seu cotidiano, como a casa. Ao problematizarmos essa espacialidade, em específico, tivemos três resultados referentes à 'casa'. A casa dos pais, a casa dos amigos e a casa própria foram as espacialidades mais evidenciadas pelos sujeitos durante a construção de seus *Relief Maps*, e foram classificadas diferentemente de acordo com as composições sociais e experiências desses sujeitos.

Murray (2008) argumenta que para essas pessoas (referindo-se a *gays* e lésbicas) a espacialidade casa nem sempre é um refúgio, pois essa espacialidade tem em suas composições as divisões de trabalho que são organizadas a partir do gênero, mas também sendo um espaço político de reprodução das relações sociais, como a hierarquização e opressão. A vista disso, aprendemos que na espacialidade casa a pessoa que deve cozinhar, limpar e fazer todos os trabalhos domésticos são as mulheres ou ainda, que homens devem ter outros papéis na mesma espacialidade, desde que não estejam relacionados a trabalhos domésticos, pois estes estão 'destinados' as mulheres. Esses papéis são institucionalizados e materializados pelas relações que se estabelecem na espacialidade 'casa' e se tornam normas que são inseridas frequentemente em nossos cotidianos por diversos processos, como o da generificação de objetos e comportamentos, bem como a heterossexualização da própria constituição 'casa'.

Portanto, a casa passa a ser estruturada por discursos que têm por objetivo fomentar relações de poder sobre o gênero, mas também sobre a sexualidade a partir de uma heterossexualidade compulsória. Além disso, evidenciamos que outras identidades como a idade, classe social e religiosidade podem constituir um mesmo indivíduo, aumentando a complexidade de sua constituição e ainda as variações das relações de poder.

Quando pensamos a 'casa' como uma espacialidade constituinte do cotidiano de homens *gays*, inicialmente estamos nos referindo à espacialidade 'casa dos pais', pois essa é a primeira espacialidade representada por todos os sujeitos analisados. Ao constataremos em suas representações e falas de entrevista, observamos que essa espacialidade passa a ser estruturada por uma lógica familiar

heteronormativa. Isso faz com que as relações que a constitui tornem-se de opressão para todos aqueles ou todas aquelas pessoas que não correspondam a tais normatizações, principalmente as das sexualidades.

Além do sujeito *gay* sofrer opressão perante sua homossexualidade, este passa também a ser oprimido por suas outras identidades que não correspondem ao que foi instituído na casa, transformando-o em um espaço de estrangulamento pessoal, e o desejo de emancipação da homossexualidade passa a ser um propósito na vida dessas pessoas. O objetivo de sair da casa dos pais tem muito haver com as opressões que esses sujeitos sofrem sobre suas identidades, sendo mais expressivas em suas sexualidades, as quais não correspondem a uma 'coerência' de núcleo familiar heterossexual, pois como podemos observar no *Relief Maps* coletivo 'Casa dos pais', em todos os sujeitos a sexualidade é apresentada sempre na zona de desconforto e opressão. Podemos ainda, nesse momento, resgatar outras categorias identitárias como a idade. Durante as entrevistas, um dos oito *gays*, 'Pedro', fala sobre sua idade e as opressões que sofre por ser o mais novo constituinte dela, ao tentar subverter tal relação de poder, passando a sofrer grandes confrontos em sua própria casa e com seus pais e seus irmãos mais velhos.

Pedro, tensionado na lógica 'familiar', questiona não apenas por ter uma sexualidade 'dissidente', mas também por ser mais novo e querer se impor frente às restrições institucionalizadas na casa. Como é o mais novo, é o menos respeitado e menos compreendido, com discursos do tipo "você não sabe nada da vida", "você é muito novo, vai aprender muito ainda" (Entrevista realizada com Pedro, 02 de setembro de 2014, Ponta Grossa). Como visto em Valentine (1993), 'ser *gay*' foge tanto dos comportamentos sexuais quanto das estruturas familiares, onde as sexualidades passam a ser também vistas como relações de poder em que alguns espaços concebem apenas uma forma de compreensão, como a heterossexualidade. Aqui poderíamos incluir ainda 'a maior idade' como uma forma de oprimir aquele que é mais novo em idade cronológica.

Então, Murray (2008) argumenta que por causa da heterossexualização da casa, não é de se estranhar que os trabalhos desenvolvidos na Geografia da Sexualidade sobre essa espacialidade tendam a concentrar-se em experiências negativas. Ainda, discute que esse ideal heterossexual de casa tem disciplinado o

desempenho de *gays* e lésbicas a esconder suas identidades, bem como seus relacionamentos. Enquanto que aqueles que subvertem as normas, sofrem abusos físicos, verbais e emocionais por membros das famílias, vizinhos e até mesmo de pessoas estranhas dentro de suas próprias casas.

Por motivos como estes relatados pelo autor, que durante as entrevistas alguns sujeitos afirmam não assumir a sua sexualidade na espacialidade casa dos pais. Do mesmo modo, assumir a sexualidade passa a ser compreendida como uma transgressão de barreiras e/ou fronteiras impostas pelas relações sociais nessa espacialidade. Contudo, esse caminho não é fácil, pois assumir a sexualidade pressupõe enfrentar toda uma constituição espacial baseada na heterossexualidade, tornando-a pública, pois como discute Sedgwick (2007), a relação com armário vai muito além de características *gays*, mas para muitos passa a ser um aspecto fundamental da vida social.

As representações diferenciam-se entre os sujeitos e entre a espacialidade 'casa dos pais. Ao problematizarmos o *Relief Maps* coletivo 'Casa dos Pais', identificamos que do total de entrevistados, 63% consideram-na como um espaço de opressão, 25% como um espaço de contraversão, ou seja, é ao mesmo tempo constituída por situação de opressão e de alívio, e 12% consideram a casa dos pais como uma espacialidade neutra. Contudo, nenhuma de suas representações evidenciou a espacialidade 'casa dos pais' como um espaço de total alívio, corroborando com as afirmações discutidas anteriormente por Murray (2008).

Também em Ornat (2008), ao fazer uma análise a partir das vivências das travestis evidencia que a casa não é uma espacialidade de acolhimento para essas pessoas e que as relações da casa enquanto um espaço seguro e de conforto podem ter relação para aqueles que seguem as normas de gênero e de sexualidade nessa espacialidade, mas que não podemos considerar essa representação para todas as pessoas, pois como mostra sua pesquisa com as travestis e como foi também observado nessa investigação com os homens *gays*, isso não representa todas as pessoas e nem todas as espacialidades entendidas enquanto 'casa', o que nos fez questionar que tipo de casa estamos problematizando. Nesse sentido, a casa dos pais na vivência dos homens *gays*, aqui analisados, foi representada diferentemente de uma integração entre conforto e proteção, mas sim como espaços

de opressão e de regulação.

Assim, evidenciamos nesse momento o primeiro *Relief Maps* construído a partir do agrupamento dos oito entrevistados que foram representados individualmente por cada sujeito. Contudo, os mapas individuais quando agrupados e comparados a partir de uma espacialidade específica, podemos ter um panorama das relações de poder mais expressivas nela, assim como a significação coletiva desses sujeitos. Para construirmos os mapas coletivos, primeiro, foram recortadas e recolocadas apenas as representações individuais sobre a 'casa' uma do lado da outra, de acordo com dois critérios: a classificação da espacialidade, seguindo a ordem do *Relief Maps* matriz (opressão, controverso, neutro e alívio) e a ordem de concentração de categorias identitárias na zona de desconforto para a de conforto. Feito isso, fora possível realizar a análise, não individualmente, mas do coletivo referente às representações e suas experiências da espacialidade casa.

Outro item importante sobre a construção dos mapas coletivos são as linhas. No texto de Rodó-de-Zárate (2013a) as linhas são desenhadas mostrando a mobilidade das identidades, como um 'verbo mostra a ação'. Para a autora, os espaços não são isolados uns dos outros, mas dialogam entre si a partir de diferentes relações sociais. As linhas não podem ser entendidas como linhas que mostram a tendência entre variáveis discretas, mas sim que representam um movimento que vai a espaços de conforto com o objetivo de escapar das opressões. Assim, as linhas efetivam não só o movimento como também a forma de relevo nos mapas. Por isso, as linhas que desenharam uma curva são as que determinam a classificação dos espaços.

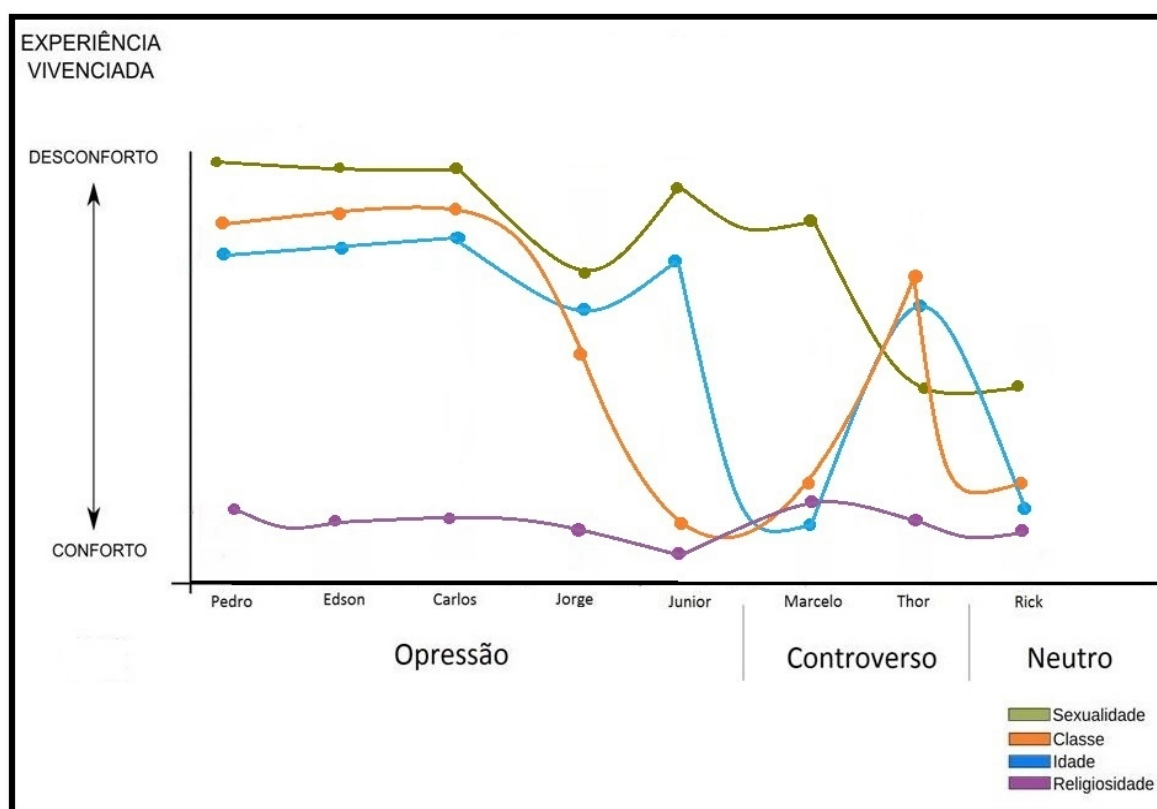
Para os mapas coletivos, sua relação com as linhas é outra. A intenção não é demonstrar formas de relevo como os mapas individuais, nem os movimentos das identidades, mas sim que as linhas podem unir experiências identitárias de diferentes sujeitos diante de relações de poder em espacialidades específicas. As linhas, nos mapas coletivos, conectam pessoas distintas a partir de suas experiências particulares, que passam a ser compartilhadas em uma mesma espacialidade e pelas mesmas relações de poder.

Katz (2001) ao fazer reflexões sobre a dissolução instável das pessoas e suas translocalidades, argumenta que as linhas podem ser entendidas como

representações de contorno, conectando diferentes lugares distintos em processos particulares. Podemos entender também que os diferentes espaços de seus cotidianos podem produzir as mesmas relações ou processos, como a exploração de homens sobre mulheres, a heterossexualização nas escolas ou ainda, pelos mecanismos de poder, tais como o de gênero, capitalismo e o da heteronormatividade, constituindo diferentes espaços da vivência cotidiana de homens *gays*.

Portanto, as linhas podem ser compreendidas como conectores de experiências semelhantes em diferentes espaços, estes podendo ser construídos pelas mesmas relações de poder. Posto isso, evidenciamos os resultados das três representações sobre a casa na vivência dos homens *gays*. Iniciando pela mais expressiva dentre as espacialidades 'casa' nos *Relief Maps* individuais, a casa dos pais.

RELIEF MAPS COLETIVO 1 - A Casa dos Pais



Fonte: Relief Maps individuais.
Organizador: Hanke (2015).

Analisando este mapa coletivo, temos os oito sujeitos representando a casa dos pais, contudo, a construção dos mapas coletivos não é e nem deve ser necessariamente as representações dos oito homens gays investigados, mas sim as espacialidades que foram mais evidenciadas por eles em seus mapas individuais, tendo no mínimo duas representações. Sendo assim, temos Pedro, Edson e Carlos com um comportamento muito semelhante referente à 'Casa dos pais'. Para esses sujeitos, a sexualidade, a idade e a classe são as categorias identitárias que mais causam desconforto ou são mais opressivas nessa espacialidade. Outro fato que chama nossa atenção é que das oito representações, sete mostram a sexualidade sendo a categoria identitária mais oprimida nessa espacialidade, como podemos observar nas falas de Pedro e Carlos:

[...] A minha família eu caracterizo como o último grupo que descobriu que eu era gay. Para você ter uma ideia, meus tios, a grande maioria, ainda não sabe, porque eu tenho muitos tios, só por parte da minha mãe... só para você ter uma ideia eu tive 32 tios, 16 deles já morreram e ainda eu tenho 16 tios, eu tenho uma tia que é lésbica mas toda essa minha família dos (32) vive em Pernambuco e eles são lá do Nordeste e a minha família por parte de pai que é daqui (Ponta Grossa), são em 8 tios, também é muita gente e eles não aceitam e nunca foram de aceitar, você tem pessoas que são letradas, tem pessoas que são médicos, farmacêuticos e eu tenho primos que são gays e que ainda ficam dentro do armário digamos assim. E foi tão recente e tão constrangedor (assumir a sexualidade) que quando o único grupo... grupo porque eu caracterizo família como grupo, porque desde sempre família nunca foi família pra mim. O que eu quero dizer... é que pra mim família ou casa familiar vai ser quando eu escolher alguém para ficar comigo e quiser ter filhos e quando eu vou escolher essas pessoas aí sim eles vão ser minha família, porque eu nunca me senti bem com a minha família, nunca [...] (Entrevista realizada com Pedro no dia 02 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná)

[...] a maior situação de desconforto na minha vida é meu irmão ou meu primo chegar em casa com uma namorada, isso tem relação com a minha casa. Eu sempre falo para minha mãe quando eu não estou estudando eu estou olhando projeto de casas, porque eu não me sinto na minha casa, eu me sinto morando de favor, me sinto inquilino na casa dos meus pais. Como se eu tivesse 35 anos tivesse morado fora, ganhado a conta e voltei a morar com eles novamente. Eu me sinto assim. Desde que eu terminei o meu noivado eu me sinto com horários lá (casa) e meu pai deixa bem claro isso também, ele não comer comigo na mesa, ele não fica no mesmo espaço que eu, ele convida meus outros irmãos para jantar e não me chama, não faz questão nenhuma que eu vá, se eu me convidado para ir junto a cara dele já muda, então ele também faz parte desse papel de desconforto. Só que meu pai é uma pessoa que me irrita, que me traumatiza, mas que eu não me preocupa. Eu me preocupo ver o olhar da minha mãe, quando meu primo chega em casa com uma namorada e minha tia fala "ai como minha nora é querida" e minha mãe não vai ter aquilo, porque minha mãe adorava

minha noiva, mas ela sabe que não vai vir outra no lugar, então é uma coisa que dói muito [...]. (Entrevista realizada com Carlos no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

As falas desses sujeitos corroboram com as reflexões de Murray (2008) sobre as opressões que gays e lésbicas sofrem pelos membros da família, vizinhos e até mesmo pessoas estranhas. Evidencia que a espacialidade 'casa dos pais' é organizada por práticas heteronormativas, pois todas as linhas dos sujeitos estão na zona de desconforto no mapa. Mesmo para Rick, o qual considera a casa dos pais como neutra, sua 'sexualidade' é a categoria que causa mais desconforto nessa espacialidade. Como ele aponta:

[...] Então família assim é só o pessoal lá de casa mesmo, eu não tenho contato com vô, tio, nada. Minha família é meio distante dos parentes assim na verdade. Então é só os irmãos mesmo e os meus pais assim tipo é tranquilo, mas eu tenho um irmão que não gosta muito e minha cunhada também são meio preconceituosos, eu já briguei muito com eles. Mesmo meus pais sabendo que eu sou gay, eles não deixam eu ficar com meu namorado na frente deles e eu também não me sinto bem, sempre quando eu levava em namorado lá na casa deles eu ficava com ele no meu quarto e na sala a gente se tratava como dois amigos [...] (Entrevista realizada com Rick no dia 06 de maio de 2015, Ponta Grossa, Paraná).

Sobre a representação de Marcelo e analisando sua fala, evidencia-se que uma categoria identitária pode impulsionar ainda mais outra categoria para a zona de desconforto. Por exemplo, a religiosidade de Marcelo, que é evangélico, assim como seus pais, faz com que a sua homossexualidade seja ainda mais oprimida como podemos observar na sua representação acima. Já para Thor, outras categorias são mais opressivas do que a própria homossexualidade. A idade de 33 anos faz com que ele sofra opressão em ter a responsabilidade de morar sozinho e 'sair da casa dos pais', como ele mesmo aponta. No que se refere à classe, Thor afirma ser sempre cobrado, seja para ter a sua própria renda ou ainda para ajudar em casa com as despesas financeiras.

[...] A minha casa sempre foi para mim o meu refúgio, mesmo assumido ou não nunca tive uma rejeição por eu ser gay ou fui mandando embora por isso, claro que no começo minha mãe sofreu um pouco e isso me deixou triste, mas o que eu acabo sentindo mais é em relação a ter dinheiro e estar ficando velho isso me causa mais desconforto que a minha homossexualidade, eu adoro a casa dos meus pais, mas eu gostaria de ter um espaço só pra mim, entende? [...] (Entrevista realizada com Thor no dia

20 de julho de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

Cabe salientar nesse momento, que as representações 'opressivas' que foram feitas a partir dos oito sujeitos sobre a casa, referem-se à 'casa dos pais'. Temos ainda, mais duas outras representações sobre a casa, que é a casa dos amigos e a casa própria. Tanto uma quanto a outra foram representadas por três dos oito sujeitos entrevistados e diferentemente da espacialidade casa dos pais. Contudo, 100% representaram e falaram sobre esse espaço, apontando este como sendo espaços de alívio, seja por sua sexualidade ou por outras identidades que aqui nos propusemos a pensar.

Sobre essas espacialidades, desconhecemos trabalhos que problematizem a casa dos amigos a partir das vivências de *gays*. A maioria dos trabalhos problematizam a casa dos pais e a casa própria dessas pessoas, Johnston e Valentine (1995), Kirby e Hay (1997) e Elwood (2000) como afirmado por Murray (2008), essas propostas constroem reflexões sobre o uso dessa espacialidade. Referindo-se à casa própria dos sujeitos, nela há uma reafirmação das identidades sexuais, seja através da materialização de certos bens ou ainda dos próprios significados. Segundo Murray (2008), esses autores apontam para a utilização de materiais como cartazes, revistas, livros e fotografias como formas de demarcar identidades sexuais na espacialidade doméstica.

Isso se refere a uma outra configuração de casa e que também está presente nas representações dos *gays* entrevistados nessa pesquisa. Essa demarcação identitária pode estar presente tanto na casa dos amigos quanto na casa própria desses sujeitos. Essas duas espacialidades ao serem representadas nos *Relief Maps* individuais tiveram as mesmas classificações de 'Alívio'. Mesmo que suas composições sejam diferentes, para aqueles que vivenciam e representaram a 'Casa dos Amigos'. Todas as categorias identitárias se concentraram em uma zona de conforto, não havendo nenhuma ação opressiva ou de desconforto.

Junior, Edson e Carlos relatam que a casa dos amigos chega a ser muito melhor que a própria balada LGBT, pois lá eles se sentem bem e conversam sobre tudo. Isso pode se dar pelo fato que a idade e a classe na balada passam a ser opressivas de acordo com as identidades dos sujeitos. Cabe também ressaltar que, quando nos referimos à casa dos amigos, não estamos apenas expondo a 'casa' de

amigos de mesma orientação sexual, pois todos os sujeitos entrevistados dizem ter relação de amizade com homossexuais e heterossexuais, desde que os 'heterossexuais' respeitem suas orientações sexuais, como podemos observar em suas falas abaixo:

[...] Olha a casa dos amigos, tipo amigos da igreja eu não frequento muito sabe por alguns deles terem preconceito e outros não saberem da minha homossexualidade. A que eu frequento mais a casa dos amigos gays mesmo, porque eles sabem de mim e eu não preciso me esconder, às vezes prefiro mais do que as baladas (risos) [...]. (Entrevista realizada com Edson no dia 21 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

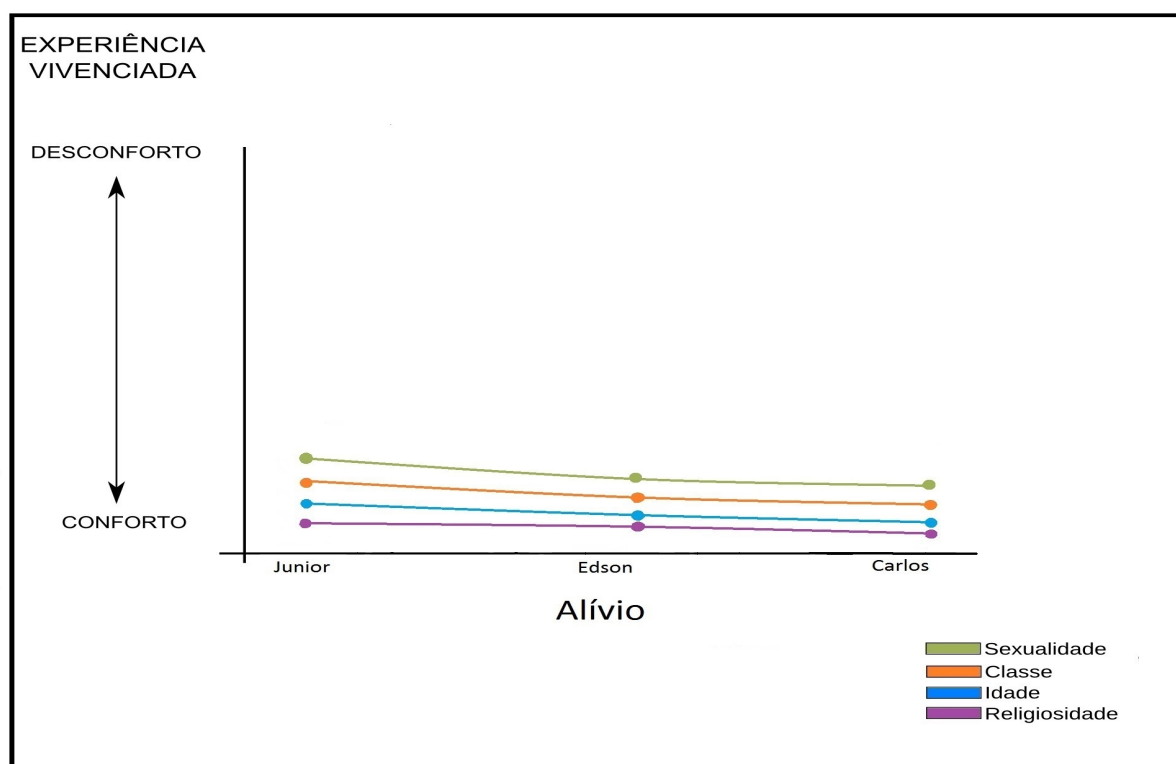
[...] Casa de amigos é bem estar, Há! sabe uma coisa que eu odeio na vida quando uma pessoa tá comigo e atende o celular e diz 'ahhh estou com uns amigos' e a pessoa só está comigo....mas não quer contar para os pais que tá andando comigo...uma das coisas que eu detesto muito...sabe... só porque os pais sabem que eu sou gay, ou seja, quando minha orientação chega até os pais aí ele comenta 'haaa....tô com uns amigos'. Não! não tá com uns amigos tá com o Carlos, mas ele não vai falar porque a casa dele não aceita....eles vão pensar que ele também é, então quando eu falo que a casa dos amigos é de bem estar é aquela casa que os pais sabem e não tem preconceito ou daqueles amigos que já moram sozinhos [...]. (Entrevista realizada com Carlos no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Não minhas amizades não estão exclusivamente a pessoas homossexuais. Porque eu tenho muitos amigos, eu tenho um círculo de amigos muito grande. Tenho amigos gays, tenho amigas lésbicas, tenho amigos heterossexuais, então eu considero meu círculo de amizades bem diversificado. Não tenho preconceito contra ninguém, e eles não têm contra mim também. A casa dos meus amigos é sempre um local que eu gosto de ir, com meus amigos, sempre me senti a vontade em assumir a minha sexualidade, a partir do momento que eu contei para eles e eu não tive problema nenhum, né, isso com certeza foi um alívio muito grande pra mim [...]. (Entrevista realizada com Junior no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

O fato de termos três representações em vez de oito é porque do total das representações três representaram especificamente a casa dos amigos. Essa espacialidade representada na sequência passa a ser um espaço de sociabilidade para essas pessoas. A partir dela os homens gays conseguem criar redes de amizades, principalmente com outras pessoas LGBT's, mas também com pessoas que não tenham preconceitos. Além de espaços de alívio, a casa dos amigos passa a ser uma construção dessas pessoas, a partir de modos e comportamentos, bem como constituída por relações que respeitam as diferentes identidades, independente de suas dessemelhanças existentes entre as pessoas.

A casa dos amigos passa a se tornar uma convivência cotidiana na vivência de *gays* e significada a partir do sentimento de alívio, mas também de segurança e refúgio para essas pessoas, como aponta Kentlyn (2008), sobre as casas *queer*.

RELIEF MAPS COLETIVO 2 - A Casa dos Amigos



Fonte: Relief Maps individuais.
Organizador: Hanke, 2015.

Já no *Relief Maps* referente à "casa própria", também tivemos 100% daqueles que representaram essa espacialidade significando-a como de alívio. Para Edson, Rick e Marcelo, a casa própria é a espacialidade que melhor representa o alívio em suas vivências espaciais cotidianas. Isso mostra que as relações sociais que se estabelecem a partir de determinados organizadores sociais regulam as práticas dos seres humanos, privilegiando algumas e marginalizando outras.

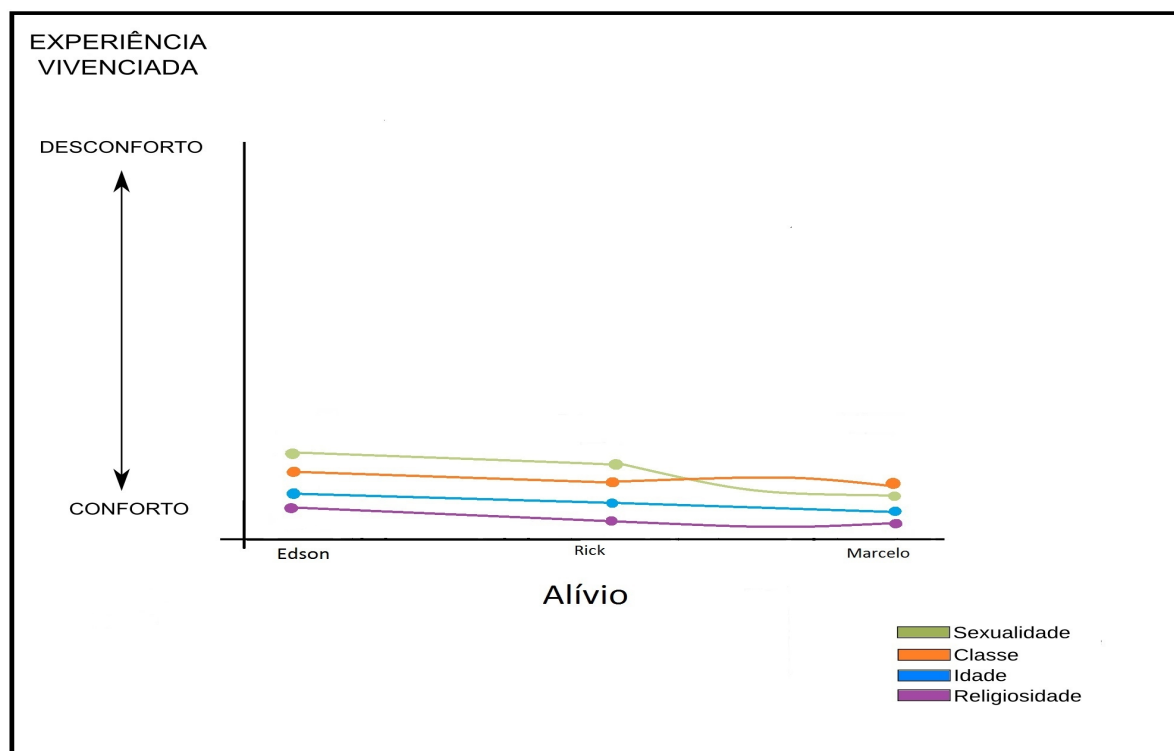
A casa por si só não nos traz uma reflexão aprofundada dessa espacialidade. Entretanto, as relações sociais que as constituem são as que dão condição para que possamos compreender essa vivência espacial dos homens *gays*. É a partir dela e das experiências dos homens *gays* que podemos construir e

representar situações que envolvem da opressão ao alívio, nessa espacialidade. Ao existirem espacialidades onde as sexualidades, as classes, as idades e as religiosidades sofrem diferentes variações de acordo com aquilo que foi e é estabelecido, seus mapas analisados, de uma forma coletiva, nos revelam certas relações de poder hegemônicas constituindo diferentes espacialidades, mas conectando sujeitos por suas identidades em comum. Para Edson, Rick e Marcelo a casa própria passa a ser um espaço totalmente confortável, e definido como um espaço de liberdade, principalmente no que se refere à sexualidade. Tal configuração pode ser constatada na fala de Marcelo e Edson:

[...] A minha sexualidade na minha casa é totalmente livre, né (risos), a classe social é normal, não me causa nenhum desconforto porque eu consigo pagar minhas contas, compro as coisas que eu quero, então tanto eu como o meu companheiro somos de trabalhar e ganhamos, então não temos problema em relação a isso. A idade, também acho confortável por ser uma idade boa para 'casar' ou morar junto né. Sobre a religião em casa nós pensamos meio que igual assim sabe, temos os mesmos princípios não roubar, não matar, ser honesto e tal sabe? Esses que a gente segue [...]. (Entrevista realizada com Marcelo no dia 24 de maio de 2015, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Na minha casa? eu me sinto super bem na minha casa, na minha casa só sou eu então é super confortável, eu posso levar quem eu quiser e os amigos que eu quiser [...]. (Entrevista realizada com Edson no dia 21 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

RELIEF MAPS COLETIVO 3 - A Casa Própria



Fonte: Relief Maps individuais.
Organizador: Hanke, 2015.

Para Kentlyn (2008), a expressão 'sair do armário' sugere que ele pode ter sido experimentado enquanto um confinamento e o espaço doméstico ter contribuído para essa regulação, aqui entendemos que a casa que faz esse 'confinamento' é a casa dos pais. Ao fazer um estudo com casais de *gays* e lésbicas e as casas *queers*, a autora argumenta como essas espacialidades passam a subverter as normas da heteronormatividade. Isso faz com que a significação de alívio sobre a casa própria esteja presente em 100% daqueles que a representaram. Para Kentlyn (2008), a '*Queer Home*' passam a oferecer segurança a essas pessoas, em que *gays* e lésbicas podem desconstruir as restrições da heteronormatividade, pelas diferenças de gênero e sexualidade que são barradas em outros contextos.

A casa *queer* é entendida, em nossa análise, a partir da casa própria e como aponta Kentlyn (2008), passa a ser um espaço de subversão às normas. Além disso, a casa *queer* pode constituir estruturas familiares e comunidades, onde o espaço privado dessa casa passa a tensionar os espaços públicos e outros privados, como outras casas heteronormativas. Assim, a autora argumenta que um casal de lésbicas

ou de *gays*, ao fazerem 'Famílias', não está apenas construindo uma identidade *queer* na instituição domiciliar, como também estão desafiando todas aquelas instituições e ideologias sociais imbricadas na palavra 'família'.

Sobre as questões que envolvem a segurança, a autora argumenta que a '*home queer*' passa a ser segura por promulgar a sexualidade 'fora da lei', isto é, promover o exercício de atividades e comportamento de gênero e sexualidade não normativos nessas espacialidades, diferentemente do que acontece nas outras casas, como é o caso da casa dos pais, nessa pesquisa. A homossexualidade dos *gays* passa a ser totalmente pressionada pela heterossexualidade dos pais. Isso não quer dizer que não há uma reprodução dos papéis sexistas em casais *gays* e em suas casas próprias. No entanto, nessa pesquisa, os sujeitos argumentam que há uma negociação de divisão de tarefas nos trabalhos domésticos.

Portanto, a casa pode ser diferentemente significada pelos *gays* de acordo com as relações de poder que se estabelecem nessa espacialidade, assim como as identidades que assumimos nela. A construção de espaços de alívio se dá pelo fato de que o próprio sujeito constrói, como a casa própria. Finalizamos essa discussão definindo os espaços de alívio a partir da última frase da entrevista de Pedro: "a casa familiar vai ser quando eu escolher alguém para ficar comigo e quiser ter filhos e quando eu escolher essas pessoas, aí sim eles vão ser minha família" (Entrevistado Pedro, no dia 02 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

3.2.2 Espaços Educacionais

Essa subseção surgiu pelo fato de que todos os *Relief Maps* individuais apresentaram as representações das espacialidades escola e universidade. Sabemos da importância que essas espacialidades de educação têm na vida das pessoas enquanto formação pessoal e profissional, também conhecemos os papéis que elas têm enquanto instituições reguladoras perante identidades não normativas. Outra justificativa para esta subseção, deve-se ao fato de já termos trabalhado com questões que envolvessem a espacialidade escolar e a sua relação com o preconceito homofóbico na cidade de Ponta Grossa (HANKE, 2013).

O que chamou nossa atenção sobre o aspecto dos espaços educacionais da vivência dos homens *gays* foi quando identificamos que o preconceito homofóbico faz parte dessas espacialidades enquanto um elemento regulador e opressor de sexualidades não normativas e que este preconceito era maior em relação aos *gays*. Porém, essa pesquisa visou compreender a relação do preconceito na escola e não aqueles que sofrem diretamente com essa ação. Assim, essa subseção tem por objetivo evidenciar as discussões sobre espaços educacionais na visão daqueles que sofrem diretamente ações de preconceito e de opressão nesses espaços. A pesquisa aqui presente mostra que os *gays* vivenciaram a espacialidade escolar entre dois e quinze anos atrás e ainda, que as espacialidades vivenciadas não são as mesmas.

Ao relatarem sobre suas experiências e situações que experienciaram a partir do preconceito, identificamos que as relações de poder que constitui os espaços educacionais não estão apenas na ação homofóbica, mas que ela é uma das principais relações de poder nessa espacialidade, o que nos revelou no mínimo três realidades que os espaços educacionais têm evidenciado. Primeiro, que pelo menos nos últimos 20 anos as escolas da cidade de Ponta Grossa pouco têm se preocupado com questões que envolvem relações de poder entre as sexualidades. Segundo, que essas relações ultrapassam o campo da sexualidade, atingindo outras relações de poder como a idade, a classe de renda, religiosidade, entre outras. Terceiro, que essas relações de poder constitui grande parte das instituições educacionais da cidade, senão todas, como poderemos observar nessa subseção.

Peters, Cunha e Tizzei (2006) têm apontado o espaço escolar enquanto um instigador de capacidades para as pessoas vivenciar diferentes momentos com o outro ou com os outros. Para os autores, enquanto o compromisso das relações que se estabelecem no espaço escolar está na mediação do seu desenvolvimento saudável e libertador, este passa ser oportunidade para as pessoas estenderem suas próprias histórias de vida, explorando os próprios limites (materiais e imateriais) que esse espaço impõe.

Portanto, o espaço escolar passa a ser uma oportunidade de vida social diária que as pessoas têm para experienciar múltiplas culturas, comportamentos e relações de poder, o que para Fabregat (2005) passa a ser um processo de socialização no espaço escolar. Então, tudo aquilo que é vivido, percebido e concebido nessa es-

pacialidade passa a fazer parte do que somos, assim como seus significados e seus valores positivos ou não. Desta forma, não se apreende somente conteúdos disciplinares na escola, mas também outras relações que ultrapassem seus muros físicos, como as relações intersubjetivas.

Assim, o espaço escolar se faz presente em nosso desenvolvimento enquanto seres socializados. Para os homens *gays* dessa pesquisa, parece que a espacialidade escolar continua presente em suas vidas cotidianas, mesmo não as vivenciando mais. Isso porque sua relação está atrelada em suas memórias, e como vimos nas discussões de Pollak (1992), algumas memórias acabam sendo imutáveis, ficando contidas em nossas vivências rotineiras de acordo com os traumas que sofremos no passado. Assim como os homens *gays* dessa pesquisa, Junckes e Silva (2009) também argumentam que o espaço escolar é representado pelas Travestis como um local de sofrimento, preconceito e violência, contradizendo aquilo que 'deveria' ser um de seus objetivos e finalidades, que é o respeito às diferenças, ao desenvolvimento da cidadania e ao acesso a universal do conhecimento.

Para Junckes e Silva (2009), a espacialidade escola é constituída por dois polos, o da normalidade e o da não normalidade, onde todos aqueles que não sejam heterossexuais passam a ser oprimidos. Ao construirmos o mapa coletivo da escola, evidencia-se que a linha da experiência compartilhada da sexualidade dos *gays* praticamente fica reta na zona de desconforto, com apenas uma curva que corresponde ao sujeito Marcelo. A linha da sexualidade de Marcelo se diferencia dos demais, pois como podemos ver em seu relato na sequência, ele não demonstrava nenhuma característica homossexual na escola, seja por não assumir sua homossexualidade ou pelos colegas não identificarem ele enquanto gay.

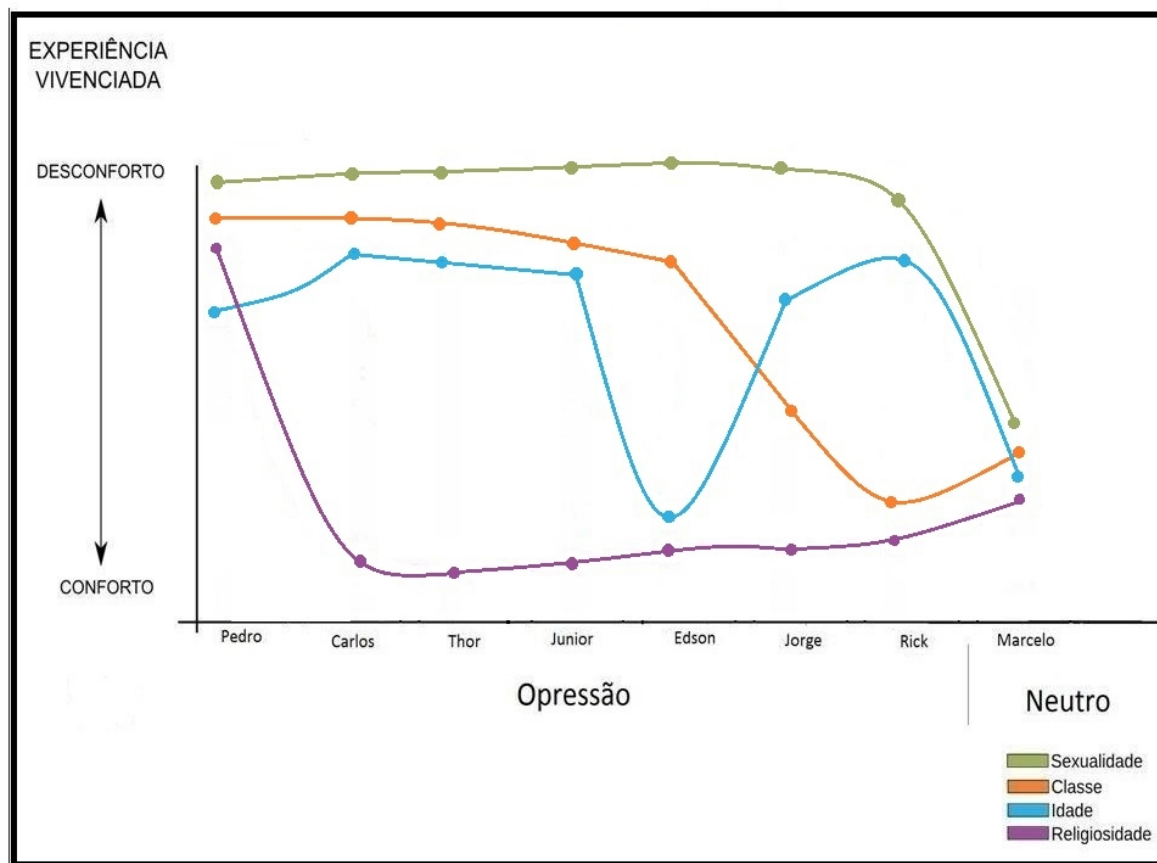
Isso é discutido por Louro (2008), quando argumenta sobre as marcações que trazemos em nossos corpos e que dependendo do tipo dessas marcações podemos ser incluídos ou excluídos de determinados espaços. Ou seja, todo aquele ou toda aquela tendem a escapar da linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual acabam sofrendo situações opressivas nessas espacialidades, mais do que aqueles que têm a habilidade de 'mascará-las'. Para Junckes e Silva (2009) imaginar os alunos adentrando nos limites da escola e compreender que eles estariam deixando tudo o que são para apenas exercitar os papéis de alunos é algo incoerente,

pois na escola os alunos relacionam-se e desenvolvem afetos bons ou ruins, admiração e repulsa, produzindo e reproduzindo as relações sociais. Segundo os autores, "o espaço escolar vai muito além de adquirir conhecimento técnico e de preparar para o trabalho, ele é um componente da existência das pessoas durante boa parte de suas vidas" (JUNCKES E SILVA, 2009, p. 151).

Portanto, não separamos o que somos, muito menos nossas identidades na espacialidade escolar, mas sabemos que algumas identidades passaram hegemonicamente a constituir a escola, e a partir do mapa coletivo das experiências dos homens *gays*, podemos analisar não só as experiências individuais de cada sujeito, como também quais são as identidades mais expressivas nas relações de poder na vivência espacial deles. O mapa coletivo 'Escola' evidencia que 87,5% dos sujeitos consideram a escola enquanto uma espacialidade de opressão e que a identidade mais opressiva é a sexualidade.

Contudo, outras identidades também apareceram enquanto oprimida, como a idade e a classe de renda. Isso se dá pelo fato de que a escola é organizada e concentrada a partir de determinadas identidades, como a heterossexual, a idade cronológica adulta e de classe de renda média. Apenas 12,5% representaram a espacialidade como neutra, que no caso se refere à representação de 'Marcelo'. Através da construção do mapa coletivo escola, podemos observar nitidamente nas representações dos sujeitos as três identidades mais oprimidas: a sexualidade, a idade e a classe de renda. Após observarmos o mapa, resgatamos parte de suas falas que mostram em detalhe suas experiências nas espacialidades escolares.

RELIEF MAPS COLETIVO 4 – Escola



Fonte: Relief Maps individuais.
Organizador: Hanke, 2015.

Assim como nas representações do *Relief Maps* coletivo Escola, os relatos dos sujeitos têm apontado para uma espacialidade estruturada a partir de relações de poder hegemônicas, sobretudo, por apenas um olhar sobre as sexualidades. Os primeiros relatos têm evidenciado que o espaço escolar compõe a vivência dos homens *gays* como um espaço de desconforto, traumatizante e com pouca informação sobre as diversidades sexuais existentes na sociedade, desde o ensino infantil ao médio. Também evidenciam a reprodução de ações sociais nessa espacialidade como forma de monopolizar os comportamentos masculinizados e feminilizados em seus corpos, como podemos observar nos relatos de Carlos, Junior e Thor:

[...] Traumatizante, define a escola pra mim. Porque eu não sou uma pessoa de disfarçar, não sou uma pessoa que sei disfarçar (referente a sua

sexualidade) eu gostava muito de atuações, adorava interpretações. Eu consigo chorar se for preciso em uma peça, se for preciso fazer um papel dramático, qualquer coisa. Mas eu não sei mentir na vida. Não gosto muito disso. Porque eu já achava que eu escondia que eu era gay, mas eu não escondia como eu era. Então eu era aquela pessoa que na hora que eu andava, sentava, as pessoas já falavam "aquele é viado". Ainda mais quando eu estava com meu irmão, enquanto meu irmão era tipo "com uma chave, e arrastando a esposa pelo cabelo" eles tinham um notório referencial que o Carlos era gay. Então eu sofri muito, muito, muito. O que eu acredito que me tornou mais feminino, não foi o fato de eu ser gay, mas o fato de eu ser rejeitado pelos meninos na escola da minha convivência, ou seja, o meu âmbito era feminino. Eu fui criado com as meninas desde a primeira série, eu fui ter amigo piá, amigo assim com mais proximidade, só na universidade. Eu tinha colegas, as pessoas conversam, mas amigo, amigo, não. Sempre eram meninas, porque talvez, os meninos não me rejeitassem, talvez alguns meninos me rejeitassem e eu rejeitava todo mundo, um menino debochou de mim, todos debochariam, então eu me afastava de todos eles. Então foi uma coisa que eu jamais saberei voltando na história para saber isso. Mas eu acredito que foi uma limitação na minha vida. Como eu sempre dei a cara a tapa, eu sempre levei tapa. Então, eu dançava em todas as apresentações da escola, a minha letra era caprichada na escola sim, eu usava caneta gel sim, eu escutava Rouge sim (banda compostas só de meninas), e se alguém me perguntasse se eu ouvia, eu dizia: sim! Há! essa caneta é da sua irmã? não é minha!. Por que você está escrevendo com rosa? Porque eu gosto! Por que você está com essa roupa? Porque eu quero! Então eu não era uma pessoa que fugia muito, então eu levava muito. Então era muito fácil alguém me humilhar na sala, falavam assim "cala boca viadinho de merda" eram palavras comum das pessoas se referirem a mim. Ainda mais que eu sou da escola dos anos 90 e começo dos anos 2000. Não estamos falando de 2014, 2015, então na época ser gay ainda ofendia, porque a homossexualidade não era um assunto discutido, e quando era, era discutido cheio de erros, do tipo "há não é uma escolha, é uma doença" eu lembro que o homossexualismo (entonação ao ismo- referenciando o sufixo ismo) era tratada como doença. Com o ismo de doença como o daltonismo, ou sei La. Então sempre foi tratado como doença eu ficava meio enojado quando eles abordavam o assunto de forma errada, eu tinha vontade de dizer gente nada vê o que vocês estão falando, é assim...mas, não tinha liberdade, não tinha coragem também. Então eu nunca passei uma afronta em frente aos professores, na verdade afrontar vinha porque eu era elogiado na frente dos professores, a nota do Carlos era boa, o Carlos apresentava bem, o meu cartaz era o mais caprichado, a galera fazia trabalho com folha de caderno arrancado, eu comprava sulfite, escrevia em cima, mandava encadernar, colocava figuras coloridas e entregava, então tipo quando o professor saía começava. Eu estudava tudo, para ser uma pessoa mais aceita, mas eu não facilitava. Então, as pessoas caçavam muita briga comigo, porque eles vinham falar comigo eu respondia com eloquência e palavras de difícil uso e eles respondiam "cala boca viado de bosta" então as vezes eu tava fazendo um showzinho e eu era humilhado. O showzinho deles eles não entendiam e o meu era massacrado porque eles me atingiam no ponto mais frágil. Para algumas pessoas ser gay na escola não foi tão notório quanto foi pra mim, eu fui chamado de gay, desde a primeira série. Então pensar em escola, é pensar em vergonha, ser humilhado, boas notas, boletim só azul [...] (Entrevista realizada com Carlos no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Na escola existe muito preconceito o chamado bullying hoje, eles sempre me chamava de viadinho e não sei o que, então na escola era bem mais

complicado [...] (Entrevista realizada com Junior no dia 15 de agosto 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] A escola sempre foi um desconforto, sempre foi... do fundamental ao médio. Porque a gente ouvia piadinha, 'há! olha a bichinha', 'olha o viadinho', mas no fundo eu não me aceitava também e isso era desde os meus 7 anos de idade. Já tinha um certo preconceito de eu ser o único de cabelo preto na minha sala de aula e ainda era filho sem pai, para uma sociedade bem fechada né então filho sem pai, de cabelo preto em uma sala onde só tinha loiros e ainda para ajuda era gay, então pense o quando eu era atacado pelos colegas, além disso minha família sempre foi simples e sempre tinha aqueles filhos de fazendeiros né que ostentavam as coisas que a gente às vezes não tinha como ter, então era um acúmulo de um monte de coisa [...] (Entrevista realizada com Thor no dia 20 de julho de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

Outros aspectos também são apontados pelos entrevistados, como o medo de transparecer a homossexualidade e com isso sofrer discriminações, alguns chegam a relatar que ficavam com meninas por se sentirem obrigados socialmente, bem como especialmente pelos colegas em demonstrar uma heterossexualidade ou ainda, como forma de tentar negar para si mesmo e para os outros sua homossexualidade. Identificamos também que alguns relatos mostram práticas de uma reprodução heteronormativa, essas têm haver com as discussões sobre a homonormatividade, como reproduzir e até mesmo produzir práticas normativas contra pessoas que tendem a demonstrar facilmente suas homossexualidades.

Já outros relatos, têm apontado para importância de um posicionamento ante essas práticas de normatização das pessoas serem apenas heterossexuais. Nesse caso, o posicionamento está tanto em assumir pessoalmente e publicamente a homossexualidade como também, tensionar a lógica estrutural de relações de poder em face das sexualidades que o espaço escolar tem se fundamentado, neste caso a heterossexual.

[...] Bom na escola no ensino fundamental eu era criança início da adolescência eu não tinha nenhuma atração digamos assim, achava garotos bonitos na escola, mas por medo também não fazia nada e por ver outros alunos assim que tinha mais 'trejeitos' mais 'afetados' eu via a discriminação que eles sofriam, eu não fazia pela discriminação mas também eu tinha medo, por outro lado, eu era amigo das pessoas, mas eu acabava sofrendo um pouco, porque os amigos falam, tipo 'olha cara, as meninas' e tal. Eu não ficava só com meninas e nem só com meninos, mas eu sabia que nunca ia acontecer nada né, até porque se parecia uma menina eu ficava só que era meio forçado, mas não porque eu queria, era só para mostrar para os colegas e para que eles não ficassem enchendo o saco. No ensino médio também não esboçava nada, mas tinha amizades com gays e tal,

mas nunca falei nada pra ninguém, ficava com meninas, mas sobre a minha sexualidade não diretamente, só comentários assim, tipo eu sabia que falavam de mim, mas nada diretamente sabe? mas já me chamaram de viado e de gay na escola, mas eu não me senti tão ofendido porque eu ainda não me considerava gay [...] (Entrevista realizada com Edson no dia 21 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Eu tive aqueles problemas típicos de escola, tive todas as possíveis que hoje até eles (gays) nem tem tanto, mais na minha época ainda era de você ser meio que apontado na escola, colocado de lado assim na escola, ficavam te provocando e te chamando de 'bichinha'. Mais isso foi até acho que a oitava série depois eu comecei a pensar 'ah não! espera, eu tenho que me posicionar também'. Então eu percebi que a partir do momento que eu me posicionei as coisas mudaram. Tanto que depois não tive problema mais sérios nos dois últimos de colégio não, foi mais tranquilo [...] (Entrevista realizada com Jorge no dia 02 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Eu acho que a questão da escola assim foi bem complicado, porque eu vejo que eu misturei as coisas, na escola embora eu sofresse preconceito por ser gay, eu não via aquilo pelo fato de eu ser gay, eu via aquele preconceito pelo fato de eu ser inteligente. Eu achava que tudo aquilo era motivado por eu ser aquele garoto 'nerd', que estudava bastante e que não pegava ninguém e tudo mais... então achava que tudo aquilo era relacionado e não achava que era por causa da minha sexualidade. Agora uma coisa que eu percebo hoje é como eu fui idiota, se eu tivesse antes chegado naquele espaço e dito assim para todos os meus colegas 'não galera, eu sou gay e azar de vocês, vocês vão ter que me engolir (risos)' basicamente teria sido muito mais fácil, muito melhor pra mim. Porque eu iria encarar o problema e eu falo isso hoje em dia para os meus amigos que hoje em dia estão, digamos assim dentro do armário, lutar pelo problema te dá mais força, mesmo que você perca o debate. Porque aí, digamos assim, você está com a sua consciência limpa, ficar de boca calada às vezes deixa sua consciência meio suja, se eu ouvir um cara assim falar mal de gays e ficar quieto é uma coisa que me faz mal. Agora você vê alguém falar mal de um gay e for lá e defender, tipo você se sente melhor, no sentido que você está lutando não está deixando que se sobreponham você [...] (Entrevista realizada com Pedro no dia 02 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

Por fim, temos o relato de Marcelo o qual representou o espaço escolar enquanto neutro. Mesmo afirmando já ter tido práticas homoafetivas, ele argumenta que ninguém sabia ou desconfia dele por se comportar como 'homem'. Novamente, encontramos elementos que reafirmam práticas homonormatividade nos sujeitos aqui analisados, pois quando Marcelo relata se 'comportar como homem' isso quer dizer que ele correspondia às normatizações de sua identidade de gênero 'homem', que são atribuídas aos comportamentos da masculinidade.

[...] Bom pensando na escola eu não tive problema nenhum em relação a minha sexualidade, porque nessa época eu só tinha ficado com um menino

e ninguém sabia de mim e porque também eu era homem na escola (risos) tipo eu não demonstrava que era gay entende? as pessoas não achavam que eu era gay, nem passava pela cabeça delas [...] (Entrevista realizada com Marcelo no dia 24 de maio 2015, Ponta Grossa, Paraná).

Ao constataremos tanto no mapa coletivo escola quanto nas falas dos sujeitos que suas sexualidades são as mais oprimidas no ambiente escolar, reafirmamos o trabalho feito no ano de 2013 e retomamos a discussão de Junqueira (2009), o qual argumenta sobre a reprodução da heteronormatividade na escola, a qual pode ser desconstruída a partir de uma sociedade e uma escola mais justa que se solidarize e que seja livre de preconceitos, principalmente com o desmanche da homofobia. Para que isso aconteça, é necessário enfrentar as dificuldades que temos em promover os direitos humanos. Para o autor, é a partir das dificuldades que alimentamos e ratificamos nossas realidades sociais, culturais, institucionais e históricas, a partir de cada nível da experiência cotidiana. Ressalta ainda, que não se pode perder de vista a intervenção pedagógica ou do poder de gerenciamento na educação, pois estes costumam reproduzir quadros de opressão, como o preconceito.

Segundo Junqueira (2009), há uma confiança que depositamos na educação e esta está a serviço de um sistema sexista e heterossexista de dominação e que se dá pelo fato da confiança significativa de seu poder e de sua conservação, pois a compreensão da escola não está apenas como uma instituição orientada à transmissão ou construção de conhecimento, mas aquela que é capaz de reproduzir padrões sociais, fazendo durar valores e clivagens sociais, assim como a fabricação dos corpos e das identidades dos sujeitos, fazendo com que legitimemos as relações de poder em um processo de acumulação. Isso também é visto na discussão de Foucault (1988), o qual argumenta que a escola passa a ser um meio de disciplinar os corpos e seus comportamentos, sobretudo, a normatização das sexualidades.

Então, Junqueira (2009) afirma que se reconhecermos que o campo da educação se constitui historicamente como um espaço disciplinador e normalizador, este reconhecimento é um passo para a transformação e a desestabilidade de sua lógica normativa. Para o autor, a história da escola brasileira é baseada em pressupostos fortemente atrelados em um conjunto de normas e valores, reproduzindo 'o outro' como aquele estranho, doente, pervertido, criminoso e até

contagioso. O 'outro', nesse sentido, é todo aquele que se desvia da assimetria heterossexual. Além disso, o autor argumenta sobre os outros vieses em que a escola passa a ser estruturada e centrada, como a centralidade no adulto, no masculino, no branco, no burguês, na física e no mentalmente 'normal'.

Assim, outras identidades podem constituir a espacialidade escola, produzindo outras opressões e relações de poder além de sexualidades não normativas, como é o caso da idade. Essa identidade é evidenciada pela maioria dos *gays*, no mapa escola, como opressiva. Isso corrobora com as argumentações de Junqueira (2009), quando fala de uma centralidade na escola a partir do adulto. Essa relação de poder se estabelece entre os profissionais da escola mais velhos sobre os mais novos, profissionais e os alunos e também entre alunos mais velhos sobre os alunos mais novos. Sua reprodução passa a ser contínua, formando um círculo vicioso, pois anualmente entram pessoas 'mais novas' nessa espacialidade e consequentemente, novas 'vítimas' dessa relação de poder.

Do mesmo modo, outras identidades como a classe de renda podem compor essa espacialidade de uma forma opressiva, e que está representada também no mapa coletivo da escola. Para os *gays* aqui analisados, a renda apresenta-se como um elemento das relações de poder, seja na relação com os colegas e a simples diferença entre bens materiais, como ter um tênis para uma atividade física, utensílios para as aulas de artes ou a compra de um lanche na cantina ou ainda, por serem estudantes e não terem uma renda própria, sendo dependentes financeiros dos pais, esses sujeitos acabam sendo submissos as regras deles. Essas questões devem-se pelo fato de que, nem todos os homens *gays* que aqui foram analisados estudaram em escolas públicas, alguns dos sujeitos foram bolsistas e outros estudaram em escolas particulares.

Ter uma renda própria significa para os *gays* ter privilégios, um 'poder de consumo' a materiais que aprendemos a desejar, mas também de uma autonomia, pois como aponta Campbell (2006), o consumo passou a ter um lugar central em nossas vidas e o porquê consumimos pode ter várias relações, como a satisfação de necessidade, até a competição para com os outros. Além disso, a autora aponta que o consumo pode estar na busca do prazer, de uma defesa e até de *status* e que muitas vezes o poder aquisitivo tem por objetivo evidenciar quem somos e o que

somos. Nesse sentido, a classe passa a ser uma identidade que tende a mostrar nossa posição em diversas instituições, como no trabalho, na família e na própria escola.

Outra questão evidenciada nesse *Relief Maps* Escola e as relações sociais que a constitui, é a religião. Essa identidade é apresentada como confortável pela maioria dos entrevistados. Isso se dá pelo fato de que 87,5% se identificam com algum tipo de religião. Entretanto, Pedro é ateu e não se identifica com nenhuma religião. A ausência de uma religião em Pedro faz com que ele passe a ser oprimido na escola que também é centralizada na religião, principalmente a cristã. Para Silva e Gil (2009), entre os séculos XI e XIX buscava-se compreender a propagação do cristianismo pelo mundo, compreendendo as influências religiosas sobre uma dada religião e explicar os eventos bíblicos de acordo com os conhecimentos modernos. Da mesma forma, como afirmado por Ehrman (2008)²¹, estas práticas religiosas têm sido embasadas nos textos de um livro que foi o mais vendido em todos os tempos e que está no cerne da cultura e da civilização ocidental. Se os textos deste livro possuírem conteúdo homofóbico, teremos neste um possível lastro para práticas homofóbicas.

Para Silva e Gil (2009), a dispersão do cristianismo está no potencial de seu evangelho, o qual proclama a missão da difusão e que configura uma prova de amor ao próximo, proporcionando o surgimento de comunidades religiosas em vários lugares do mundo e poderíamos dizer, aqui, em diversas instâncias espaciais, como a escola. No entanto, essa prova de amor pode passar a ser uma relação de poder quando se questiona o que está sendo imposto e que já passou a ser normatizado. Assim, a religião passa a ser uma forma de regulação e de organização na escola, como a heterossexualidade, a idade adulta e a renda.

Para Silva e Gil (2009), os estudos das relações entre as religiões e espaço possuem diferentes abordagens, alguns focam na estrutura espacial da religião outros na análise da percepção espacial da ação do ser humano religioso. Em nosso caso, percebemos que a escola passa a ser organizada a partir da segunda abordagem dos autores, em que a percepção espacial sobre o ser humano religioso passa a ser uma relação de poder sobre aquele que não possui ou não corresponde

21

EHRMAN, Bart. O Problema com Deus. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

à mesma crença. Nesse sentido, os autores apontam para um processo de sacralização do espaço, que é a prática de crenças e ritos religiosos encontrando um centro de referência no qual se pode fixar facilmente uma identidade.

Ou seja, quando pensamos em um colégio que obriga todos a rezarem a oração do 'pai nosso', estamos tanto reproduzindo espaços de sacralização quanto tornando hegemônica uma única forma de religião na escola. Então, Silva e Gil (2009) argumentam que há um processo de organização e de controle de espaços entre a ação e a difusão do discurso religioso que é institucionalizado através da apropriação. Já para Cury (2004), quanto discute sobre o ensino religioso na escola, argumenta que no Brasil essa modalidade de ensino é legalmente aceita como parte dos currículos das escolas de ensino fundamental, à medida que envolve uma laicidade do Estado, como também demonstraria a secularização da cultura, a realidade socioantropológica dos múltiplos credos e a face existencial de cada indivíduo. O que percebemos é que isso não acontece de forma linear nas escolas representadas pelos sujeitos, tampouco respeitando outros credos ou a ausência de religião, mas que como outros elementos identitários fazem com que a religião passe a não apenas compor os espaços educacionais como também reproduzir relações de poder a partir dela.

Nesse sentido, Junqueira (2009) argumenta da importância de se falar sobre a diversidade na escola. A diversidade não se limita apenas nas múltiplas sexualidades existentes, mas nas próprias identidades que são complexas e em constante transformação, o que faz da interseccionalidade uma compreensão dos arranjos das várias identidades que compõem um mesmo sujeito. Assim, a escola passa a ser um espaço de produção e de reprodução de determinadas relações de poder perante identidades que se tornaram comuns e foram naturalizadas como corretas. Portanto, Junqueira (2009) argumenta o quão é importante que falemos de educação na diversidade, para a diversidade e pela diversidade, promovendo o respeito, o aprendizado e a convivência social das pessoas, incluindo o 'outro', desmistificando espaços, estereótipos e preconceitos.

Diferentemente do que acontece no mapa coletivo sobre a escola, a universidade apresenta-se com maior complexidade de movimento entre as linhas identitárias e as experiências dos sujeitos. Enquanto que na escola nós temos

experiências muito parecidas, onde se evidencia claramente um coletivo de experiências, na universidade temos algumas mudanças significativas como as sexualidades dos gays, estas passaram a não ser tão oprimidas quanto na escola. Porém, não é totalmente de alívio como poderemos observar. Do mesmo modo, a idade e a classe de renda passam a estar mais próximas à zona de conforto do que de desconforto.

Evidenciamos os primeiros resultados sobre a universidade, onde do total de 100% dos entrevistados, 75% representaram a universidade como um espaço controverso, ou seja, é aquele espaço que ao mesmo tempo é constituído por situações de conforto e desconforto de acordo com as identidades dos sujeitos. Por exemplo, Pedro e Junior compartilham que a classe de renda é desconfortável para ambos, ao passo que para Pedro sua sexualidade também é oprimida enquanto que para Junior é a sua religiosidade. Como podemos observar em suas falas:

[...] O problema meu é na universidade e daí meu Deus como eu odeio a universidade, como eu odeio a universidade em todos os aspectos possíveis, eu tinha essa relação com a escola eu odiava meu colégio. Eu estudei 12 anos em um espaço que hoje eu não tenho vontade de voltar lá, não tenho saudades, imagina você frequentar 12 anos o mesmo espaço e não ter saudades dele? é no mínimo que alguma coisa horrível aconteceu com você e o mesmo está acontecendo comigo na universidade. Eu odeio a universidade por um motivo assim... bem simples, a diversidade de curso que existe aqui dentro faz com que as reflexões que nós tenhamos gere conflitos e eu sou um cara que odeia conflitos, sou extremamente pacifista, eu não gosto que as pessoas briguem perto de mim. Na universidade esses conflitos aparecem, eles são até nos olhares, quando você vai almoçar no restaurante universitário você percebe o preconceito entre os acadêmicos tudo aquilo que as pessoas escondem em outros lugares você percebe lá, alguns por se sentirem a 'nata' da sociedade expõe claramente uma superioridade de classe através dos cursos. Então aqui na universidade você tem a 'nata da sociedade que age como bem quer' e essa 'nata da sociedade' é extremamente ignorante, eu sou ignorante em muitos aspectos, isso se relaciona com as ciências exatas, com as ciências biológicas, mas eu não encho o saco de ninguém por isso por causa dos meus preconceitos ou das minhas ideias. Agora o que eu sou obrigado a escutar dentro da universidade, porque, por exemplo, um dia meu namorado veio na universidade e às vezes eu esqueço que gay é ser algo 'anormal' e eu beijei ele na frente da central de salas, caramba! Por que que eu fiz isso... parecia que eu estava tacando fogo em uma cruz em praça pública. Todo mundo meu olhou com aquela cara assim de nossa meus Deus dois hereges e como tem muitos cursos que tem aquela base exata e nenhuma reflexão social, esses cursos são os que mais agridem, não fisicamente, mas agridem com ideias, tanto que às vezes eu performo um personagem hetero e você descobre que por exemplo as pessoas falam mal dos gays, aí você pega e fala assim: 'eu sou gay' depois que a pessoa acabou de falar mal dos gays, isso gera uma situação de mal estar absoluta, porque daí a pessoa diz: 'não... não, mas veja bem... eu não sou contra os gays eu acho

só que tem que ter descrição e tudo mais...' Então de todos os espaços que eu vivencio a minha casa em primeiro, que é o lugar que eu menos gosto. Mas a universidade é aquele top onde eu não tenho mais paciência de viver, eu queria acabar minha graduação, acabar os meus estágios e partir não só da universidade, mas dessa cidade, desse lugar como um todo que é extremamente fechado, extremamente preconceituoso [...] (Entrevista realizada com Pedro dia 02 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Olha na universidade eu acredito e eu senti que a galera tem a mente mais aberta, na escola existe muito mais preconceito o chamado *bullying* hoje, eles sempre me chamavam de viadinho e não sei o que, então na escola era bem mais complicado, hoje em dia eu não me recorro de situações de desconforto assim na universidade, a não ser em relação a dinheiro (risos) porque como eu estudava eu não tinha tempo para trabalhar e acabava sendo dependente dos meus pais, isso eu não gosto, gosto de ter o meu próprio dinheiro para poder comprar as coisas que eu gosto e tal. Mas sobre minha sexualidade eu achei bem tranquilo mais que minha religião (risos) porque assim, eu sou evangélico e algumas coisas são difíceis porque tem pessoas que pensam que sou radical ou até mesmo que eu não vou entender as críticas sobre a religião que têm na universidade, mas eu absorvia o que eu considerava que tinha fundamento, outras coisas não [...] (Entrevista realizada com Junior dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

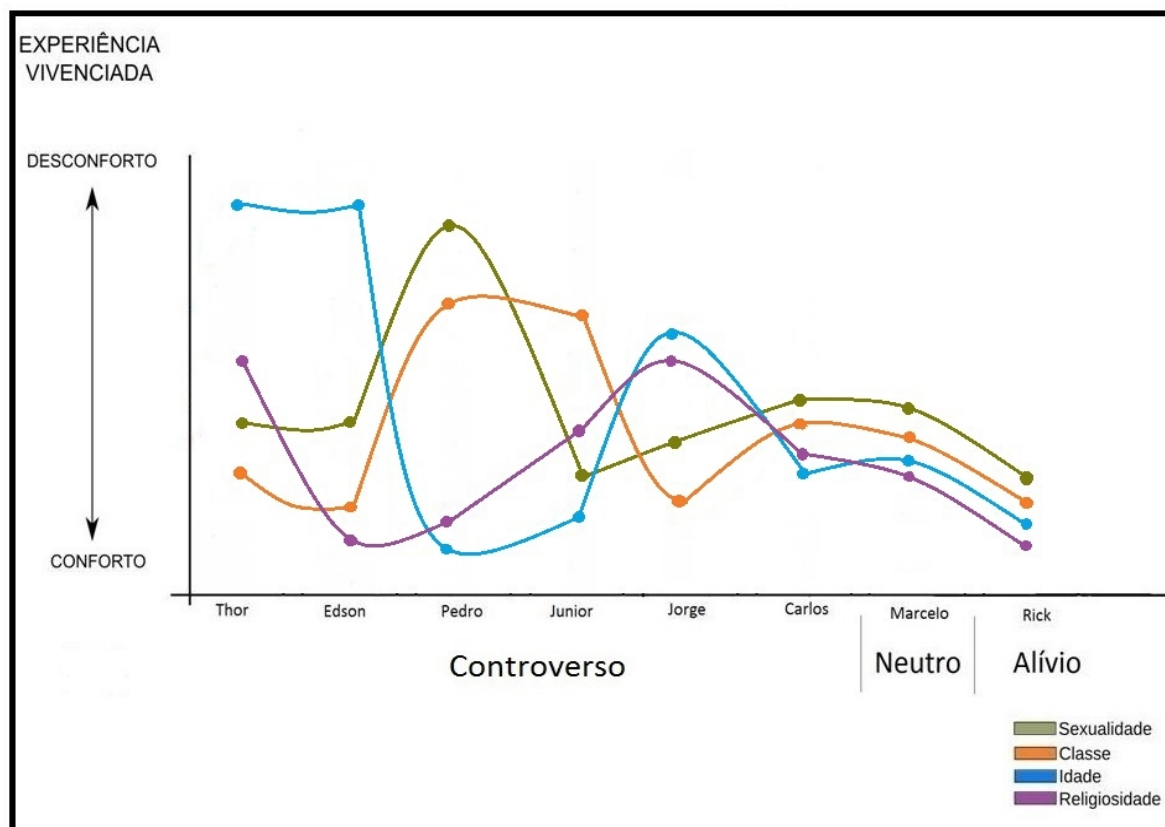
Assim, temos também as experiências comuns entre Thor, Edson e Jorge, que representam suas identidades como a religiosidade sendo mais oprimida na universidade do que a classe ou a própria sexualidade. No mapa da universidade, percebemos que há uma difusão entre as categorias mostrando a complexidade delas em face das diferentes experiências e identidades dos sujeitos. Mesmo assim, conseguimos identificar que certas experiências foram comuns entre eles, não só nos mapas como também em seus relatos nas entrevistas, como evidenciamos na sequência:

[...] Bom, sobre a universidade eu tenho a referência do meu curso né, o curso que eu escolhi já tem um público que já era mais de homossexuais e você percebia isso, mas hoje atualmente é um curso muito 'gay' digamos assim, porque as pessoas estão se assumindo mais nele. No curso você vê muitas pessoas que são gays e por isso não me causa nenhum sentimento de desconforto minha homossexualidade, tanto que eu tinha um relacionamento com um menino e os professores sabiam dentro da sala de aula. Agora, eu não sei como seria nos outros cursos, sobre a minha idade e a minha religião são coisas que acabam causando mais desconforto do que a própria sexualidade, porque eu entrei 10 anos mais velho do que muitas pessoas colegas minhas, isso é meio desconfortável sabe... minha religião é uma coisa a parte também, porque assim eu sou evangélico e eu percebi que a universidade critica muito a religião, então eu acabo me sentindo mal muitas vezes, porque tem coisas que eu concordo e outras não [...] (Entrevista realizada com Thor no dia 20 de julho de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Não tenho exclusivamente amigos gays, mas digamos que 90% na maioria, mas assim como eu tenho bastante amigos heterossexuais que me aceitam e eu me sinto super confortável com eles. Por exemplo, dentro da minha turma da universidade todos sabem de mim, me respeitam e eu me sinto super confortável com eles até no meu grupo de estudo também eu me sinto bem também, pronto para conversar e é isso... mas a idade eu já sofri mais sabe, por entrar mais velho na universidade eu senti um pouco de opressão dos colegas... Outra coisa tem a ver com a minha religião, ela acabava causando certos embates ideológicos, entende?[...] (Entrevista realizada com Edson no dia 21 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Na universidade não tive muitos problemas, nada negativo assim... bom teve um caso com uma professora uma vez que foi meio assim, mais ela era preconceituosa em todos os sentidos então descarta isso aí. Ela era uma exceção. Eu até namorava e a gente ia toma café junto a gente fazia viagens com a faculdade junto todo mundo sabendo. Pessoas achavam bonito a nossa relação, então quer dizer alguma coisa bonita tinha mesmo ali, todo mundo falava que era legal é não tem nada de julgar e acho que serviu até pra ajudar as relações na universidade. A idade me deixava um pouco constrangido né, a maioria era mais novo que eu, eu entrei mais tarde pra mim isso foi muito bom porque eu já sabia o que eu queria, mas era meio desconfortável ser o mais velho da sala [...] (Entrevista realizada com Jorge no dia 02 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

RELIEF MAPS COLETIVO 5 – Universidade



Fonte: Relief Maps individuais
Organizador: Hanke, 2015.

Enquanto que para alguns a espacialidade universidade passou a ser controversa, para outros ela tem sido de neutralidade ou de alívio, como apontou o mapa e as falas dos sujeitos. Mesmo para Carlos que considerou a universidade como um espaço controverso. Em seu relato percebemos que essa espacialidade está passando por um processo de transformação acerca das relações entre as sexualidades.

Assim, temos 25% restantes significando a universidade como um espaço neutro e de alívio, estas correspondem às representações de Marcelo e Rick. Nesse momento, cabe salientar que dos oito sujeitos entrevistados, apenas um (Rick) estuda em outra universidade que não seja a mesma frequentada pelos outros *gays*. Portanto, Rick é o único sujeito que aponta que a universidade que ele vivencia é um espaço de Alívio e Marcelo, como os demais sujeitos que vivenciaram a mesma universidade, representou ela como um espaço neutro em sua vivência espacial, como podemos observar em seus depoimentos.

[...] Um outro espaço que me surpreendeu muito, foi a minha sala de aula da universidade, porque todo mundo sabe que eu sou gay e eles perguntam da minha opinião sobre os namorados, contam pra mim como se eu fosse uma menina, como se eu tivesse no limbo entre o mundo deles e o mundo delas, o que ela pode entender com as atitudes deles, então eu passei meio como se fosse um 'guru'. Sabe é uma coisa interessante por ser um espaço ainda heterossexual que é a universidade, mas que está se modificando. Mas na minha sala, mesmo que não tenha muitos gays os heteros me admiram, eu sinto que às vezes eu sou a liderança de alguns gays do curso, daqueles gays assim como eu. Porque aqueles gostosos, ricos, bonitos e sigilosos, eles não me consideram um líder porque eles não se consideram gays. Então nesse caso a gente foge um pouco a regra. Mas os demais sempre me perguntam coisas, sabe o meu apelido no curso é 'diva' tipo "o que diva acha disso" por que, por que? o Carlos vai ter uma opinião sofrida, porque o Carlos já foi noivo, porque o Carlos já sofreu, ele assumiu dentro do curso, o Carlos levou pedrada, o Carlos caiu e o Carlos Subiu. Então eu faço parte de vários ciclos que calouros e pessoas que estão se assumindo estão pegando meio que pronto. (referente ao espaço universidade) [...] (Entrevista realizada com Carlos no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Na universidade foi tudo muito neutro no meu primeiro ano inclusive eu namorei uma menina, eu tinha 17 anos. Aí só depois lá pelos 3 anos que eu assumi assim para todo mundo que eu era gay, tipo se viesse me perguntar 'você é gay?' eu falava que sim, eu já não tinha mais esse problema em ficar mentindo para todo mundo, aí eu fiz amizades e tal aí eu contava mais era mais no grupinho que era nosso ali e tal, mas não que todo o curso ou toda a universidade sabia da minha homossexualidade por isso pra mim foi tranquila, depois de um ano que eu contei para os mais próximos eu já saí

então acabei não tendo experiências negativas sobre a minha sexualidade. Os outros aspectos também foram bem tranquila, a idade eu entrei novo então pra mim foi super confortável, tinha gente bem mais velha lá então pra mim era bom, outra coisa sobre a renda eu sempre trabalhei, meu curso era à noite então eu pude trabalhar de ter o meu dinheiro e a religião foi indiferente pra mim lá [...] (Entrevista realizada com Marcelo no dia 24 de maio 2015, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Ela é bem tranquila (universidade), lá tem pessoas que são homossexuais aí eu fico mais no grupinho deles, mas as outras pessoas que não são não têm nenhum problema assim, nunca sofria qualquer problema com isso lá. A única coisa que fazem é vir perguntar se eu sou gay ou não, eles falam porque tinham dúvidas assim porque nunca tiveram um amigo gay, tem curiosidade, né. Também porque tem muita gente que é de cidade mais do interior, menor que Ponta Grossa, então eles tem curiosidade em saber como é e tal, essas coisas assim... eles têm essas curiosidades. Tanto os homens quanto as mulheres já me perguntaram, mas é mais as mulheres não sei se é por algum interesse na gente né (risos) teve uma amiga minha que se interessou por mim aí eu tive que falar que não era hétero e tal (risos) e as outras coisas também não sinto nenhum desconforto, nem em relação a renda, religião ou a idade como eu vejo que na minha sala somos muito parecidos, a maioria trabalha, tem um salário, tem quase as mesmas idades, então não me sinto desconfortável na universidade, pelo contrário até gosto por causa das minhas amizades [...]. (Entrevista realizada com Rick no dia 06 de maio de 2015, Ponta Grossa, Paraná).

Ainda assim, podemos ter um cenário sobre a universidade mais vivenciada pelos sujeitos e que ela é representada, principalmente por situações controversas. Os resultados que obtivemos mostra que a universidade é hegemonicamente constituída por situações controversas nas vivências dos *gays*, ora oprimindo suas diferentes identidades, ora sendo constituída por situações de alívio e de neutralidade. Santos (2011), no texto intitulado *Universidade do Século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória na universidade*, discute sobre as transformações que a universidade tem passado e que ainda tem para passar.

Para o autor, a universidade foi ao longo do tempo predominantemente disciplinar, cuja autonomia impôs uma descontextualização em relação ao cotidiano das sociedades. A lógica desse processo faz com que os investigadores determinem os problemas científicos que devem ser resolvidos, como também definam sua relevância e ainda, estabeleçam metodologias. Segundo o autor, o conhecimento na universidade passa a ser homogêneo e organizacionalmente hierárquico, na medida em que agentes que participam de sua produção partilham dos mesmos objetivos, mesma formação e mesma cultura.

Portanto, o conhecimento científico perante outras formas de conhecimento torna-se absoluto. Por tais motivos, não é de se estranhar que a universidade se organize a partir de uma lógica de relações controversas entre opressões e privilégios, pois se temos um conhecimento homogêneo que hierarquiza seus conhecimentos, temos também aquele que promove a hierarquização de suas relações sociais. Dessa forma, entendemos que também há um processo de hegemonias ante identidades que no mínimo se assemelham àqueles que constroem esse conhecimento. Afinal, a universidade ainda é organizada por uma lógica heterossexista, machista, racista e burguesa, sendo resultado das relações que se estabeleceram desde o século passado e que ainda hoje tem se reproduzindo nessa espacialidade, como vimos nas discussões de Silva (2015) sobre o conhecimento geográfico.

Mesmo assim, Santos (2011) argumenta que esse modelo único de nivelamento social e intelectual vem sendo tensionado, apontando para uma outra forma de conhecimento ou de modelo, como também observamos no relato de Carlos. Assim, o autor propõe que pensemos em um conhecimento que seja pluriversitário ou um segundo modelo de conhecimento. Ao contrário do primeiro modelo, o conhecimento ou modelo pluriversitário tem como proposta a ampliação dos muros que foram postos à frente da universidade, evidenciando a pluralidade que existe fora de seu mundo, em um processo de partilha entre os pesquisadores e utilizadores.

Para Santos (2011), o conhecimento é transdisciplinar, em que o próprio processo obriga-nos a fazer um diálogo ou um confronto com outros tipos de conhecimento. Nesse sentido, entendemos também que a constituição das relações sociais na universidade ocorre através de uma perspectiva interseccional, entendendo que suas relações também são plurais, onde há uma diversidade existencial e complexa de pessoas, constituindo essa espacialidade e que essas variações são resultados de múltiplas facetas sociais que os 'muros' da universidade não conseguem mais separar.

Por esse ângulo, Santos (2011) argumenta que a universidade veio sendo estruturada segundo um modelo de relações 'unilaterais', dominando as institucionalidades atuais. Dessa forma, a unilateralidade deve ser substituída pela

interatividade, desmantelando as hegemonias assim como as homogeneidades e as hierarquizações em que a universidade vem sendo sustentada. Isso não quer dizer que ainda não exista conhecimentos e relações que tensionam essa estrutura, pois como aponta Santos (2011), em um futuro não tão distante a universidade do século XXI será certamente menos hegemônica, sendo um espaço público privilegiado de discussões abertas e de críticas.

Incorporando as reflexões do autor sobre a universidade para o nosso olhar sobre as identidades e suas relações de poder nessa espacialidade e entendemos que a universidade é constituída por relação de privilégio não apenas por uma superioridade de classificação intelectual, mas também por construir e reconstruir relações de poder entre diferentes identidades. Algumas identidades como a idade cronológica jovem ou a idade cronológica velha podem ser controversas nessa mesma espacialidade, dependendo do contexto socioespacial que o sujeito se encontre, ora de centro ora em outra de margem. Da mesma forma, a classe de renda vem sendo reproduzida como um elemento de opressão por aqueles que não têm as mesmas condições financeiras em determinados cursos, como cursos que desde o século passado vêm sendo reproduzidos como da elite (medicina, odontologia, direito, etc).

Ainda, poderíamos falar das formas que as relações sociais instituem determinados cursos a partir dos gêneros e das sexualidades, como aponta Thor, quando fala do seu curso que passa a ser significado como um curso de 'gays' ou cursos que são constituídos majoritariamente por homens ou mulheres, como é o caso de Informática e Pedagogia. Então, evidencia-se que tanto a escola quanto a universidade tem um longo caminho para percorrer à frente de identidades que passaram a ser entendidas como corretas, nobres e superiores sobre as outras. Essas relações fazem com que outras identidades assimétricas passem a ser marginalizadas ou oprimidas pelas que estão 'definidas' nesses espaços educacionais. Assim, concluímos essa subseção propondo que cada vez mais possamos buscar uma 'Multiversidade', ou seja, que se distancie a uniformização das relações sociais bem como identidades prontas como um modelo a ser seguido e que evidenciemos as multiplicidades existenciais dos seres humanos.

Para que tenhamos escolas e universidades que contemplem não só diferentes conhecimentos, como não reproduzam a hierarquização daquilo que as relações sociais ao longo do tempo vêm se propagando sobre os seres humanos não lineares. Finalizamos essa subseção com o título do livro de Santos (2004) *Conhecimento prudente para uma vida decente*, pois é o que pensamos quando nos propomos a pensar nessa subseção os espaços educacionais. Esses espaços devem dar condições para que se tenha um conhecimento que proporcione uma vida decente para todas as pessoas, tornando-se um espaço de dignidade, respeito e oportunidades sem que haja distinções de raça, credos, sexualidades, classe, idade ou quaisquer outras formas identitárias que possam compor um mesmo ser humano.

3.2.3 Espaços Públicos

Essa subseção tem por objetivo analisar os espaços públicos e de uso comum social na vivência dos *gays*. Do total dos oito sujeitos entrevistados, seis representaram em seus *Relief Maps* individuais os 'espaços públicos' que durante as entrevistas foram significados a partir das ruas, dos terminais de ônibus, dos parques e dos cafés. Porém, os homens *gays* acabaram incluindo nas representações de seus *Relief Maps* todos esses exemplos como sendo espaços públicos. Sabemos da importância que cada espaço citado anteriormente tem na vivência espacial das pessoas, bem como suas relações específicas de acordo com suas identidades e dinâmicas socioespaciais. No entanto, nosso objetivo para esse momento de discussão não é de fazer um olhar específico sobre as peculiaridades de cada espaço público citado anteriormente, mas sim de fazer uma reflexão compreendendo a partir das representações dos sujeitos as dinâmicas que podem envolver os espaços públicos em suas vivências espaciais de modo semelhante entre eles.

Ao problematizarmos o espaço público, inicialmente, trazemos as reflexões de Gomes (2002). Para o autor, o espaço público na sua forma física é entendido como aquele espaço onde não haja restrições das pessoas, seja na sua participação, na viabilidade ou ainda no seu acesso, como as ruas, as praças, a

praia e os *shoppings*. O espaço público é compreendido como o lugar das indiferenças, seja pelas diferentes posições, afinidades, jogos de prestígio entre outras dinâmicas, desde que estas sejam submetidas às regras da civilidade. Contudo, com o tempo e novas perspectivas, algumas ações foram esmiuçadas a partir de outros olhares como o marxismo, que por volta de 1970 e 1980 visaram não apenas refletir sobre a forma física do espaço urbano como também outras relações que o constitui.

Segundo Gomes (2002), entre essas décadas, a ciência geográfica multiplicou as análises sobre a segregação espacial, movimentos sociais e desigualdades espaciais. Porém, a perspectiva marxista foi praticamente um modelo exclusivo de análise, assim como a diferenciação de classes voltadas principalmente a visão economicista. Indo além, o autor ressalta que essas análises acabavam dismantelando quaisquer outras formas que não correspondessem à esfera da produção e que ainda hoje se tem uma influência desse marco histórico como um critério fundamental de análise.

Dessa forma, Rodó-de-Zárate (2013b) aponta que temas como a sexualidade ainda são pouco estudados na Geografia e nos estudos urbanos, apesar de suas relevâncias para compreender as organizações sociais e espaciais. Para as autoras, os primeiros trabalhos relacionados à sexualidade e ao urbano apontaram que há uma construção da heteronormatividade nas cidades, analisando como as pessoas não heterossexuais eram marginalizadas a partir do urbano. Nesse sentido, sabe-se da importância dos movimentos sociais e do feminismo, os quais evidenciaram que as 'indiferenças' não eram tão 'puras' assim e que a ideia de uma 'neutralidade', na verdade, corresponderia àqueles que seguem determinadas regras criadas a partir do que se entendia por civilidade.

Ao corresponder a tais regimentos, Mayol (1996) afirma que passamos a ter um comportamento que 'compensa' no seu sentido mais gratificante possível. Essas regras por um bom tempo vêm se estabelecendo de um lado, e por outro têm sido tensionadas por feministas e também pelos movimentos sociais, mostrando que na realidade nós não temos um espaço público 'benevolente', mas sim temos um espaço que é desigual para diferentes grupos sociais.

Assim, Borja (2014) fala sobre a relação entre os espaços de poder e os espaços da cidadania, onde grandes praças e grandes avenidas passaram a concentrar a materialização desse poder e suas simbologias ao longo da história, com grandes eventos desde plebiscitos, desfiles militares e procissões de igreja, etc. Além disso, passaram a ser um grande espaço econômico em que há uma grande concentração de comércio e publicidade. O espaço público é antes de tudo, um espaço de uso coletivo, livre, multifuncional, integrador e carregado de sentidos, memórias e identidades e seus cidadãos se reconhecem mutuamente, com direitos e liberdades iguais.

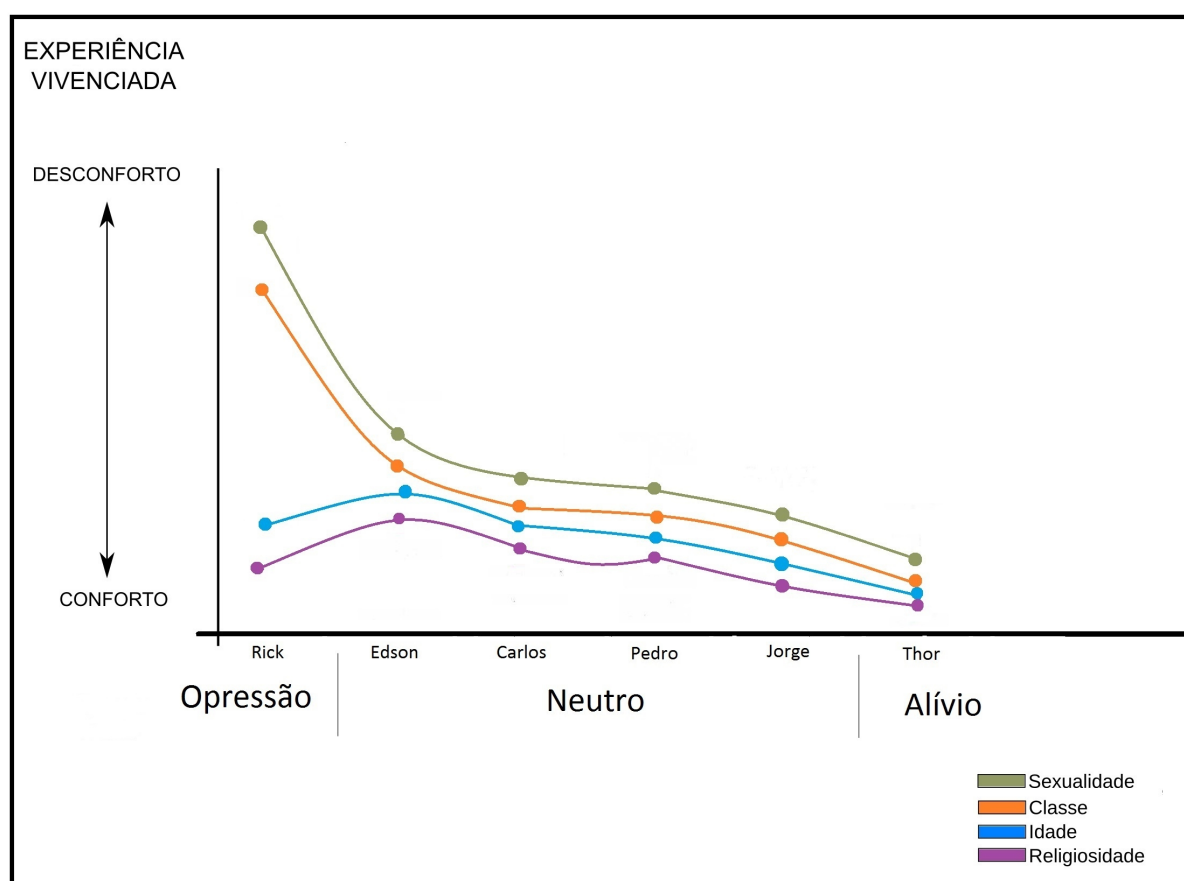
Portanto, Serpa (2007) argumenta que o espaço público passa a constituir uma ação política ou pelo menos uma possibilidade para que essa ação ocorra, visto que as grandes revoluções e lutas sociais foram nas ruas e através desse espaço. Porém, o autor vai além, relatando que o espaço público também pode ser analisado por outros vieses, como a incorporação do consumo para poucos, dentro da lógica capitalista ou ainda como um espaço simbólico a partir de diferentes culturas e intersubjetividades. Já para Borja (2014), quando falamos sobre espaço público, falamos também de uma cidade heterogênea e densa em que se concentra uma grande quantidade de funções e atividades, populações e memórias onde não nasce um cidadão, mas que este passa a ser construído como tal pelo próprio espaço público onde a cidade, a qual tem a real vocação cidadã, nem sempre o consagra para todos.

Então, Borja (2014) aponta que o espaço público pode ser excludente, degradar-se e ser inóspito. Basta perder sua natureza originária como ser 'indiferente' para todas as pessoas. Assim, o espaço público se reduz em espaço político e muitas vezes econômico, e o processo da cidadania é restringido a pequenos momentos e em determinados espaços de ócio e de vida coletiva. Historicamente o espaço público passa a ser também um espaço de poder que envolve diferentes relações sociais, como as de gênero, as classes, as religiões, as sexualidades, as racialidades, as etnicidades, as idades e tantas outras possibilidades existenciais de relações sociais.

Ao construirmos o mapa coletivo sobre os espaços públicos, identificamos que os *gays* retrataram, em sua maioria, como sendo espaços neutros, chegando a

66,6% do total das representações. Ainda, tivemos 16,7% representando os espaços públicos como alívio e os outros 16,7% restantes como espaços de opressão. Outro fato interessante para compreender os espaços públicos de suas vivências é que a identidade mais oprimida são as suas sexualidades, o que corrobora para nossa compreensão enquanto espaços públicos organizados para determinadas identidades, neste caso a heterossexual. Estas considerações podem ser evidenciadas na figura abaixo:

RELIEF MAPS COLETIVO 6 - Espaços Públicos



Fonte: Relief Maps individuais.
Organizador: Hanke, 2015.

Outra identidade evidenciada como oprimida nos espaços públicos da vivência dos gays foi a classe de renda. Mesmo que os espaços públicos sejam formados a partir de encontros de diversas identidades, aquelas que escapam de seus comandos acabam sendo marginalizadas. Exemplo disso são os *shoppings*,

que estão cada vez mais limitando o acesso de pessoas visivelmente e invisivelmente. Invisivelmente, porque tem limitado o acesso a ele a partir de sua organização em criar um perfil de consumidor, com produtos e valores exorbitantes, taxas abusivas de estacionamento e assim por diante.

Já visivelmente, pois esse espaço público passa a utilizar meios legislativos para uma proibição concreta no seu acesso como podemos ver na reportagem²²: um *shopping* em São José do Rio Preto, São Paulo entrou na justiça para proibir a entrada de jovens menores de 16 anos, desacompanhados dos pais ou responsáveis, todas as sextas-feiras e sábados, após as 19 horas. Nesse sentido, o espaço público *shopping* passa a impedir o acesso a ele a partir da interdição de uma ou mais identidades, no caso da reportagem a idade passa a ser o alvo da relação de poder, pois a idade jovem não corresponde a uma identidade do perfil consumidor que este espaço busca.

Assim, a relação dos espaços públicos terem sido representados como neutros nas vivências espaciais dos *gays* pode estar na possibilidade de que todos os sujeitos entrevistados são masculinos, de classe média e adultos, pois como aponta Rodó-de-Zárate (2013b), o espaço público tem se assentado sobre o adulto e também sobre o masculino. Para a autora, muitas feministas têm evidenciado questões sobre o gênero e a idade na relação com o espaço público a partir da percepção do medo. Um exemplo está nas próprias discussões que ela faz sobre as experiências de jovens mulheres pelos espaços públicos.

Também encontramos tal relação nas discussões de Rose (1993), quando fala de sua própria experiência e sentimentos enquanto mulher à noite na rua; e ainda em Koskela (1997), quando discute sobre o medo e a confiança espacial das mulheres no espaço público. A autora argumenta que o medo acaba limitando as mulheres no acesso e no exercício de atividades dentro do espaço público, passando a ser um indicador da relação de poder que constitui o gênero no espaço público. Dessa forma, começamos a fragmentar as diferentes relações sociais que o espaço urbano, e consequentemente os espaços públicos vêm sendo fundamentados, e que tanto as relações de classe, como de gênero, sexualidades, racialidades e idades têm sido importantes para compreendermos as diferentes

²² <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2015/07/shopping-pede-e-justica-de-rio-preto-proibe-entrada-de-menores-noite.html>>. Acessado 20 de Janeiro de 2016.

dinâmicas que ocorrem através desse espaço, o qual passou a ser organizado por regramentos específicos e identidades particulares.

Assim, acabamos nos questionando nessa subseção sobre em quais relações sociais e de poder o espaço urbano e os espaços públicos na cidade de Ponta Grossa têm se assentado. Sobre essa ótica, evidencia-se em nosso campo e nas discussões que acessamos que os espaços públicos estão centrados por determinadas relações de poder e também identitárias, constituindo-se enquanto um espaço público masculino, branco, heterossexual, de grupos de alta renda e de adultos, como aponta Rodó-de-Zárate (2013b) e também nos trabalhos de Rossi (2010) e Gomes (2013).

Semelhante a essas discussões, Przybysz e Silva (2012) discutem que o espaço urbano, além de produzido politicamente é economicamente constituído por experiências generificadas pelo cotidiano das pessoas, onde a cidade privilegia a conceituação a partir do masculino ofuscando outras relações, a partir do gênero e de outras identidades. A partir dessas argumentações, compreendemos que o urbano está centrado no masculino e a significação de uma neutralidade pelos sujeitos entrevistados sobre o espaço público está relacionada à figura masculina de seus corpos e aos comportamentos desempenhados por eles nos espaços públicos. Esta configuração está relacionada aos apontamentos realizados por Cabral, Ornat e Silva (2013), pois a sociedade ocidental está convencionalmente organizada entre dois gêneros, masculino e feminino, e, aqueles que tentam subvertê-la passam a ser punidos por diferentes formas de violência.

Também, Rodó-de-Zárate (2013b) aponta que o medo passa a ser um resultado da produção social que vulnerabiliza as mulheres no espaço público, assim como outros aspectos, por exemplo, a idade e a sexualidade, pois enquanto afirmado por Góis e Soliva (2008), espaços públicos como a rua têm sido aspectos relevantes na violência cometida contra jovens homossexuais. Para os autores, os espaços públicos são compreendidos como aqueles que permitem um trânsito contínuo de diferentes pessoas (heterossexuais e homossexuais), onde a rua passa a ser a expressão mais próxima dessa definição e que passa a ser dissolvida não apenas como pública, mas como um caráter de intersecção, reconhecida e legitimada pelos homossexuais a partir de seus gostos sociais.

Além do gênero, o espaço urbano tem se organizado a partir de determinada civilidade heteronormativa, pois como aponta Mayol (1996), a prática do espaço público tem sido atravessada também pela diferença dos sexos, desde a relação que os rapazes impõem sobre as moças na rua, relações estas da mais 'vulgar' até a mais 'refinada', até as relações de demonstração de afetos de casais nos bancos das praças, onde também os velhos descansam e as mães passeiam com seus filhos. Para o autor, "todas essas manifestações sociais correspondem a uma manifestação sexuada, onde cada parceiro desempenha o papel previsto pela sua definição sexual e nos limites que a conveniência lhe impõe" (MAYOL, 1996, p. 57).

Assim, o espaço urbano passa a ser sustentado por comportamentos a partir de uma conveniência sexual, onde a demonstração de afeto que não corresponda a heterossexual passa a ser desrespeitosa e de repulsa, assim como as mulheres que usam uma roupa 'não adequada às normas' passam a dar 'direito' às pessoas para aborrecê-las ou julgá-las. Segundo Cabral, Silva e Ornat (2013), gays e lésbicas sofrem ações de violência por desviarem da heteronormatividade, mas as pessoas que mais sofrem essas rejeições são as travestis e transexuais, isso porque trazem as marcas corporais expressas de uma forma material e não a partir de práticas e comportamentos sexuais.

Dessa forma, para os homens *gays* aqui analisados, dependendo do jeito que você se porta no espaço público, você pode sofrer ou não opressões e constrangimentos, observado, por exemplo, na fala de Rick. Para Rick, o espaço urbano é de opressão à medida que se sente limitado a demonstrar afetividade para o seu companheiro. Da mesma forma, essas limitações comportamentais e sociais nos espaços públicos fazem com que os *gays* analisados nessa pesquisa passem a ser, muitas vezes, coniventes a elas, neutralizando efeitos negativos que possam sofrer a partir dessas relações de poder, em que os espaços públicos da cidade estão sustentados, como a heteronormatividade.

Isso reforça a representação da neutralidade, pois como podemos observar, compensa muito mais tornar-se invisível do que transgredir as regras de uma civilidade voltada para a heterossexualidade. Diferentemente do que acontece com as travestis e transexuais, em sua maioria, os homens *gays* podem passar

despercebidos pelas relações de poder que se estabelecem nos espaços 'públicos', como podemos observar em seus relatos:

[...] Bom eu vou falar uma coisa que minha mãe sempre fala quando eu saio de casa "aí, não é que a gente te ame menos, a gente só se preocupa de você sofra preconceito, então não fique demonstrando que você é gay". Por exemplo, eu ir no parque ambiental (praça pública) e ficar do lado da roda dos piás skatistas aí é o ambiente deles, né? assim como eles vão ser limitados se eles entrarem daquele jeito no Deck (baladas GLS) ele tá fora da tribo dele com a roupa da tribo dele, etc. Então, quando você tentar sair dessa padronização você tá caçando briga mesmo, mas nunca senti em um ambiente público algo assim, talvez por causa do meu comportamento, não sei. Há não ser quando você já está em um ambiente já selecionado né? daí eu acredito que é diferente, tipo você vai em uma cervejada de Engenharia ou em uma festa da turma de Engenharia onde só tem piá da Engenharia, lógico que lá a prevalência de ter gay é muito menor. Então o comportamento gay lá vai ser muito menos aceito. Como na Medicina, tem dois eventos muito importante que é o Intermédica e o EREM. O Intermédica é de todos os atletas da medicina, então é um encontro que só tem uma galera esportiva e tudo mais. Então é um ambiente totalmente heteronormativo, têm os gays, mas eles ficam na deles, não são em momento algum discriminados, mas eles ficam na deles. E tem o EREM que é a reunião dos estudantes dos centros acadêmicos no qual tem tipo 10 'viados' para cada um heterossexual. Então, os heterossexuais podem ficar com meninas, normal, não é discriminado, mas a grande prevalência é dos gays. Então, lógico, que depende dos grupos que você esteja frequentando, mas socialmente ambiente público nunca me senti mal, ele é bem neutro, como eu te disse, depende muito do comportamento da gente, né [...]

(Entrevista realizada com Carlos no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Eu me sinto confortável em shopping quando eu estou com meus amigos assim, amigos próximos de mim, que sabe de mim. Mas eu nunca senti desconforto até porque eu nunca esbocei um afeto assim com outro homem, tipo eu já saí com amigos gays no shopping e tal e que ficaram demonstrando afetividade e tal até porque eu não vejo problema. Mas eu sei que, existe esse problema, pra mim não tem problema, mas para os outros tem. Então, para evitar eu não faço, mas eu não vejo problema nenhum em andar tipo de mãos dadas, mas a sociedade vê isso como um problema, mas de forma geral eu me sinto bem [...]

(Entrevista realizada com Edson no dia 21 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Os meus ambientes públicos onde eu mais vou é o teatro, então se alguém for tirar sarro de alguém dentro do teatro, por favor, né. É mais local público, tipo uma padaria, ambientes menores, porque daí parece que as famílias vão e dominam, sabe e daí você não faz parte... você é indigno de frequentar aqueles lugares. Ponta grossa muito mais né, eu já fui em padarias em outros muitos lugares que não acontece isso. Mais aqui, ainda tem aquela coisa como assim... o que você está fazendo aqui... Uma vez a gente chego junto (entrevistado e seu companheiro)... eu falo dele porque foi a pessoa que eu passei mais tempo, aí a gente chego junto e causou um furor sabe... aí eu pensei o que é isso, eu só quero compra alguma coisa e sair. Então é porque também acho que o gay ele fala né eu falo o tempo todo com a pompa toda do gay e artista ao mesmo tempo. Então, eu falo da ponta do pé até o cabelo né, não sei conversar assim contido com as

peessoas, eu falo mesmo e mexo e isso chama atenção também então isso acaba me marcando muito nos espaços públicos, principalmente pelos olhares de julgamento, sabe? [...] (Entrevista realizada com Jorge no dia 02 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Embora eu namore, namorar pra mim é uma coisa que não tem espaço, sabe?, Muito menos em espaço público. Um lugar que eu tenho ido mais é no parque ambiental... por gostar de espaços abertos... eu gosto de frequentar assim esses espaços públicos, eu gosto de andar pela rua, às vezes você na rua é mais livre do que quando você está em casa, dependendo dos teus objetivos, eu fico muito tempo na rua se eu puder nem que seja só para andar, nem que seja assim para descer a avenida olhando os prédios e arquitetura da cidade, eu fico na rua. Então basicamente, da para colocar a rua como um espaço público, né?. É veja bem, a questão do transporte público também sabe, quando você está em uma avenida e você vê tudo que é tipo de pessoa, não é? Isso incita o exercício de que cada pessoa que frequenta os espaços públicos podem ser vistas ou ignoradas, digamos assim. Eu tenho uma mania de querer me vestir da maneira mais excêntrica que eu conseguir, não porque eu quero chamar a atenção, ao contrário, mas é que meu gosto de me vestir é extremamente estilo japonês, sei lá, é exótico. Então eu me visto de um jeito que eu chamo muito a atenção das pessoas e quem olha pra mim já vai pensar 'puts esse cara é gay' seja pelo chapéu, seja pelo colar ou qualquer coisa que eu use. Então, você percebe no transporte (público) que é um espaço onde as pessoas são obrigadas a estarem próximas, onde muitas vezes são obrigadas a estarem ali né? Não existe fuga para aquele momento porque ninguém tem carro, mas... os olhares você percebe, as conversas você percebe, as opiniões das pessoas. Digamos assim, se você quer saber o que a população pensa em vez de você ir para um shopping da vida eu iria para um ônibus para um terminal de ônibus, porque lá é onde está o povão, a ideia do povão tá lá e nesses espaços eu já vivenciei cada tipo de situação, uma vez que eu entrei dentro de um ônibus e na hora que eu entrei dentro de um ônibus uma senhora que estava ali sentada pegou e me olhou dos pés a cabeça e balançou a cabeça como um sinal de desaprovação e eu senti muito mal nesse momento. Pô!!! eu estava vestido eu não estava pelado, tipo eu estou normal, por que ela pegou e olhou pra mim com esse olhar de desaprovação?, aí, você percebe o quanto que existe de preconceito e pré-julgamentos no espaço público. Por outro lado, ele tem um lado muito bom, que faz você conhecer muitas pessoas, histórias e outras culturas, eu fiz muitas amizades no espaço público, inclusive no ônibus (risos) [...] (Entrevista realizada com Pedro no dia 02 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Não, local público eu e nem o meu companheiro fazemos nada assim, tipo não demonstramos afetividade nem nada. No máximo foi em uma praia e em um lugar mais isolado assim...mas sempre em outras cidades. Até por questão de respeitar a minha família assim sabe? tipo imagina se chegam para minha mãe e dizem ' Há! vi o seu filho com o namorado dele de mãos dadas na rua' coisas nesse sentido assim sabe? outra questão que você me fez pensar é em relação ao shopping, ele é um espaço público mas eu tenho um pouco de desconforto também não só por causa da minha sexualidade e ter esse sentimento de não poder exercê-la como também pela renda né, porque você chega lá e fica bem louco querendo comprar tudo, mas nem sempre dá então isso é meio chato pra mim [...] (Entrevista realizada com Rick no dia 06 de maio 2015, Ponta Grossa, Paraná).

Para Borja (2014), é no espaço público que se afirma a individualidade de cada um e a existência de uma comunidade de pessoas que mantém laços solidários entre interesses e valores contraditórios. Dessa forma, compreendemos que os espaços públicos, na vivência dos *gays*, podem ser a partir do *Relief Maps* coletivo "Espaços Públicos", o qual é uma das formas de evidenciar as existências de vínculos entre sujeitos a partir de suas experiências nesses espaços. Portanto, a construção de um mapa coletivo passa a ser uma ferramenta de análise que tende a evidenciar principalmente tais conexões. Mesmo em experiências distintas, identidades semelhantes podem representar relações de poder em diversas instâncias e com resultados muito próximos.

Ao apresentarmos o *Relief Maps* coletivo "Espaços Públicos", identificamos três significações sobre esses espaços, o de neutralidade, de opressão e de alívio. Algumas relações de espaços públicos, nessa pesquisa, corroboram com os resultados de Rodó-de-Zárate (2013b), quando argumenta que as jovens lésbicas também têm experienciado a sexualidade como opressiva nos espaços públicos. Para a autora, o processo da heteronormatização no espaço público faz com que esses espaços passem a ser compreendidos como espaços de opressão e com conexões a partir das relações de poder que são experienciadas pelas jovens. Outro fato interessante que a autora relata, e que também pode ser observado em nosso campo, refere-se à capacidade dos homossexuais 'esconderem' sua sexualidade, o que para Rodó-de-Zárate (2013b) é uma capacidade de jogar com as identidades em meio as relações de poder.

Nesse sentido, entendemos que os homens *gays* também utilizam desse jogo identitário como forma de inibir ações que possam restringi-los ou oprimi-los no espaço público. Tal fato faz com que os espaços públicos sejam, na maior parte das representações, como neutros, não sendo de opressão e nem de alívio em suas vivências. Pois, como pudemos observar os espaços públicos têm se organizado a partir do masculino, da idade adulta como evidencia Rodó-de-Zárate (2013b); da classe de renda alta, como aponta Villaça (2001) e a heterossexualidade, segundo Valentine (1993). Assim, temos a sexualidade sendo a identidade mais oprimida nos espaços públicos, uma vez que é a identidade que todos os *gays* dessa pesquisa acabaram não correspondendo.

Por fim, ainda tivemos os espaços de alívio com 16,7% de representatividade. Esses passam a ser espaços, ainda que públicos, escolhidos pelos sujeitos a partir das relações que se estabelecem neles, como os cafés. Assim, os espaços públicos e suas significações de alívio podem ter múltiplos fatores, dentre eles pode ser entendido como um espaço de resguarda e respeito mútuo, mas também de convívio social e de encontro com pessoas que tenham os mesmos gostos ou que simpatizem com os determinados espaços públicos, como os parques. Esses dois espaços são relatados por Thor em sua entrevista:

[...] Nos espaços públicos eu procuro respeitar para ser respeitado, então eu me comporto de uma forma que não desrespeite ninguém, por isso eu não lembro não de ter tido alguma situação de desconforto. Mas lembro de ter bons momentos que seria as cafeterias, como eu disse no início, são lugares que eu gosto muito, me trazem muito conforto sabe, o café por si só me traz muito conforto, então um espaço onde tem café e eu posso me sentar e conversar com amigos, não importa onde, eu me sinto bem. Gosto muito de ir para Curitiba nos parques lá eu me sinto bem também, porque tem uma grande quantidade de pessoas gays e eles têm certos comportamentos, sabe, então eu acho que é isso, eu preciso respeitar o local público, pois existem muitas pessoas, com muitas ideias e consequentemente diferentes das minhas, então eu acabo ficando na minha, não escondendo minha sexualidade, porém não fico falando aos quatro ventos [...] (Entrevista realizada com Thor no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

Como podemos observar, as relações de poder estão em nossos cotidianos e em diferentes espaços, sendo do privado ao público, onde as pessoas utilizam de estratégias a partir de suas identidades assumindo-as e/ou invisibilizando-as como forma de desnortear as ações de opressão que possam sofrer. Além disso, a relação centro e margem passa a ser fluída, pois como observamos, assim como as identidades ora podem estar correspondendo as relações de poder ora colidindo de frente com elas.

Na sequência, iremos fazer uma discussão específica de um espaço público da vivência dos homens gays, a balada LGBT. Esse espaço é discutido pelo fato de ter tido grande expressividade nas representações dos sujeitos e mesmo sendo um espaço considerado de alívio por eles, tem mostrado relações de poder sobre outros feixes identitários.

3.2.3.1 A balada LGBT

Essa seção da subseção sobre espaços públicos surgiu pelo fato de seis dos oito homens *gays* terem evidenciado em seus *Relief Maps* individuais a balada LGBT. Outra questão que também se refere à construção dessa seção foi surgindo ao longo do processo de pesquisa em que os sujeitos evidenciaram poucos espaços de alívio em suas vivências espaciais. Portanto, acreditamos ser importante fazer uma discussão sobre essa espacialidade em específico.

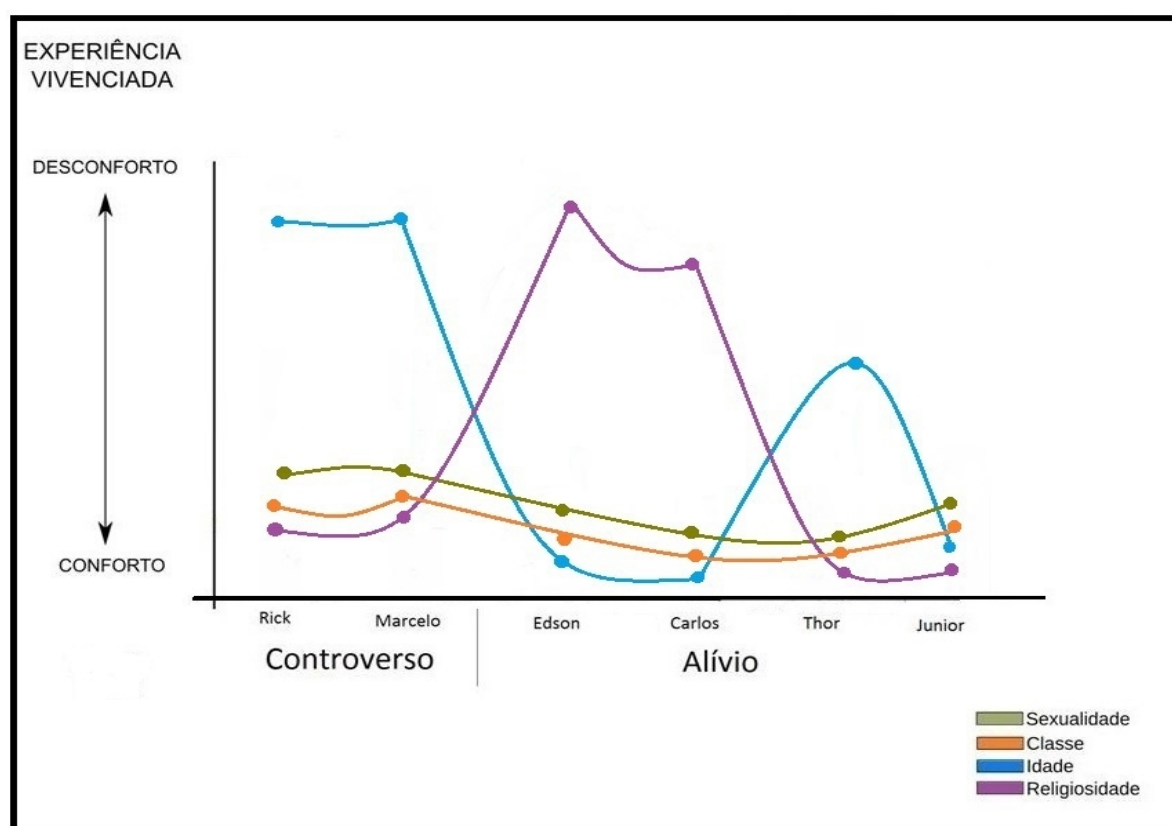
Como vimos no primeiro capítulo dessa dissertação, alguns trabalhos sobre bares *gays* têm sido problematizados desde a década de 1980. Esses trabalhos evidenciaram que além dos bares *gays* constituírem características de práticas homossexuais foram e são importantes espaços de socialização dessas pessoas (WEIGHTMAN, 1980). É através desses espaços que pessoas homossexuais não se sentiam e se sentem mais sozinhas ou únicas no mundo.

Essa espacialidade também tem relação com as discussões que envolvem os guetos *gays*, que nesse mesmo período evidenciam locais no espaço público onde se tem certa 'aceitação' de comportamentos homossexuais (LEVINE, 1979). Além dessas reflexões, resgatamos ainda as discussões de Valetine (1993). A autora argumenta sobre espaços públicos e aponta exemplos de espaços sociais como os hotéis e restaurantes, estes enquanto espaços públicos de socialização das pessoas. Para a autora, tanto os restaurantes como os parques se constituem enquanto espaços públicos. Da mesma forma, acreditamos que as baladas também se constituem enquanto espaços públicos de socialização das pessoas.

Entretanto, a balada LGBT, especificamente, tem se mostrado como um paradoxo na vivência espacial dos *gays* em nossa pesquisa. Isso tem relação entre o armário e os espaços públicos da vivência de homens *gays*, pelo menos, os que aqui foram analisados, pois ao mesmo tempo os sujeitos tendem a estar no armário em outros espaços públicos como a rua, os *shoppings*, os parques e os restaurantes, visto que, "mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente *gays* há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas" (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Contudo, os sujeitos aqui investigados têm mostrado que é na balada LGBT que eles abrem suas portas e respiram um oxigênio fora dele, sendo um espaço de alívio em suas vidas. Esse comportamento corresponde a uma resposta às relações sociais que ali são organizadas, onde práticas homoafetivas acontecem e são deliberadamente aceitas, isso não quer dizer que essa espacialidade não tenha relações de poder, pois como sabemos outras identidades cruzam as identidades *gays* além da sexualidade, como a classe de renda, a idade, entre outras. Assim, temos na representação do mapa coletivo balada LGBT 100% que a representaram, 67% representando-a como espaço de alívio e 33% como um espaço de intersecção controversa.

RELIEF MAPS COLETIVO 7 - Balada LGBT



Fonte: Relief Maps individuais.
Organizador: Hanke, 2015.

Ao construirmos o mapa coletivo sobre essa espacialidade, alguns elementos identitários têm se mostrado oprimidos nessa espacialidade,

principalmente em relação à idade e à religiosidade, o que pode caracterizar esse espaço enquanto um espaço de intersecção controversa, pois como aponta Mota (2012) e Paiva (2012), as práticas sexuais dos *gays* têm centrado na vida jovem e o estigma do corpo velho passa a ser uma abjeção de suas relações sociais. Assim, essas relações que se estabelecem sobre a idade jovem na vida *gay* passam a constituir seus espaços públicos de socialização. Essas práticas passam a ser produzidas e reproduzidas também em espaços como a balada LGBT, mas também direcionada a pessoas solteiras. Como podemos constatar nos relatos de Rick e Marcelo:

[...] Uma balada Hetero eu não me sinto bem, por exemplo, por eu ter ido em baladas GLS eu consigo perceber a diferença entre as pessoas, as músicas também eu gosto mais da balada GLS, eu me identifico mais com as pessoas. Uma coisa que é interessante que venho percebendo é que, agora que eu sou casado e não tenho ido com tanta frequência, parece que é um local mais para gente solteira e para pessoas mais novas também, tipo eu não sou velho, mas lá às vezes eu me sinto perto de uns *gays* que tem 18, 19 anos [...] (Entrevista realizada com Rick no dia 06 de maio de 2015, Ponta Grossa, Paraná).

[...] na verdade eu só vou praticamente em balada GLS, balada normal assim tipo de hetero eu vou só quando a minha mãe me chama para eu ir nos baile com ela, quando tem um pagode que ela quer ir, daí eu acompanho ela, mas eu só vou por causa dela assim, não porque eu gosto da festa ou da balada em específico. Na balada GLS eu me sinto bem melhor, até porque lá eu e o meu companheiro se beijamos a vontade e não tem problema com isso né, já em balada heterossexual não né, nem na rua ou no shopping, lá é diferente [...] (Entrevista realizada com Marcelo no dia 24 de maio de 2015, Ponta Grossa, Paraná).

Já para os outros homens *gays* entrevistados existem identidades oprimidas na espacialidade balada LGBT, como a religiosidade. Para Carlos, se ele pensar sobre sua religiosidade na balada LGBT ele não a vivencia, então para ele vivenciar ela, ele a 'esquece' por algumas horas de sua religiosidade. Então, não são as relações sociais da balada que oprimem a sua religiosidade, mas é a sua própria religiosidade (evangélica) que faz com que ele se sinta oprimido em um espaço que é entendido como algo errado.

Ainda assim, Carlos, Edson, Thor e Junior consideram a balada LGBT como espaço de alívio, isso porque uma de suas identidades que se apresenta enquanto termômetro para a mensuração entre o que é confortável ou não, é a sexualidade

(este argumento refere-se pelo fato de que na rede semântica 75% dos discursos dos homens *gays*, nessa pesquisa, são referentes às suas sexualidades). Dessa forma, a balada LGBT é um dos poucos espaços de suas vivências em que suas sexualidades não são oprimidas, como podemos observar em seus depoimentos:

[...] geralmente balada que eu vou são baladas alternativas, LGBT mesmo que eu me sinto bem, que eu possa conversar com uma pessoa mais perto digamos assim e não me sintam mal por isso ou limitado, eu não me sinto bem em baladas heterossexuais, por exemplo, tipo lá eu sou eu, não preciso mentir ou omitir algo. As baladas tem que ser que eu me sintam bem a música e tal que eu possa conversar com as pessoas, procuro conversar com pessoas que tenha a mesma mentalidade que eu, digamos pode até não ser gay, mas que tenha respeito, uma mente aberta [...] (Entrevista realizada com Edson no dia 21 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná)

[...] eu gosto de balada gay, já me senti melhor quando era mais novo, mas eu me sinto bem por isso por ter pessoas como eu lá, eu sou uma pessoa que não fico até o final de uma festa, mas isso é cultural meu, eu sempre saio, nunca fico até o final [...] Eu me sinto bem nesse local porque as pessoas que estão ali dentro fazem parte do mesmo gosto que eu, tá certo que no mundo gay existe pessoas assim bem 'porcas' bem complicadas, às vezes até parece que existe uma certa rivalidade em relação a vários aspectos, o mais bonito, o mais rico, mas assim, fora isso eu me sinto bem me identifico com ela [...] (Entrevista realizada com Thor no dia 20 de julho de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

Assim como a casa própria, a balada LGBT corrobora para a afirmação de que os espaços de alívio que compõem as vivências espaciais de *gays* estão, sobretudo, naqueles que são construídos pelas próprias pessoas LGBT's. Mesmo assim, esses espaços de alívio não estão isentos de relações de poder, observado, por exemplo, sobre a ótica das homonormatividades. Essas práticas têm sido frequentemente produzidas e reproduzidas por pessoas homossexuais, construindo principalmente um perfil desejado em suas práticas socioespaciais.

À vista disso, a próxima subseção irá discutir sobre a espacialidade do trabalho e sua relação com as sexualidades, esta tem sido pouco discutida na ciência geográfica brasileira e tem ganhado cada vez mais atenção na área de administração, como poderemos observar na sequência. Essa espacialidade é representada pela neutralidade ou por sentimentos controversos para os *gays* desta pesquisa.

3.2.4 O Trabalho

Nessa subseção iremos fazer uma discussão sobre o espaço trabalho e como ele compõe a vivência de homens *gays* na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Iniciamos nossa discussão com a reflexão de Valentine (1993), a qual discute sobre como os espaços na vivência de lésbicas passaram a ser sexualizados. Para a autora, as ações sexuais não estão apenas definidas nos espaços privados, mas operam-se em relações de poder na maioria dos espaços de nosso cotidiano. Como podemos observar em nosso campo de pesquisa e em suas discussões, alguns espaços na vivência espacial dos homens *gays* passam a produzir, reproduzir e a organizar-se a partir de determinadas sexualidades, neste caso a heterossexual.

Ainda, a autora aponta que, muitas vezes, essas pessoas não heterossexuais, como as lésbicas, passam a se sentir mal ou deslocadas de espaços como o trabalho. Isso se deve ao fato de que estes locais são organizados a partir da matriz heterossexual, produzindo e reproduzindo relações sociossexuais 'assimétricas'. Portanto, Valentine (1993) evidencia que esses espaços passam a estabelecer uma hegemonia heterossexual e que isso é efetivado a partir da discriminação contra *gays* e lésbicas, originando o medo nessas pessoas e inibindo-as de expressar suas sexualidades em espaços rotineiros, o que alimenta ainda mais uma supremacia da heterossexualidade nos espaços.

Caproni Neto e Fonseca (2014) discutem que a propagação da homossexualidade em diversas instâncias, mídias e informações como uma forma legítima de se vivenciar a sexualidade proporcionou uma maior visibilidade de manifestações homofóbicas, estas atreladas a diversos espaços, como o familiar, o público e também no trabalho, o que tem apontado que o preconceito ainda é muito presente na vida dessas pessoas. Assim, os autores tratam que antes de discutir a relação entre pessoas não heterossexuais e o trabalho, primeiramente, temos que reconhecer a existência de relações de poder onde as organizações²³ não são desvinculadas das sexualidades.

²³ Organização é entendida como um conjunto de empenhos individuais que têm por objetivo resultados coletivos, onde possam alcançar propósitos que individualmente é inexecutável. Exemplos de organizações são empresas, escolas, laboratórios, etc. (MAXIMIANO, 1992).

Sobre essa ótica, os autores evidenciam dados de pesquisas realizadas tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, onde apontam que pessoas assumidamente homossexuais ou reconhecidas como tais têm evidenciado discriminações no trabalho. Outro fato interessante que os autores levantam é que os espaços de trabalho são, muitas vezes, estereotipados a essas pessoas, em que os gays estariam atrelados a trabalhos com características ao feminino, assim como as lésbicas masculinizadas teriam relação com espaços de trabalho relacionados majoritariamente masculinos e ainda, travestis e transexuais passam a ser direcionados a empregos de menor remuneração ou até mesmo a prostituição.

Outro autor que tem problematizado a relação entre trabalho e sexualidade é Nardi (2007). Ao problematizar a sexualidade interdita no trabalho, o autor argumenta que a partir da modernidade é possível situar dois dispositivos centrais: a sexualidade e o trabalho. Para o autor, a ação de dispositivos está quando se restringe as possibilidades de existir na esfera pública, neste caso das relações de trabalho em razão a orientação sexual, pois como aponta:

A partir da emergência da governamentalidade biopolítica somos, por um lado, impelidos a ser produtivos e, portanto, corresponsáveis pela riqueza da nação e, por outro, de nos reproduzirmos a partir do modelo da família heterossexual monogâmica e burguesa. É este o modelo a partir do qual vai se construir um aparato institucional-legal sustentado em um determinado regime de verdades que associa a ciência à lei (NARDI, 2007, p. 71).

Ainda, Nardi (2007) discute que essas relações têm se sustentado a partir do trabalho como um castigo. Isso porque a relação do trabalho teve início a partir de um discurso religioso, o qual se justificou a partir de uma advertência para um casal supostamente heterossexual, expulso de um paraíso. Segundo Nardi (2007), o trabalho perde esse caráter corretivo e passa a assumir um outro valor central para a cidadania do século XX. Portanto, quando organizamos uma interdição onde as pessoas são interrompidas no acesso ao trabalho pela premissa da orientação sexual, estamos promovendo uma outra forma de condenar, levando à morte dessas pessoas, pois é na modernidade que o trabalho passa a dar sentido a uma vida digna no sujeito em sociedade. Assim, o autor expõe que:

Por mais criticável que possa ser a imposição do trabalho livre (triste paradoxo), e mesmo considerando todos os avanços do Estado Social (Castel,

1998) e seus suportes sociais para a existência (por sua vez também associados à capacidade para o trabalho e pensado a partir da unidade familiar), é ainda o trabalho que nos possibilita viver. Estamos aí colocados na trama do humano, impedir o trabalho é impedir de "ser" humano. Trata-se do lugar onde se pode "cortar o mal pela raiz". Se a sexualidade não pode ser exercida fora dos limites impostos pela norma, é pela transformação do trabalho em suplício que se pode extinguir a vida (NARDI, 2007, p. 72).

Corroborando com essas discussões, Ferreira (2007) faz uma análise sobre *gays* no ambiente de trabalho evidenciando que tornar a sua orientação sexual pública ou não depende muito do contexto organizacional que cada indivíduo pertence e que, mesmo havendo certas iniciativas sociais, a discriminação e a intolerância contra esse grupo ainda existe e é manifestado por diversas ações homofóbicas, como os bloqueios de crescimento profissional e dificuldades de relacionamento nesse espaço.

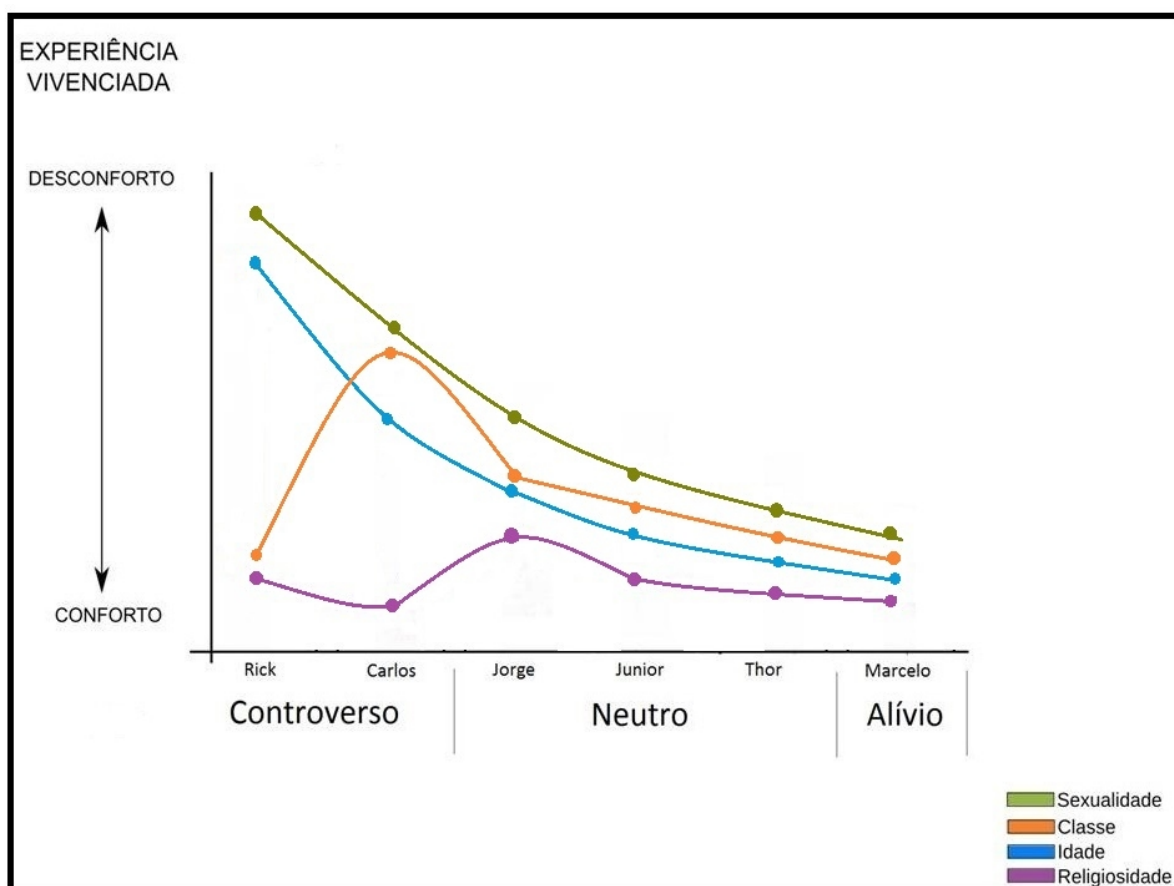
Segundo a autora, a discriminação sexual no ambiente de trabalho é comum e tem origem no próprio contexto social dos indivíduos, como a educação familiar, questões religiosas e pensamentos sociais dominantes. Contudo, ressalta que tais ações vêm sendo tensionadas por grupos de homossexuais e que o preconceito vivido por essas pessoas no espaço trabalho é reflexo do que elas vêm enfrentando algum tempo na sociedade.

Assim, Ferreira (2007) argumenta que a relação do sujeito *gay* com o trabalho tem muito haver com as limitações que são impostas nesse espaço, ou seja, quando há respeito e aceitação de colegas e supervisores, e/ou quando o ambiente de trabalho passa a ser aberto a diversidade, isso contribui tanto para os *gays* sentirem-se bem no trabalho quanto colabora para as relações interpessoais nesse espaço. Essas argumentações referentes à relação entre o trabalho e a sexualidade contribuem para nossa reflexão, à medida que evidenciamos o mapa coletivo sobre a espacialidade trabalho na vivência dos *gays* analisados nessa pesquisa.

O mapa coletivo evidenciado na sequência mostra que metade daqueles que representaram o espaço de trabalho elegeram-no como um espaço neutro, ao passo que consideraram a sexualidade como sendo a identidade mais oprimida. Isso reafirma as discussões acima, onde se evidencia que o espaço 'trabalho' vem sendo organizado a partir de uma matriz heterossexual.

Outro fato interessante levantado por Ferreira (2007) é que os *gays* que ela entrevistou apontaram se sentir bem em seus respectivos trabalhos, estes por serem cargos públicos facilitam a segurança e a permanência dos mesmos, caso assumam suas homossexualidades. Diferentemente de nossa pesquisa, a maioria dos *gays* possui empregos comuns em espaços privados, onde são submetidos a regramentos de acordo com os chefes e donos de empresas.

RELIEF MAPS COLETIVO 8 - O Trabalho



Fonte: Relief Maps individuais.
Organizador: Hanke, 2015.

Assim, assumir a homossexualidade pode ser um risco ao próprio emprego, visto que a ordem nesse espaço é a heteronormativa. Por tais motivos, notamos que a maioria dos entrevistados diz não assumir a sua homossexualidade no trabalho, o que para Ferreira (2007) passa a ser um gerenciamento que essas pessoas fazem entre a vida profissional e pessoal, de modo a evitar que pessoas de seu convívio

social conheçam sua orientação sexual, evitando possíveis constrangimentos. Para a autora, isso não significa que todas as pessoas que compõem as redes interpessoais no trabalho não saibam de sua homossexualidade. Mesmo assim, a autora ressalta que permanecer muitas vezes no armário pode significar para os *gays* restrições de comportamentos, onde eles passam a se adequar em um espaço hostil.

As relações de poder que envolvem o espaço trabalho não se limitam apenas a uma norma heterossexual. Vai além disso, pois como podemos observar no mapa coletivo do trabalho, este espaço pode compor outras relações de poder como a idade e a própria relação de classe de renda. Isso vai depender de como as relações sociais compõem esses espaços. A idade pode estar relacionada a uma relação de poder quando criamos um sujeito produto, ou seja, quanto mais velho menos produtivo. De forma oposta, a pouca idade também pode apresentar uma relação de poder pela interdição da pouca experiência. Essas relações podem ser vistas como situações controversas e descritas nos depoimentos dos entrevistados:

[...] Bom faz seis anos que eu trabalho no mesmo trabalho e o pessoal que trabalha comigo sabe de mim e me trata bem, os clientes assim também eu tenho cliente que vai comprar comigo toda semana. Mas em relação aos clientes a maioria não sabe que eu sou gay, eles compram, conversam normal comigo, mas não sabe que eu sou gay. Mas tem gente que eu sou mais amigo que eu já tenho o facebook e daí eles já sabem né. Mas para os clientes eu procuro esconder a minha sexualidade porque eu tenho muitos clientes homens assim e eu acredito que se eles souberem pode rolar um pouco de preconceito assim ou deles não gostarem de alguma coisa assim sabe? E os objetos que eu vendo são praticamente todos masculinos, minhas vendas são mais direcionadas ao público masculino, então eu penso que se eu assumir a minha sexualidade para eles, talvez, eu perca esses clientes por causa do preconceito que ainda tem. Gays já não compram muito comigo, são mais homens heterossexuais. Sobre a minha idade eu acho meio complicado porque no começo quando eu era mais novo eu sofria muito em achar emprego, aí quando eu consegui aqui eu fiquei e já faz um bom tempo, agora me sinto mais seguro, mas antes quando eu era mais novo eu sofria a idade [...] (Entrevista realizada com Rick no dia 06 de maio de 2015, Ponta Grossa, Paraná).

[...] olha agora eu só estudo, mas eu já trabalhei com meu pai, ele tem um restaurante. Meu pai ele tem uma total repulsa por mim, né, se você foi lá e tacou fogo em alguma coisa ele vai te dar uma crítica, se eu fui lá e quebrei alguma coisa, ele vai me xingar, me humilhar, vai querer me bater, meu pai já quebrou o meu dente, meu pai já me deu soco, já me deu chute, já fraturou 3 dentes meus, já fez mil coisas, por causa da minha homossexualidade, só que eu preciso ter dinheiro e a única renda é trabalhar com ele nesse momento até eu me formar, então a renda pra mim é importante mas é algo que me deixa vulnerável no trabalho com meu pai, por isso que ela causa

desconforto pra mim, outra coisa é a idade né, quanto mais velho né quanto mais velho parece que você vai se tornando menos 'produtivo' parece que temos um prazo máximo e mínimo em nossos trabalhos então pra mim isso é bem contraditório e confuso. Então, mas assim eu ainda não tenho bagagem de trabalho fora esse com meu pai, porque eu não vivenciei ainda fora do restaurante. Talvez eu não passe por limitações ou situações como essas no meu futuro trabalho que é ser médico, porque o ser gay na medicina já é visto como rotineiro e os meus padrões, provavelmente serão meus pacientes, não vão ter acesso a minha vida particular. Então eu vou chegar ali eu não vou ter muito contato da minha pessoa com eles, mas mais ainda da dele com a minha. Eu vou ter mais acesso de quem ele é do que quem eu sou, então eu não sei se eu irei passar por alguma limitação, nesse sentido [...]. (Entrevista realizada com Carlos no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

Outro fato evidenciando no campo dessa pesquisa refere-se à própria renda. Carlos evidencia que ela causa desconforto, pois ele trabalha com o pai e acaba sendo dependente dessa renda, o que o deixa vulnerável a violências físicas por ser homossexual, diferentemente do que acontece com Marcelo. Para ele o espaço trabalho foi evidenciado como de alívio, pois se refere a um gay que tem o próprio empreendimento. Marcelo que é um microempresário na área de comércio da cidade, por ser, ao mesmo tempo, dono e empregado é quem dita as regras nessa espacialidade. O que corrobora com a afirmação de que os espaços de trabalho que compõem as vivências dos gays são variáveis, à medida que é resultado das relações sociais que os constituem, como podemos observar neste relato:

[...] eu desde os 15 anos procuro minha independência assim sabe? Então eu já trabalho desde os 15 anos, eu tenho esse pensamento de sempre ser independente por mim, porque eu não quero precisar de ninguém nunca. Eu penso que eu tenho que trabalha por causa de mim e do meu futuro entendeu? Mas não apenas por causa de eu ser gay ou porque eu penso que ninguém ia me ajudar, mas porque eu acredito que todo gay é esforçado sabe? porque tem que enfrentar várias coisas e tem que mostrar que é competente sempre...entendeu? No meu trabalho, atualmente, todo mundo sabe, todo mundo me conhece e todo mundo conhece o meu companheiro, tudo mundo me respeita, ninguém me ofende por isso. Todos os meus outros trabalhos também, mas no meu anterior a esse era em um banco e eu não dizia que era gay e se viesse me perguntar eu dizia que não era gay era diferente do que é agora, porque agora sou eu que mando, eu que me organizo, eu que sou o dono do meu próprio emprego então é diferente, mas no meu emprego no banco eu não falava e nem assumia que era gay [...]. (Entrevista realizada com Marcelo no dia 24 de maio de 2015, Ponta Grossa, Paraná).

Então, de acordo com o relato acima, para o Marcelo assumir a sua sexualidade no espaço trabalho passa a ser uma escolha própria, mas também

estratégica de acordo com cada espacialidade, pois o próprio Marcelo relata ter trabalhado em outro local em que era submisso aos controles de outros dirigentes, negando sua própria homossexualidade naquela espacialidade. O que muitas vezes pode caracterizar um espaço de neutralidade, ou seja, não é nem de conforto e nem de desconforto, como apontam as narrativas de Jorge, Junior e Thor:

[...] como que eu posso dizer não teve assim aí eu me assumi num dia específico ou daquela revelação e eu vou assumir pra todo mundo. Foi gradativamente e ainda está em processo, por exemplo meu trabalho agora realmente eles percebem mais eu tô passando pelas mesmas fases do emprego anterior uns vão percebendo, uns mais ousados já perguntam eu também não vou falar porque eu acho que não tenho obrigação de falar tenho tantos anos e tátátá... e sou gay. Mais quando percebem, então eu acho que tô voltando nessa fase de se adaptar nesse novo emprego, cada lugar que você chega você tem que ganhar o teu espaço e vai se soltando né, às vezes você solta demais... e aí você opa, acaba recuando. Daí alguém já percebe. Agora eu tô trabalhando com criança e adolescente então uma palavrinha que você fale a mais eles já falam algo ou dão risada. Então... eu acho que eu tô nessa fase de adaptação ainda. Mais durante o namoro eu acho que foi mais tranquilo porque daí eu ficava mais forte, por tá junto com alguém e daí eu saía junto, lógico a gente chegava numa padaria juntos alguém vai olhar... às vezes eu ficava afobado o que tão olhando se fosse um casal hétero não ficam olhando como se fosse uma aberração. Talvez esse seja o adaptar-se a ponto de você chegar lá olhar e isso não te incomodar, ainda me incomoda às vezes isso no trabalho sabe, mais não pela minha posição, mas pela posição dos outros de ficar investigando a sua vida sabe eu acho que tipo 'vai cuidar da tua vida', cuida da tua vida que eu cuido da minha. Acho que é respeito acima de tudo né para que o trabalho passe a ser algo que você não se sinta pressionado além do que você já é pela a atividade que você desempenha [...]. (Entrevista com Jorge no dia 02 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Hum... no meu trabalho poucas pessoas sabem né, são só duas pessoas. Até porque eu acho que não tem a necessidade de fica sabendo porque a gente não trata desses assuntos de sexualidade dentro aqui de ninguém. Então só essas duas pessoas sabem porque elas são amigas de amigos meus que são gays, então por isso que elas sabem, não que eu tenha chegado a contar para elas, porque elas já sabiam antes de eu entrar aqui. As outras pessoas, como eu trabalho faz pouco tempo aqui, não houve ainda a necessidade de eu contar, mas eu contaria sem problemas, mas só quando chegar o tempo certo. Eu acredito muito na questão do tempo certo. Até pela questão dos meus pais que eu falei antes até na questão do trabalho, então depende muito da situação, porque assim como eu posso me sentir melhor com isso eu posso sofrer com isso, então a gente tem que sempre analisar e pensar pra ver o que vale a pena fazer, correr o risco ou acabar ficando quieto, então pra mim ele é algo necessário mais que é neutro entende? [...]. (Entrevista realizada com Junior no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Bom no meu trabalho eu não tive tantas experiências de trabalhos tipo vários lugares, mas logo depois que as pessoas da minha cidade

descobriram que eu estava tendo um caso com uma pessoa que era também da igreja e era casado e que a esposa contou para o pastor e que contou para a minha mãe, eles acabaram indo embora do país por causa disso, aí muitas pessoas descobriram e eu acabei contando e confirmando. Mas no meu local de trabalho quando já estava aberto ao público, digamos assim, eu resolvi contar para as pessoas que trabalhavam junto comigo e nunca sofri nenhuma forma de preconceito direta, sabe, foi bem tranquilo e sempre brincava junto, algumas meninas... geralmente as mulheres são bem curiosas e já vem perguntar alguma coisa em relação a isso, mas até mesmo os rapazes que trabalhavam na loja nunca vieram faltando com respeito em relação a isso, depois que eu assumi me senti até melhor, antes tinha mais piadinhas e algumas coisas que acabam me deixando mal, mas agora não, pra mim está sendo tranquilo, não é o melhor lugar mas também não é o pior [...]. (Entrevista realizada com Thor no dia 20 de julho de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

Sobre isso, Irigaray e Freitas (2013) fazem uma discussão a respeito das estratégias de sobrevivência dos *gays* no ambiente de trabalho heterocêntrico. Nesse trabalho, os autores encontram três diferentes posturas nos sujeitos, aqueles que são totalmente assumidos, os que são parcialmente assumidos e aqueles que não assumem sua homossexualidade ou bissexualidade nesse espaço. Irigaray e Freitas (2013) identificaram as estratégias dessas pessoas a partir de posicionamentos deles ante alguma situação de discriminação no trabalho ou aquilo que é imposto a eles, destacando-se as denominações de suas atitudes por estas pessoas no espaço trabalho: os gladiadores, os pacificadores, os gente boa, os super homens, os machões e os sedutores ou invisíveis.

Segundo os autores, os espaços do trabalho têm se tornado cada vez mais heterogêneos, o que impõe uma nova realidade para aqueles que o administram. Ainda assim, a sexualidade passa a delimitar espaços sociais e a garantir privilégios notadamente no mundo corporativo. Para driblar tais ações, pessoas não heterossexuais estão constantemente em exercício político e social em suas decisões, pois ao estarem inseridos num sistema de relações estruturadas por atividades padronizadas e articuladas, em que também se expressam normas e regras sociais, passa-se a ter uma interação recíproca entre eles.

Para Irigaray e Freitas (2013), os totalmente assumidos passam a ter dois papéis estratégicos, os de 'gladiadores' ou de 'pacificadores', pois os gladiadores são aqueles que enfrentam as normatizações impostas pelo trabalho, lutando por seus direitos, enquanto que os pacificadores evitam qualquer tipo de conflito, utilizando da simpatia e de ações maleáveis nesse espaço. Já os parcialmente

assumidos são aqueles que assumem os personagens 'gente boa' ou 'super homens'. Os 'gente boa' seriam aquelas pessoas que tendem a estar prestativos com outros colegas, porém, sempre que possível desviar os olhares de sua orientação sexual, enquanto os super homens são aqueles que buscam se destacar pela eficiência e dedicação no trabalho, como uma forma de se esquivar de uma discussão sobre sua homossexualidade.

Ainda, existem aqueles que não são assumidos, se dividindo em três figuras, 'os machões', 'os sedutores' ou os 'invisíveis'. Segundo os autores, os sujeitos homo e bissexuais que optaram em assumir uma personalidade de machão, mostram não ter contado com outras pessoas que as identifiquem como *gays*, assim como traçam comportamentos masculinizados, assim como a outra estratégia 'sedutora' se relaciona com um perfil de corteja e de desempenhos sexuais. Por fim, os invisíveis são aqueles sujeitos que assumem uma personalidade retraída e despercebida nas relações que se estabelecem no espaço trabalho.

Então Irigaray e Freitas (2013) argumentam que de fato essas pessoas utilizam de múltiplos papéis para omitir uma sexualidade que não corresponda aos regramentos do trabalho, significando que a existência da discriminação existe e é muito presente na vida dessas pessoas, as quais criam e desenvolvem estratégias como meios de sobrevivência em uma espacialidade heteronormativa. Para algumas pessoas fazer um personagem heterossexual passa a ser uma estratégia social e espacial no trabalho, visto que esse espaço passa a ser organizado sobre a heterossexualidade. Contudo, alguns sujeitos não conseguem ou não querem criar tais papéis o que pode causar grandes desconfortos em suas relações nesses espaços.

Dessa forma, as discussões que aqui foram analisadas, como também nos resultados obtidos em nossa pesquisa evidenciam que, para que o espaço de trabalho seja um espaço menos hostil para as pessoas homossexuais, suas relações sociais devem ser mais abertas a diversidade. Assim, primeiramente, devem-se mudar as práticas sociais que se estabelecem nessa espacialidade, sendo uma atitude de todos. Como aponta Medeiros (2007), essas atitudes devem estar presentes em todas as nossas atividades, inclusive em nossas relações de trabalho, pois só assim poderemos combater a não aceitação das diferenças, que

em sua maioria, é fruto de um preconceito originário da ignorância, da educação, da intolerância e do egoísmo pessoal de cada ser humano, isto é, ações como a homofobia onde se tem por objetivo invisibilizar o outro, tornando inexoravelmente diferente. Assim, as discriminações devem ser sempre combatidas, seja por meios legais ou pela denúncia daqueles que a sofrem diretamente, o que corrobora diretamente com as discussões sobre o acesso de uma justiça efetiva dos direitos humanos e da cultura da diversidade.

A última subseção deste capítulo irá abordar a espacialidade igreja e como ela vem compondo a vivência espacial dos *gays*, e mesmo que esta seja uma das principais espacialidades de produção de discursos homofóbicos, a igreja foi representada não como uma espacialidade opressiva, mas como um espaço controverso na vivência dos *gays* aqui analisados. Assim, passamos para o momento final de reflexão.

3.2.5 A Igreja

Finalizamos esse capítulo com a última das espacialidades mais expressivas nas vivências espaciais dos homens *gays*. As discussões que envolvem a igreja nessa subseção são mais amplas, de forma que não trabalharemos com todas as religiões especificamente, haja vista a pluralidade existente, evidenciamos as que foram mais expressivas nos sujeitos aqui analisados. Do total dos entrevistados, têm-se 12,5% que se consideram Mórmon, 37,5% se identificam enquanto Evangélicos, 37,5% são Católicos e ainda, 12,5% são Ateus.

Ainda, os entrevistados foram questionados sobre sua participação religiosa. Dessa pergunta, 50% dizem ser pouco participantes da igreja, 25% dizem ser muito participantes e os outros 25% nada participantes. Aqueles que evidenciaram ser nada participantes correspondem àqueles que são ateus. Sendo assim, nem suas representações sobre a igreja foram feitas nos mapas individuais. Por esse motivo, trabalharemos com os seis dos oito sujeitos que representaram essa espacialidade nos *Relief Maps* individuais.

Além de evidenciar a relação entre as espacialidades 'igreja', também faremos uma reflexão sobre seus discursos religiosos que são empregados nas

relações sociais e em diversos espaços como forma de inibir práticas homossexuais, muitas vezes demonizando-as como formas de pecado ou sacrilégios para todos aqueles que as exercem. Para iniciar nossa discussão, primeiramente, trazemos a definição do que é religião:

O próprio termo “religião” originou-se da palavra latina *religio*, cujo sentido primeiro indicava um conjunto de regras, observâncias, advertências e interdições, sem fazer referência a divindades, rituais, mitos ou quaisquer outros tipos de manifestação que, contemporaneamente, entendemos como religiosas. Assim, o conceito “religião” foi construído historicamente e culturalmente no Ocidente adquirindo um sentido ligado à tradição cristã. O vocábulo “religião” – nascido como produto histórico de nossa cultura ocidental e sujeito a alterações ao longo do tempo – não possui um significado original ou absoluto que poderíamos reencontrar. Ao contrário, somos nós, com finalidades científicas, que conferimos sentido ao conceito. Tal conceituação não é arbitrária: deve poder ser aplicada a conjuntos reais de fenômenos históricos suscetíveis de corresponder ao vocábulo “religião”, extraído da linguagem corrente e introduzido como termo técnico (SILVA, 2004, p. 4).

Segundo Silva (2004), religião, religiosidade e experiências religiosas se expressam em linguagem e formas simbólicas. Assim, tudo que é experienciado e vivido passa a dar condições ao ser humano de reconhecer pessoas, coisas, acontecimentos, espaços, sempre tendo por referência aquilo que é nomeado, descrito e interpretado. Para a autora, atualmente, os estudos sobre a religião e a religiosidade valorizam os fenômenos religiosos de forma diversificada, em que:

Há o reconhecimento de que as questões religiosas permeiam a vida cotidiana como religiosidade popular, sob formas de espiritualidade que fornecem elementos para construção de identidades, de memórias coletivas, de experiências místicas e correntes culturais e intelectuais que não se restringem ao domínio das igrejas organizadas e institucionais (SILVA, 2004, p. 5).

Em nosso campo, observamos que essas práticas além de se tornarem elementos identitários, passam a constituir relações de poder perante uma ou mais identidade que não corresponda aquilo que se é esperado sobre sua ação de controle. Nesse sentido, evidenciamos que 'os domínios' da igreja, assim como aponta a autora, não são restritos a limites físicos dessas espacialidades, mas têm constituído grande parte das espacialidades cotidianas dos homens *gays* dessa pesquisa. Isso se dá pelo fato de que as formas discursivas religiosas sobre as homossexualidades têm atingindo e se materializado em forma de preconceito em

todas as espacialidades representadas pelos sujeitos anteriormente, ora mais e em outras menos.

Sobre esse processo e por essa ótica, entendemos aquilo que Silva e Gil (2009) apontam enquanto processo de 'sacralização' dos espaços, em que a religião passa a ser também uma forma de conhecimento, mas também de relações sociais a partir de suas múltiplas manifestações. Para os autores, o processo discursivo sobre a experiência religiosa pode auxiliar na compreensão de experiências míticas alheias. Assim, as primeiras ferramentas para uma espacialização de ideais religiosos são as palavras, a oralidade e a textualidade, sendo estas, objetivos de uma expansão do saber religioso. A partir disso, o sujeito religioso passa a ser um 'espacializador', emitindo oralmente ou por escrito os discursos religiosos, onde suas "representações que permeiam os discursos se espacializam para além do espaço originário". (SILVA e GIL, 2009, p. 78-79).

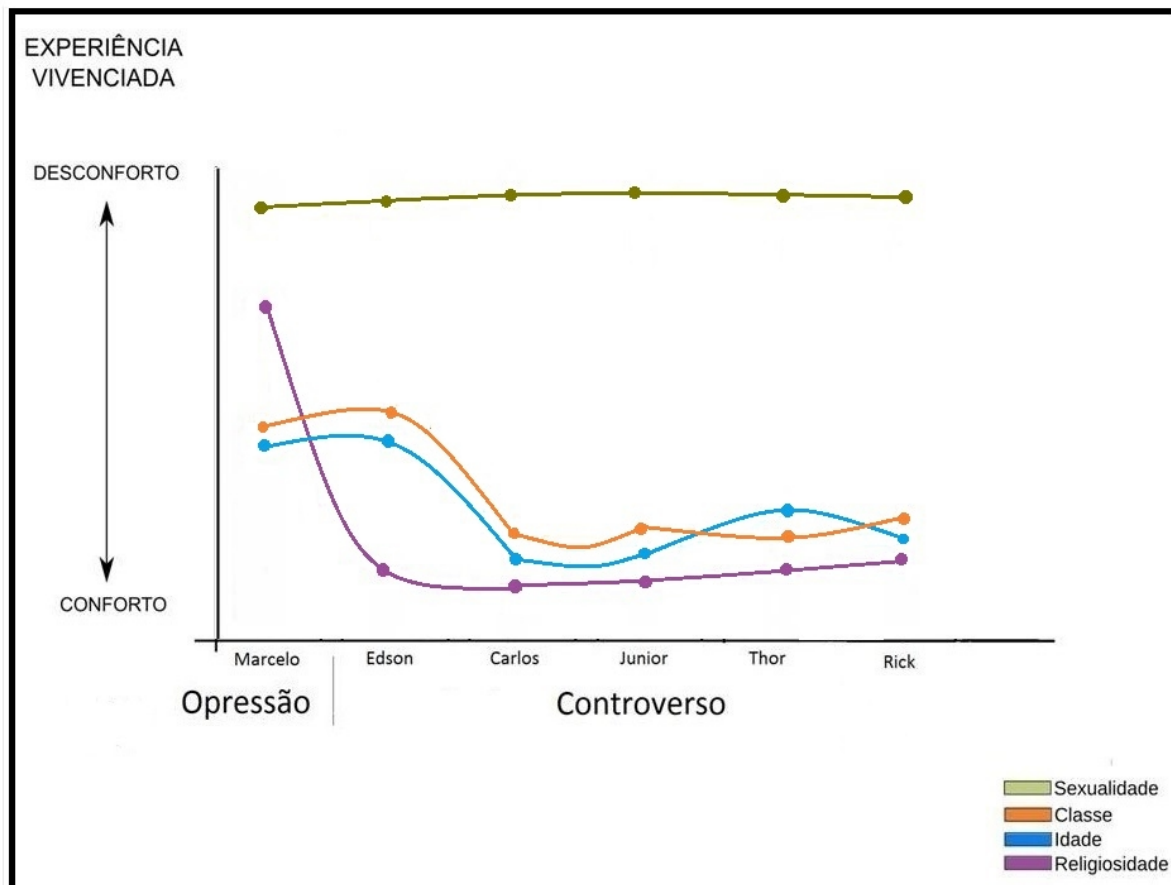
Portanto, os autores argumentam que o processo de uma espacialização do fenômeno religioso se dá pelo fato de um discurso fundador, onde este transforma experiências religiosas e míticas em verdades religiosas. Para Silva e Gil (2009), trata-se de um discurso que é reestruturado pelo líder religioso, o qual dirige os enunciatários, podendo haver a eficácia simbólica necessária. Então, se pensarmos que na vivência dos *gays* os discursos fundadores de suas religiões têm como 'base' um discurso que é heteronormativo, este que é enunciado e reestruturado por determinados líderes religiosos, mas também por aqueles que se autodenominam, muitas vezes, como 'pregadores', estes são constituídos de seus preconceitos sustentados por interpretações próprias do discurso religioso. Assim, entendemos que eles passam a agir como 'verdades' tanto para aqueles que o produzem e o reproduzem quanto para aqueles que são alvo direto desses discursos.

Dessa forma, Ehrman (2008) argumenta que o cristianismo é uma religião do livro, ou seja, da bíblia, onde esta é a base para todas as outras práticas religiosas. Contudo, devemos entender como as pessoas leem e interpretam-na, pois de fato ela é contraditória. Por tais controversas, é que existem várias práticas religiosas, várias interpretações teológicas ou aquilo que podemos falar de denominações que nascem destas leituras. Segundo o autor, o cristianismo é uma religião do livro sem

conhecer a fundo o livro que estrutura sua prática religiosa. Suas leituras não são feitas para uma análise, mas sim com o objetivo espiritual.

Isso corrobora com nossa análise, pois o próprio processo construtivo sobre representar a espacialidade igreja demonstrou-se contraditório. Ao representarem a espacialidade igreja e relatarem como ela compõe suas vidas, os homens *gays* mostram que esse espaço é um espaço de intersecção controversa, isso porque ora é de alívio, por conta de suas espiritualidades e corresponderem a certa doutrina, ora opressiva a suas sexualidades ora por não concordarem com elas. Nesse, sentido o mapa coletivo mostra que, dos oito entrevistados, seis evidenciaram a espacialidade igreja como um espaço de seu cotidiano. Além disso, 83,4% representaram essa espacialidade como um espaço controverso e 16,6% como espaço de opressão, como pode-se observar:

RELIEF MAPS COLETIVO 9 - A Igreja



Fonte: Relief Maps individuais.
Organizador: Hanke, 2015.

Outro fato evidenciado no mapa coletivo é que 100% das representações evidenciam que a sexualidade é a identidade mais oprimida, o que nos revela que mesmo em diferentes espacialidades religiosas de suas vivências individuais, os discursos sobre suas práticas sexuais são os mesmos e ainda heteronormativos, pois segundo Ehrman (2008), os discursos religiosos que são realizados sobre a homossexualidade são propositais, em que se direciona apenas um alvo para culpar enquanto que outros 'pecados' tendem a ser mais 'brandos' quando não considerados práticas comuns e naturais das pessoas, como o próprio autor comenta:

Há milhões de pessoas em nosso mundo que, por exemplo, sofrem de discriminação social por causa de sua orientação sexual. Parte desta discriminação social é fruto de crentes na Bíblia simplórios que insistem em que relacionamentos gays são condenados pelas escrituras. De fato, essa é uma questão debatida, uma relação à qual acadêmicos sérios discordam. Mas fora isso, essa condenação das relações homossexuais "porque a Bíblia condena" é o caso de quando as pessoas escolhem aceitar as partes da Bíblia que querem aceitar e ignorar todo o resto. Os mesmos livros que condenam relações entre o mesmo sexo, por exemplo, também exigem que as pessoas apedrejem seus filhos até a morte se eles forem desobedientes, executem qualquer um que faça qualquer trabalho aos sábados ou coma costeletas de porco, e condenam qualquer um que vista uma camisa feita de dois tecidos diferentes. Não é dada qualquer ênfase especial a uma dessas leis acima das outras - todas elas fazem parte da lei bíblica. Mas em setores da sociedade as relações homossexuais são condenadas, enquanto comer um sanduíche de presunto durante o intervalo para o almoço no plantão de sábado é perfeitamente aceitável. Portanto, é importante descobrir o que a Bíblia de fato diz, e não fingir que ela não diz algo que por acaso contradiz o ponto de vista de alguém em particular. (EHRMAN, 2008, p. 24-25).

Dessa forma, os discursos religiosos tendem a inibir, reprovar e culpar as homossexualidades a partir do discurso religioso, muitas vezes vindas de visões particulares constituída de seus preconceitos, interpretando só aquilo que se quer interpretar. Esses discursos conduzem a homossexualidade sempre para o pecado, pois essa forma discursiva passa a ser entendida como verdade absoluta e não contestável, enquanto outras práticas que também são condenadas são tratadas genericamente como uma prática rotineira e de menor 'peso'. Podemos observar nos relatos dos entrevistados como esses discursos compõem suas vidas espaciais a partir da igreja e de suas religiosidades:

[...] Na igreja mudou muito, porque quando eu terminei com a minha noiva, ela contou para todo mundo a causa, porque foram 5 anos de relacionamento, no qual o namorado dela que fazia química, estava fazendo medicina, e ela fazia planos e praticamente contas em cima disso sabe? já se imaginando que teria uma casa diferente, uma viagem diferente e quando veio esse término pra ela foi muita ingratidão o que eu tinha feito, porque ela tinha sonhado com tudo aquilo e agora eu ia viver o sonho sozinho. Então, com a dor da perda dela, ela justificou o porquê eu tinha terminado com ela, não julgo porque eu também não teria feito diferente dela. Mas as pessoas da igreja não mudaram o relacionamento comigo aparentemente, mas como eu soube que elas sabiam, eu mudei o relacionamento com elas. Então a igreja deixou de ser um lugar confortável como era quando eu tinha um relacionamento heterossexual, eu mudei e automaticamente as relações mudaram, principalmente por causa da minha sexualidade. Não tenho abertura com quase ninguém, não gosto de falar, não gosto que me vejam diferente, porque eu me sinto diferente agora. Então meio que profilático, eu evito aquilo que eles possam fazer, eu não dou lado. Eu passei por um episódio na igreja, lembro que nos dias dos pais, quando o pastor falou assim: que em São Paulo já não tem mais dia dos pais, porque dois PELUDO resolveram ficar juntos. Ai eu pensei cara, eu vou conversar com ele sobre isso ainda, você é uma pessoa instruída, o senhor tem conhecimento? lógico que a igreja é contra gay e eu não estou dizendo que seja a favor, mas porque usar em um púlpito as palavras 'DOIS PELUDOS', você não sabe que quase todo gay se depila? só para começar aí a sua falta de conhecimento....só para ter uma ideia e porque tem que ser dois peludos? não pode ser um peludo e um liso? porque usar dessa forma pejorativa porque não falar "porque dois homens" e quando ele foi falar de duas mulheres ele disse "ai porque duas mulheres"... porque quando eram gays não usou homens? é esse tipo de coisa que a gente sente na sociedade, em que as piadas são mais pejorativas em relação ao homem. Mas hoje em dia quando a mulher também se transforma na "caminhoneira" ela também sofre o mesmo tipo de preconceito, qualquer um que vá para o extremo, vai sofrer. Então aquele gay que são os fortinhos, bonitos, ricos, republicanos, (risos). Eu não defino a política do Brasil em direita e esquerda, pra mim é republicana e democrata. Porque eu acho que a divisão norte-americana é mais clara, eu sei de longe que é republicano e quem é democrata sabe? gay com certeza é democrata. Nós somos a favor das minorias, nós somos a favor da população, vamos para o SUS e vamos vencer e vamos acabar com extremos de ricos e extremos de pobres, para todo mundo viver junto. Republicano não, eles são a favor de brancos, vamos dividir, pode ser gay, mas não precisa usar rosa, você pode ser gay, mas você não precisa ficar em público, eu consigo ver isso sabe? Então tem algumas pessoas que são mais aceitas sabe? aquele gay mais bonito (quase hetero) aquele "gay", é aquele que fica com outros homens, mas não expõe a família, às vezes ele tem até um casamento, é bem discreto quase um jornalista da Globo. Aquele gay que momento algum quando a câmera ligar mostrará algum traço no ar né? nossa eu não poderia nem chegar perto da globo (risos) [...]. (Entrevista realizada com Carlos no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Eu comecei a me identificar, mas não me aceitava, comecei a saber e até pelo fato de crescer dentro da religião e na igreja, criado dentro da igreja e acreditado que era um pecado, uma abominação, essas coisas assim sabe? foi na fase adulta que eu já me aceitei com 22 anos. A aceitação foi bem difícil assim sabe... foi um processo bem difícil porque eu era bem ativo na igreja, com os conflitos de ideologias, o que eu pensava e o que a igreja

pensava e também eu não tinha uma compreensão mais ampla o que era ser gay. Na igreja a gente sempre cresce e aprende que isso (homossexualidade) é errado e tal todas as tradições que você já sabe. E a partir dos 18 anos eu sempre tentava me negar que eu não era isso entendeu? Confessava para o bispo da igreja tal, chorava... e não podia participar das coisas da igreja porque eu sabia que eu estava em pecado em pensamento e atos também de conhecer outras pessoas, mas nada fisicamente. Dai por volta dos 19 e 20 anos teve uma parte da minha vida que eu decidi assim tipo parei e dizia que realmente era errado e eu fiquei neutro eu me abstive e daí eu fiz um trabalho voluntário da igreja, sabe aqueles missionários da igreja que vão de porta em porta? então dos 19 aos 21 anos eu fiz esse trabalho no Rio Grande do Sul por dois anos, isso me ajudou muito a crescer espiritualmente, deixar de ser piá adolescente para crescer e virar homem mesmo. Ao amadurecer minhas ideias e aprender a me virar sozinho isso me ajudou muito como homem adulto hoje. Mas, mesmo assim esses sentimentos (homossexuais) ainda existiam em meu coração, porque 90% do convívio era com homens né, pelo fato de serem missionários e tal, mas dentro desse trabalho o meu medo, digamos assim, era quando eu voltasse eu caísse em pecado de novo. Porque tava tudo bem durante essa época da minha vida, eu tava focado no objetivo do trabalho, até de casar e ter filhos e tal... então eu voltei com 22 anos só que eu caí né, eu até tive namoradas mas até por respeito a igreja sexo era só depois do casamento, nunca parti para prática sexual com mulheres digamos sim. Mas eu sabia que dentro de mim tava alguma coisa diferente, foi aí que os sentimentos voltaram, eu caí em tentação como dizem na igreja. Daí como não é aceitável dentro da igreja eu resolvi explicar com o bispo da igreja, e ele disse que não era aceitável passei pelo conselho da igreja e fui excomungado da igreja. Então porque as religiões são bem rígidas em relação a isso, mas de certa forma eu achei um alívio assim sabe? não como algo de ruim que tivesse saído de mim, mas como se eu não precisasse me esconder mais, então foi essa minha transição da minha aceitação e a igreja. Porque eu sei que Deus me ama independente do que eu seja, do que eu pense e do que eu goste, mas a parte que eu não gostei foi das pessoas, a maneira delas julgarem. E esse processo de adaptação está acontecendo até agora, eu já me aceitei então é algo a longo prazo na minha vida [...]. (Entrevista realizada com Edson no dia 21 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Com a minha mãe assim no começo foi bem difícil, ela queria me bater, tanto que eu fui algumas vezes conversar com um frei lá que era da igreja, ele era meu amigo assim sabe? e eu na verdade me confessava com ele, então ele sabia de tudo né. Aí ela foi lá conversar com ele, tipo ele mediou nossa relação sobre eu ser gay sabe? foi bom assim porque nessa época ela estava bem contra a minha homossexualidade por causa da religião. Hoje assim, a religião não interfere tanto eu acho porque por mais que sejam muito católicos, os meus pais, eles ficam na deles, claro que no começo quando eu contei para eles, eles falaram que isso era coisa do capeta, que eu iria para o inferno, mas depois como eu disse para você eles acabaram se adaptando a mim e hoje em dia eles não fala mais sobre a minha sexualidade e em relação à religião deles. Inclusive a minha própria religião é católica antes eu ia muito na igreja e cheguei a ficar 2 anos sem ficar com homens, só ficava com mulher, porque eu acabei interiorizando que eu era errado sabe então foi uma luta interna bem complicado, principalmente o que a igreja acaba pregando sobre a gente né, você se sente totalmente desconfortável quando eles falam mal da sua sexualidade, por isso que eu te falo sobre a religiosidade ser desconfortável na igreja porque não é a religião em si, mas o que eles acabam falando lá. Hoje eu

não vou tanto porque eu penso diferente, penso que eu não preciso ir na igreja para que eu possa conversar com Deus, ele está em todo o lugar, ele é meu amigo e eu sei que ele me entende [...]. (Entrevista realizada com Marcelo no dia 24 de maio 2015, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Bom sobre a igreja como eu não estou participando tanto, depois que eu me aceitei eu vi que dá um pouco de conflito de ideologia, mas como eu gosto e eu fui criado nisso eu sinto falta disso (Igreja) de vez enquanto eu vou, mas não como antes. Não tanto, porque quando eu vou lá eu sou muito querido, lá no meio né. Porque eu cresci nessa igreja então, todo mundo gosta de mim e todo mundo me acolhe bem é mais por questões tipo tempo, um pouco da ideologia, porque geralmente não tem aquele... eles não ficam massacrando lá sabe e falando Há! Isso é errado, sabe? Tipo, ocorre às vezes, mas não é sempre, até porque tem outras coisas para ser tratado, que são mais importantes do que ficar falando mal sobre a homossexualidade né. Mas, às vezes eu senti desconfortável porque o pastor no sermão dele ele chegou e falou isso, mas né é a ideologia deles eu sei que eu penso diferente, mas eu vou lá pela questão da espiritualidade, não por questão de afeto das pessoas, é um momento meu com Deus, então eu acabo absorvendo o que serve pra minha vida, as outras coisas como falarem mal da homossexualidade eu me esforço para entrar por um ouvido e sair por outro sem sofrer por isso [...]. (Entrevista realizada com Junior no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

[...] Já a igreja tem algumas pessoas que sabem e tem outras pessoas que desconfiam, mas não vem perguntar, mas eu não sinto que há uma rejeição eu creio que por ser uma igreja eles não vão dizer abertamente que não aceitam claro, porque numa visão de uma igreja isso é um pecado isso é uma coisa errada, mas também por ser uma igreja de origem holandesa onde é um país totalmente aberto em relação a isso, eles não vão te criticar tanto pelo fato de muitos terem parentes e pessoas que moram lá e são homossexuais e têm muitos da cidade de Carambeí que foram embora para Holanda porque eram homossexuais, pra muitos foi. Eu acredito que eu tenha sido o pioneiro na minha igreja e na minha comunidade em relação a assumir que era gay, hoje tem mais pessoas dentro da igreja e tal. Em relação aos sentimentos quando eu não era assumido e depois que eu me assumi, bom quando eu não era assumido eu não gostava de certos olhares de algumas pessoas pra mim, eu pensava que elas estavam me julgando, porque eu sempre fui pouco diferente em relação a sexualidade, porque querendo ou não você acaba tendo os 'trejeitos' que isso é identificado no homossexual, a não ser que ele seja uma pessoa totalmente discreta, mas mesmo assim sempre tem alguma coisa que identifica ele. E isso não está em todo mundo, então assim depois que eu me assumi a igreja passou a ser um lugar onde eu vou para ter um relacionamento com Deus e não para pensar o que as pessoas vão falar de mim, acredito que depois que eu me assumi até melhorou alguns aspectos na igreja e até não ouço mais comentários homofóbicos, pelo menos pra mim né (risos) [...]. (Entrevista realizada com Thor no dia 20 de julho de 2014, Ponta Grossa, Paraná).

Assim como nossa análise, outras pesquisas têm evidenciado a relação da religiosidade e ações de preconceito. Um estudo desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) tem apontado que pessoas que se identificam enquanto religiosas vêm mostrando certa resistência e intolerância sobre pessoas

homossexuais, e que isso se torna mais explícito quando perguntados sobre o direito de um casamento homoafetivo, como mostra seus resultados:

A religião também foi significativa em todos os modelos, no entanto, os católicos só se mostraram intolerantes além da média no que toca à ideia de proibir o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Os evangélicos se sobressaem como grupo mais intolerante à homossexualidade. A chance de tenderem a concordar total ou parcialmente com a proibição do casamento é 3,5 vezes maior do que a de não católicos ou não evangélicos, enquanto a dos católicos é 1,4 vez maior. A chance de serem neutros ou discordarem da possibilidade de o amor entre homossexuais ser belo é 2,2 vezes maior que a dos não evangélicos, inclusive católicos. E a chance de se sentirem incomodados com o beijo homossexual é 2,1 vezes maior. (IPEA, 2014, p. 10).

Portanto, a religiosidade passa a ser uma identidade que influencia tanto as identidades *gays* quanto as relações sociais sobre o entendimento de outras formas de sexualidades. Dessa forma, evidenciamos que o resultado de nossa pesquisa aponta para a espacialidade igreja como um espaço de intersecção controversa que compõe as vivências e experiências cotidianas de *gays*, pois como eles mesmos relatam, na igreja ao mesmo tempo em que eles são oprimidos pelos discursos religiosos heteronormativos, querem estar e vivenciar esses espaços exercendo suas religiosidades, fé e credos como uma forma de alívio para suas vidas.

Não queremos aqui fazer generalizações de que toda espacialidade 'igreja' oprime as sexualidades não heterossexuais, haja vista, por exemplo, as igrejas inclusivas espalhadas no mundo todo, como também nas argumentações de Silva (2004), quando discute que assim como fenômenos sociais, culturais e históricos, os movimentos religiosos têm mostrado uma constante mudança, em que isso passa a ser um forte argumento para a tolerância. Mesmo que seja impossível um consenso, a sensibilidade de uma mudança nos faz refletir sobre a necessidade da compreensão religiosa no tempo e no espaço.

Por isso, queremos sim evidenciar que as espacialidades que os sujeitos dessa pesquisa vivenciaram e experienciaram ainda têm um longo caminho de mudança, sobretudo, nos discursos a respeito das homossexualidades, pois ao analisarmos diferentes identidades, como idade e classe, estas se mostraram, em grande parte, como confortáveis. Já a sexualidade é a identidade que mais causa desconforto na igreja, e que nos fez pensar não apenas nos discursos religiosos

heteronormativos como também numa prática discursiva que compõe as diferentes igrejas na vivência cotidiana dos *gays*.

Isso corrobora com nossa proposta de pensar os mapas coletivos a partir de experiências compartilhadas por uma ou mais identidades semelhantes em indivíduos distintos, pois assim como outros espaços, a espacialidade igreja tem mostrado certas relações de poder hegemonicamente construídas em suas relações sociais, sendo espacialmente organizadas. Para Silva e Gil (2009), a forma que a Geografia da religião tem mostrado seus trabalhos, evidencia que tem havido variações, principalmente com o surgimento da Geografia acadêmica, onde o fenômeno da religião tem ganhado outros vieses de acordo com os paradigmas, os quais essa ciência tem desenvolvido.

Nesse sentido, os autores argumentam que nas últimas décadas no Brasil, a Geografia da Religião vem se desenvolvendo junto com a nova Geografia Cultural, mas poderíamos dizer aqui, nesse momento, também por outros subcampos como a própria Geografia Feminista e a *queer*. Afinal, esta subseção pode ser uma proposta de pensar outras formas da religiosidade além de uma identidade que compõe os sujeitos e as espacialidades, mas que passa também a produzir e a reproduzir relações de poder que são estabelecidas além dos espaços simbolicamente entendidos, tais como igreja.

Para Silva e Gil (2009), o processo de espacialização dos fenômenos religiosos se coloca em movimento a partir da ação de seus fiéis, onde estes marcam o espaço ao realizar suas atividades e pela forma com que ele explica sua vida. Assim, "as narrativas religiosas e suas interpretações dão respaldo à objetivação do modo religioso de ver o mundo. Dessa forma, o espaço concreto é ao mesmo tempo propulsor e extensão do simbolismo religioso; propulsor, pois se apresenta como estímulo sensorial; e extensão, que se apresenta nas paisagens religiosas como símbolo espacializado" (SILVA e GIL, 2009, p. 90).

Portanto, assim como os 'fiéis', os homens *gays* estão constantemente vivendo diversos espaços de seus cotidianos, dentre eles o da igreja. Contudo, o exercício do discurso religioso não se restringe a igreja, mas também em outros espaços da vivência das pessoas e dos *gays* aqui analisados. Esses discursos religiosos, muitas vezes de visões únicas de mundo e de seres humanos, acabam

sacralizando outros espaços a partir de relações de poder, utilizando-se da 'autoridade divina' e de suas concepções para promover o ódio, a repulsa e até mesmo a violência física para aqueles sujeitos que não correspondem àquilo que lhe foi designado a pregar e/ou perpetuar.

Dessa forma, alguns exercícios de práticas religiosas, aqueles que não se referem apenas ao concreto, mas também ao subjetivo, passam a ser limitados no que foi lido e interpretado, por suas concepções particulares que ao longo do tempo e espaço foram constantemente reiterados e reafirmados tornando-se predominantemente aceitos pelas relações que constitui as sociedades. Então, outras formas religiosas e identitárias que sejam discordantes daquilo que é apostolado passam a ser caracterizadas como indigno de ser ou estar presente nessas relações. Assim, sujeitos como os homens *gays* passam a ser o centro dessas práticas religiosas preconceituosas, essas que passam a ser forma de controle das pessoas em diversas instâncias, contextos e relações sociais.

CONCLUSÃO

A presente dissertação analisou as questões que envolvem a sexualidade na ciência geográfica, evidenciando o espaço como componente da vivência de homens *gays* na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Tais conexões ainda têm sido relativamente poucas no que se refere, pelo menos, a Geografia brasileira, tendo um crescimento significativo após 2010 como pudemos observar na primeira seção do capítulo I.

Outro elemento é que o conceito de espaço ainda tem sido pouco problematizado nesse subcampo e sobre essa temática, sendo o conceito de território o mais expressivo nos trabalhos analisados. Ainda no primeiro capítulo, evidenciamos que o gênero enquanto mecanismo de poder tem regulado as práticas sociais, produzindo segundo a instituição de um mundo bipolar entre homens e mulher, inteligibilidades e ininteligibilidades sociais, essas que são resultados da concordância ou da não concordância da linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática social.

Já no segundo capítulo, foi realizada uma discussão sobre dois conceitos utilizados em nossa análise, a identidade e a interseccionalidade. As discussões sobre o conceito de identidade têm evidenciado grande importância para pensar a interseccionalidade, uma vez que, esse conceito demonstra as múltiplas e complexas conexões que podem ser analisadas segundo um mesmo sujeito. Assim, a análise da interseccionalidade na perspectiva espacial ultrapassa a visão do espaço enquanto algo objetivo, mas complexo e composto por múltiplas relações. Nesse mesmo capítulo, trouxemos a proposta de Rodó-de-Zárate (2013a) de pensar os *Relief Maps* enquanto ferramentas metodológicas para analisar interseccionalmente as vivências espaciais das pessoas investigadas sobre quatro feixes identitários: a sexualidade, a religiosidade, a classe de renda e a idade.

Através dos *Relief Maps* e da rede semântica, constatamos que a identidade mais expressiva e que passa a ser uma forma de 'termômetro' para as significações tanto das relações sociais quanto as espaciais é a sexualidade dos sujeitos. Essa identidade mostrou ser a identidade mais oprimida pelos espaços das vivências dos homens *gays*, o que corrobora não somente com as constituições de mecanismos

de poder em diversos espaços, como também são os mesmos mecanismos que os constituem, neste caso, a heteronormatividade.

A partir da ferramenta *Relief Maps* e dos resultados identificamos os espaços que compõem as vivências cotidianas dos homens *gays* na cidade de Ponta Grossa. Sobre esses resultados, a casa dos pais e a escola são majoritariamente espaços de opressão em suas vidas. Já os espaços controversos estão representados entre a igreja e a universidade, tendo-se mostrados segundo grandes contradições em suas relações sociais, onde a igreja tende a oprimir claramente mais a sexualidade enquanto que a universidade passa a ser mais complexa, oprimindo além da sexualidade, a idade, a classe de renda e a religiosidade dos sujeitos.

O espaço trabalho e os espaços públicos compõem suas vivências de forma os neutra, entretanto, o campo evidenciou que esta neutralidade é relativa de acordo com os comportamentos e performaces 'coniventes' desses sujeitos nesses espaços, como estar ou ficar no armário. Por fim, os espaços que compõem suas vivências caracterizadas enquanto alívio são, sobretudo, aqueles espaços elaborados por esses sujeitos ou aqueles que tendem a ser mais afetivos socialmente, como a casa própria, a casa dos amigos e a balada LGBT.

Assim, a partir desses primeiros resultados que obtivemos em nosso campo, surgiu a proposta para o terceiro capítulo dessa dissertação. Esse capítulo propôs, inicialmente, pensar o espaço enquanto vivido, percebido e concebido a partir das discussões de Soja (1999), onde as relações de centro e margem (ROSE, 1993) são constantemente transformadas a partir do que o sujeito estabelece e aquilo que é estabelecido à ele.

Portanto, na primeira seção do terceiro capítulo utilizamos de uma análise a partir de nossas metodologias, compreendendo que elas podem ser uma forma de pensar a tríade entre historicidade, socialidade e espacialidade proposta por Soja (1999). Nesse momento de reflexão, entendemos que as entrevistas estão para as historicidades dos sujeitos, assim como as relações sociais analisadas a partir da interseccionalidade estão para suas socialidades e ainda, a construção dos mapas representariam suas espacialidades.

Posto isto, a segunda seção do último capítulo analisou os *Relief Maps* que,

inicialmente tinham como objetivo fazer análises individuais de cada pessoa, agora pensados como formas coletivas. Porém, como já explanamos tivemos algumas limitações nesse processo construtivo de outras formas de analisar os *Relief Maps*, como a exemplo os movimentos temporais e como ele pode ser representado e incluído nos mapas. A priori nosso caminho foi através das entrevistas e os trechos discursivos dos sujeitos, os quais foram resultados de outra metodologia também aplicada, a análise de conteúdo. Mesmo assim, isso abre outras novas possibilidades de pensar e construir ferramentas metodológicas sobre a interseccionalidade e o próprio *Relief Maps*.

A forma de pensar coletivamente os *Relief Maps* deu-se pelo fato de que o campo mostrou que mesmo as pessoas tendo vivências espaciais diferentes, elas compartilhavam de algumas situações a partir de determinadas identidades que eram comuns entre eles, e mais especificamente, relacionada a homossexualidade. Nesse sentido, além de pensar os mapas de uma forma coletiva, evidenciamos no terceiro capítulo que as pessoas não estão desconectadas umas das outras. Ao se solidarizarem com experiências muito parecidas, os sujeitos aqui analisados evidenciam que suas vidas passam a ser conectadas a partir do que se é experienciado espacialmente e socialmente entre elas, seja por relações de opressão, controversas, neutras ou ainda de alívio. O que pode refutar algumas teorias em que somos pessoas únicas, diferentes e que estamos desconectadas umas das outras. Em contra partida reforça outras, como visto por exemplo nas discussões de Norma Mejia (2006a) e (2006b) que podemos estar conectados a partir de similaridades de feixes identitários com outras pessoas.

Considerando a complexidade em trabalhar com a interseccionalidade, alguns questionamentos foram surgindo ao longo do processo construtivo dessa dissertação, como é o caso de outras categorias identitárias, como a racialidade/etnicidade e a pobreza. Além disso, outros elementos que podem constituir as práticas sociais e espaciais de homossexuais mostraram-se de grande relevância, como a homonormatividade e as performances corporais desempenhadas por sujeitos distintos, o que mostra que os gays não são homogêneos e que mesmo um agrupamento seguindo recortes pode apresentar disparidades individuais e que dependendo de como estas são lidas e interpretadas podem apresentar mais ou

menos opressão em suas vivências espaciais.

Entretanto, essas discussões se abrem como novos caminhos investigativos, pois nossa intenção foi problematizar como os espaços compõem as vidas de alguns homens *gays*, sabendo a existência de sua pluralidade, mas com um tempo cronológico de dissecação para desenvolvê-la. Assim, esse trabalho não significa um fim, mas um começo para pensar outras possibilidades além dessas que aqui foram discutidas. Além disso, esse trabalho se coloca enquanto um outro caminho de pensar as vivências de homens *gays* além de suas práticas sexuais, como também passa a ser uma forma de resistência aos preconceitos enfrentados dentro e fora da academia e na ciência geográfica, corroborando com aqueles que já vêm paulatinamente desenvolvendo pesquisas com temas ainda marginalizados, como as sexualidades.

Dessa forma, esse trabalho passa a ser o primeiro passo de uma grande caminhada acadêmica e social que nós, enquanto pesquisadores, temos a construir, buscando sempre um trabalho que vise menos preconceitos, sejam eles raciais, étnicos, religiosos, de classe de renda, de idade, de gênero, de sexualidades e de tantos outros elementos que podem constituir uma pessoa. Espera-se que o que seja privilegiado seja o respeito à diversidade, e, assim como uma relação de alívio, atinja todas as formas existenciais dos seres humanos.

REFERÊNCIAS

ARCOS, Fernando. R. Cuestionamientos a la Geografía a partir del cruising entre hombres en Bogotá. **Revista Latino americana de Geografía e Gênero**, Ponta Grossa, v.4, n.2, p.134-147, ago./dez. 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Manual de Comunicação LGBT**. Ferdinando Martins, Lilian Romão, Liandro Lindner, Toni Reis. (Org.) [Curitiba]: Ajir Artes Gráficas e Editora, 2010. p. 1-50.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E.M.B. Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. X Congresso Nacional de Educação – EDUCRE/I. Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE. **Anais...** Curitiba, PR, 7., nov., 2011. p. 329-41.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 1-223.

BARRETO, Rafael, C. V. Geografia da diversidade: Breve análise das territorialidades homossexuais no Rio de Janeiro. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n.1, p. 14-20, jan. /jul. 2010.

BELL, David. Insignificant Others: Lesbian and Gay geographies. **Area**, v. 23, n. 4, p. 323-329, 1991.

_____. In bed with state: Political Geography and Sexual Politics. **Geoforum**, v. 25, p. 445-452, 1994.

BELL, David; VALENTINE, Gill. **Mapping desire. Geographies of sexualities**. New York: Routledge, 1995, p. 1-327.

BELL, David; BINNIE, Jon. Authenticating Queer Space: citizenship, urbanism and governance. **Urban Studies**, v. 41, n. 9, p. 1807-2820, 2004.

BINNIE, Jon. **Coming out of Geography: Towards a Queer Epistemology**. Environment & Planning D: Society & Space, 15, p. 223-237, 1997.

BOIVIN, Renaud. R. De Cantinas, Vapores, Cinesy Discotecas. Cambios, Rupturas e Inercias en los Modos y Espacios de Homosocialización dela Ciudad de México. **Revista Latino-americana de Geografía e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p.118-133, ago/dez. 2013a.

_____. Rehabilitación Urbana y Gentrificación en el Barrio de Chueca: la

Contribución Gay. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p.114-124, jan./jul. 2013b.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 141 p.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu. n. 26, p. 329-376, 2006.

BRASIL, FIPE/MEC/INEP. Projeto de Estudo Sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar, Organizadas de Acordo com Áreas Temáticas: a saber, Étnico-Racial, Gênero, Geracional, Territorial, Necessidades Especiais, Socioeconômica e Orientação Sexual - **Relatório Analítico Final**. São Paulo: Maio de 2009.

BROWN, Gavin. Pensando Além da Homonormatividade: Explorações Performativas de Economias Gays Diversificadas. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 125-138, jan. / jul. 2013.

BROWNE, Kath; LIM, Jason; BROWN, Gavin. **Geographies of Sexualities**: Theory, Practices and Politics, Aldershot: Ashgate, 2007, p. 1-259.

BORJA, Jordi. Prólogo. Org. Maria Dolors Garcia Ramon; Anna Ortiz Guitart; Maria Prats Ferret (a cura de): **Espacios públicos, género y diversidad. Geografías para unas ciudades inclusivas**. Barcelona: Icaria editorial, 2014, p. 5-20.

BUTLER, Judith. **El Género En Disputa. El Feminismo y la Subversión de la Identidad**. Barcelona: Paidós, 1999. 311p.

_____. **Problemas de gênero e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira, 2003. 236 p.

_____. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006 [2004]. 385p.

_____. **Cuerpos que Importan**: Sobre los Límites Materiales y Discursivos del 'Sexo'. Buenos Aires: Paidós, 2008. 341p.

CABRAL, Vinicius; SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Espaços de Morte e Representações Sociais de Travestis na Cidade de Ponta Grossa – Paraná. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 139-161, jan./jul. 2013.

CAETANO, Geani Nene; COSTA, Benhur Pinós da. Geografia, Sexualidades e Reconhecimento Sociocultural em Âmbito Educacional: a inserção das demandas sociais da ONG Igualdade/Santa Maria na escola Marieta D'Ambrósio. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v.1 6, n. 1, p. 9-22, jan./abr. 2012.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (orgs). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 47-64.

CAPRONI NETO, H. L.; FONSECA, L. A. Discutindo homofobia nas organizações e no trabalho. **Revista Espaço Acadêmico**, (UEM), v. 14, p. 01-10, 2014.

CAREGNATO, Rita C. A; MUTTI, Regina. Pesquisa Qualitativa: Análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto**, ULBRA, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.

CARRINGTON, C. **No Place Like Home. Relationships and Family Life Among Lesbians and Gay Men**. Chicago: The University of Chicago Press, 1999. 285p.

CASTEL, Robert. Metamorfoses da questão social. Petrópolis, Editora Vozes, 1998. 611 p.

CASTELLS . M. A construção da identidade. In: **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e terra, volume II, 1999, p. 1- 491.

CASTELLS, Manuel, & MURPHY, K. Cultural Identity and Urban Structure: The Spatial Organization of San Francisco's Gay Community. In: **N. I. Fainstein, & S. S. Fainstein, Urban Policy Under Capitalism**. Beverly Hills: SAGE Publications, Inc., 1982, p. 237-260.

CASTELLS, Manuel. **The City and the Grassroots**. Los Angeles: University of California Press, 1983. 372p.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago C. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. EDGARDO, Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set. 2005, p.169-186.

CASSARRO, Junia. E.; FERRETO, Lirane. E. Percepção masculina em relação a sexualidade e o uso dos método contraceptivos. **Revista Faz Ciência**, v. g, n. g, Jan./Jul. 2007, pp. 277-298.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre de et al. **A invenção do cotidiano 2. Morar, Cozinhar**. 5ªed. Petrópolis: Vozes, 1996. 371p.

CESAR, Tamires R. A. O. PINTO, Vagner. A. A Produção Intelectual da Geografia Brasileira, entorno das Temáticas de Gênero e Sexualidades: uma visão a partir dos periódicos on line. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 119-132, ago./dez. 2015.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas & Oltramari, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. In: **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 471-478, 2004.

COELHO, Julina. F. da Justa. Descortinando a Cidade: a 'Montagem' da Fortaleza 'Babado'. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 176-189, ago./dez., 2010.

CORRÊA, Roberto L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1993, p.1-16.

COSTA, Benhur. P. Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetiva. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 207-224, ago./dez. 2010.

_____, Benhur. P. Geografias das Representações Sobre o Homoerotismo. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 21-38, jan./jul. 2010.

_____. Pequenas Cidades e Diversidades Culturais no Interior do Estado do Rio Grande do Sul: O caso das microterritorializações homoeróticas em Santo Ângelo e Cruz Alta-RS. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 37-53, jan./jul., 2012a.

_____. As microterritorialidades nas cidades: reflexões sobre as convivências homoafetivas e/ou homoeróticas. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 257-271, jul/dez. 2012b.

CRENSHAW, K. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Colour**. Stanford Law Review, 1991, pp. 43-1241.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 27, Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext &pid=S1413-24782004000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06/01/2016.

EHRMAN, B. D. **O problema com Deus: as respostas que a Bíblia não dá ao**

sofrimento. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

ETTORRE, E. M. (1978), Woman, Urban Social Movements and the Lesbian Ghetto, **Internacional Journal of Urban and Regional Research**, v. 2, p. 499-520, 1978.

FABREGAT, Clemente Herrero. La formación simbólica del profesorado en geografía. **Terra Livre: Geografia em Movimento**, Goiânia, v. 2, n. 25, p.49-65, 2005.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. 495 p.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. **Por uma Genealogia do Conceito Homofobia no Brasil: da Luta Política LGBT a um Campo de Governança**. Paris. Passagens de Paris, n. 7, p. 97-104, 2012.

FERREIRA, R. C. **O gay no ambiente de trabalho**. 2007, 126 f. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade de Brasília: Brasília, 2007. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3329/1/2007_RenataCostaFerreira.pdf. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

FONSECA, Dagoberto José. **Você conhece aquela?** A piada, o riso e o racismo á brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2012. 143p.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I – A Vontade do Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 1-125.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. 193-208.

FURLONG, Anthony. Tolerância das Performances de Raça e Classe na Zona Sul entre Homens Queers do Rio de Janeiro. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 161-175, ago./dez.2010.

GARCÍA-RAMON, Maria Dolors. Geometrias asimétricas del poder en Geografía Feminista: Cuestionando la Hegemonía Anglosajona. In: **Espaço, Gênero e Poder: conectando Fronteiras**. Org. Joseli Maria Silva e Augusto Cesar Pinheiro da Silva. Editora Todapalavra, 2011, p. 105-119.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GÓIS, João Bosco da Hora; SOLIVA, Thiago Barcelos. A rua e o medo: algumas considerações sobre a violência contra jovens homossexuais em espaços públicos.

In: **Anais** do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu-MG, 2008.

GOMES, Fernando B. **Cenas Embaçadas: A relação entre as espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa - PR**. 2013, 173 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

_____. **A Condição Urbana: Ensaio de Geopolítica da Cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 304p.

HALL, Stuart. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, Tomaz T. (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 133p.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 11ª ed. 1ª reimpressão, 2011. 102p.

HANKE, William. **Relações entre espaço escolar e o preconceito homofóbico no município de Ponta Grossa, Paraná**. 2013. Monografia (Graduação em Geografia) UEPG, Ponta Grossa, Paraná. 73p.

HOPKINS, P. and PAIN, R. Geographies of age: thinking relationally. **Area**, n. 39, v. 3, p. 287-294, 2007.

IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em 10 de setembro.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS). Tolerância social à violência contra as mulheres, 04 de abril de 2014, Governo Federal Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República Ministro interino: Marcelo Côrtes Neri. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf <Acesso em 15 de janeiro de 2016>.

IRIGARAY, H. A. R.; FREITAS, M. E. Estratégia de Sobrevivência dos gays no Ambiente de Trabalho. **Revista Psicologia Política** (Impresso), v. 9, p. 317-335, 2013.

JUNCKES, Ivan Jairo; SILVA, Joseli Maria. **Espaço Escolar e Diversidade Sexual: Um Desafio às Políticas Educacionais no Brasil**. Didáticas Específicas, v. 1, n. 1, p. 148-166, jul. 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, SECAD, UNESCO, 2009.455p.

KATZ, Cindi. On the Grounds of Globalization: A Topography for Feminist Political Engagement. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**. v. 26, n. 4, p. 1213-1234, 2001a.

KENTLYN, S. The Radically Subversive Space of the Queer Home: 'Safety House' and 'Neighbourhood Watch'. In: **Australian Geographer**, n. 39, v. 3, p. 327-37, 2008.

KNOPP, L. Ontologies of Place, Placelessness, and Movement: Queer Quests for Identity and Their Impacts on Contemporary Geographic Thought. **Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography**, v. 11, n. 1, p. 121-34, 2004.

_____, L. On the Relationship Between Queer and Feminist Geographies. **Professional Geographer**, n. 59, v. 1, p. 47-55, 2007a.

KNOPP, L. BROWN, Michel. "Queer diffusions" Environment and Planning. **Society and Space**, v. 21, n. 4. p. 409-424, 2003.

KNOPP, Lawrence. Social Theory, Social Movements and Public Policy: Recent Accomplishments of the Gay and Lesbian Movements in Minneapolis, Minnesota. **Internacional Journal of Urban and Regional Research**, ed.11, 1987, p. 243-261.

_____. Sexuality and the Spatial Dynamics of Capitalism, In: **Environment and Planning D: Society and Space**, 1982, p. 651-669.

KNOPP, Larry. From Lesbian and Gay to Queer geographies: Pasts, Prospects and Possibilities. In: **Geographies of Sexualities: theory, practices and politics**, 2007b, p. 1-259.

KOBAYASHI, A. & PEAKE, L. Unnatural discourse. "Race" and gender in geography. **Gender, Place and Culture**, v. 1, n. 2, p. 225-43, 1994.

KOSKELA, Hille. 'Bold walk and breakings': women's spatial confidence versus fear of violence" **Gender, Place, and Culture** v. 4, n. 2, p. 301-320, 1997.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em Geografia Cultural - algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.157-179.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Tradução Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. In: **La production de l'espace**. 4 ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. 261p.

LEVINE, M. P. Gay Ghetto. **Journal of Homosexuality**, v. 4, n. 4, Summer, p. 363-377, 1979.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 92p.

_____. **Pensar a Sexualidade na Contemporaneidade**. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de diversidade de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED - PR, 2009, 216p.

MAIA, Carlos E. S. Festividade e territorialidades na parada LGBT goianiense. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 273-288, jul/dez. 2012b.

MAIA, E. S.; DUTRA, Rhafaela G. Liberdade e excessos sob as cores do arco-íris: Reflexões sobre a Rainbown Fest Juizforana. **Boletim goiano de geografia**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 71-92, jul./dez. 2012.

MAIA, Helder T. C. Acorda Alice, Aluga um Filme Pornô – Uma leitura dos banheiros masculinos da UFBA. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 30-36, jan./jul. 2012a.

MARSIAJ, Juan Pereira. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cadernos AEL**, Homossexualidade, sociedade, movimento e lutas. Campinas: Unicamp, v. 10, n. 18/19, p. 129-145, 2003.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 305p.

MATTOS, Rogério Botelho. RIBEIRO, Miguel Angelo Campos. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. In: **Boletim Goiano**, v. 15, n. 1, p. 57-79, 1995.

MAXIMIANO, ANTONIO CESAR A. **Introdução à administração**. 3ª ed., São Paulo: Editora Atlas, 1992. 543p.

MAYOL, Pierre. IN: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre de et al. **A invenção do cotidiano. Morar, Cozinhar**. v. 2, 5ªed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 3-127.

McCALL, Leslie. The complexity of interseccionalidade. **Sings**. v. 30, n. 3, p.1771-1800, 2005.

MCDOWELL, L. Gender, Identity and Place. **Understanding Feminist Geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999. 283 p.

MEDEIROS, Márcia. O trabalhador homossexual: o direito à identidade sexual e a não discriminação no trabalho. In: PACAHY, Fernando (Coord.). **Rompendo o Silêncio – homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea: políticas, teoria e atuação**, Porto Alegre: Nuances, 2007, p. 27-48.

MEJÍA, Norma: **Transgenerismos. Una experiencia transexual desde la perspectiva antropológica**, Barcelona, Bellaterra Edicions. 2006a. 376 p.

MEJÍA, Norma: **Transgenerismos, una aproximación de etnografía extrema**: Ponencia inédita presentada al curso Sexualidades en movimiento, derechos a debate. UIMP, Santander, 31 de julio-4 de agosto. 2006 b.

MENEZES, Walfrido; ARAÚJO, Marília; SOUZA, Maíra; MELO, Rafaela. I. Projeto de Extensão em Sexualidade Humana Educação. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p.175-187, jan./jul. 2013.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 232p.

MORIN, Edgar. **A ciência com consciência**. Lisboa: Europa América, 1982. 343p.

MOTA, M. Peixoto da. A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos. **Revista Bagoas**, Rio Grande do Norte, v. 6, n. 7, p. 199-222, 2012.

MURRAY, Andrew. G. Reconciling Self: Gay Men and Lesbians using Domestic Materiality for Identity Management. **Social & Cultural Geography**, v. 9, n. 3, p. 283-301, 2008.

_____. 'This is disco-wonderland!' Gender, sexuality and the limits of gay domesticity on The Block. **Social and Cultural Geography**, 19. v. 12, n. 5, p. 435-453, 2011.

MURRAY, Stephen. O. **American gay**, University of Chicago Press, 1996. 345p.

NABOZNY, Almir. Constrangimentos espaciais: a concepção da infância e as táticas

desconstrucionistas desenvolvidas pelas profissionais do sexo. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 103-113, jan./jul., 2007.

NAME, Leonardo. Existe amor na baixada fluminense: Espaço, homo_afetividade e dois casais em "Senhora do Destino". **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 33, p. 111-126, jan./jun., 2013.

NARDI, H. C. Nas tramas do humano: quando a sexualidade interdita o trabalho. In: POCAHY, F. **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007, p. 71-80.

ORNAT, Marcio J.; SANTOS, Adelaine E. C.; HANKE, Willian. Espaço Escolar, Homofobia, Controle e Transgressão. In: José Rogério Santana; José Gerardo Vasconcelos; Lia Machado Fiuza Fialho; Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior. (Org.). **Golpe de 1964. História, Geopolítica e Educação**. 1 ed. Fortaleza: EDUECE, v. 1, 2014, p. 13-52,.

ORNAT. Marcio Jose. Território e prostituição travesti: uma proposta de discussão. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 41-56 , jan./jun., 2008a.

_____. **Território da Prostituição e Instituição do ser Travesti em Ponta Grossa** – PR. 2008. 161 p. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008b.

_____. Entre territórios e redes geográficas: considerações sobre a prostituição travesti no Brasil meridional. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 89-101, jan./jul. 2009.

_____. Do território instituído ao território instituinte do ser travesti: Algumas reflexões teóricas e metodológicas. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 27, p. 75-88, jan./jun., 2010.

_____. Espaços Interditos e a Constituição das Identidades Travestis através da Prostituição no Sul do Brasil. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 3, n. 1, p. 54-73, jan./jul. 2012.

OSBORNE, Raquel. **Transgenerismos, una aproximación de etnografía extrema: entrevista a Norma Mejía**, Política y Sociedad, Monográfico: Sexualidades y derechos en el siglo XXI. v. 46, n. 1 e 2, p. 129-142, 2009. ISSN: 1130-8001.

PAIVA, C. Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. **Revista Bagoas**, v. 3, n. 4, p. 191-208, 2009.

PASSAMANI, Guilherme. R. Processos Rituais e Homossexualidades: Culturas,

Territórios e Representações. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 190-206, ago./dez.2011.

PEAKE, Linda & KOBAYASHI, Audrey. Policies and practices for an antiracist geography at the millennium. **Professional Geographer**, v. 54, n. 1, p. 50-61, 2002.

PETERS, Salete; CUNHA, Gustavo G.; TIZZEI, Raquel. Uma Experiência em Psicologia, Educação e comunidade. **Psicologia e Sociedade** [online], v.18, n. 3, p. 82-87, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n3/a12v_18n3.pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

PHILLIPS; Richard. Literaturas de viagem e cartograficas da sexualidade. A 'Sotadic Zone' de Richard Burton. In: Pimenta, J.R., Sarmento, J. and Azevedo, A.F. (eds.) **Geografias Pós-Coloniais: Ensaio de Geografia Cultural**. Figuerinhas, Porto, 2007, p. 71-110.

PLATERO, L. **Intersecciones: cuerpos y sexualidades en la encrucijada**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2012. 324p.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PROENÇA, Eder. R. Cartografias dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa**, v. 1, n. 2, p. 190-206, ago./dez., 2010.

PRZYBYSZ, J.; SILVA, Joseli Maria. Articulando os espaços público e privado: transformações das espacialidades vividas por mulheres moradoras de periferias pobres após a dissolução conjugal em Ponta Grossa – PR. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 3, n. 1, p. 94-104, 2012.

PUCCINELLI, Bruno. Territórios Sexuais: Análise de Sociabilidades Homossexuais no Shopping Gay de São Paulo. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 133-140, jan./jul., 2011.

REIS, Ramon. P. Lésbicas='Afeto'/ Gays='Sexo'? : Discutindo Práticas Homoconjugais no Seriado Queer as Folk. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 104-121, jan./jul., 2011.

RIBEIRO, Miguel A. Prostituição de Rua e Turismo: A Procura do Prazer na Cidade do Rio de Janeiro. **GeoUERJ**, v. 3, n. 3. p. 53 -66, 1998.

RIBEIRO, Miguel Ângelo; MATTOS, Rogério Botelho de. Territórios da prostituição

nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. In: **Revista Território**. v. 1, n. 1, Rio de Janeiro, p. 59-76., Jul/ Dez, 1996.

RIBEIRO, Miguel. A. e OLIVEIRA, Rafael S. da. A prostituição feminina "fechada" na cidade do Rio de Janeiro: dinâmica e organização espacial. **Ateliê Geográfico**. Goiânia, v. 5, n. 2, p. 277-291, ago. 2011.

RIBEIRO, Miguel. A. Prostituição de Rua e Turismo em Copacabana - A Avenida Atlântica e a Procura do Prazer. **Território**, v. 2, n. 3, p. 87-100, 1997.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, jan./jun. 2010.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. Relief Maps: developing Geographies of Intersectionality. **Gender, Place and Culture**. v. 21, n. 8, p.1-32, 2013a.

_____. Young lesbians negotiating public space: an intersectional approach through spaces. In: **Children's Geographies**, v.13, n. 4, p. 413-434, 2013b.

RODRIGUEZ, Martin. I. T; GUIMARÃES, Raul. B. Los espacios urbanos de sociabilización de los Transexuales en la ciudad de Santiago de Chile. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p.74-84, jan./jul. 2012.

ROSE, Gillian. **Feminism & Geography: the limits of Geographical Knowledge**. Cambridge:Polity Press, 1993, p. 137-143/ 150-160.

_____. Performing Space. In: MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Phillip. **Human Geography Today**. Cambridge: Polity Press, 1999, p.247-259.

_____. Situating Knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. **Progress in Human Geography**. Departament Of Geography, Edinburgh University, Drummond Street, Edinburgh EH8 9XP, UK, 1997, p. 305-320.

ROSSETTO, Onélia Carmen; NORA, Giseli Dalla (Orgs). **NEER – As representações culturais no espaço: perspectivas contemporâneas em Geografia**. Documento eletrônico. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015, p. 231-254.

ROSSI, Rodrigo. **"Malucos da quebrada": territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana dos adolescentes homens em conflito com a lei em Ponta Grossa - Paraná**. 2010, 233 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2010.

RUDDICK, S. 1996. Constructing Differences in Public Spaces: Race, Class and Gender as Interlocking Systems. **Urban Geography**, v. 17, n. 2, p. 132-51, 1996.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 107p.

SÁNCHEZ, Rosaura. On a Critical Realist Theory of Identity. Alcoff, Linda Martín, Michael Hames-García, Satya P. Mohanty, and Paula M. L. Moya. **Identity Politics Reconsidered**. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p. 31-52.

SANTOS, Boaventura. de S. **A Universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Editora Cortez, 3 ed. v.11, 2011.115p.

_____. (org.) **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004. 821p.

SANTOS, Paulo, R. dos. Desejos, conflitos e preconceitos na constituição de um travesti no mundo da prostituição. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 39-48, jan. / jun. 2010.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007a, 208 p.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v. 28, jan./jun. 2007, p. 19-54.

SILVA, Alex Sandro; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernest Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 9, jun. p. 73-91, 2009.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. In: **Rever – Revista de Estudos da Religião**, n. 2, p.1-14, 2004. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf> Acesso em 23 de janeiro de 2016.

SILVA, Joseli M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **Geouerj**, v. 1, n. 18, p. 1-18, 2008.

_____. **Geografias Subversivas:** Discursos sobre Espaço, Gênero e Sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009. 314p.

_____. Geografia pós-coloniais: imigração ilegal e as brasileiras na atividade comercial sexual na Espanha. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n.1, p. 49-57, jan./jul. 2010a.

_____. Geografias feministas, sexualidade e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 27, p. 39-55, jan./jun. 2010b.

_____. Joseli. M. Os desafios para a expansão da Geografia das sexualidades no Brasil e os limites do diálogo científico internacional. In: **Espaço, Gênero e Poder: conectando Fronteiras**. Org. Joseli Maria Silva e Augusto Cesar Pinheiro da Silva. Ed. Todapalavra, 2011. 261p.

_____. Espaço Interdito e a experiência urbana travesti. In: SILVA et al, Joseli Maria. **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, p. 143-182, 2013.

SILVA, Joseli Maria. Uma análise da expansão da produção científica da geografia das sexualidades no Brasil. In: ROMANCINI, Sonia Regina; ROSSETTO, Onélia Carmen; NORA, Giseli Dalla (Orgs). **NEER – As representações culturais no espaço: perspectivas contemporâneas em Geografia**. Documento eletrônico. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015. p. 537. p. 231-224.

SILVA, Joseli. M; ORNAT, Marcio J. Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição. **Revista da ANPEGE**, v. 8, n. 10, p. 51-66, ago./dez. 2012.

SILVA, Joseli. M; SILVA, Maria das Graças. S. N. Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise do saber geográfico. In: **Interseccionalidades, Gênero e Sexualidades na Análise Espacial**. Org. Maria das Graças Silva Nascimento Silva e Joseli Maria Silva. Ed. Todapalavra, Ponta Grossa, 2014. p. 17-35.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. 133p.

SOJA, Edward. W. Thirdspace: **Ampliando o alcance da imaginação geográfica**, 1999, p. 261-278.

SOLIVA, Thiago. B. A. Rua e o medo: Algumas Considerações sobre a Violência

Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos. **Revista Latino-americana de geografia e gênero**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 122-132, jan./jul. 2011.

SOLLA, Xósé M. S. Espacios disidentes en los procesos de ordenación territorial. **Doc. Anàl. Geogr.** n. 40, p. 69-104, 2002.

SOUZA, Helaine. P. Sexualidade Juvenil: Vivências nas Ocupações do Movimento dos Sem Teto da Bahia. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 76-91, jan./jul. 2011.

SOUZA, Marcelo. J. L. O Território: sobre espaço de poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO. I. E. de et al. (orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

_____. Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social. In: LAGET/UFRJ. **Revista Território**. Rio de Janeiro: Garamond, ano II, n. 3, jul./dez, p. 13-35. 1997.

SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas**. Ed. Cortez. Org. Mary Jane Spink. ed. on-line: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais Rio de Janeiro, 2013, p. 1-263.

_____. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**; v. 19, n. 1, p. 7-14; jan./abr. 2007.

TEIXEIRA, Rita de Cássia. C. Atitude dos educadores frente à expressão da sexualidade da pessoa com deficiência mental. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 309-317, ago./dez. 2010.

TILIO, R. C. Reflexões acerca do conceito de identidade. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 8, n. 29, p. 109-119, jun. 2009.

VALENTINE, Gill. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday space. **Environment and Planning D: society and space**, v. 11, n. 4, p. 395-413, 1993.

_____. Theroriging and Researching Interseccionalidade: A Challenge for feminist Geogrphy. **The professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 10-21, 2007.

VIEIRA, Paulo. J. Aeminiumqueer. A cidade armário: quotidianos lésbicos e gays em espaço urbano. **Revista Latino-americana de geografia e gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 5-13, jan./jul. 2010.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Editora Studio Nobel, 2001. 363p.

WACQUANT, L. O que é um gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista. Sociologia e Política**. Curitiba, v. 23, p. 155-164, nov. 2004.

WEIGHTMAN, Barbara. Gay Bars as Private Places. **Landscape Magazine**. 1980, p. 9-16.

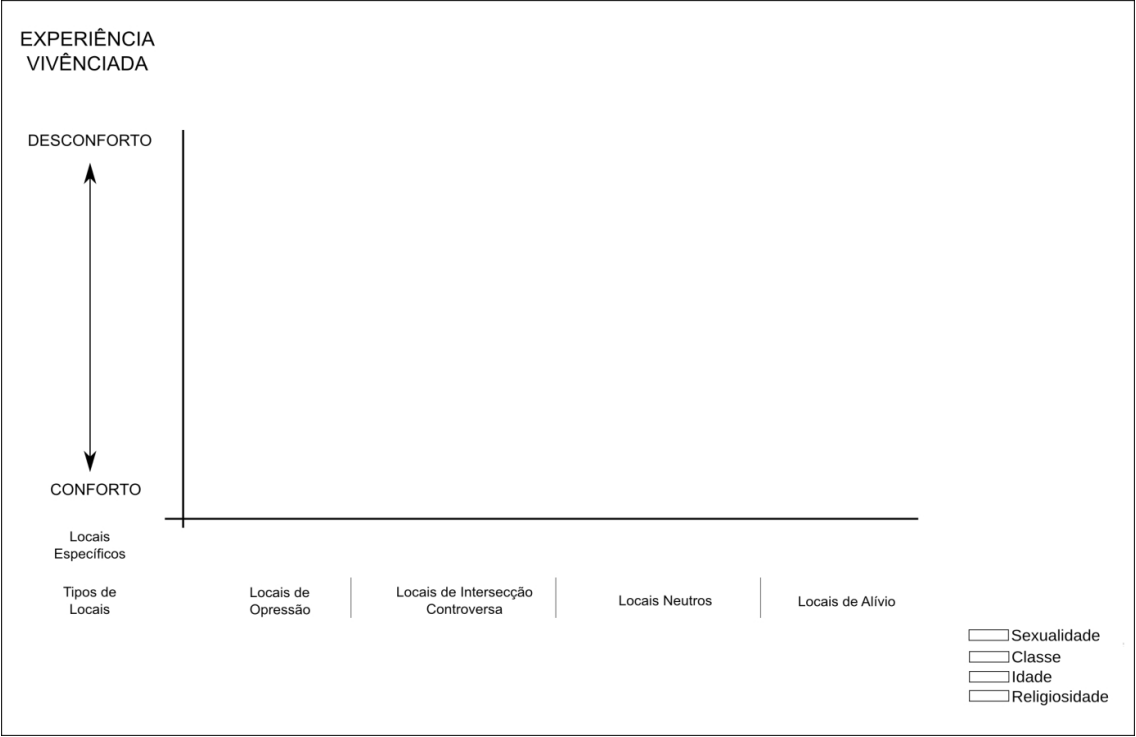
_____. Commentary: Towards A Geography of the Gay Community. **Journal of Cultural Geography**, v. 1, n. 2, p. 106-112, 1981.

WHITEHAND, Jeremy.W.R. The problem of anglophone squint, **Area**, n. 37, p. 228-30, 2005.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. 133p.

WRIGHT, Chrysalis. Variações no comportamento de namoro de estudantes universitários na América Central, Cuba e América do Sul. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 86-102, jan./ jul. 2013.

ANEXO A - RELIEF MAPS



APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome:	Sexo:
Cidade nascimento:	Data:
Idade:	
Cor/Etnia: () Amarelo ou oriental () Branco () Caboclo () Cafuso () Índio () Moreno () Mulato () Negro () Pardo ()	
Possui Religião: () Sim () Não	Participação Religiosa: () Muito participante () Pouco Participante () Nada participante
Religião a qual pertence: () Budista () Candomblé/Umbanda () Católica () Evangélica () Espírita () Muçulmana () Outra: _____	
Acesso a informação - Assiste televisão () Sim () Não Ouve rádio () Sim () Não Lê jornal () Sim () Não Lê revistas de notícias/atualidades () Sim () Não Utiliza/ acessa a internet () Sim () Não	
Mora com: () pais () outros familiares () companheiro/companheira () sozinho	
Quantos residentes em casa: () 3 () 4 – 6 () 7 – 10 () 11 ou mais	
Se possui filhos, quantos: () 1 () 2 – 3 () 4 ou mais	
Se trabalha, em qual atividade: _____	

2. SOBRE O ENTREVISTADO

- Como você se autoidentifica? Quando iniciou esse reconhecimento (história de vida)?
- Como foi este processo de reconhecimento (descobrir-se, aceitar-se, adaptar-se)?
- Como sua família reagiu a este reconhecimento?
- O que é o ser um gay para você?

3. VIVÊNCIAS ESPACIAIS

- Quais locais que você frequenta (quais são as espacialidades vivenciadas cotidianamente por você)?
- Quais foram (são) as situações de desconforto vivenciadas por você (relacionar com a espacialidade/tempo que esta situação fora vivida)?
- Quais foram (são) as situações de alívio/conforto vivenciadas por você (relacionar com a espacialidade/tempo que esta situação fora vivida)?
- Suas amizades estão relacionadas exclusivamente a pessoas da mesma orientação sexual? Porque (problematizar junto ao entrevistado o porquê de se ter amizades exclusivamente com pessoas da mesma orientação sexual,

LGBT, heterossexuais ou uma amizade indiferente da orientação sexual) (quais são as espacialidades vivenciadas nestas relações)?

- Como foram (são) suas experiências de relações homoafetivas (histórico de relações)?
- Conte suas experiências vivenciadas enquanto homem gay nos seguintes locais:
- Trabalho:
- Ambientes de estudo (vivência escolar):
- Locais públicos:
- Locais familiares:
- Locais de lazer:
- Em outras cidades:

4. QUESTÕES RETIRADAS DO TEXTO DE MARIA RÓDO-DE-ZÁRATO

- Por que você não gosta deste Local?
- O que faria você se sentir melhor neste Local?
- Você teria o mesmo sentimento se fosse uma lésbica? Por que? E se fosse um heterossexual? Por quê?
- Em relação a sua idade, se fosse mais Velho? E em mais novo?²⁴

²⁴ Roteiro de Entrevista Adaptado ao Texto RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. "Relief Maps: developing Geographies of Intersectionality". **Gender, Place and Culture**. v. 21, n. 8, p.1-32, 2013a.